

**FIAM-FAAM – CENTRO UNIVERSITÁRIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM JORNALISMO**

GABRIELA MARTINS FERIGATO

**MORTE SEM FAMA:
critérios de noticiabilidade do suicídio de
anônimos em portais brasileiros**

São Paulo – SP
2019

GABRIELA MARTINS FERIGATO

**MORTE SEM FAMA:
critérios de noticiabilidade do suicídio de
anônimos em portais brasileiros**

Dissertação apresentada em requisito às exigências do Mestrado Profissional em Jornalismo, do FIAM-FAAM – Centro Universitário, para obtenção do grau de Mestre.

Orientador:
Prof. Dr. Ivan Paganotti

Área de Concentração:
Práticas Jornalísticas

Linha de Pesquisa:
Linguagens Jornalísticas e Tecnologias

São Paulo – SP
2019

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca FIAM-FAAM
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F356m Ferigato, Gabriela Martins
MORTE SEM FAMA: critérios de noticiabilidade do suicídio de
anônimos em portais brasileiros / Gabriela Martins Ferigato;
orientador Ivan Paganotti. -- São Paulo, 2019.
192 p.: il.

Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Jornalismo) --
FIAM-FAAM Centro Universitário, 2019.

1. jornalismo. 2. suicídio. 3. anônimo. 4. noticiabilidade. 5.
valor-notícia. I. Paganotti, Ivan, orient. II. Título.

Autor: FERIGATO, Gabriela Martins

Título: MORTE SEM FAMA: critérios de noticiabilidade do suicídio de anônimos em portais brasileiros

Dissertação apresentada em requisito às exigências do Mestrado Profissional em Jornalismo, do FIAM-FAAM – Centro Universitário, para obtenção do grau de Mestre.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ivan Paganotti
FIAM-FAAM – CENTRO UNIVERSITÁRIO

Profa. Dra. Juliana Doretto
FAM

Prof. Dr. Sílvio Antonio Luiz Anaz
FIAM-FAAM – CENTRO UNIVERSITÁRIO

Resultado e data: _____

AGRADECIMENTOS

Ouvi, inúmeras vezes, a pergunta: “por que estudar sobre suicídio?”. Com o questionamento não era incomum o olhar de espanto e o visível incômodo por abordar um assunto ainda tão sensível e complexo. Conforme avançava nas leituras e análise, confirmava essa visão e, ao mesmo tempo, percebia que há tanto ainda que não sabemos sobre o tema justamente por evitar o debate. E, ao silenciá-lo, reforçamos o estigma que ele carrega. Espero que esta dissertação seja uma pequena contribuição em um assunto que ainda carece de atenção. Sobre a pergunta do começo, hoje respondo “porque é necessário”.

Relembro a jornada deste curso de mestrado, mesmo antes de iniciar a dissertação, e vejo como um período muito especial em minha trajetória. Um período de aprendizado, amadurecimento e descobertas. Muitos contribuíram para que a experiência fosse tão marcante.

Sou extremamente grata ao meu orientador, Prof. Dr. Ivan Paganotti, pela parceria, incentivo e por tantas contribuições ao longo deste estudo. Um professor que tem a minha admiração e que, felizmente, tive a sorte em tê-lo nesta jornada.

À professora e primeira orientadora, Profa. Dra. Juliana Doretto, por ter abraçado esta pesquisa antes mesmo do meu ingresso no mestrado. Obrigada pelo apoio, pelas conversas acompanhadas de cafés e por tanta dedicação. Levo como exemplo, de ambos, os valores e empenho na educação.

Ao meu marido e melhor amigo, Felipe, que exerce tantos papéis em minha vida e, nos últimos anos, mergulhou comigo nesta fase. Ele, que tanto me incentivou em iniciar o mestrado, ouviu inúmeras histórias e desabafos e fez as descobertas ao meu lado. Entre tantas coisas que sou grata a ele, a mais importante delas é por me mostrar, diariamente, a felicidade em compartilhar a vida com alguém.

À minha mãe, Maria José, por ser meu exemplo e porto-seguro. Pelo incentivo neste trabalho – da emoção quando ingressei no mestrado à leitura minuciosa desta dissertação. Ao meu pai, Emerson, pelo zelo e apoio incondicional. Aos dois, por me mostrarem a importância do conhecimento, da educação e de todos os valores que carrego comigo.

Mais do que colegas de classe no mestrado, aos amigos que começaram e terminaram a jornada comigo: Duó, Letícia, Rafael e Tatiane. Foi um prazer compartilhar

com vocês os debates em sala de aula, a definição dos trabalhos, as inúmeras dúvidas, os congressos e, claro, os encontros gastronômicos.

Aos professores Cláudia Nonato, Francisco de Assis, Michelle Roxo e Vicente Darde pelas reflexões em sala de aula e pelas contribuições em nossas pesquisas. À Profa. Dra. Rosana Lima Soares (ECA-USP) pelo aceite em participar de minha banca de qualificação e pelas contribuições feitas. Ao Prof. Dr. Sílvio Anaz pela participação na banca examinadora de defesa.

À família que nasci e ganhei, Márcia, Raul, Pamela, Marcos e às avós, Ancilla e Maria Aparecida, pela torcida.

Às amigas de sempre e do coração, Aline, Amanda, Ana Paula, Bruna Lavrini, Bruna Souza, Denise, Jéssica, Isabela, Juliana, Luana, Mariana, Mayara, Patrícia, Vanessa Alves e Vanessa Gonçalves, por tanto ouvirem sobre esta pesquisa e entenderem o valor desta experiência em minha vida.

“Essa felicidade significava: estamos juntos. A tristeza era a forma e a felicidade, o conteúdo. A felicidade preenchia o espaço da tristeza”.

Milan Kundera

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo entender quando o suicídio de um cidadão anônimo se torna notícia na imprensa. Como anônimo, adota a ideia oposta ao significado de pessoa pública e/ou famosa. A pesquisa contextualiza o suicídio como um fenômeno social, tendo como embasamento teórico os trabalhos de Durkheim (2000) e Marx (2006), e traça um breve histórico sobre como o tema vem sendo compreendido ao longo dos anos e como o jornalismo atua nessa construção de significados. Para a reflexão do conteúdo jornalístico, esta pesquisa se concentra na revisão dos estudos acerca de noticiabilidade (SILVA, 2018; SILVA, 2014; FRANCISCATO, 2014). A metodologia adotada foi a de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) a partir de matérias publicadas com esse recorte nos portais *GI* e *UOL* durante o período de seis meses (31 de março 2017 a 30 de setembro de 2017). Com a revisão da literatura e análise do material empírico, composto por 151 reportagens, fica evidente a importância dada ao fator violência, sendo que 54% do corpus de pesquisa tratam de homicídio seguido por suicídio e, em sua maioria (72%), os homens são responsáveis pela autoria do crime e, posteriormente, por se suicidarem. Apesar do relevante número de crimes em que mulheres foram mortas por companheiros, os casos não são relacionados com o debate que os enquadram: o feminicídio. Há um tímido número de matérias que enquadram os casos como parte de tendências e/ou problemas sociais. No entanto, a inserção de dados e o esforço de contextualização se faz presente nas reportagens em que o suicídio surge como parte de um atentado terrorista. A análise mostra que os jornalistas ainda deixam de seguir determinadas recomendações focadas na cobertura da imprensa em relação ao suicídio. Como proposta de intervenção prática desta dissertação, foi criada uma plataforma on-line gratuita com o propósito de oferecer informações e/ou sanar dúvidas a fim de auxiliar os profissionais de imprensa na realização de uma cobertura responsável sobre o tema.

Palavras-chave: jornalismo; comunicação; suicídio; noticiabilidade; valor-notícia; anônimo; *GI*; *UOL*.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand when the suicide of an anonymous citizen becomes news in the press. As anonymous, it adopts the idea opposite to the meaning of public or a famous person. The research contextualizes suicide as a social phenomenon, based on the works of Durkheim (2000) and Marx (2006), and traces a brief history about how the theme has been understood over the years and how journalism acts in this construction of meanings. For the reflection of journalistic content, this research focuses on the review of studies about newsworthy (SILVA, 2018; SILVA, 2014; FRANCISCATO, 2014). The methodology adopted was the content analysis (BARDIN, 1977) from articles published with this profile in the *GI* and *UOL* portals during the six-month period (March 31, 2017 to September 30, 2017). With the literature review and analysis of the empirical material, composed of 151 articles, it is evident the importance given to the violence factor, with 54% of the research corpus dealing with homicide followed by suicide and, in its majority (72%), men are responsible for committing the crime and subsequently committing suicide. Despite the significant number of crimes in which women were killed by their partners, the cases are not related to the debate surrounding them: femicide. There are a shy number of stories that frame cases as part of trends and/or social problems. However, data entry and contextualization efforts are present in reports in which suicide emerges as part of a terrorist attack. The analysis shows that journalists still fail to follow some recommendations focused on press coverage of suicide. As a proposal for practical intervention of this dissertation, a free online platform was created with the purpose of providing information and/or answering questions in order to assist press professionals in a responsible coverage on the subject.

Keywords: journalism; communication; suicide; newsworthy; news value; anonymous; *GI*; *UOL*

LISTA DE FIGURAS

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Figura 1: Monitor da Violência..... | 130 |
|-------------------------------------|-----|

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1: Gênero..... | 90 |
| Gráfico 2: Idade..... | 92 |
| Gráfico 3: Nome..... | 93 |
| Gráfico 4: Região do Brasil..... | 95 |
| Gráfico 5: Cidade brasileira..... | 96 |
| Gráfico 6: Local do suicídio..... | 97 |
| Gráfico 7: Gatilho para o suicídio..... | 99 |
| Gráfico 8: Método..... | 101 |
| Gráfico 9: Homicídio seguido por suicídio..... | 104 |
| Gráfico 10: Mulher morta por companheiro..... | 106 |
| Gráfico 11: Suicídio como parte de atentado terrorista..... | 109 |
| Gráfico 12: Menção ao grupo terrorista..... | 110 |
| Gráfico 13: Dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria..... | 115 |
| Gráfico 14: Casos para tendências e/ou problemas sociais..... | 118 |
| Gráfico 15: Conexão com celebridade e/ou pessoa pública..... | 119 |
| Gráfico 16: Histórico de atualização..... | 120 |
| Gráfico 17: Origem da matéria..... | 121 |
| Gráfico 18: Editoria..... | 123 |
| Gráfico 19: Cita suicídio no título..... | 135 |
| Gráfico 20: Inclusão de foto do cidadão anônimo..... | 136 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Autores/ elencos de valores-notícia..... | 53 |
| Tabela 2: Países com número de ocorrências de suicídio..... | 94 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| Capítulo 1: O suicídio na pauta jornalística | 22 |
| 1.1. Suicídio e sociedade: ressignificações ao longo do tempo..... | 22 |
| 1.2. Suicídio e o tabu na imprensa: a ideia do “efeito contágio” | 28 |
| 1.3. Orientações para a cobertura: manuais e métodos..... | 33 |
| 1.4. A cobertura do suicídio na imprensa brasileira..... | 37 |
| Capítulo 2: Noticiabilidade no jornalismo | 48 |
| 2.1. Revisão do conceito: critérios de noticiabilidade..... | 48 |
| 2.2. Reflexões sobre <i>gatekeeping</i> e <i>gatewatching</i> | 54 |
| 2.3. A morte como valor-notícia..... | 58 |
| 2.4. A noção de interesse público no jornalismo..... | 63 |
| Capítulo 3: Metodologia | 68 |
| 3.1. Análise de Conteúdo: o método..... | 68 |
| 3.2. <i>GI</i> e <i>UOL</i> : corpus de pesquisa..... | 72 |
| 3.3. Coleta de textos..... | 75 |
| 3.4. Categorias de análise..... | 77 |
| 3.4.1. Categorias orientadas a pessoas..... | 78 |
| 3.4.2. Categorias orientadas a matérias..... | 80 |
| 3.5. Entrevista..... | 85 |
| Capítulo 4: O suicídio de um cidadão anônimo como notícia: discussões | 89 |
| 4.1. Categorias orientadas a pessoas..... | 89 |
| 4.2. Categorias orientadas a matérias..... | 101 |
| Capítulo 5: Proposta de intervenção | 138 |
| Considerações finais | 150 |
| Referências | 160 |
| Anexos | 171 |

INTRODUÇÃO

Domingo ensolarado em pleno inverno de 2018, uma mesa farta de pães, bolos, frutas e café e, ao fundo, som de pássaros envoltos em árvores e orquídeas. A descrição poderia se encaixar em um café da manhã qualquer. Os personagens, porém, são doze estranhos – homens e mulheres de diferentes idades, profissões e vivências – que saíram de suas casas com um objetivo em comum: falar sobre a morte. O cenário, ironicamente, é a capela do Cemitério do Redentor, em São Paulo.

De doenças incuráveis a envelhecimento, de cuidados paliativos ao luto, o intuito do Death Café, iniciativa internacional presente no Brasil desde 2015, é atenuar o peso do tabu da morte e aumentar a consciência sobre a finitude da vida. Os doze estranhos, então, se apresentam e dizem o que os levaram até lá. Eu me apresento e conto sobre a minha pesquisa no mestrado.

Ao terminar a rodada de apresentações, uma das mulheres pergunta ao grupo: “Posso dar um depoimento? É especialmente para você. Sou filha de uma suicida” – olhando em minha direção. Nos idos de 1990, quando tinha vinte anos, ao chegar à sua casa, encontrou o corpo de sua mãe já sem vida. Do outro lado da capela, um rapaz, com seus 30 e poucos anos, nos conta que tentou suicídio quando jovem: “Não me envergonho disso. Faz parte de minha história”, disse.

Escuto com atenção os depoimentos daqueles desconhecidos e penso: naquela modesta amostra de 12 pessoas, em uma cidade como São Paulo, com pouco mais de 12 milhões de habitantes, ao menos duas tiveram uma experiência direta com o suicídio – e essas foram apenas as compartilhadas conosco; poderia haver mais ali. Apenas no estado de São Paulo, a mortalidade por suicídio cresceu 30% de 2001 a 2014, segundo o boletim SP Demográfico, da Fundação Seade. No biênio 2013-2014, foram 5,6 suicídios por 100 mil habitantes¹.

Ao contrário das histórias ouvidas no Death Café, que permanecem na esfera privada dos envolvidos, tantos outros suicídios de cidadãos anônimos ganham visibilidade midiática ao se tornarem notícias em veículos de comunicação. Por que a história contada acima, da mãe da participante, não se tornou notícia enquanto outras se

¹ Informação disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/suicidio-cresce-30-no-estado-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

tonaram? Quais critérios estão em jogo quando a imprensa decide tornar notícia o suicídio de um cidadão anônimo?

Esta dissertação aborda o suicídio como um *fenômeno social*, uma das vertentes da ampla temática, por essa perspectiva estar mais diretamente relacionada à pesquisa e ao campo de atuação do jornalismo. Nesse sentido, o trabalho não se aprofunda em aspectos psicológicos, biológicos e filosóficos em torno do suicídio. Também não se propõe a entender as causas múltiplas do fenômeno. Interessa estudar como a sociedade ofereceu significado ao suicídio ao longo do tempo e como o jornalismo atua nessa construção de significados.

Um dos autores precursores na compreensão do suicídio a partir da sociologia foi Durkheim (2000), que, em obra originalmente escrita em 1897, ao buscar uma definição, afirma que, em comum a todas as formas possíveis da morte voluntária, “é o ato que o consagra a ser realizado com conhecimento de causa; é a vítima, no momento de agir, saber o que deve resultar de sua conduta, seja qual for a razão” (DURKHEIM, 2000, p. 15). Em sua obra, ele concedeu um novo significado à morte voluntária ao tratar do tema como um fato social, indo além das características de uma ação puramente individual. Ou seja, Durkheim prega que o assunto deve ser tratado como um tema de interesse coletivo, da sociedade moderna. O presente trabalho, porém, não faz uma análise sociológica do fato em si, mas sim a análise de sua cobertura jornalística.

Nunes (1998), ao trazer reflexão proposta por Lukes (1977, p. 205), diz que Durkheim busca responder à seguinte questão: que relações explicativas existem entre as formas de vida social e os atos individuais de abandoná-la? Essa teoria de Durkheim, mesmo recebendo diversas críticas e tensionamentos ao longo do tempo, – sobretudo em relação à forma como ele avaliou as estatísticas disponíveis em sua época –, exerceu forte influência na teoria sociológica sobre o suicídio e, segundo os autores, pouco se avançou após sua obra clássica:

Novas metodologias e abordagens não retiram do trabalho de Durkheim o seu pioneirismo, que ainda suscita inúmeras possibilidades de análise para os pesquisadores sociologicamente orientados, os quais hoje contam com melhores estatísticas e com o desenvolvimento de análises quantitativas não existentes na época em que Durkheim realizou a sua pesquisa (NUNES, 1998, p. 18).

Durkheim (2000) contextualiza o suicídio na história e em diferentes sociedades e culturas. No Cristianismo primitivo, por exemplo, era considerado um crime. Mais

tarde, recebeu sanção penal. Na religião cristã, o indivíduo que morria por suicídio passava a ser visto como um morto que não deveria receber honrarias ou, então, que teria de ser postumamente penalizado. A legislação civil acrescentou penas materiais às religiosas: por exemplo, os bens do falecido eram tirados dos herdeiros naturais (ver capítulo 1). O autor afirma ainda que a reprovação ao suicídio adquire mais força a partir da concepção, formada principalmente nas sociedades cristãs, da pessoa humana. Ou seja, a ideia de que a vida humana se tornou algo sagrado. Nessas condições, o suicídio seria classificado entre os atos imorais como um sacrilégio pois nega, em seu princípio, esse culto ao indivíduo.

Considerado como algo de ordem imoral ou irregular, o tema é também tabu na cobertura da imprensa. Um elemento importante para entender por que isso acontece é a ideia do “efeito contágio” e a noção de imitação do ato entre os indivíduos: ou seja, se um suicídio pode servir como motivo para que outro ocorra. O fenômeno foi alvo de um dos capítulos da obra clássica de Durkheim, intitulado “A Imitação”. O seu intuito, ao olhar para o conceito, é observar se esse processo exerce alguma influência sobre o número de suicídios. Durkheim (2000), em seu estudo, parece não concordar com a ideia de “efeito contágio” como causadora do suicídio de maneira mais estrutural, acreditando ser possível que exerça apenas consequências esporádicas.

A difusão do conceito de contágio pode ser vinculada à obra *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe – na qual o protagonista tira a própria vida ao ser rejeitado pela amada. A partir de sua publicação, a Europa teria enfrentado um aumento nos casos de suicídio entre jovens. Sobre a possível influência do efeito contágio nas taxas sociais de suicídio, Durkheim (2000) ressalta que:

Um fenômeno de contágio só pode se produzir de duas maneiras: ou o fato que serve de modelo se difunde de boca em boca por intermédio do que chamamos de voz pública, ou são os jornais que o propagam. Geralmente, responsabilizam-se principalmente estes últimos, pois não há dúvida, com efeito, de que eles constituem um poderoso instrumento de difusão (DURKHEIM, 2000, p. 156).

No entanto, Durkheim acredita ser muito duvidoso que a proibição da publicação de suicídios na imprensa possa modificar a taxa social de suicídio contribuindo para mitigar o chamado “efeito contágio” – ainda que o autor reforce o papel da imprensa como um poderoso instrumento de difusão. Segundo ele, o que poderia contribuir para o aumento do número de suicídios não seria o fato de falar sobre ele, mas a forma como o

acontecimento é reportado, como a espetacularização do evento, uso de sensacionalismo, exposição de detalhes etc.

O jornalismo, conforme aponta Vizeu (2009), é uma forma de conhecimento crítica que tem como preocupação interpretar a realidade social (GOMIS, 1991; GENRO, 1987; MEDITSCH, 1992; TUCHMANN, 1983). “Consideramos que a mídia não só transmite, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas e das regras do campo jornalístico contribuindo dessa forma para a percepção do mundo da vida” (VIZEU, 2009, p. 77). O jornalismo, portanto, ao retratar histórias e acontecimentos, busca ajudar o indivíduo, também leitor, a entender a sociedade em que vive.

O que os jornalistas fazem diariamente é “organizar o mundo” procurando torná-lo mais compreensível. Por isso, há uma preocupação pedagógica no jornalismo que se legitima como o lugar de “poder mostrar”, de “poder dizer” e de “poder analisar”. O jornalismo se autorreferencia como um lugar de mediação, de desegregização, de revelação da verdade e orientação de homens e mulheres na contemporaneidade (VIZEU, 2009, p. 80).

Ao ocupar esse lugar de referência, o jornalismo detém uma função social: não apenas debater temas de interesse público, mas também explicar possíveis gargalos e interrupções da normalidade. Por exemplo, é função do jornalismo, como um serviço, reportar diariamente o funcionamento e situação do trânsito ao público consumidor das notícias, bem como eventuais anormalidades que venham a ocorrer nesse espaço, como acidentes e a queda de uma ponte, entre outros desvios entendidos como interrupções da normalidade. Como sintetiza Oliveira-Cruz (2008), o papel do jornalismo como estrutura mediadora que realça ocorrências no plano dos acontecimentos públicos no discurso social “configura-se como relevante não só na interpretação como na própria construção do sentido desta realidade percebida” (OLIVEIRA-CRUZ, 2008, p. 153).

Em sua essência, o suicídio é analisado como transgressões do domínio da vida privada e do padrão ocidental de morte (MARQUETTI, 2014). Esses fatores, bem como a ideia de efeito contágio, contextualizado anteriormente, contribuem para a maneira pela qual a sociedade lida com o tema e para o modo como a imprensa o trata.

Apesar do tabu, o suicídio é notícia na imprensa. Medina (2009), além de enfatizar que os casos de suicídio de celebridades e/ou pessoas públicas merecem destaque pela mídia, afirma que, de maneira geral, o que existe é uma seleção dos casos por parte dos veículos de comunicação. “A mídia prefere aqueles que, de uma forma ou de outra, saem

fora (sic) dos estereótipos usuais” (MEDINA, 2009, 187). Ao trazer essa constatação, recorre-se ao conceito de noticiabilidade a partir da discussão proposta por Silva (2018):

Noticiabilidade pode ser entendida como uma combinação complexa de forças ou fatores potencialmente capazes de agir no processo da produção da notícia, desde características do acontecimento, julgamentos pessoais e habilidades do jornalista, relação dos repórteres com as fontes, qualidade do material apurado e tratado (imagem, som e texto), prazo e linha editorial, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia no mercado (econômicas, tecnológicas e políticas editoriais), relação do veículo noticioso com a publicidade, negociações com públicos e audiências (circulação e recepção), questões éticas e ideológicas das decisões editoriais, cultura profissional da categoria e ainda circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas de uma determinada sociedade (SILVA, 2018, p. 317).

Um dos critérios de noticiabilidade é o de valor-notícia. De acordo com Silva (2018), a ideia central por trás do conceito, a seu ver, é a percepção de que há características ou atributos de certos acontecimentos que os fazem ter mais ou menos peso noticioso. Os valores-notícia, porém, aparecem ao longo de todo o processo de produção e permeiam procedimentos posteriores, ou seja, regem as pautas, orientam o trabalho de apuração, determinam a hierarquia e disposição das notícias etc.

O conceito, portanto, conforme resume a autora, se refere à carga noticiosa do acontecimento: “se muito impactante, se completamente inesperado, se algo de uma pessoa muito conhecida, se de grande consequência” (SILVA, 2018, p. 329). A autora busca tipificar os valores-notícia de forma macro e micro; sendo assim: os macrovalores entrariam no contexto de o que é atual, importante, interessante, imprevisível e coletivo, enquanto os microvalores estão relacionados a impacto, raridade, surpresa, tragédia, polêmica, curiosidade, violência, proximidade geográfica etc.

Segundo Traquina (2005), a morte se configura como valor-notícia fundamental: “Onde há morte há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p. 79). Em sua conceituação, outro critério fundamental na cultura jornalística é a notoriedade – o nome e a posição social do ator principal da notícia. Conforme a pesquisa identificou a partir da construção de um “estado da arte” sobre a análise da cobertura do suicídio (ver capítulo 1), Moraes (2013) traz a constatação de que ficou evidente que o suicídio de pessoas famosas é sempre notícia. A proposta deste trabalho, no entanto, busca responder à seguinte pergunta: *quando o suicídio de um cidadão anônimo se torna notícia na cobertura da imprensa, que critérios de noticiabilidade permeiam essa decisão e qual debate o jornalismo propõe nessa cobertura?*

Como anônimo, parte-se da ideia oposta ao significado de pessoa pública e/ou famosa. Conforme conceitua o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), famoso é aquele “que tem muita fama; notável, egrégio, célebre; famigerado”. Já anônimo seria “sem o nome ou a assinatura do autor; sem denominação. Indivíduo obscuro, sem nome ou renome”. Serelle e Pinheiro (2016), a partir da obra *Fama e Anonimato* (2004), de Gay Talese, dizem que os polos “fama” e “anonimato”, evidenciados na narrativa do escritor norte-americano, tornaram-se um paradigma para um determinado jornalismo narrativo, alcunhado de Novo Jornalismo². Na primeira parte do livro, o autor narra histórias de bilheteiros de metrô, faxineiras de edifícios comerciais, motoristas de ônibus, engraxates e “outros trabalhadores aos quais se pode chamar de anônimos, pois não [são] detentores de visibilidade midiática” (SERELLE; PINHEIRO, 2016, p. 69). Este trabalho se alinha à essa visão e entende como anônimo *os cidadãos que não possuem visibilidade midiática*. Esses cidadãos, conforme exposto na análise de conteúdo, podem ou não ter seus nomes divulgados nas reportagens, porém, em comum às duas situações, são indivíduos que não possuíam destaque na mídia até o momento de o motivo de suas mortes terem se tornado notícia.

De acordo com Talese, o jornalismo atua na distribuição da visibilidade social, ou seja, define e conduz temas para o debate público. Tendo essa afirmação em mente, a proposta desta dissertação é justamente entender o inverso, ou seja, quais são os critérios que levam a morte/suicídio de um indivíduo que não possui visibilidade social, o chamado anônimo nesta pesquisa, a se tornar notícia na imprensa.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio é atualmente um problema de saúde pública, sendo uma das três principais causas de morte entre pessoas de 15 a 44 anos, e a segunda entre as de 10 a 24 anos. A cada ano, aproximadamente um milhão de indivíduos tiram a própria vida, o que representa uma morte a cada 40 segundos. Segundo o primeiro boletim epidemiológico brasileiro sobre suicídio³, divulgado em setembro de 2017 pelo Ministério da Saúde, entre 2011 e 2016, 62.804 pessoas tiraram suas próprias vidas no Brasil; 79% delas são homens e 21% são mulheres. Os dados fortalecem a questão do suicídio como interesse público e, nesse

² O “New Journalism” foi um movimento da imprensa norte-americana dos anos 1960. Tem como principais expoentes autores como Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer, Truman Capote e Hunter Thompson. O Novo Jornalismo é caracterizado, principalmente, por mesclar o jornalismo com a literatura. O livro *Fama e Anonimato*, de Talese, se firma como uma importante obra no movimento.

³ Informação disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/cerca-de-11-mil-pessoas-tiram-propria-vida-todos-os-anos-no-brasil>. Acesso em: 10 set. 2018.

sentido, a imprensa deve exercer sua função social ao noticiá-lo. Voltando ao pensamento de Durkheim (2000), entende-se que o suicídio é, também, um problema da sociedade – essa que o jornalismo busca tornar compreensível aos leitores. Nesse sentido, interessa nesta pesquisa a análise do anônimo. Foi contextualizado que a notoriedade é um valor-notícia para o jornalismo, porém, este trabalho reflete sobre a noticiabilidade do suicídio quando esse valor-notícia não está presente. Seria, conforme os dados exibidos acima, por se tratar de sua compreensão como um problema social, conforme sugere a teoria sociológica de Durkheim? Seria pelos casos acontecerem em espaços públicos? Ou, conforme a análise busca compreender, por outros elementos a serem identificados?

Pode-se, então, apontar o principal objetivo deste estudo, que é *mapear a cobertura do suicídio de cidadãos anônimos na imprensa brasileira e analisar os critérios que levam esses fatos a se tornarem notícia nos veículos de comunicação*. Nesse sentido, o motivo de suas mortes, no caso, o suicídio, fez com que esses cidadãos anônimos, até então sem visibilidade midiática, ocupassem um espaço no noticiário. Busca-se entender quais critérios de noticiabilidade permeiam a decisão dos veículos de comunicação ao decidirem transformar em notícia os suicídios desses indivíduos.

Para isso, a pesquisa realiza um mapeamento por meio de dois portais de notícias brasileiros: *GI* e *UOL*. A escolha foi feita devido ao alcance e audiência⁴ de ambos e por agregarem, em suas plataformas, outros braços de comunicação. O *GI* é um portal de notícias com capilaridade nacional por meio de suas equipes locais e da rede de afiliadas do Grupo Globo. O *UOL* abriga notícias de outros veículos como, por exemplo, do jornal *Folha de S.Paulo* e do canal de *TV Band*. A abrangência foi também um fator determinante na escolha de ambos os veículos. Ao abrigar conteúdos de outras plataformas, de diferentes praças, é possível abarcar conteúdos de diferentes regiões do Brasil e ampliar o corpus de pesquisa, no sentido de torná-lo mais diversificado e podendo, assim, refletir se certos valores-notícia, como o marco geográfico, se caracterizam como um elemento importante na análise de conteúdo. Outros objetivos, específicos, vêm na esteira dessa reflexão:

1. Investigar a presença de notícias sobre o suicídio de anônimos em dois grandes veículos da imprensa brasileira (*GI* e *UOL*);

⁴ Segundo levantamento da empresa comScore, de abril de 2018, *Globo* e *UOL* são os dois portais brasileiros de maior audiência. O *Globo* aparece com 91,724 milhões de acessos mensais (apenas no *GI* são 25.8 milhões de visitantes únicos), e o *UOL*, com 90,432 milhões. Informação disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Rankings-do-Mercado>. Acesso em: 10 set. 2018.

2. Observar quais valores-notícia fazem parte da noticiabilidade desses casos e quais vieses perpassam essa cobertura;

3. Visando a aplicabilidade da pesquisa⁵, foi criada uma plataforma on-line gratuita⁶ com materiais coletados sobre o tema durante a investigação. O intuito é que a plataforma seja uma página de referência para consulta de profissionais da imprensa. Para isso, e com base na leitura dos manuais de como a imprensa deve cobrir o tema e em contato com o corpus de pesquisa, a página pontua boas e más práticas da cobertura ao destacar reportagens que seguem as recomendações propostas por manuais e as que não as seguem.

Este trabalho adota a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) como metodologia de pesquisa a fim de se aproximar dos objetivos traçados, conforme explicado no capítulo 4. Segundo Bardin (1977), a metodologia, a partir das informações e dados disponíveis, possibilita a dedução lógica e quer atingir dois objetivos: a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. Ainda segundo Bardin, esse método:

Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de “desocultação”, responde a esta atitude de voyeur de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagem por essa dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura “normal” do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião (BARDIN, 1977, p. 9).

O material empírico (corpus de pesquisa) é composto por 151 reportagens dos dois portais de notícias (*GI* e *UOL*) publicadas durante o período de seis meses (31 de março 2017 a 30 de setembro de 2017). A escolha pelo período do tempo foi pensada a partir de alguns marcos que, como hipótese, podem ter contribuído para um aumento do interesse e, consecutivamente, da cobertura sobre a temática do suicídio. Entre os marcos, estão: o lançamento da série *13 Reasons Why*, produzida pela Netflix e lançada em 31 de março de 2017. A história gira em torno de uma garota que morre por suicídio e deixa 13 fitas cassetes contando os porquês que a levaram a tomar essa decisão.

A série gerou controvérsias entre especialistas da área da saúde em relação a alguns pontos da ficção, como mostrar a cena e método da morte, bem como não abordar um possível transtorno psiquiátrico da protagonista. Segundo a assessoria de imprensa do

⁵ Como aplicabilidade, o trabalho adota a reflexão proposta por Franciscato (2007) de que o jornalismo é uma atividade social prática que necessita da pesquisa aplicada para o seu desenvolvimento. Em linhas gerais, a pesquisa aplicada é definida “por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade” (MARCONI; LAKATOS apud FRANCISCATO, 2007, p. 4).

⁶ Disponível em: <https://suicidioempauta.home.blog>. Acesso em: 2 jul. 2019.

Centro de Valorização da Vida (CVV), associação brasileira voltada à prevenção do suicídio que disponibiliza voluntários para conversar anonimamente sobre temas delicados via telefone, Internet ou pessoalmente, houve um aumento de 445% no número de e-mails com pedido de ajuda após os episódios. Entre essas mensagens, 50 citavam o seriado⁷.

Outro marco, registrado a partir de abril de 2017, foi o jogo virtual Baleia Azul. O desafio, que supostamente incluía tarefas como escutar músicas depressivas, mutilar partes do corpo e, por último, tirar a própria vida, surgiu como uma notícia falsa na Rússia, em 2015, em que era vinculado como o responsável pelo suicídio de duas jovens de 14 e 15 anos. Em fevereiro de 2017, as notícias sobre o jogo reapareceram na imprensa e se espalharam pela Europa. No Brasil, a primeira notícia sobre o assunto ocorreu no dia 1º de abril de 2017, em matéria veiculada no jornal “Fala Brasil”, da *TV Record*⁸. Ao menos três estados brasileiros (Mato Grosso, Minas Gerais e Paraíba), à época, investigavam casos de suicídio e de mutilações que supostamente estariam relacionados ao jogo⁹. Independentemente da comprovação da relação entre esses fatos e os “desafios”, nota-se a cobertura jornalística que tentava publicitar a polêmica que o jogo despertou nas redes sociais¹⁰.

Como terceiro marco, está o lançamento, feito pelo Ministério da Saúde em setembro de 2017, do primeiro boletim epidemiológico de tentativas e óbitos por suicídios no Brasil. Com base nos dados do documento, o órgão lançou uma agenda estratégica para atingir a meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de redução de 10% dos óbitos por suicídio até 2020¹¹.

A partir do método de análise de conteúdo, o trabalho segue como instrumento de estudo o tipo categorial, que procura classificar ou recensar um texto de acordo com a frequência (presença ou ausência) de unidades de sentido. “É o método das categorias,

⁷ Informação disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,busca-por-centro-de-prevencao-ao-suicidio-cresce-445-apos-serie-da-netflix,70001734246>. Acesso em: 10 jul. 18.

⁸ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cspcco/audiencias-publicas/BaleiaAzulLuizAugustoDUrso.pdf>. Acesso em: 10 jul. 18.

⁹ Informação disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2017/04/1875567-brasil-ja-registra-suicidios-e-mutilacoes-ligados-ao-jogo-baleia-azul.shtml>. Acesso em: 10 jul. 18.

¹⁰ Exemplos de reportagens que reforçam a afirmação: <https://noticias.band.uol.com.br/cidades/rs/noticias/100000854671/baleia-azul-e-os-13-porques-fique-atento-a-postura-dos-jovens.html>; <https://paranaportal.uol.com.br/geral/baleia-azul-o-jogo-suicida-que-preocupa-o-brasil-e-o-mundo>; <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2017/04/18/jogo-da-baleia-azul-muda-comportamento-de-adolescentes-diz-psicologa-30229.php>. Acesso em: 10 jul. 18.

¹¹ Informação disponível em: <https://www.bahia.fiocruz.br/ministerio-da-saude-lanca-primeiro-boletim-sobre-suicidio-no-brasil>. Acesso em: 10 jul. 18.

espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (BARDIN, 1977, p. 37). Foram 21 categorias criadas a partir da leitura inicial do corpus de pesquisa, tais como: gênero, idade, nome, país, homicídio seguido por suicídio, mulher morta por companheiro, suicídio como parte de atentado terrorista etc.

Complementar à análise de conteúdo, o trabalho apresenta uma entrevista com um repórter de um dos veículos analisados a fim de explorar a temática do ponto de vista do profissional. A entrevista adotada segue o modelo semiestruturado, que prevê a elaboração de um roteiro prévio de perguntas, porém permite acrescentar ou excluir questões no decorrer das entrevistas. O objetivo com a entrevista é debater os critérios de noticiabilidade utilizados ao reportar o suicídio. Nesse sentido, noticiabilidade, conforme definido por Silva (2018) anteriormente, envolve uma combinação de fatores capazes de agir no processo da produção e escolha da notícia, desde características do acontecimento, julgamentos pessoais, prazo e linha editorial entre outros elementos.

Estrutura da dissertação

Esta pesquisa se estrutura em cinco capítulos. O primeiro deles aborda o suicídio como um fenômeno social, amparado, principalmente, por Durkheim (2000). Nele, há um breve histórico sobre como o tema vem sendo compreendido em diferentes culturas e religiões, suas ressignificações ao longo do tempo, a ideia do “efeito contágio”, orientações e recomendações para a cobertura da imprensa frente ao assunto e um estado da arte em relação à cobertura do suicídio no Brasil.

No segundo capítulo é feita uma revisão do conceito de noticiabilidade (SILVA, 2018), em diferentes abordagens na teoria do jornalismo, para que contribua na reflexão dos motivos que fazem com que o suicídio de um cidadão anônimo se torne notícia nos veículos comunicação. Para isso, traz o conceito de valor-notícia como uma das instâncias dos critérios de noticiabilidade e, mais especificamente, a morte como um valor-notícia. Debate, ainda, a noção de interesse público no jornalismo (SARTOR, 2016) e reflexões sobre *gatekeeping* e *gatewatching* como um dos pontos de partida nos estudos de seleção de notícias.

O terceiro capítulo discorre sobre a teoria metodológica de Análise de Conteúdo com base na obra de Laurence Bardin (1977), em seguida apresenta os veículos de comunicação (*GI* e *UOL*) que compõem a amostra de análise desta pesquisa e os

procedimentos metodológicos adotados para a coleta e a composição das categorias de análise. Aborda também os aspectos teóricos da metodologia da entrevista, a partir de Duarte (2005), e o trajeto percorrido para a sua realização.

O quarto capítulo apresenta a discussão dos resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) nas 151 matérias que compõem o corpus de pesquisa, publicadas durante o período de 31 de março de 2017 a 30 de setembro de 2017 nos portais *GI* e *UOL*. O texto traz os dados e considerações em cada uma das categorias criadas e, a partir disso, realiza inferências e reflexões sobre o objetivo deste estudo.

No quinto capítulo há a explicação da intervenção prática deste trabalho: sua justificativa, objetivo, público-alvo, estrutura e projetos futuros. Por fim, nas considerações finais, estão as principais conclusões que buscam responder à pergunta central desta dissertação: *quando o suicídio de um cidadão anônimo se torna notícia na cobertura da imprensa, quais critérios de noticiabilidade permeiam essa decisão e qual debate o jornalismo propõe nesta cobertura?*

CAPÍTULO 1: O SUICÍDIO NA PAUTA JORNALÍSTICA

1.1. Suicídio e sociedade: ressignificações ao longo do tempo

Antes de iniciar este capítulo, se faz importante ressaltar que o objetivo desta pesquisa é entender os critérios de noticiabilidade que levam o suicídio de um cidadão anônimo a se tornar notícia na imprensa. Ou seja, quando o suicídio surge como pauta dentro do jornalismo. Sendo assim, o presente trabalho prioriza a discussão sobre noticiabilidade, porém, anterior a esse debate, julga-se necessário discorrer sobre a temática suicídio e como ele é visto na sociedade e de que forma se tornou um assunto tabu, inclusive para a imprensa.

Ao iniciar este trabalho, na busca pelo que já foi estudado sobre o suicídio, percebe-se o quanto o tema já foi apresentado em diversos livros e pesquisas por meio de diferentes vieses. Nesta dissertação, no entanto, o assunto é observado sobretudo como um *fenômeno social*, como já mencionado. Acredita-se que essa visada ajuda a entender melhor o campo de interesse desta pesquisa, o jornalismo, atividade que atua na construção de sentidos partilhados pela sociedade (VIZEU, 2009). Nesse sentido, olhando para a morte voluntária como um processo social, ambiciona-se estudar como a sociedade construiu os diferentes significados do suicídio ao longo do tempo, ao entender que a mídia é parte desse processo: ao mesmo tempo em que divulga sentidos construídos socialmente, atua na ratificação deles. É a isso que esta seção se dedica.

Para tanto, é preciso voltar a uma obra fundamental no entendimento do suicídio e sua relação com o desenvolvimento da sociedade. Durkheim (2000), em obra originalmente escrita em 1897, concedeu um novo sentido ao fenômeno, ao ser um dos primeiros autores a tratar do tema como um fato social, de interesse coletivo da sociedade moderna, indo além das características de uma ação puramente individual.

No entanto, antes de discorrer sobre o suicídio, é preciso introduzir a ideia de morte. Para Rodrigues (1983), na obra *O Tabu da Morte*, o falecimento e os ritos a ele associados, como um fenômeno social, consistem em dissociar o morto do domínio dos vivos. “Tal trabalho exige todo um esforço de desestruturação e reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social” (RODRIGUES, 1983, p. 45). Ou seja, a comunidade quer garantir que o falecido se desligue deste mundo e encontre seu caminho para a dimensão dos mortos.

Os ritos funerários acompanham costumes e culturas das sociedades. Assim, Rodrigues (1983) chama atenção para o fato de que, durante toda a Idade Média, o funeral era uma cerimônia eminentemente leiga, ou seja, a participação da Igreja se limitava à absolvição do morto (o procedimento era em parte amenizado pelo fato de poder ser aplicado também em vida). A partir dos séculos XIII-XIV, no entanto, os funerais passam a ser cada vez menos civis e mais religiosos, até que, em XVII, se tornam sacros quase por completo. Com isso, “o julgamento divino é imediato e definitivo. A morte se transforma na ‘última prova’” (RODRIGUES, 1983, p. 133). O falecimento, então, se torna uma encenação de um tribunal e, com isso, um novo elemento surge: o medo de não ser eleito.

O medo do além conseqüentemente começa a se manifestar em uma sociedade que anteriormente não temia a morte e que vivia familiarmente com ela: a reunião do momento da morte com o instante da decisão suprema, temperada com a dúvida e insegurança, transformou a morte em um evento temível (RODRIGUES, 1983, p. 134).

De acordo com Ariès (2017), durante a segunda metade da Idade Média, a morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência sobre si mesmo. Nesse momento, ocorre um reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia. Para o autor, a atitude representa a “morte de si mesmo”. Já a partir do século XVIII, o homem das sociedades ocidentais tende a oferecer um novo significado para a morte. “A morte romântica, retórica, é antes de tudo a morte do outro – o outro cuja saudade e lembrança inspiram, nos séculos XIX e XX, o novo culto dos túmulos e cemitérios” (ARIÈS, 2017, p. 64). Nessa fase, o medo não é mais da própria morte, mas a do outro.

Santana *et al.* (2015) complementa a ideia ao reforçar que, na segunda metade do século XIX, ocorre uma mudança brusca na visão do homem em relação à finitude da vida e a carga dramática, até então presente, vai se esvaziando. As cerimônias deixam de ser realizadas nas casas dos familiares e os rituais passam a ser cada vez menos expressivos. As condolências ocorrem de maneira discreta – há empresas que cuidam de todos os serviços fúnebres. Além disso, todo esse processo favoreceu um deslocamento da morte, passando a responsabilidade desse momento aos hospitais, tornando-se algo estranho aos familiares e amigos. Segundo Ariès (2017, p. 84), a morte se torna um fenômeno técnico causada pela parada dos cuidados. São os médicos, e suas respectivas equipes, os “donos da morte, de seu momento e também de suas circunstâncias”. Há uma

ênfase no que é aceitável perante a morte e, assim, “uma morte aceitável é uma morte que possa ser aceita ou tolerada pelos sobreviventes” (ARIÈS, 2017, p. 85). A “morte interdita”, expressão que batiza essa fase, tem relação com a questão de felicidade e a constante necessidade de produção da sociedade moderna – o falecimento representaria o oposto dessas duas ideias.

Tendo em mente que a sociedade é um sistema de comunicação, Rodrigues (1983) afirma que o desaparecimento de um componente de sua organização coloca em crise o sistema como um todo. Nesse sentido, o fim da vida de um indivíduo não é um evento isolado. “A morte do outro é o anúncio e a prefiguração da morte de ‘si’, ameaça da morte do ‘nós’” (RODRIGUES, 1983, p. 93). A morte quebra o curso natural do mundo e questiona as bases morais da sociedade, já que o grupo repensa os sentidos atribuídos à existência. No suicídio, a constatação ganha um peso ainda maior. “A ‘morte interdita’, citada por Ariès (2012), é rompida com o suicídio, ou seja, o ato levanta a discussão sobre a finitude da vida, porém cercada de estigmas” (SANTANA *ET AL.*, 2015, p. 47).

Retomando a ideia exposta na introdução, Durkheim (2000), ao buscar uma definição do suicídio, afirma que o que há em comum a todas as formas possíveis da morte voluntária “é o ato que o consagra a ser realizado com conhecimento de causa; é a vítima, no momento de agir, saber o que deve resultar de sua conduta, seja qual for a razão” (DURKHEIM, 2000, p. 15). Ou seja, o indivíduo, de forma consciente, questiona a interdição da morte, pois sabe as consequências de seu ato, e isso acaba por gerar um debate social sobre o suicídio.

Tendo em vista esse significado social, o sociólogo, como já exposto neste trabalho, propõe uma mudança na abordagem do suicídio: não mais vê-lo como a expressão individual de uma doença ou loucura e, sim, como um fenômeno coletivo. Desse conceito entende-se que a morte voluntária é uma ação que responde a normas sociais externas e anteriores à individualidade, vontade e consciência de um sujeito. Ou seja, Durkheim (2000) afirma que o suicídio pode ser compreendido a partir de fatores como a religião, a situação econômica, os costumes e as regras colocadas pela sociedade etc. Assim, ao depender de forças exteriores aos indivíduos, a morte voluntária é entendida a partir da esfera do social: “como essas forças só podem ser morais e, além do homem individual, não há no mundo outro ser moral que não a sociedade, elas são necessariamente sociais” (DURKHEIM, 2000, p. 398).

O autor divide a morte voluntária em três categorias, a partir de sua ligação com diferentes aspectos sociais: o egoísta (quando existem poucos laços sociais para impedir

que o indivíduo se mate), o anômico (quando as normas sociais que governam a sociedade não correspondem aos objetivos de vida do indivíduo) e o altruísta (quando o indivíduo acredita que sua morte possa beneficiar a sociedade). Mais do que se alinhar às classificações (e às causas) da morte voluntária expostas por Durkheim, interessa para este trabalho expor como, para o autor, o suicídio vem sendo compreendido ao longo do tempo.

Nesse sentido, a obra de Karl Marx também pode ajudar. Em *Sobre o Suicídio*, publicado originalmente em 1846¹², o autor já abordava o suicídio como um fenômeno social, a partir da esfera privada dos indivíduos, mas numa análise de menor amplitude que a de Durkheim. A obra tem como fonte as memórias de Jacques Peuchet, diretor dos Arquivos da Polícia de Paris durante o período da Restauração Francesa (1814-1830), a partir do capítulo intitulado “Du suicide et ses causes” (“O Suicídio e suas causas”, na tradução literal).

Ao lembrar casos policiais de suicídios descritos por Peuchet, Marx afirma que “a classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade” (MARX, 2006, p. 44). Ao falar dos “defeitos”, o autor perpassa por temas como opressões nas relações sociais, patriarcado, aborto, desemprego, miséria e males que atingem a sociedade como um todo, independentemente da classe social a qual pertencem os indivíduos. Para Marx (2006), está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios, tendo em vista que outras sociedades, como os tártaros¹³ e os berberes, não se suicidam. “As sociedades não geram todas, portanto, os mesmos produtos” (MARX, 2006, p. 25).

Assim, ao trazer o conceito do suicídio como fenômeno social, a pesquisa esbarra em tendências e pensamentos coletivos. Na Antiga Grécia, por exemplo, o suicídio era considerado ilegítimo apenas quando não tinha autorização do Estado. O indivíduo, portanto, deveria apresentar ao Senado as razões que o levavam a desejar tirar sua própria vida. De qualquer forma, “não se conhece nenhuma [sociedade] em que o direito de se matar tenha sido concedido sem restrições ao indivíduo” (DURKHEIM, 2000, p. 429).

¹² “Apesar de posteriormente publicada, foi a obra de Durkheim que se consagrou como o estudo sociológico clássico mais importante sobre o tema do suicídio; a de Marx praticamente caiu no esquecimento, ganhando sua primeira tradução para o inglês em 1975, numa coleção organizada Moscou (Collected Works) e, para o francês, em 1983 (Gallimard). Com tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella, o texto de Marx foi publicado em português em 2006 (Boitempo Editorial)” (RODRIGUES, 2009, p. 699).

¹³ Os tártaros são um grande grupo de etnia turcomana encontrado principalmente na Rússia. Os berberes são povos que vivem na região norte da África, principalmente nos atuais Marrocos e Argélia.

Silva (2009) afirma que cada escola filosófica grega possuía uma opinião sobre a morte voluntária. Algumas cidades, como Atenas, Esparta e Tebas, previam sanções sobre os corpos das pessoas mortas por suicídio, enquanto outras demonstravam ser mais indulgentes.

Em Roma, as opiniões variavam de um período a outro. O direito romano da época imperial define que, com exceção dos casos de condenados e acusados, os demais suicídios eram permitidos (SILVA, 2009). A partir do século II, a legislação romana endurece, juntamente com o declínio do estoicismo – escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio no início do século III a.C., que pregava a fidelidade ao conhecimento: “A partir do Século III, sanções são impostas àqueles que se matam sem uma boa razão e a condenação do suicídio instala-se, progressivamente, no Império Romano” (SILVA, 2009, p. 15).

Assim como ocorreu com a ideia de morte, a visão religiosa colaborou fortemente para a concepção que as sociedades construíram sobre o suicídio. De acordo com Durkheim (2000), a religião é o sistema de símbolos pelos quais a sociedade toma consciência de si mesma; em outras palavras, é uma maneira de pensar o coletivo. Por isso, exerce forte influência na temática.

Durkheim (2000) ressalta que, assim que as sociedades cristãs se constituíram, o suicídio foi formalmente proscrito delas. As palavras de Santo Agostinho, um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, definem o que se tornará doutrina na igreja católica em relação ao suicídio, em sua obra *Cidade de Deus*, que teve como data da primeira publicação 426 d.C.:

Nós dizemos, declaramos e confirmamos de qualquer forma que ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos; ninguém tem o direito de se matar pelo pecado de outrem; isso seria cometer um pecado mais grave, porque a falta de um outro não seria aliviada; ninguém tem o direito de se matar por faltas passadas, porque são, sobretudo, os que pecaram que mais necessidade têm da vida para nela fazerem a sua penitência e curar-se; ninguém tem o direito de se matar na esperança de uma vida melhor imaginada depois da morte, porque os que se mostram culpados da sua própria morte não terão acesso a essa vida melhor (SANTO AGOSTINHO apud SILVA, 2009, p. 17).

Em paralelo às teorias filosóficas, a partir do século IV, medidas práticas foram adotadas pela igreja católica e pelo direito civil para proibir o suicídio. Em 452, o Concílio de Arles, reuniões formais com representantes da igreja na história do Cristianismo primitivo, declarou que o suicídio era um crime. Mais tarde, em 563, a prescrição recebeu

sanção penal. Decidiu-se que as pessoas mortas por suicídio não seriam “honradas com nenhuma comemoração no sagrado sacrifício da missa e que o canto dos salmos não acompanharia seu túmulo” (DURKHEIM, 2000, p. 422). A legislação civil acrescentou penas materiais às religiosas, como o confisco dos bens do falecido de seus herdeiros naturais.

O autor ressalta que muitos povos não se contentavam com a apreensão material. “Em Bordeaux, o cadáver era pendurado pelos pés; em Abbeville, era arrastado pelas ruas sobre uma grade” (DURKHEIM, 2000, p. 423). Costumes como esse se estendem a outros países, algumas vezes, de forma até mais severa. Em Zurique, se a pessoa tivesse se afogado, por exemplo, enterravam o corpo a cinco pés da água, na areia.

Segundo Cassorla (1985), a repressão aos indivíduos mortos por suicídio tende a diminuir a partir dos séculos XVI e XVII, e a Revolução Francesa (1789 - 1799) proíbe qualquer tipo de condenação. Trazendo uma data mais recente, o Código de Conduta do Estado de Nova York (EUA), de 1881, qualifica o suicídio como crime. Apesar disso, renunciou-se a puni-lo, por razões práticas, uma vez que a pena não atingiria o “culpado”, ou seja, o responsável pelo ato (DURKHEIM, 2000).

Ele [o suicídio] ainda inspira à consciência popular uma repulsa que se estende aos lugares em que o suicida consumou a sua decisão e a todas as pessoas que lhe são próximas. O suicídio constitui uma tara moral, embora a opinião pública pareça tornar-se, sob esse aspecto, mais indulgente que outrora. Por outro lado, ele não deixa de manter algo de seu antigo caráter criminoso (DURKHEIM, 2000, p. 423).

Assim, pode-se entender que, independentemente do período, sociedade e costume, o suicídio vem sendo reprovado socialmente por transgredir o que se chama de “culto à vida”, ou seja, a preservação da vida acima de tudo. Assim, é visto como imoral, pois contraria o princípio de conduta humana, há muito concretizado, que preza a valorização da existência. Do outro lado, ao retomar a ideia do evento morte como algo discreto, privado e íntimo, o suicídio, como uma forma de comunicação, aponta para a direção oposta, a da publicidade, contrariando o estilo e padrão de morte ocidental (MARQUETTI, 2014).

Assim, como forma de comunicação, a morte voluntária transita entre a vida privada (íntima) e a vida pública (família e/ou sociedade) e a intersubjetividade estabelecida entre a pessoa que morreu por suicídio e seu espectador, o que joga luz para

“as controvérsias entre o público-privado da sociedade moderna e, também, para as discussões acerca do padrão de morte na cultura ocidental” (MARQUETTI, 2014, p. 237).

Conforme contextualiza Marquetti (2014), tanto os suicídios públicos, os que acontecem em espaços assim, como os particulares, ou seja, os que ocorrem em lugares íntimos, apresentam características transgressoras. O primeiro por contrariar a regra estabelecida de que a morte deve ocorrer em espaços privados, como o ambiente hospitalar, enquanto o segundo, apesar de transgredir quanto à adequação do lugar, rompe com a prática em relação aos afetos na vida contemporânea.

Ao retirar-se do lugar a ele designado (o espaço privado e hospitalar) e lançar-se para a vida pública (familiar ou social) o evento suicida contesta dois dogmas solidamente erigidos na sociedade ocidental: o tabu da morte e o código de conveniências entre espaço público-privado. Apoiados em Prost e Vincent (2009), discutimos os eventos suicidas enquanto transgressores do padrão de morte ocidental quando infringem as regras de sociabilidade estabelecidas para estes espaços, além dos diferentes matizes que compõem tal transgressão (MARQUETTI, 2014, p. 243).

Marquetti (2014) conclui que o suicídio se coloca como forma de transgressão às regras do público-privado e às prescrições do lugar da morte na sociedade atual. Além disso, os suicídios são eventos que propõem o diálogo sobre a morte e seus interditos, que comporta vários discursos, como o religioso, médico, psicológico, jurídico etc. Segundo a autora, a morte, então, não deveria atrapalhar o cotidiano e a felicidade, sentimentos presentes nas sociedades modernas. Sendo assim, o evento suicida é transgressor em sua essência. “Enfim, o fenômeno da morte tornou-se discreto e afastado dos olhos dos vivos, mas o suicídio não” (MARQUETTI, 2014, p. 238). Esse caráter infrator atribuído ao suicídio também se reflete na cobertura da imprensa em relação ao tema, acrescido do receio de que a publicização da morte voluntária pudesse incentivar a prática do ato em outros indivíduos, como exposto a seguir:

1.2. Suicídio e o tabu na imprensa: a ideia do “efeito contágio”

Um elemento importante para entender o suicídio como um tema tabu¹⁴ na imprensa, conforme exposto na introdução deste trabalho, é a ideia do “efeito contágio” e da noção de imitação do ato entre os indivíduos. Esse fenômeno foi alvo de um dos

¹⁴ “Os tabus seriam proibições diversas e que não possuem uma explicação de seu caráter em si. São proibições postuladas a partir da construção da sociedade, e por diversos motivos não especificados” (SANT’ANNA, 2014, p. 124).

capítulos da obra clássica de Durkheim, intitulado “A Imitação”, em que o sociólogo debate o papel da imprensa como uma das possíveis causadoras do fenômeno do suicídio.

Conforme contextualizado, o autor lida com a temática a partir das motivações sociais. Sua unidade de análise é, portando, a sociedade. Porém, para Durkheim (2000), “conclui-se com toda evidência que a imitação, pelo fato de poder ocorrer entre indivíduos que não são unidos por nenhum vínculo social, é um fenômeno puramente psicológico” (DURKHEIM, 2000, p. 129). Sua intenção, portanto, ao olhar para o conceito, é analisar se a imitação exerce alguma influência sobre a taxa social de suicídio.

Antes de tecer as principais conclusões acerca do tema, faz-se necessário contextualizar o que significa imitação para Durkheim pois, em sua visão, há três fenômenos distintos. Amparados pela interpretação feita por Vares (2017), entende-se que o primeiro diz respeito a um mesmo sentimento reproduzido por muitas pessoas, que, porém, não se deve à influência de um ou mais indivíduos sobre outros, mas à própria força exercida pelos sentimentos comuns, ou seja, à coletividade.

“O segundo refere-se à adaptação do indivíduo ao que o grupo social faz, sem que isso represente a dissolução de sua identidade” (VARES, 2017, p. 20). Ainda sobre o segundo, Durkheim afirma que a sujeição do indivíduo ao grupo não constitui propriamente imitação, mas apenas sujeição a uma regra coletiva. Por fim, o terceiro fenômeno, o único dos três que pode de fato ser identificado como imitação, tem por antecedente imediato um ato semelhante, realizado por outro indivíduo, “sem que entre a representação e a execução se intercale qualquer operação intelectual explícita ou implícita” (VARES, 2017, p. 20). Ao refletir se há interferência do efeito contágio nas taxas de suicídio, Durkheim (2000) pontua: “por mais incontestável que ela seja, é bem possível que tenha apenas consequências individuais e esporádicas” (DURKHEIM, 2000, p. 143). Ou seja, Durkheim parece não concordar com a ideia de contágio como causadora do suicídio de maneira mais estrutural. Como resumo, o sociólogo define:

Não pode haver imitação se não há um modelo a ser imitado; não há contágio sem um foco do qual ele emane e no qual, por conseguinte, ele tenha seu máximo de intensidade. Também não haveria fundamento em admitir que a propensão ao suicídio se transmite de uma parte para a outra da sociedade, a não ser que a observação revele a existência de certos centros de irradiação (DURKHEIM, 2000, p. 144).

Perante isso, Durkheim, apesar de acreditar que os veículos de comunicação são importantes instrumentos de difusão de ideias, diz que a imprensa não teria o poder de

incentivar os suicídios, isto é, não seria um vetor determinante para a imitação. Segundo o autor, os jornais poderiam apenas difundir crenças e processos que já vêm se estabelecendo, mas não os criar:

Se, portanto, a imitação tem algum papel no desenvolvimento dos suicídios, deve-se vê-lo variar segundo o lugar que os jornais ocupam na atenção do público (...) parece até que a imprensa, sem uma certa centralização, quase não pode ter o poder que se atribui a ela. Pois, onde cada região tem sua vida própria, as pessoas se interessam menos pelo que acontece além do pequeno horizonte que limita sua visão; os fatos distantes passam mais despercebidos e, por essa mesma razão, são coletados com menos cuidado (DURKHEIM, 2000, p. 156).

Mesmo assim, afirma que “alguns autores, atribuindo à imitação um poder que ela não tem, solicitaram que fosse proibida a reprodução dos suicídios e dos crimes nos jornais” (DURKHEIM, 2000, p. 160). O autor afirma ser duvidoso que a proibição possa modificar a taxa social do suicídio: “o que se pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do assassinio não é o fato de se falar nisso, é a maneira pela qual se fala” (DURKHEIM, 2000, p.160). De acordo com Dapieve (2007), essa hipótese é compatível com a de Teun A. van Dijk sobre a veiculação, nos textos jornalísticos, de conceituações ou proposições inferidas do senso comum. “A linguagem utilizada pela imprensa reflete, pelo fortalecimento de normas, a compreensão que a sociedade na qual ela se insere ou a fatia de público ao qual ela se dirige tem do assunto” (DAPIEVE, 2007, p. 61).

Segundo Dapieve, aliás, a raiz da ideia de contágio estaria não na imprensa, mas na literatura, a partir da obra *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe, em que o protagonista, rejeitado pela amada, se suicida. A partir de sua publicação, a Europa teria sido sacudida por uma onda de suicídios entre jovens, sendo que exemplares do livro eram encontrados ao lado dos corpos, que, por vezes, estavam com a vestimenta característica do personagem. “A expressão ‘efeito Werther’ passou a ser usada sempre que um suicídio – sobretudo o de artistas – serve de inspiração para que outras pessoas se matem” (DAPIEVE, 2007, p. 15). O autor expõe, contudo, que não é possível confirmar o chamado “efeito Werther”, pois não há estatísticas sobre a morte por suicídio da população masculina jovem europeia do século XVIII.

Os acontecimentos também foram alvo de atenção do crítico e ensaísta britânico A. Alvarez, na obra *O deus selvagem: um estudo do suicídio*, publicado originalmente em 1999. Para o autor, no apogeu do romantismo, a vida era vivida como se fosse, ela também, uma obra de ficção. Sendo assim, é como se o suicídio tivesse se tornado um ato

literário, ou seja, ocorria grande identificação entre os leitores e os personagens da obra que liam, e isso explica o fato de determinadas pessoas mortas por suicídio terem sido encontradas vestidas como o protagonista Werther, o que confirmaria a ideia de contágio.

Dapieve (2007) lembra ainda um estudo sobre suicídios por imitação conduzido pelo sociólogo norte-americano David Philips na década de 1970. O autor encontrou um aumento de 12% nos casos no mês de agosto de 1962 nos Estados Unidos, mês em que a atriz Marilyn Monroe morreu por suicídio. “Em geral, casos bastante noticiados aumentam a taxa em apenas 2,51%” (DAPIEVE, 2007, p. 16).

Em seu estudo “Suicídio por contágio e a comunicação midiática”, Hwang (2018), ao citar análise feita por Martin e Koo (1997) sobre o suicídio do cantor Kurt Cobain, líder da banca de rock Nirvana, relembra que o ato foi reportado detalhadamente na Austrália por meio de jornais, canais de televisão e programas musicais. No entanto, a pesquisa apontou que não houve aumento significativo nas taxas de suicídio por arma de fogo, método utilizado por Cobain, entre jovens de 15 a 24 anos após um mês do anúncio da morte, em abril de 1994. Como uma das conclusões trazidas pelo estudo, a autora ressalta que a sensibilização da mídia em relação à morte do artista, ou seja, os cuidados tomados nessa cobertura, pode ter sido um dos fatores importantes para o não aumento da taxa. Para Hwang (2018), os meios de comunicação podem potencializar pensamentos suicidas, mas não são sua causa.

Neste trabalho é destacada a ideia de que os meios de comunicação colocam gasolina em uma fogueira que já está queimando, ou seja, a fogueira pode ser equiparada ao suicídio e a mídia a gasolina. Esta metáfora explica que a decisão de morte é pré-determinada pela pessoa e os meios de comunicação tendem a potencializar pensamentos suicidas, mas não são a causa. O suicídio por contágio está relacionado, sobretudo, à articulação da simbolização pessoal, às formas de significação sociocultural dos locais, dos métodos e do ato suicida (HWANG, 2018, p. 19).

Ainda no que se refere à relação entre contágio e cobertura da imprensa, Dapieve (2007) destaca os casos envolvendo a ponte Golden Gate, localizada entre São Francisco e o condado de Marin, na Califórnia (EUA). “A ponte se tornou um dos principais pontos turísticos dos EUA e um verdadeiro ímã para suicidas, atraídos pelo simbolismo que marca um final de mundo/começo de outro” (DAPIEVE, 2007, p. 61).

Ao citar reportagem escrita por Tad Friend na revista norte-americana *The New Yorker*, de 13 de outubro de 2003, sobre indivíduos que pularam da Golden Gate¹⁵, Dapieve (2007) ressalta que, posteriormente, no computador de uma das vítimas, uma adolescente de 14 anos, foi identificada a visita a um site com dicas para aqueles que desejavam viver uma tentativa de suicídio. A página desaconselhava tomar veneno e cortar os pulsos e recomendava pular de pontes.

Ken Holmes, o coroner¹⁶ do Condado de Marin, contou-me: “Quando o número se aproximou dos 850, nós fomos aos jornais locais e dissemos: ‘Vocês têm de parar de dar números’”. Durante a última década, os Centros para Controle e Prevenção de Doenças e a Associação Americana de Suicidologia divulgaram recomendações apelando à mídia para ela minimizar os suicídios. A mídia da área da Baía de São Francisco agora noticia saltos da ponte normalmente apenas se eles envolvem celebridades ou se congestionam o trânsito. “Nós os desacostumamos”, disse Holmes. Mas ele acrescentou, “a falta de publicidade de modo algum reduziu o número de suicídios” (FRIEND apud DAPIEVE, 2007, p. 64).

Pelo visto até aqui, percebe-se que não há consenso entre diferentes autores de que a imprensa, ao divulgar casos de suicídio, influencia em novos atos de morte voluntária. Mas é inegável, segundo os estudos, que o tema por vezes não é noticiado por conta do medo do chamado “efeito contágio”. Isto é, essa ideia foi um fator determinante para o tabu que se implantou na imprensa. Nesse sentido, Dapieve (2007) sugere que uma das razões para o silêncio da mídia em relação ao tema é não desafiar a crença e a convenção de que o suicídio é contagioso, ou seja, que ao noticiar um suicídio a imprensa possa influenciar, involuntariamente, pessoas que pensam em vivenciar o mesmo ato. Outras são de ordem prática: pretendem amenizar a dor e a possível culpa de familiares e amigos de indivíduos que morreram por suicídio e respeitar a privacidade das vítimas, sem divulgar os possíveis motivos que os levaram ao ato, geralmente desconhecidos pelas pessoas mais próximas.

No entanto, a morte voluntária acaba por vezes sendo notícia, como será visto nos tópicos a seguir. A partir disso, estabeleceram-se, ao longo dos anos, orientações e cuidados, contextualizados adiante, visando que a cobertura ocorra de forma mais zelosa, ou ainda que o jornalismo possa exercer um papel de prevenção, tendo em vista o suicídio como um problema de saúde pública.

¹⁵ A Golden Gate, localizada no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, que liga a cidade de São Francisco a Sausalito, na região metropolitana de São Francisco, foi inaugurada no dia 27 de maio de 1937.

¹⁶ O coroner é uma espécie de legista encarregado de investigar as causas de mortes violentas, bruscas ou incomuns.

1.3. Orientações para a cobertura: manuais e métodos

Em 24 de agosto de 1954, o então presidente do Brasil Getúlio Vargas morreu por suicídio. De acordo com Dapieve (2007), naquele momento, nenhum jornalista pensou em omitir a causa da morte do político. Pelo contrário, os veículos noticiaram o fato exaustivamente e divulgaram, inclusive, sua carta-testamento. “Era necessário noticiá-la com todas as letras, por conta da importância pública e consequências de seus gestos” (DAPIEVE, 2007, p. 103). A notoriedade da pessoa, nesse caso, vale até hoje, em qualquer redação, como um critério de noticiabilidade do suicídio, ou seja, um fator que justifica a transformação do fato em discurso noticioso (ver capítulo 2).

Entretanto, o autor destaca que a imprensa brasileira de meados da década de 1950 não se intimidava em relação à morte voluntária, mesmo de pessoas não públicas, sentimento que mudaria nos anos seguintes. Nas décadas anteriores, Dapieve (2007) lembra que a imprensa era marcada por uma cultura sensacionalista, sendo carregada de escândalos e exageros. Em casos de crimes, por exemplo, o autor afirma que os profissionais de veículos de comunicação chegavam a vasculhar gavetas das famílias antes mesmo de a polícia chegar ao local do crime e levavam elementos a fim de compor a reportagem, como fotos, cartas etc.

“Dentro dessa cultura sensacionalista, por conseguinte, os detalhes sobre a morte do presidente não gozavam de nenhum privilégio em relação aos da morte do bancário que tomara chumbinho por descobrir a traição da esposa. Isso, porém, iria mudar” (DAPIEVE, 2007, p. 105). Um dos fatores responsáveis por essa mudança foi a implantação da técnica norte-americana do *lead*, em que o primeiro parágrafo de cada notícia deveria responder às seis perguntas: quem, o quê, quando, onde, por que e como. Essa estrutura obrigava os repórteres a deixarem de lado detalhes e descrições para informar diretamente aquilo que era considerado mais importante no fato relatado. O novo estilo de fazer jornalismo se contrapôs ao até então existente, e o suicídio de Vargas surge no início dessa transição (DAPIEVE, 2007).

Ainda que tenha havido o espraiamento da técnica do *lead* na imprensa brasileira, a preocupação com a abordagem sensacionalista da morte (e do suicídio, por consequência) se mantém. Esse cuidado está exposto, por exemplo, na última versão do *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*¹⁷ (2007), editado pela Federação Nacional

¹⁷ Disponível em: <http://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-19852007>. Acesso em: 9 jul. 2018.

dos Jornalistas (Fenaj) e publicado pela primeira vez em 1949. O Artigo 13 afirma: “O jornalista deve evitar a divulgação de fatos: (...) b) de caráter mórbido e contrários aos valores humanos;” [grifo nosso]. Além dessa norma geral, algumas empresas de comunicação, por vezes de maneira pontual e breve, fazem recomendações específicas sobre o suicídio em seus manuais de redação.

No *Manual de Redação e Estilo de O Globo*, organizado e editado pelo jornalista Luiz Garcia em 1992, a menção ao suicídio surge no capítulo questões éticas: “O jornal evita noticiar suicídios de desconhecidos, exceto quando o fato tem aspectos fora do comum” (p. 87). Na introdução a “Segurança”, que também engloba casos de sequestro, o veículo afirma:

Cabe ao jornal informar-se para decidir, sempre por conta própria, se a notícia é realmente perigosa. Esse princípio tem aplicação frequente, mas não obrigatória, em casos de sequestros. Leva-se em conta o fato de que o respeito à privacidade de alguém tem um preço: significa uma informação sonogada ao público (que, por exemplo, tem o direito de saber que há uma onda de sequestros na cidade); em contrapartida, é difícil conceber notícia tão importante que justifique a probabilidade de perda de uma vida (GARCIA apud DAPIEVE, 2007, p. 107).

O *Manual da Redação* do jornal *Folha de S. Paulo* (2001, p. 99) diz: “não omita o suicídio quando ele for a causa da morte de alguém”. Em nova edição (2018), o manual da *Folha*, no capítulo “Padronização”, no que se refere ao tópico “morte”, orienta para que os jornalistas prefiram as palavras morrer, morte e morto a falecer, falecimento e falecido (porque seriam termos mais rebuscados). Além disso, orienta que não se omita a causa da morte do personagem que seja objeto de notícia. “Em caso de suicídio, contudo, não descreva o método utilizado” (*FOLHA DE S. PAULO*, 2018, p. 229). Na sequência, destaca que exceções devem ser discutidas com a Secretaria de Redação, pois a seção Mortes, a depender da avaliação do editor, pode respeitar eventual pedido da família de omitir a causa da morte. Já o manual do *O Estado de S. Paulo* (1990) traz a seguinte orientação no tópico “como tratar a temática morte”:

Sem fazer estardalhaço ou sensacionalismo, diga efetivamente de que uma pessoa morreu. Não há motivo para preconceito e o leitor merece a informação correta, seja a morte decorrente de suicídio, seja de doenças como a Aids, o câncer, a leucemia ou outras. As circunstâncias da morte também deverão sempre ser devidamente esclarecidas. Poupe o leitor, porém, de detalhes escabrosos, que pouco ou nada acrescentem ao noticiário, no caso de crimes violentos. Particularidades da vida íntima da pessoa - era homossexual, era traído pela mulher ou pelo marido, por exemplo - somente deverão figurar na reportagem se estiverem diretamente relacionados com a causa ou as circunstâncias da morte (MARTINS, 1990, p. 53).

A publicação *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), preparada como parte integrante do Suicide Prevention Program, iniciativa mundial da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a prevenção do suicídio, destaca que “o relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas” (OMS, 2000, p. 5).

Ao mesmo tempo, elenca diversos fatores e recomendações aos profissionais da imprensa. No que se refere à cobertura do suicídio em geral, o manual traz as seguintes instruções: as estatísticas devem ser interpretadas cuidadosamente e corretamente; fontes de informação confiáveis e autênticas devem ser usadas; generalizações baseadas em fragmentos de situações requerem atenção particular; expressões como “epidemia de suicídio” e “o lugar com a mais alta taxa de suicídio do mundo” devem ser evitadas; e deve-se abandonar teses que explicam o comportamento suicida como uma resposta às mudanças culturais ou à degradação da sociedade (OMS, 2000).

Em relação a casos específicos de suicídios, o documento afirma que a cobertura sensacionalista deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. Dessa forma, as principais recomendações são: qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser mostrado na reportagem; deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado; manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídios; e a ênfase deve ser dada ao luto da pessoa falecida, entre outras recomendações.

O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribuem para o suicídio pode ser útil. O suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual (OMS, 2000, p. 8).

Em 2009, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) desenvolveu a cartilha *Comportamento suicida: Conhecer para prevenir – orientações sobre como abordar o suicídio na imprensa*. O documento ressalta que, normalmente, o suicídio se torna notícia em cinco situações: quem morreu é uma figura pública ou celebridade; o suicídio foi precedido de assassinato, este último cometido por quem se matou; atos terroristas, como

nos casos de homens-bomba; quando o suicídio afeta a coletividade (por exemplo, engarrafamento); e sensacionalismo criado por maus profissionais.

Em relação a números e estatísticas, a cartilha orienta os profissionais de imprensa a terem cuidado ao comparar coeficientes de países, pois há diferenças nas fórmulas como são calculados, o que pode levar a interpretações errôneas. Além disso, em localidades com menos de 200 mil habitantes, poucos casos de morte alteram substancialmente o coeficiente de mortalidade. Nesse sentido, afirma que é preferível obter a média de períodos de pelo menos três anos.

O documento enfatiza que o suicídio envolve múltiplos fatores socioculturais, genéticos, psicodinâmicos, filosóficos-existenciais e ambientais. A existência de um transtorno mental é considerada um fator de risco para a morte voluntária, o que não significa que todo suicídio esteja relacionado a uma doença mental, nem que todo indivíduo acometido por uma doença mental irá se suicidar. Diante das contextualizações, o documento sinaliza ser incorreto “simplificar” o ato, ligando-o a uma causa única, e elenca outras diretrizes, como:

Perguntas a serem feitas: a pessoa falecida já havia feito tratamento na área de saúde mental? Passava por problemas devidos a depressão, abuso de álcool ou drogas? É muito útil a inclusão na reportagem de um quadro contendo as principais características de determinado transtorno mental, seu impacto sobre o indivíduo e endereços onde obter ajuda. Lembrar que o comportamento suicida é um ato repleto de ambivalência, entre o querer morrer e o querer viver de maneira diferente. É importante considerar uma tentativa de suicídio com seriedade. Como já foi dito, estudos populacionais mostram que tentativa de suicídio prévia é o mais forte fator preditivo de uma nova tentativa, como também de suicídio (ABP, 2009, p. 18).

Lançado em 2017, o folheto *Suicídio. Saber, agir e prevenir*, do Centro de Valorização da Vida (CVV) e do Ministério da Saúde, compila a maioria das recomendações trazidas pelos documentos citados e também, assim como os demais, indica que as reportagens sobre suicídio informem telefones úteis e onde buscar ajuda, a exemplo de Serviços de Saúde, Emergência e do próprio Centro de Valorização da Vida (CVV).

Como conclusão, nota-se que as recomendações dos manuais e guias parecem refletir a preocupação com a ideia de imitação, descrita no tópico anterior, ao recomendarem, por exemplo, a não divulgação do método e do local do suicídio. Ou seja, não há a indicação para que a morte voluntária não seja noticiada (que estaria na base do tabu que envolve o tema), mas há normas que orientam como fazê-lo. Uma significativa

diferença entre os materiais da imprensa e das organizações de saúde, contudo, é a preocupação com a prevenção: enquanto o primeiro grupo não aborda o fato, o segundo ressalta a importância da mídia na divulgação de informações que possam combater o suicídio.

As publicações analisadas também não diferenciam os cuidados elencados em relação à morte voluntária de famosos ou não, apesar da preocupação com a privacidade das vítimas. A exceção é o guia da OMS, que orienta que se evite a cobertura sensacionalista particularmente no caso de celebridades. Com base nessas recomendações, o trabalho passa para a análise da cobertura recente do suicídio na imprensa nacional, a partir de revisão de literatura.

1.4. A cobertura do suicídio na imprensa brasileira

Este tópico fará uma revisão de estudos recentes que analisam coberturas específicas do suicídio na imprensa ao julgar ser importante mapear o que já foi investigado sobre o tema nos últimos anos para ser possível avançar na análise do suicídio noticiado pela mídia; agora, neste trabalho, pelo viés da pessoa não famosa. A busca dos estudos foi feita no site Google Acadêmico¹⁸ e no Catálogo online de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)¹⁹ utilizando, no campo de busca, palavras-chave como “suicídio”, “notícia”, “imprensa”, “mídia” e “noticiabilidade”, com o recorte de período dos últimos cinco anos (2013 a 2018) – já que não é possível, neste trabalho, avançar em análises mais estendidas no tempo, nem se ambiciona voltar a análises históricas. De todos os conteúdos encontrados nesse processo, foram escolhidos os que pareciam dialogar mais com o presente problema de pesquisa, ou seja, que se voltaram para a análise do jornalismo. Não foram elencados aqui trabalhos que se utilizaram da mídia para tratar do suicídio a partir da psicologia ou da medicina, por exemplo, ou ainda investigações que trataram o tema de maneira lateral.

Anteriormente a esse recorte de período, no entanto, recorda-se a obra de Arthur Dapieve, já citada neste trabalho, denominada *Morreu na contramão: O suicídio como notícia* (2007) e baseada em sua dissertação de mestrado em comunicação social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sendo uma das obras mais completas sobre o tema, ela foi incluída nesta análise, ainda que fora do recorte temporal desta

¹⁸ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 3 out. 2018.

¹⁹ Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>. Acesso em: 3 out. 2018.

pesquisa. Nela, Dapieve decidiu investigar a relação da imprensa com o suicídio. Para isso, escolheu como técnica a observação participante e centrou sua análise nas notícias de suicídios veiculadas no jornal *O Globo*, onde trabalhava como jornalista, durante o ano de 2004. Foram, ao todo, 142 referências, sendo que 60 discorriam sobre o cinquentenário da morte do ex-presidente do Brasil Getúlio Vargas. Segundo o autor, o suicídio de Vargas foi mencionado durante todo o ano. Foi alvo, inclusive, de um caderno especial de 16 páginas, publicado no dia 22 de agosto de 2004.

Outros sete textos se referiam a suicídios ou supostos suicídios ocorridos no passado mais ou menos recente. “Cinco deles trataram da morte suspeita do jornalista Vladimir Herzog nas instalações do DOI-Codi de São Paulo, de 24 para 25 de outubro de 1975” (DAPIEVE, 2007, p. 116). Das restantes 75 menções, 36 referem-se ao suicídio de “maneira mais ou menos genérica, por tratar do tema ou em abstrato ou fazendo referências a acontecimentos distantes no passado” (DAPIEVE, 2007, p. 118). Foram estudos, por exemplo, sobre o aumento do número de suicídios entre os soldados norte-americanos no Iraque; entrevistas, artigos, recapitulações (uma nova hipótese ligando o Brasil ao atentado à Associação Mutual Israelense Argentina, no ano de 1994) e ameaças de homem-bomba. Foram 39 notícias sobre suicídios ou supostos suicídios ocorridos no ano de 2004. Destas, pouco mais de 25% (dez matérias) ocorreram fora do contexto de atentados terroristas. “Homicídios seguidos de suicídio eram, ao menos até a multiplicação dos homens e mulheres-bombas, o tipo mais comum de morte voluntária na imprensa brasileira” (DAPIEVE, 2007, p. 138).

De acordo com Dapieve (2007), o único caso de suicídio de um cidadão carioca ocorrido no Rio de Janeiro noticiado pelo jornal *O Globo* em 2004 foi do estilista Amaury Veras. Mesmo assim, o autor ressalta que o caso foi tratado mais como uma suspeita de homicídio, antecipando a linha de pesquisa da polícia. “Pela fama dos envolvidos, a notícia da morte de Veras foi publicada com destaque – chamada na primeira página quase inteira da editoria Rio” (DAPIEVE, 2007, p. 152).

A partir de sua análise, o autor traz como uma de suas conclusões que o tratamento que *O Globo* confere ao tema não se correlaciona, como em outros assuntos, às convicções pessoais de cada jornalista do veículo ou mesmo da chefia. “Elas tendem a se fundir e de certa forma se anular numa outra convicção, ou melhor, na percepção do que seria a convicção do jornal” (DAPIEVE, 2007, p. 158). Essa percepção, que teria sido influenciada pela opinião da maioria dos leitores, seria, segundo o autor, a de que o suicídio deva ser tratado com mais cuidado do que acontece em outros temas, por se tratar

de um assunto que exporia a dificuldade em lidar com a finitude da vida. Ou seja, Dapieve (2007) argumenta que, como a mídia reproduz visões de mundo da sociedade em que está inserida, a cobertura do suicídio na imprensa acaba também por espelhar o modo como a morte voluntária é vista socialmente:

É razoável supor que o procedimento recalcado da imprensa frente ao suicídio reflita o mal-estar de toda a nossa sociedade diante da morte voluntária. Porque, mais do que os próprios jornalistas, os suicídios levantam questões demais. Questões perturbadoras demais, como aquela proposta por Camus: “Julgar se a vida merece ou não ser vivida”, contudo, não é tão-somente “responder a uma questão fundamental da filosofia”. É ter de admitir que, para um número considerável de pessoas, a resposta é não (DAPIEVE, 2007, p. 169).

Voltando ao recorte de período dos últimos cinco anos, identificou-se o artigo “Suicídio na mídia semanal” (MORAES, 2013). O corpus de pesquisa de Moraes foi composto por 151 matérias da revista semanal *Veja* entre 1996 e 2010, com o objetivo de analisar de que forma a cobertura da temática é feita pela revista – publicação de maior circulação no Brasil, com média superior a um milhão de exemplares por semana, segundo a própria editora²⁰ e, conforme Moraes, à época do estudo, quarta revista semanal de informação no *ranking* mundial de circulação. A autora queria ainda entender se a cobertura seguia as recomendações feitas por órgãos de saúde. De acordo com Moraes (2013), a coleta das informações foi feita pela Internet, sendo que 773 edições da publicação foram analisadas no período mencionado.

Na primeira etapa da pesquisa, Moraes (2013) pontua que foram elencadas dez entrevistas nas páginas amarelas de *Veja*, assim como 18 matérias de capa, cinco colunas, uma carta de leitor e duas páginas de publicidade. Em um segundo momento, as matérias foram agrupadas por subdivisões do tema, como: prevenção, tentativa, idealização, homicídio seguido de suicídio, motivação cultural, religiosa, política, econômica, doenças etc. Por fim, a análise buscou observar se os textos seguiram as recomendações da Comissão de Prevenção de Suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A seguir foram tecidas algumas considerações trazidas pelo trabalho. Em relação às tentativas de suicídio, Moraes (2013, p. 6) afirma: “os homicídios seguidos de suicídios são sempre destaques na mídia. Quanto mais gente envolvida no caso, mais atenção

²⁰ Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-revista-de-maior-circulacao-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 10 set. 2018.

recebe da imprensa e do público”. Outro fator para publicação do assunto com destaque diz respeito ao status social dos envolvidos.

Um caso que teve destaque na *Veja*, com duas matérias de capa, foi a morte de Suzana Marcolino que, supostamente, se suicidou após matar Paulo César Farias, ex-assessor do presidente Collor, com um tiro, no dia em que PC prometeu abandoná-la. As matérias apresentaram diversas fotos dos corpos e detalhes do ambiente da tragédia. (*VEJA*, 03 jul. 1996, p.32-50 e *VEJA*, 07 ago. 1996, p.32-38) (MORAES, 2013, p. 6).

O noticiário sobre suicídios de pessoas famosas compôs 15 matérias, sendo quatro referentes a celebridades brasileiras. Como conclusão, Moraes (2013) trouxe a constatação de que ficou evidente que o suicídio de pessoas famosas é sempre notícia. Na sequência, notou-se destaque também das mortes voluntárias precedidas por homicídio. “O suicídio, tal como foi publicado, na maioria das vezes, não estava enquadrado nas sugestões da ABP e foi objeto de sensacionalismo” (MORAES, 2013, p. 12). As reportagens expuseram detalhes sobre as tentativas e os suicídios propriamente ditos. Em contato com o corpus de pesquisa, Moraes (2013, p. 12) identificou ainda que poucas matérias abordavam o suicídio assistido e a eutanásia, “talvez por falta de conteúdo substancial ou por ser um problema na nossa cultura”. Para a autora, o suicídio ainda é um problema para a imprensa e, em particular, para a publicação *Veja*, com base no corpus de pesquisa analisado. “Basta ler os resumos apresentados para constatar a inadequação do texto, das ilustrações, do destaque editorial dado ao tema e dos ‘chapéus’ que rotulam essas matérias como ‘crime’ e ‘polícia’” (MORAES, 2013, p. 12).

Em “O Suicídio como fato noticiável: análise da cobertura do caso Yoñlu”, Ferreira e Ramalho (2013) trazem o resultado da análise de conteúdo de três reportagens publicadas nas revistas *Capricho*, *Época* e *Rolling Stone* sobre o caso Yoñlu, também com a intenção de verificar se seguiam as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Vinicius Gageiro Marques, também conhecido como Yoñlu, foi um músico brasileiro que morreu por suicídio em 2006, aos 16 anos. O ato, explicado em uma carta deixada aos pais, foi compartilhado ao vivo com um grupo na Internet que não só o incentivou como também lhe deu conselhos sobre o melhor método. Em 2008, foi lançado um disco póstumo com uma coletânea de demos²¹ gravadas pelo adolescente.

²¹ “Fita cassete com conteúdo musical, seguido de arranjo, enviada a gravadoras para avaliação” (MICHAELIS, 2018).

A reportagem “Cartas a Vinícius (1989-2006)”, na *Revista Capricho*, foi publicada devido ao lançamento do CD póstumo. Segundo Ferreira e Ramalho (2013), o texto traz detalhes sobre a vida e a morte de Vinícius e seus problemas psicológicos e levanta hipóteses para suscitar a reflexão entre os leitores. A matéria “Suicídio.com”, na *Revista Época*, foi dedicada quase exclusivamente a tratar da “Tragédia” (como indica o chapéu da matéria).

O texto traz o caso de Yoñlu como “mais um” nas estatísticas. São apresentados outros casos de jovens em todo o mundo que foram buscar, na internet, informações sobre suicídio e métodos, além do caso de outros brasileiros incentivados - quase sempre por *bullying* - a tirarem a própria vida. Diferentemente dos outros dois veículos, *Época* priorizou o acontecimento, o suicídio e seus desdobramentos, a história de Yoñlu e o lançamento do CD póstumo (FERREIRA; RAMALHO, 2013, p. 8).

O texto “Canções para viver mais”, na *Revista Rolling Stone*, teve como foco o lançamento do CD, que ocorreria à época da publicação. Porém, para isso, foi necessário abordar as condições em que ocorreu o suicídio e a relação do músico com a Internet (seus amigos virtuais e os fóruns dos quais fazia parte). A análise de conteúdo dos autores se baseou em dez itens estabelecidos no Manual da OMS, divididos em duas categorias, com cinco pontos cada um. Dentro de cada subitem foi verificado o cumprimento em um de três critérios: “atende totalmente”, “atende parcialmente” e “não atende”. Os itens observados, segundo o manual, são: o que fazer; o que não fazer; dados relevantes; informações sobre ajuda disponível; fontes de informação confiáveis; indicadores de riscos/sinais de alerta e consequências. No tópico “O que não fazer” foram analisadas as recomendações com relação ao que não deve ser feito ao longo da produção de uma matéria; entre elas: não publicar fotos do falecido ou cartas de suicídio; não dar detalhes específicos do método utilizado; não glorificar o morto ou abordar o fato com sensacionalismo; não dar explicações simplistas ao fato e não reforçar estereótipos religiosos ou culturais.

Entre as conclusões, Ferreira e Ramalho (2013), com base na análise das três reportagens, destacaram que nenhuma atendeu completamente às sugestões feitas pelo manual da OMS. Dos dez itens analisados, a matéria “Canções para viver mais”, da *Rolling Stone*, foi a que mais se aproximou, sendo avaliada em seis itens como tendo atendido totalmente (60%) ao proposto. Também teve o menor número de itens atendidos parcialmente, com apenas um (10%). Dentro da avaliação, três itens foram percebidos como não atendendo à proposta (30%).

No caminho oposto, a matéria “Suicídio.com”, da *Época*, foi a que menos se aproximou das recomendações, tendo sido quatro vezes (40%) considerada como não atendendo ao proposto; sendo que apenas um dos itens foi considerado totalmente atendido (10%), durante a análise. Tanto a matéria da *Época* quanto a da *Capricho* tiveram cinco itens (50%) marcados como atendidos parcialmente. A matéria da revista *Capricho* teve, ainda, três itens avaliados em atendidos totalmente (30%) e dois “não atende” (20%).

Ao todo, foram trinta pontos analisados (dez em cada matéria), resultando em 33% de itens que atenderam totalmente ao que foi proposto pelo manual, 40% que atenderam parcialmente e 27% que não atenderam. Assim, percebe-se que, embora o manual nem sempre seja de conhecimento dos profissionais da imprensa, algumas informações acabam passando pelo crivo do bom senso pessoal do jornalista, o que diminui alguns riscos de esbarrar no sensacionalismo. Ainda assim, alguns itens como a utilização de fotos do suicida, mesmo que não relacionadas à morte, ou reprodução de trechos da carta de suicídio, ainda fazem parte das publicações, contrariando as orientações da OMS (FERREIRA; RAMALHO, 2013, p. 18).

De forma mais contemporânea, o trabalho “O suicídio de Chris Cornell através da óptica do *fait divers*” (CRUZ; PIRES, 2017), a partir do conceito de *fait divers*, amparado pelo sociólogo francês Roland Barthes (BARTHES, 1964), investiga um corpus composto por duas matérias (agência de notícias Associated Press e jornal *The New York Times*) sobre a morte, no dia 17 de maio de 2017, do cantor Chris Cornell, considerado um dos fundadores do movimento grunge e conhecido como vocalista das bandas Soundgarden, Temple of the Dog e Audioslave.

Como *fait divers*, Cruz e Pires (2017) entendem os fatos diversos, como as notícias que cobrem escândalos, curiosidades e casos fora do comum, sendo um dos primeiros recursos editoriais, na história da imprensa, usados para chamar a atenção da audiência. Os autores analisam as matérias de acordo com seus elementos noticiosos, como títulos e primeiros parágrafos, e estudam a maneira como a pauta é tratada, especialmente no caso de uma celebridade. Aliado a esse estudo, trabalham ainda com o conceito de sensacionalismo, adotando a obra de Angrimani (1995) para o explicar: “a definição de dicionário para o termo se dá por uma conjectura exagerada do conteúdo, a qual busca usar elementos que espantam, assustam, impactam” (CRUZ; PIRES, 2017, p. 44).

A reportagem do *The New York Times* traz o título “Chris Cornell, Soundgarden and Audioslave Frontman, Dies at 52” (“Chris Cornell, líder das bandas Soundgarden e Audioslave, morre aos 52 anos”, na tradução literal) enquanto a reportagem da Associated

Press escreve “Lauded rocker Chris Cornell killed himself by hanging” (“Rockeiro famoso Chris Cornell se mata por enforcamento”, na tradução literal). Segundo os autores, assume-se que as matérias terão acesso de uma parcela da audiência apenas por conter o nome do artista nos títulos.

Como conclusões, os autores, a partir da análise das reportagens, afirmam que há uma omissão por parte da mídia em falar do suicídio e das vítimas. As reportagens discorrem, prioritariamente, sobre a carreira do músico, em vez de tratar de seu sofrimento e de possíveis formas de prevenção. “Destá forma, deixa de ser ‘o suicídio de Chris Cornell’ e passa se tornar ‘a carreira do músico, recém falecido, Chris Cornell’”. (CRUZ; PIRES, 2017, p. 55). Sendo assim, concluem que os elementos categorizados por Barthes, a partir do conceito de *fait divers*, acabam se manifestando na condução discursiva das matérias e, por isso, segundo os autores, falta compromisso jornalístico de informar.

Filho e Monari (2018) analisam a série *13 Reasons Why* (Netflix) e a relação com a imprensa no artigo “13 Reasons Why: o debate sobre o suicídio à tona na mídia brasileira”. O artigo buscou investigar a problemática na mídia brasileira a partir de uma observação direta de três portais de notícia (*BBC*, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*), por meio de um estudo exploratório sobre a série norte-americana, lançada no dia 31 de março de 2017, pela plataforma de streaming Netflix. Para conduzir o estudo, os autores utilizaram os conceitos divulgados pelo documento *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*, da OMS.

Segundos os autores, a série fomentou um debate público sobre o suicídio e desencadeou uma série de notícias sobre o tema. Além disso, afirmam que o programa ficou conhecido por desrespeitar algumas recomendações defendidas pela OMS de como tratar o assunto, como o fato da protagonista (que morreu por suicídio) não ter buscado ajuda profissional de um psicólogo ou psiquiatra; mostrar a cena e o método utilizado pela vítima; e mostrar possíveis razões pelas quais a protagonista tomou a decisão, entre outros fatores. Para a análise, os autores levaram em consideração reportagens dos três portais selecionados desde o lançamento da série, no dia 31 de março de 2017, até 11 de agosto de 2017.

Duas das publicações analisadas (*Folha de S.Paulo* e *BBC*) apontaram que, graças ao sucesso da série, os números de pesquisas sobre o tema, bem como os métodos utilizados para cometer suicídio, apresentaram aumento nas buscas da plataforma de pesquisa Google. *O Estado de S. Paulo*, por outro lado, trouxe

que o debate pode, e deve, ocorrer dentro de casa, entre pais e filhos (FILHO; MONARI, 2018, p 12).

Entre as conclusões, os autores ressaltam que as notícias analisadas apontam que a série resgatou o debate sobre suicídio, assunto que, por vezes, fica restrito aos meses de janeiro e setembro, quando a mídia anuncia e propaga as campanhas Janeiro Branco e Setembro Amarelo²². As reportagens mostraram ainda que a série aumentou a pesquisa no site de buscas Google sobre a prevenção, questão de saúde pública. No entanto, afirmam que: “houve, porém, o crescimento de pesquisas sobre métodos para se matar, o que reforça as preocupações destacadas pelo manual de que, se não forem tratadas de forma adequada, a veiculação dos casos pode desencadear em novas ocorrências” (FILHO; MONARI, 2018, p. 15).

Por fim, e mais recente, a dissertação “Por quê? Uma análise dos discursos sobre suicídio no jornalismo diário” (Santos, 2019)²³, analisa os discursos resultantes da cobertura jornalística sobre o suicídio, indicando os pontos que são abordados ou ignorados em torno da morte voluntária, além de compreender a existência ou não de um padrão de abordagem no noticiário. Para isso, opta pela metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD) a partir da catalogação do material referente ao ano de 2017 do jornal impresso *Folha de S. Paulo*.

Em um primeiro momento, Santos (2019) estabelece um panorama quantitativo do material jornalístico e, para isso, indica as seguintes informações: a data de publicação, as editorias, a página e o título do conteúdo. A fim de obter um parâmetro sobre a presença da temática no conteúdo publicado pelo veículo, a autora fez um levantamento por década de 1960 em diante, sendo que, na atual década (2010), levou em consideração até o dia 30 de setembro de 2018, utilizando a palavra-chave suicídio.

O resultado mostra-nos que a palavra e, provavelmente, o assunto sempre estiveram presentes no conteúdo do respectivo jornal. Também é possível identificar algumas sazonalidades. A década de 1960 aparece a menor quantidade de vezes que a palavra foi usada. Ao mesmo tempo, nas décadas de 1970 e 1980 as quantidades são próximas. Verificamos ainda que houve uma queda considerável na década dos anos 2000, recuperando quase o patamar dos

²² A campanha Janeiro Branco é dedicada à conscientização e à prevenção em relação à Saúde Mental, iniciativa concebida por psicólogos e estudantes em parceria com todos os demais profissionais do universo da saúde. Disponível em: <https://janeirobranco.com.br>. A campanha Setembro Amarelo é uma atividade brasileira de prevenção ao suicídio, iniciada em 2015. É uma iniciativa do Centro de Valorização da Vida (CVV), do Conselho Federal de Medicina (CFM) e da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Disponível em: www.setembroamarelo.org.br/.

²³ Agradecimento à autora pelo envio do PDF da dissertação, em maio de 2019, quando ainda não estava disponível online no banco de dissertações e teses.

anos 1960, seguida por uma alta representativa após 2010. Apesar de ainda ser um dado parcial, a década atual, que não está completa, tem 384% mais vezes a palavra suicídio do que no período anterior (SANTOS, 2019, p. 78).

Sendo assim, a autora indica que, apesar do tabu, o assunto nunca deixou de ser noticiado no jornal. Especificamente em seu corpus de pesquisa, Santos (2019) obteve 253 conteúdos, sendo 130 textos do gênero informativo e 123 do opinativo. Na etapa seguinte, analisou os materiais que se enquadravam no gênero informativo, porém apenas os que estavam dentro do contexto proposto, excluindo quando a palavra foi usada no sentido figurativo ou político, somando, então, 96 matérias.

A partir das categorias criadas, Santos (2019) traça inferências. De acordo com a autora, as reportagens sobre os casos de suicídio seguem basicamente um padrão: “No primeiro momento, há a apresentação das pessoas envolvidas e sua devida posição social, além das indicações do tipo de morte” (SANTOS, 2019, p. 90). Outros elementos presentes são o detalhamento do método utilizado pela pessoa que morreu por suicídio; a busca por justificativas para tais atos; frequência de fontes e explicações de origem policial; e a necessidade da confirmação que o caso, de fato, foi um suicídio.

Identificamos basicamente algumas situações. A primeira é que, normalmente, as ocorrências de suicídio receberam atenção da mídia porque extrapolaram uma questão pessoal e individual. Assim, estavam relacionados a outra característica externa, como envolvendo homicídios, seguido de suicídio; ocorreram em lugares diferenciados, como um hotel de luxo; ou são pessoas com cargos relevantes na sociedade ou personalidades. Especificamente nos casos de suicídios ocorridos após homicídios, o destaque é maior pelo contexto e pela vítima morta, tendo como princípio que ela não queria morrer, do que propriamente do suicida em si (SANTOS, 2019, p. 94).

Santos (2019) constatou, também, que a temática do suicídio e automutilação de jovens recebeu intenso destaque na mídia, principalmente devido ao impacto causado pela série ficcional *13 Reasons Why*, produzida pela Netflix, e pelo desafio da Baleia Azul. “Podemos considerar que esses dois episódios representam um marco ao dar visibilidade para um assunto pouco, para não dizer, até aquele momento, inexistente na mídia: o suicídio de jovens” (SANTOS, 2019, p. 99). Conforme destacado anteriormente, a autora também enfatiza que o suicídio de personalidades e artistas recebe atenção especial da mídia. Porém, por ser um conteúdo relacionado ao meio artístico, em que há curiosidade por parte do público do que acontece nos bastidores e na vida privada dos artistas, a “relação entre estado emocional [dos artistas] e produção aparece com maior destaque nas reportagens” (SANTOS, 2019, p. 109).

Para a autora, entre todos os discursos, o enfoque mais importante, quando se aborda o suicídio, deve ser o de saúde pública. Além disso, “o discurso de que a sociedade, no seu conjunto inteiro, também é responsável pelo suicídio, mesmo que esse seja um ato individual, está presente, apesar de não aparecer como protagonista na discussão” (SANTOS, 2019, p. 115). De maneira geral, e de forma conclusiva, destaca que:

O discurso sobre o suicídio não é único e, muitas vezes, é controverso. Aprofundando a análise proposta, ao noticiar os casos de suicídio, a imprensa não segue as recomendações indicadas pelas entidades de saúde, como não buscar uma justificativa para o ato, uma vez que se trata de uma situação complexa e a morte, propriamente dita, é apenas o gesto final desse indivíduo. Nessa tentativa, rompe-se ainda com a questão ética, de preservar a vida privada e não transformar o episódio em sensacionalismo (SANTOS, 2019, p. 117).

A partir do discurso, Santos (2019, p. 118) conclui que o “discurso jornalístico ainda compreende o suicídio como uma situação individual e pontual, tendo dificuldade de abordá-lo de maneira mais ampla e dentro do seu contexto social”. Há similaridade entre o objetivo traçado por Santos (2019) e o desta presente pesquisa, sendo o trabalho acadêmico que mais se aproxima desta dissertação. Como diferenças, ressalta-se o recorte do corpus de pesquisa, uma vez que este trabalho analisa somente notícias sobre o suicídio de cidadãos anônimos, excluindo, portanto, demais conteúdos relacionados à temática do suicídio, bem como os veículos escolhidos para análise, a metodologia e o projeto de intervenção prática. Como será visto nos capítulos seguintes, o relato do suicídio do anônimo revela outros critérios de valor-notícia e noticiabilidade além dos mencionados pela dissertação de Santos (2019).

Assim, neste tópico, foram analisados estudos acadêmicos recentes que abordam, por meio de diferentes vieses e recortes, a relação do suicídio com a imprensa. Identificou-se na maioria dos casos a preocupação em analisar de que forma o fenômeno é representado nas reportagens jornalísticas. Nesse sentido, as análises caminham a fim de observar se os textos seguem as recomendações definidas pelo manual da Organização Mundial da Saúde (OMS). Os autores analisam a forma pelas quais as narrativas são conduzidas, elementos utilizados e omitidos e as escolhas feitas pelos jornalistas, no sentido de refletir sobre a representação do suicídio que transparece nas reportagens.

Com exceção do estudo proposto por Dapieve (2007) e, de forma mais atual, por Santos (2019), notou-se que os autores não se voltam para o conceito de noticiabilidade e para os motivos e critérios que levam o suicídio a se tornar notícia na imprensa. Além

disso, os trabalhos tratam do assunto de forma abrangente ou por meio do recorte de fatos e/ou indivíduos específicos (e icônicos), como o caso Yoñlu, o suicídio do cantor Chris Cornell e a série *13 Reasons Why*, ou seja, que ganharam certa visibilidade. Em nenhum deles foi encontrado o recorte oposto: a análise do suicídio dos anônimos, o que justifica a análise proposta neste trabalho. Para a realização da análise em questão, será abordado o conceito de noticiabilidade no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2: NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO

2.1. Revisão do conceito: critérios de noticiabilidade

A proposta central deste trabalho busca responder à pergunta: *quando o suicídio de um cidadão anônimo se torna notícia na cobertura da imprensa, que critérios de noticiabilidade permeiam essa decisão e qual debate o jornalismo propõe nessa cobertura?* Anterior à análise empírica que contribui na busca por respostas, se faz importante entender o processo de tratamento dos fatos e como esses se tornam notícia. Para esta pesquisa, especificamente, a revisão dos critérios de noticiabilidade auxilia na compreensão dos motivos que fazem com que o suicídio de um cidadão anônimo se torne notícia nos veículos de comunicação.

O conceito de noticiabilidade se debruça a responder por que alguns acontecimentos, dentre tantos, alcançam visibilidade midiática e se tornam acontecimentos jornalísticos. Silva (2018) o compreende como:

Uma combinação complexa de forças ou fatores potencialmente capazes de agir no processo da produção da notícia, desde características do acontecimento, julgamentos pessoais e habilidades do jornalista, relação dos repórteres com as fontes, qualidade do material apurado e tratado (imagem, som e texto), prazo e linha editorial, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia no mercado (econômicas, tecnológicas e políticas editoriais), relação do veículo noticioso com a publicidade, negociações com públicos e audiências (circulação e recepção), questões éticas e ideológicas das decisões editoriais, cultura profissional da categoria e ainda circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas de uma determinada sociedade (SILVA, 2018, p. 317).

Tendo como ponto de partida tal entendimento, três principais instâncias afetam os critérios: na “origem dos fatos”, no “tratamento dos fatos” e na “visão dos fatos”. A primeira traz o conceito de valor-notícia, a ser aprofundado posteriormente ainda neste capítulo, que são os atributos próprios ou características do fato. A segunda passa pelo acontecimento tratado jornalisticamente, o que envolve apurar, narrar, hierarquizar, editar e publicar o fato passando a fatores extra-organizacionais, como a relação do jornalista com fontes e públicos. A terceira envolve conceitos considerados mais abstratos e característicos do campo, tais como ética, verdade, imparcialidade, interesse público etc. “Na prática da produção noticiosa, todos esses critérios variados de noticiabilidade atuam concomitantemente” (SILVA, 2005, p. 96).

O conceito de noticiabilidade foi analisado ao longo da história por meio de diferentes formulações teóricas. Silva (2014), amparado pela classificação feita pelo sociólogo norte-americano Herbert Gans (2004), pontua as teorias sobre a origem das notícias em quatro principais grupos. O primeiro se volta aos próprios jornalistas e à ideia de que a formatação do conteúdo noticioso resulta essencialmente no julgamento subjetivo dos profissionais da área. Parte deste grupo encontra-se no estudo sobre a dinâmica de seleção de notícias feita por David Manning White (1950) em que se originou a teoria do *gatekeeping* (ver mais no subtópico “Reflexões sobre *gatekeeping* e *gatewatching*”).

O segundo grupo enfatiza as rotinas de produções dos veículos de comunicação e de que forma a seleção de notícias é influenciada por fatores organizacionais. Nesse sentido, algumas teorias evidenciam os imperativos comerciais enquanto outras se preocupam com a organização das empresas. Fazem parte desse grupo a análise de Warren Breed (1960) sobre o processo de controle social na redação sob a perspectiva da conservação da linha editorial e política dos meios de comunicação refletidos na seleção de notícias e o estudo de Leon Sigal (1973) sobre os eventuais procedimentos operacionais compartilhados pelos profissionais no processo de captação de notícias. Ainda no tratamento dos fatos, Silva (2014) pontua outros constrangimentos mais práticos em relação à produção de notícias para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, como os fatores inseridos dentro da própria organização, dentre eles formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infraestrutura e tamanho de equipes, tecnologia disponível etc. Além deles, Gaye Tuchman (1973) conceitua a objetividade como um ritual estratégico praticado pelos jornalistas como uma forma de proteção de sua atividade.

O terceiro grupo fundamenta-se na natureza dos eventos noticiáveis. Conforme argumenta Silva (2014), também conhecido como “Teoria do Espelho”, o grupo parte da ideia de que as notícias são como são porque a realidade assim as determina, ou seja, as notícias seriam o espelho da sociedade e o jornalista surge com a tarefa de refleti-las à audiência. “Bastante datado, esse tipo de abordagem tem sido foco de críticas e caído progressivamente em desuso desde o final dos anos 60 devido às fragilidades de suas premissas” (GANS apud SILVA, 2014, p. 28).

Por fim, o quarto grupo explicita o processo de seleção de notícias a partir de forças externas às organizações jornalísticas. Alguns exemplos, conforme pontua Silva (2014, p. 28), “provêm de análises que vinculam o tratamento noticioso de determinadas

temáticas ao *lobby* direto de grupos de interesse ou pressões de grandes anunciantes num modelo de jornalismo substancialmente capitalista”. Dentro do contexto, encontra-se o estudo feito por Kevin Swisher e Stephen Reese no início da década de 1990 sobre a influência da indústria tabagista norte-americana na cobertura de notícias relacionadas ao consumo de cigarros.

Todos os quatro grupos, levando em consideração seus méritos e deficiências, atuam no sentido de responder o que leva um acontecimento, em detrimento de outro, receber o estatuto de notícia. Neste estudo, busca-se entender quais são os critérios que levam o suicídio de um cidadão anônimo a ser noticiado ao passo que outros não são.

Silva (2014, p. 75) afirma que a existência de distintas percepções sobre a noticiabilidade explica-se pela maneira como as próprias realidades sociais diferem-se entre si, ou seja, o conceito deve ser interpretado com base nos diferentes fatores que compõem a realidade social de um indivíduo. A explicação se apoia também na compreensão de que a notícia é uma construção social (Silva, 2005). Tal compreensão se fundamenta no paradigma construcionista, isto é, como resultado de um processo envolvendo diversos agentes. Diferente, portanto, da “Teoria do Espelho”.

Franciscato (2014), ao discorrer sobre os avanços e limitações do conceito, traz a reflexão de que “os critérios de noticiabilidade conservam sua característica básica de ser um recurso redutor de classificação da realidade por meio da acentuação de aspectos isolados de um fato” (FRANCISCATO, 2014, p. 87). Assim, o autor defende que os critérios de noticiabilidade têm sido descritos como um recurso operativo de reconhecimento e nomeação dos fenômenos, por parte dos jornalistas, para que seja possível a construção dos relatos noticiosos e, do outro lado, por parte da sociedade “que identifica estes relatos a partir de uma órbita de expectativas prévias que possui a respeito de quais conteúdos seriam aceitos como noticiosos” (FRANCISCATO, 2014, p. 99).

A perspectiva se afilia à compreensão: “as ‘notícias’ são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL *ET AL.* apud SILVA, 2018, p. 316). Conforme sintetizam Silva e França (2017), o jornalismo é entendido como uma atividade comunicacional que se distingue por três eixos: a relação com o real, a natureza de seu produto (no caso, a informação) e a ancoragem no interesse público (ver mais no subtópico “A noção de interesse público no jornalismo”). A teorização acerca desses eixos, ressaltam as autoras, não é consensual, mas se baseia na

ideia de que o jornalismo deve ser compreendido e, ao mesmo tempo, ajuda a compreender a própria sociedade.

Seguindo, ainda, o pensamento, Silva e França (2017), com base na reflexão de Loius Quéré (2012), destacam que o acontecimento possui duas vidas. A primeira reflete a sua dimensão sensível, o fato na sua empiricidade que nos atinge e afeta. A segunda diz respeito ao acontecimento enquanto objeto, transformado pela linguagem. As autoras compreendem que o jornalismo constitui essa segunda vida, sendo que ele constrói a narrativa do acontecimento, sem ignorar, assim, os fatores de diferentes ordens que fazem parte do processo.

A informação enquanto matéria-prima, a notícia enquanto tratamento das informações constituem, portanto, um aspecto central que distingue e conforma uma “linguagem” do jornalismo – destacando que não podemos tomá-la enquanto dinâmica imanente, mas resultado dos embates do mundo, dos valores culturais, da intersubjetividade construída pela comunidade de jornalistas (TUCHMAN apud SILVA; FRANÇA, 2017, s.p.²⁴).

Complementar às autoras no entendimento da notícia como uma produção cultural mais abrangente, Silva (2014) destaca que essa compreensão passa a envolver tanto a seleção dos acontecimentos jornalísticos quanto a construção de sua narrativa. A abordagem cultural, conforme compreende Shudson (apud SILVA, 2014, p. 129), ajuda a explicitar “os estereótipos e imagens generalizadas que transcendem as estruturas de propriedade ou mesmo os padrões das relações de trabalho”. Sendo assim, uma notícia, supostamente, deve responder às questões “quem”, “o que”, “quando”, “onde” e “por que” de um determinado assunto. Ou seja, o entendimento de uma notícia como cultura passa pelo questionamento do que as pessoas consideram como “quem”, quais tipos configuram “o que”, quais geografias ou sentidos de tempo são inscritos como “onde” ou “quando” e “o que” pode ser uma explicação de “por que” (SHUDSON apud SILVA, 2014, p. 129).

O conceito de valor-notícia surge como uma das instâncias dos critérios de noticiabilidade e parte da articulação entre o que merece ou não ser transformado em notícia. Para Silva (2018, p. 23), “a ideia central por trás do conceito de valores-notícia continua sendo a percepção de que há características/atributos de determinados acontecimentos que os fazem ter mais ou menos peso noticioso”. Seguindo a autora, eles

²⁴ Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1398/948>. Acesso em: 21 jan. 2019.

não atuam de forma isolada, e sim agem em todo o processo de produção da informação jornalística.

Historicamente relevante no processo de seleção de notícias, a tese “De Relationibus Novellis”, sobre os “Relatos Jornalísticos”, do alemão Tobias Peucer, datada de 1690, é considerada o primeiro texto a abordar a ideia de noticiabilidade no mundo ocidental. Apesar de não se referir diretamente aos valores-notícia, Peucer cria parâmetros do que deveria ou não ser tratado como notícia em tal momento histórico, tais como: coisas acontecidas recentemente, fatos históricos, temas de interesse cívico, catástrofes e o que se passa com pessoas ilustres (SOUSA apud SILVA, 2014, p. 33).

Foram, no entanto, os pesquisadores dinamarqueses Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965) os pioneiros ao apresentar uma sistematização formal de valores-notícia na década de 1960. Conforme explica Silva (2014), a análise surgiu a partir do estudo sobre a cobertura de três crises internacionais (Congo, Cuba e Chipre) em jornais estrangeiros. Os autores compreendem a comunicação noticiosa como uma cadeia, sendo iniciada a partir dos acontecimentos caóticos do mundo e encerrada na imagem pessoal produzida pelo receptor. Sendo assim, a etapa inicial seria o processo de percepção, a seleção e a construção de uma imagem dos acontecimentos pelos veículos de comunicação. A partir dos estudos, propuseram uma listagem de doze fatores (quatro deles com subdivisões) para a noticiabilidade:

F1: Frequência; F2: Amplitude; F2.1: Intensidade absoluta; F2.2: Aumento de intensidade; F3: Inequivocidade; F4: Significância; F4.1: Proximidade cultural; F4.2: Relevância; F5: Consonância; F5.1: Predicabilidade; F5.2: Exigência; F6: Imprevisibilidade; F6.1: Impredicabilidade; F6.2: Escassez; F7: Continuidade; F8: Composição; F9: Referência a nações de elite; F10: Referência a pessoas de elite; F11: Referência a pessoas; F12: Referência a algo negativo (GALTUNG & RUGE apud SILVA, 2014, p. 35).

Para os autores, há diversas inter-relações entre os fatores, essas que possibilitam a formulação de três argumentos: (1) quanto mais os acontecimentos satisfazem os critérios mencionados, maior probabilidade terão de ser registrados como notícias (seleção); (2) logo que uma notícia é selecionada, o que a torna noticiável, de acordo com os fatores, será salientado (distorção); e (3) tanto o processo de seleção como o de distorção terão lugar em todas as fases da cadeia, desde o acontecimento até o leitor (repercussão) (GALTUNG & RUGE apud SILVA, 2014, p. 35).

Inspirados em uma perspectiva matemática, os autores criam a hipótese de que quanto mais fatores existentes em um acontecimento, maior será a probabilidade dele se

tornar notícia. Porém, ele não precisa, necessariamente, apresentar os doze fatores para ganhar destaque em um veículo de comunicação. Nesse sentido, não basta apenas selecionar, entre tantos, um acontecimento que será notícia. Posteriormente, será necessário escolher novamente quais deles merecem entrar nas chamadas dos meios de comunicação, como ocupar a primeira página de um jornal. Ou seja, além de escolher, é preciso hierarquizar.

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público.(...) Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos (WOLF apud SILVA, 2005, p. 99).

Conforme completa Silva (2005), apesar de atuarem em diferentes momentos, desde a seleção primária até a hierárquica, os valores-notícia devem ser definidos como as qualidades dos eventos e não “da sua construção jornalística”. Nesse sentido, diversos pesquisadores, ao longo dos anos, buscaram as similaridades de qualidades que tornam os acontecimentos em notícia. A partir dos levantamentos feitos por Nelson Traquina, Mauro Wolf e Michael Kunczik e de textos de autores brasileiros como Manuel Carlos Chaparro, Mário Erbolato e Nilson Lage, Silva (2005) esquematiza diversos elencos de valores-notícia na tabela abaixo.

Tabela 1: Autores/ elencos de valores-notícia

| |
|--|
| Stieler: novidade, proximidade geográfica, proeminência e negativismo. |
| Lippman: clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal. |
| Bond: referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que provoca indignação (injustiça); grandes perdas de vida ou bens (catástrofe); consequências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grande quantia de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato (crime/violência). |
| Galtung e Ruge: frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo. |
| Golding-Elliot: drama, visual atrativo, entretenimento, importância, proximidade, brevidade, negativismo, atualidade, elites, famosos. |

| |
|---|
| Gans: importância, interesse, novidade, qualidade, equilíbrio. |
| Warren: atualidade, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e consequências |
| Hetherington: importância, drama, surpresa, famosos, escândalo sexual/crime, número de pessoas envolvidas, proximidade, visual bonito/atrativo. |
| Shoemaker <i>et al.</i> : oportunidade, proximidade, importância/impacto, consequência, interesse, conflito /polêmica, controvérsia, sensacionalismo, proeminência, novidade/curiosidade/raro. |
| Wolf: importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas, relevância quanto à evolução futura. |
| Erbolato: proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura/conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial, oportunidade, dinheiro, expectativa/suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas/ invenções, repercussão, confidências. |

Fonte: Silva (2005, p. 62)

2.2. Reflexões sobre *gatekeeping* e *gatewaching*

Um dos pontos de partida nas reflexões sobre seleção de notícias parte do conceito de *gatekeeping*. O clássico estudo sobre a dinâmica de seleção de notícias, conduzido por David Manning White (1950 *in* Traquina, 1999), foi um marco para o conceito. A análise empírica levou o autor a intitular como *gatekeeping*²⁵ o processo de escolha dos acontecimentos noticiosos. Ao passo que outros pesquisadores, como o já mencionado trabalho de Warren Breed (1960), concentram seus estudos na organização jornalística, White foca especificamente nas decisões individuais tomadas pelos jornalistas.

A investigação de White se baseia no caso de um editor específico, a quem chama ficcionalmente de *Mr. Gates*²⁶, um jornalista de aproximadamente quarenta anos de idade, com 25 anos de experiência na profissão e que atua na cidade de Midwest, nos Estados Unidos. Diariamente, o *Mr. Gates* tem a missão de selecionar, entre milhares de notícias que chegam de agências, as que seriam publicadas no jornal.

White buscou entender os motivos que faziam *Mr. Gates* selecionar ou rejeitar os artigos fornecidos pelas agências. Com base nas rejeições, passou a compreender que a comunicação de notícias é subjetiva e depende de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do *gatekeeper*. Neste caso específico, durante um período de sete

²⁵ O termo *gatekeeper* tem sido traduzido de muitas formas: porteiro, guarda-cancela, guarda-barreira e selecionador.

²⁶ *Mr. Gates* foi o pseudônimo adotado por White ao personagem em uma alusão à palavra *gate*, em inglês, portão.

dias, White acompanhou os motivos de rejeição do profissional. Segundo o autor (*in* Traquina, 1999), alguns dos motivos foram: sem interesse (61), já há demasiado sobre o assunto (54), mal escrita/ aborrecida (51), trivial (29), demasiado vago (26), entre outros.

Por fim, White solicita que o personagem esclareça alguns pontos sobre o processo de seleção e rejeição de notícias. Segundo *Mr. Gates*, a categoria da notícia entra claramente no processo de escolha. Nesse sentido, uma notícia sobre crime incluirá uma advertência, do mesmo modo a que aborda um acidente. As de interesse humano promovem compaixão e incitam vários tipos de comportamento e são essas, segundo ele, as notícias de sua preferência. Em relação ao estilo de escrita, preza-se a clareza, brevidade e ponto de vista. A noção de *gatekeeping* evoluiu para uma abordagem mais ampla dos estudos, envolvendo toda a organização jornalística, e não apenas a subjetividade do profissional. Para Bruns (2014), as noções de *gatekeeping* surgem como uma necessidade prática:

Os jornais impressos e os noticiários na rádio e na televisão nunca poderiam oferecer mais que uma seleção redigida com muito aperto das notícias do dia; as avaliações de quais eram as matérias mais importantes para o conhecimento das audiências (isto é, quais eram as matérias que poderiam ser comprimidas para caber no espaço total disponível para conteúdo noticioso na publicação ou na transmissão pela rádio ou TV) tinham que ser feitas. Essas decisões eram especialmente críticas, em uma época em que o número total de publicações noticiosas em uma esfera de mídia regional ou nacional – o espaço total disponível para a indústria jornalística – estava também rigidamente limitado: quando apenas um pequeno grupo de jornais ou noticiários servia a audiência interessada. A escassez de canais não apenas justifica as práticas de *gatekeeping* em si, mas exige também um escrutínio especial destas práticas: o poder e a influência dos editores sobre a pauta das notícias são inversamente proporcionais ao número de canais noticiosos disponíveis (BRUNS, 2014, p. 226-227).

Segundo o autor, a prática pode ser distinguida em três etapas: entrada, produção e resposta. Na primeira, os jornalistas pré-selecionam as matérias que acreditam merecer investigação e cobertura. Na segunda, os editores selecionam, diante do total de matérias produzidas pelos jornalistas e repórteres, aquelas que julgam ter maior importância para as suas audiências, que couberem no espaço disponível dentro dos veículos e as que estiverem incluídas nas áreas gerais de notícias das quais se espera que a publicação faça a cobertura (como política, economia, esportes etc). Por fim, a terceira etapa prevê uma pequena seleção das respostas da audiência que são escolhidas para inclusão no jornal do dia seguinte ou para transmissão no ar.

Para Bruns (2014), as escolhas de *gatekeeping* continuam sendo parte do trabalho e decisões do jornalista, sendo que as audiências recebem, de forma não muito aprofundada, a maneira como esses processos ocorrem em uma tentativa de mostrar ao público como funciona o jornalismo. Porém, a multiplicação de canais disponíveis para a publicação e divulgação de notícias fora da indústria de comunicação convencional, principalmente com o surgimento da Internet, e o desenvolvimento de modelos colaborativos que incentivam a participação e criação de conteúdo por parte dos usuários desafiam as práticas de *gatekeeping* cedendo espaço para o que pesquisadoras alcunham de *gatematching*: “esses usuários ativos podem atualmente compartilhar com outros aquilo que observam enquanto estão observando, através de uma ampla gama de plataformas” (BRUNS, 2014, p. 229). Esse modelo pode ser entendido como uma curadoria colaborativa das notícias pelas comunidades de usuários, esses que encontram, compartilham e comentam os conteúdos que possuem valor como notícia em seus pontos de vista. As plataformas das mídias sociais, como Facebook e Twitter, tornam o processo de compartilhamento ainda mais rápido.

Diante dessa perspectiva, Silva (2018), ao discorrer sobre os critérios de noticiabilidade e, parte deles, o conceito de valor-notícia, sugere agregar novos valores-notícia surgidos no ambiente online, como “mais compartilhados” e “mais comentados”. Essa perspectiva contempla analisar os valores-notícia para os acontecimentos quando estão em circulação na sociedade, mas, conforme destaca a autora, com o cuidado de não confundir valores-notícia com outros valores sociais, principalmente ligados às temáticas dos acontecimentos, pois esses demandam análises de discurso, estudos de enquadramento, de representações sociais e culturais etc.

Sobre a reflexão, Seixas (2018) cita um novo critério sugerido por Harcup; O’Neill (2016) denominado *Shearability* (“Condição de ser Compartilhado”, em uma tradução literal), como uma associação entre interesse do público-alvo e potencialidade do evento em circular enquanto informação. A noção parte dos compartilhamentos e comentários nas redes sociais: “a potencialidade de circulação influenciaria a escolha da notícia e seu nível de destaque” (SEIXAS, 2018, p. 349).

Segundo Bruns (2014), atualmente os jornalistas fazem parte de numerosos grupos sociais envolvidos com as notícias e audiências. Por isso, os profissionais precisam mostrar o valor agregado de sua atividade aos usuários das notícias diante de um cenário de abundância de informações e canais em que a mídia *mainstream* não fornece mais o único, ou mais importante, espaço para a discussão pública das notícias e

eventos. “As organizações noticiosas poderão continuar controlando a agenda das notícias nas suas próprias publicações, mas é improvável que fomentem mais alguma vez o debate público por todo este ambiente complexo e multifacetado da mídia” (BRUNS, 2014, p. 244). Todas as mudanças, segundo Bruns (2014), implicam em criar um equilíbrio na geração de conteúdo em um espaço descentralizado. Como o trabalho não ocorre mais em isolamento, mas tem de ser feito à vista, e, inclusive, com cooperação dos usuários, “o jornalismo se tornou uma atividade com participação da massa” (BRUNS, 2014, p. 244).

Feita tal constatação, reflete-se sobre o objetivo desta dissertação. Se o jornalismo se tornou uma atividade com participação da massa, será que essa massa, por meio de diferentes plataformas digitais, está compartilhando e, inclusive, gerando conteúdo sobre a temática suicídio? Sendo assim, ao transformar o suicídio de um cidadão anônimo em notícia, estariam os jornalistas buscando ocupar o espaço de *gatekeeping* e, conseqüentemente, modelar a compreensão da audiência sobre o modo de funcionamento do mundo, ou seja, uma informação que atravessa o portão e que se torna, então, parte da realidade social das pessoas (SHOEMAKER; VOS, 2016)?. Ao tornar o suicídio um acontecimento jornalístico, estariam os profissionais preocupados em levar o assunto para o debate público e, assim, cientes de uma responsabilidade cívica de que, como uma questão de saúde pública, é seu dever não silenciar o tema?

Conforme mencionado no capítulo anterior, a publicação *Prevenção do suicídio: um Manual para Profissionais da Mídia* (2000), organizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), destaca que “o relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas” (OMS, 2000, p. 5). Ao mesmo tempo, elenca diversos fatores e recomendações aos profissionais da imprensa, como a de que “a cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. Deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado” (OMS, 2000, p. 6).

A indagação deste trabalho, ao trazer a reflexão acima e, posteriormente, ao analisar os critérios que levam os jornalistas a tornarem o suicídio de um cidadão anônimo notícia, é se os profissionais possuem uma preocupação pedagógica em relação à cobertura. Vizeu (2009) acredita existir dois aspectos importantes do método Paulo Freire para se pensar o jornalismo como uma forma de conhecimento: a problematização e o diálogo. De acordo com o autor, o fazer jornalístico é um “estar em diálogo”. Para o autor,

o jornalismo se legitima como o lugar de “poder mostrar”, de “poder dizer” e de “poder analisar”. Os jornalistas buscam “organizar o mundo” com o intuito de torná-lo mais compreensível. Neste caso, seria o de tornar um assunto tabu na sociedade, e consecutivamente na imprensa, compreensível.

2.3. A morte como valor-notícia

Ao trazer os estudos de noticiabilidade e, conseqüentemente, de valor-notícia, os pesquisadores se voltam ao desvio como um padrão clássico que leva um acontecimento a se tornar notícia. Nesse sentido, conforme introduz Silva (2014), o conceito possui uma relação próxima com a ideia do inaudito. Apoiado no entendimento de Pamela Shoemaker (1996), Silva (2014, p. 117) destaca que o desvio pode ser compreendido em outras três instâncias teóricas: o desvio estatístico (eventos excêntricos ou não-usuais, ou ainda por configurarem realizações ou acidentes acima ou abaixo da média); o desvio normativo (relativo à violação e à elaboração de leis e regras manifestas ou latentes) e o desvio de mudança social (que incluem elementos supostamente rompedores da estabilidade de um dado sistema social – embora diga respeito a aspectos que vão de contextos restritos a conjunturas mais abrangentes).

O capítulo anterior deste estudo destaca que a morte quebra o curso natural do mundo e questiona bases morais da sociedade. Quando essa morte em questão se refere ao suicídio, ganha um peso ainda maior. O presente trabalho contextualiza a percepção sobre a morte ao decorrer da história e a tentativa de afastá-la do convívio social e, especificamente sobre o suicídio, o tabu criado diante da questão. Ao mesmo tempo, há a contradição ao passo que ambos se tornam notícia. Se são assuntos “temidos”, qual o motivo da atração da mídia pelo tema?

Para Traquina (2005), a morte surge como um dos principais valores-notícia. “Onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p. 79). De acordo com Silva (2012, p. 468): “os acontecimentos de morte, por mais variados que sejam, não escapam ao apelo da emoção diante do enigma do morrer ou diante do esforço em compreender a morte, seja para negá-la, aceitá-la, condená-la, etc”.

Diferentes pesquisadores estudaram a relação entre mídia e morte. Mouillaud (apud Silva, 2012) divide os tipos de mortes retratados nas notícias, como os mortos acidentais, os privados e/ou públicos, dos obituários, dos conflitos, de guerras e revoluções. O grande morto válido por seu próprio nome *versus* aqueles anônimos mortos

em acidentes, tomados por sua grandeza numérica (MOUILLAUD, 2002). Ao estudar sobre anúncios fúnebres nos jornais, Issler (2004) entrevistou sessenta jornalistas sobre o valor-notícia morte e, como resposta, afirma que “a morte é pauta em função de quem morre e de como morre” (ISSLER, 2004).

Citado por ambos, o valor-notícia notoriedade, em destaque quando o acontecimento é uma morte, ganha demasiado peso noticioso. Portanto, diz respeito ao ator principal da notícia e sua importância hierárquica na sociedade. Para Traquina (2005), tal valor é considerado como pré-requisito para que a morte se torne notícia e ocupe espaço nos meios de comunicação. Nesta dissertação, conforme destacado, interessa entender os critérios de noticiabilidade que levam o suicídio se tornar notícia quando o valor notoriedade não se faz presente, porém aborda esse valor para que seja possível mostrar as nuances e diferenças de tratamento com o objetivo desta pesquisa: o cidadão anônimo.

Curiosamente a morte dos anônimos – normalmente identificados apenas por gênero ou profissão nas manchetes – passa a ser a partilha comum da sociedade como um todo. Ao olhar para si mesma, ao falar de si no espelho do ambiente midiático, a morte desfila e nos lembra da finitude, do fim. Um viés ocorre, muitas vezes, nas mortes de celebridades. Nesse aspecto, quando uma figura conhecida no país ou no mundo morre, a morte ganha status. Ela passa a ser um acontecimento midiático digno de todo o espetáculo possível de ser ofertado pela mídia (PORTARI, 2016, p. 103).

Simões (2017), ao analisar a morte de algumas figuras públicas na sociedade contemporânea, enfatiza o poder de afetação dos acontecimentos na vida das pessoas. “Ao mesmo tempo em que iluminam questões e desvelam problemas de uma sociedade, os acontecimentos também podem encobrir outros, negligenciando temáticas que podem ser problemáticas em determinado contexto” (SIMÕES, 2017, p. 73). Sobre o suicídio e o seu poder de afetação, o autor pontua que o assunto pode ser percebido de maneiras diferentes. Como exemplo, traz o suicídio do autor e diretor Walmor Chagas, ocorrido em 2013, como uma “morte esperada”, pelo histórico de sua saúde. Em contrapartida, o suicídio do ator Robin Williams, em 2014, segundo Simões (2017), surpreendeu, principalmente, pela carreira consolidada do artista e pelo seu histórico como humorista.

Melo e Marinho (2017) afirmam que a morte, enquanto acontecimento, está regularmente presente nos meios de comunicação sob diferentes ângulos, motivos e graus de notoriedade. Sobre esse último atributo, as autoras ressaltam que os cidadãos anônimos são notícia apenas se as mortes aconteceram no espaço público ou com contornos que

justificam a noticiabilidade (circunstâncias pouco habituais). Complementar ao debate, Carvalho (2017) acredita que a morte de pessoas anônimas aparece em narrativas a partir do momento que adquire uma repercussão pública: “uma pessoa anônima que tenha morrido, por exemplo, em decorrência de uma doença, dificilmente ganhará os noticiários” (CARVALHO, 2017, p. 251).

Pautado pelas teorias do jornalismo e critérios de noticiabilidade, Portari (2016) acredita que as explicações mais lógicas seriam que a morte como um acontecimento jornalístico implica na ruptura com o cotidiano, especialmente quando o ato está atrelado a situações de violência ou tragédias. Sendo assim, surgem os valores da “novidade”, “imprevisibilidade”, “hierarquia social” ou da “raridade”. Ao mesmo tempo, seguindo a reflexão proposta por Tavares (apud Portari, 2016), o autor destaca que as notícias sobre a morte possuem certa dualidade quando são acontecimentos considerados “inusitados” e que possuem um caráter de surpresa, ou seja, é a morte que assusta. Em contrapartida, alguns acontecimentos podem ser considerados “comuns”, sejam mortes naturais ou não: “a morte cotidiana que abunda as páginas do jornal é, ela mesma, uma morte comum, que assim se torna, pela maneira como o jornal a faz, repetidamente, ordinária” (TAVARES apud PORTARI, 2016, p. 93).

Tavares (apud Portari, 2016) questiona qual discussão o jornalismo se propõe a fazer – ou que omite – quando torna a morte notícia. Por exemplo, a morte que aparece nos jornais marcada pela violência, pelo tráfico ou pelo choque, de acordo com o autor, envolve um processo de leitura sobre o mundo cujo anonimato das vítimas ou sua dimensão “comum”, de pessoas ordinárias da vida cotidiana, não coloca em evidência as particularidades que cercam a própria vítima, e sim o fato da morte em si. Por outro lado, há reportagens sobre vítimas de violência que incluem dados biográficos, como número de filhos, reconhecimento profissional, hobbies, como uma forma de qualificar a perda. Em casos de suicídio, essas características particulares da vida das vítimas podem voltar ao primeiro plano. Como já evidenciado pelo valor-notícia notoriedade, isso ocorre quando se trata da morte de uma pessoa pública, essa que é trabalhada e pensada no âmbito de sua singularidade (ou pela tentativa de alcançá-la).

Oliveira-Cruz (2008) complementa a reflexão. Segundo a autora, a circunstância do falecimento, a participação social do falecido e a reivindicação do poder na sociedade são aspectos que se mostram importantes para que um fato se transforme em um acontecimento jornalístico. Voltando às análises sobre a morte midiática de Marialva Barbosa (2004), Oliveira-Cruz afirma que as construções discursivas se alteram

dependendo dos personagens e das circunstâncias. Novamente, enfatiza a importância dada às personalidades públicas e a característica dramática atribuída ao discurso midiático. Já a “morte indiferente”, atribuída por Barbosa (2004), encontra o pensamento de Tavares (2012), em que discorre sobre a morte banalizada pela violência, fruto de uma guerra urbana ou mesmo de desigualdade social. Na visão da autora, os meios de comunicação, nesse caso, se importam com o espetáculo da brutalidade, e não com a morte em si.

Nos falecidos anônimos, vítimas da violência banal, a sua ressignificação, elaborada através da enunciação de sua morte no discurso midiático, está justamente na sua desqualificação enquanto sujeito a partir da naturalização da ocorrência - que pode transformá-lo, muitas vezes, na expressão numérica do fenômeno que lhe tirou a vida: a violência. Nos casos de vítimas da violência, o que está sendo representado não é a morte em si, e nem mesmo o morto, mas a tragédia, a criminalidade (OLIVEIRA-CRUZ, 2008, p. 156).

Faz-se importante situar que toda e qualquer atividade jornalística fala para uma audiência (GUERRA, 2014). Sendo assim, os profissionais levam em consideração a expectativa de quem irá receber a mensagem. Segundo Jean Chalaby, essa adequação entre o produto e a expectativa da audiência é uma descoberta fundamental do jornalismo moderno. Cresceu, assim, a atenção ao “presumido interesse do leitor”. “Os valores-notícia funcionam, portanto, como idealizações do espectador real” (GUERRA, 2014, p. 43). De acordo com o autor, as expectativas da audiência, dentro do aspecto de valor-notícia, tornam-se os valores-notícia de referência. Ao longo dos estudos de noticiabilidade, este trabalho ressaltou o de “proximidade” e “distância” ao abordar a morte como acontecimento.

Segundo Franciscato (2014), o lugar em que um jornal circula orienta a definição e adoção de valores noticiosos. Sendo assim, os profissionais podem inferir o que seja um atributo relevante dentre os interesses de seus leitores. “O espaço constitui um ambiente de relações, particularmente sociais e culturais que constroem referência de localização do indivíduo numa situação concreta” (FRANCISCATO, 2014, p. 106). Especificamente sobre a decisão de transformar a morte em notícia, utilizando a anedota criada por Ginneken (1998, p. 23-24): “dez mil mortes em outro continente são iguais a mil mortes em outro país, que são iguais a cem mortes em um lugar distante, que são iguais a dez mortes no centro da capital, que são iguais a morte de uma celebridade”.

A distância geográfica faz parte do entendimento de proximidade. Porém, conforme pontua Fontcuberta (1993), citada por Fernandes (2014), essa proximidade

também é social e psicológica. A autora separa, então, a proximidade em duas dimensões: a temática e a geográfica. A primeira supre a necessidade de grupos que visam trocar informações e possuem afinidades em comum. A segunda diz respeito à proximidade espacial, inserida de modo direto no cotidiano dos indivíduos.

Ainda sobre o local da morte, especificamente do suicídio, Marquetti (2012), ao estudar a essência transgressora da morte voluntária, diferencia os casos ocorridos em espaços públicos (nos interstícios da cidade); e os em espaços privados (nos interstícios das residências). A autora, que opta por analisar os suicídios em espaços públicos, destaca que, em sua hipótese de trabalho, esses se relacionam com a metrópole através da tríade “cenário-cena-espectadores”, tornando, assim, “um espetáculo que é elaborado pela cidade e que posteriormente se apresenta a ela” (MARQUETTI, 2012, p. 35). Sobre o espetáculo suicida na metrópole, a autora faz duas indagações: O que é o espetáculo para a pessoa que morre por suicídio? O que é o espetáculo para os espectadores?

Em relação à primeira pergunta, o objeto da cena é a própria cena. Assim, a cena do suicídio toma o lugar do sujeito, será a imagem veiculada e que invadirá o domínio privado dos espectadores (MARQUETTI, 2012). Sobre a segunda, a autora supõe que a cena seja o elemento que se introduz na vida cotidiana, rompendo a distância entre público e privado. “Assim sendo, a cena suicida anula o próprio suicídio, ela torna-se mais relevante que o próprio ato” (MARQUETTI, 2012, p. 46).

Como parte da análise, Marquetti (2012) buscou traçar um panorama das representações dos suicídios públicos ocorridos no município de São Paulo no ano de 1995. O mapeamento do suicídio por local de ocorrência foi elaborado com os dados do Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade (PRO-AIM). Os casos de suicídio ocorridos em vias públicas no município de São Paulo, no ano do levantamento, foram 43, dos 511 casos de óbito por suicídio, sendo que 213 foram registrados em residências; 212 em hospitais; 39 em outros locais e 4 em local ignorado²⁷.

O intuito ao trazer a pesquisa de Marquetti (2012) é jogar luz aos casos de suicídio em locais públicos e se, ao transformar o suicídio em um acontecimento jornalístico, os profissionais priorizam o local do ato, ou seja, se os suicídios em locais públicos possuem

²⁷ Marquetti (2012) chama atenção para certas incertezas em relação aos números. Em vários locais de ocorrências de suicídios públicos em que realizou visitas e entrevistas, os entrevistados afirmaram que havia ocorrido um número ainda maior de casos do que os dados oficiais haviam informado. “A influência da subjetividade num tema como o suicídio parece conduzir a objetividade dos registros e da quantificação para um espaço lacunar onde predomina a imprecisão” (MARQUETTI, 2012, p. 120).

maior valor noticioso em comparação com os ocorridos em locais privados. Essa será uma das categorias estipuladas nesta pesquisa na análise de conteúdo.

A notícia, como mencionado ao longo deste capítulo, é pensada como uma construção social. “O jornalismo faz com que a morte, ao ser narrativizada, passe por uma série de relações que vão para além das questões de ‘subjetividade’ do autor e ‘objetividade’ do fazer jornalístico” (PORTARI, 2016, p. 95). Nesse sentido, o tema passa a ser debatido, questionado e pensado. A morte, ao ser noticiada, pode nos colocar diante de diferentes reflexões – desde a própria finitude da vida a questões mais amplas, como segurança pública. O jornalista, então, como mediador entre interpretar e construir certa realidade percebida – nesse sentido, leva-se em consideração toda a discussão já proposta tendo em mente que esse processo envolve diferentes fatores – se apoiou, desde os primórdios da profissão, em tornar notícia o que é de interesse público, elemento que contribuiu na legitimação da atividade.

2.4. A noção de interesse público no jornalismo

O conceito de interesse público surge como um princípio normativo da atividade e um dos critérios de noticiabilidade. Como uma atividade comunicacional, Silva e França (2017) o entendem como um dos eixos que sustentam a profissão. Essa ancoragem compreende que o jornalismo deve se apoiar no que, supostamente, é pertinente ao coletivo, àquilo que é de utilidade e que é importante ao conjunto da sociedade. De forma teórica, “o jornalismo se justifica porque serve ao interesse público, fundamenta a opinião pública, atende ao bem comum. E está em sintonia com os valores democráticos, com a liberdade de opinião, com a realização do debate público” (SILVA; FRANÇA, 2017, s.p.).

De acordo com Sartor (2016), autor da tese “A Noção de Interesse Público no Jornalismo”, em um primeiro momento, o interesse público parece ter o significado acima de forma bastante clara, porém, trata-se de um tema que envolve contradições e disputas teóricas. Como ponto de partida, ressalta ser possível dizer que o interesse público constitui um ideal normativo e comporta a ideia de que há um bem coletivo para além dos interesses de cada indivíduo.

Embora não se possa determinar com clareza: “a noção mantém sua força discursiva e normativa em diversos campos sociais e, particularmente, no campo do jornalismo” (SARTOR, 2016, p. 23). Como um valor referencial que concede identidade

e legitimidade ao jornalismo, o conceito incide como um dos critérios básicos nas escolhas que o profissional precisa fazer, cotidianamente, ao produzir a notícia.

Essas escolhas consistem em decidir quais são as ocorrências a serem noticiadas, quais são as fontes a serem ouvidas, qual o destaque ou espaço a ser atribuído para cada notícia e qual o quadro de sentidos em que devem ser emoldurados os fatos que constituem o referente do relato noticioso. Assim, pode-se dizer que, de modo mais ou menos consciente, os jornalistas atribuem sentidos à noção de interesse público (e à ideia do que seja representar, servir ou defender o interesse público) que lhes permitem simultaneamente identificarem-se com um grupo profissional, justificarem a importância de seu trabalho perante a sociedade e fazerem escolhas nos processos de produção noticiosa (SARTOR, 2016, p. 22).

No campo jornalístico, o interesse público surge como um fator identitário, legitimador, normativo e um dos critérios de noticiabilidade – levando em consideração que todas as instâncias estão interligadas e atuam conjuntamente. Sartor (2016) lembra que, historicamente, a noção de interesse público se estabeleceu a partir dos processos que sedimentaram a ideia de imprensa livre como elemento crucial em uma democracia. Com as lutas da burguesia europeia contra regimes absolutistas a partir do século XVIII, a imprensa conquistou legitimidade para que se tornasse uma espécie de guardião do amplo acesso a informações de interesse geral e para garantir a constituição de uma esfera pública (HABERMAS, 2003).

E é nesse momento histórico que a noção de interesse público começa a ser incorporada ao repertório discursivo das organizações e dos sujeitos envolvidos com a produção informativa. Ao conferir visibilidade às questões concernentes aos cidadãos, fomentar o debate crítico e aberto sobre temas de relevo político e exercer papel de fiscalização dos agentes públicos e das instâncias de poder, o jornalismo foi demarcando seu lugar identitário e justificando sua existência e importância para as sociedades democráticas (SARTOR, 2016, p. 25).

Uma questão basilar para o conceito de democracia, bem como para a noção de interesse público, é a relação público-privado. A discussão se torna fundamental também para o entendimento do jornalismo, sendo que a produção informativa “rompe a esfera dos laços de intimidade da vida privada e se torna passível de circular socialmente com base num ‘uso público’ desse conteúdo pela sociedade” (FRANCISCATO apud SARTOR, 2016, p. 84). Tal discussão se torna central também neste trabalho, pois as reportagens sobre o suicídio de cidadãos anônimos representam um fenômeno que se coloca na fronteira entre o público e o privado.

Historicamente, a concepção dos dois polos se desenvolveu, para as sociedades ocidentais, a partir da experiência da cidade-estado grega, denominada *polis*, na antiguidade. De acordo com Sartor (2016), voltando aos estudos de Arendt (1981), para os gregos antigos o privado englobava a vida doméstica e laboral, enquanto o público consistia no reino da política (do discurso e ação). Além do discurso, o termo público implicava a ideia de visibilidade e, aliada à concepção, a noção de relevância. Ou seja, iria à público o que fosse digno de ser visto ou ouvido e que, sendo assim, o irrelevante se tornaria assunto privado. “Tanto a ideia de visibilidade quanto a ideia de relevância, constituintes da noção de público desde a Grécia Antiga, são fundamentais para o debate sobre interesse público no jornalismo” (SARTOR, 2016, p. 86).

Da crescente intervenção do governo nas questões de mercado, a partir do século XIX, até o surgimento das mídias eletrônicas – com destaque no investimento no espetáculo e no entretenimento – Sartor (2016) afirma que, embora tenham sido praticamente preservados até a contemporaneidade, os limites que separam as concepções de público e privado não permaneceram imutáveis ao longo da história.

A ética jornalística se baseia na não omissão de assuntos de interesse público pelo princípio do acesso à informação, assim como no respeito à privacidade, pelo resguardo de informações da intimidade de alguém e que não possuam relevância coletiva. Segundo o *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, o jornalista deve “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão” (FENAJ, 2007, Art. 6, VIII).

Voltando ao tema central desta pesquisa, a Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que o suicídio é atualmente um problema de saúde pública, sendo uma das três principais causas de morte entre pessoas de 15 a 44 anos e a segunda entre as de 10 a 24 anos. A cada ano, aproximadamente um milhão de pessoas tira a própria vida, o que representa uma morte a cada 40 segundos. O Brasil tem cerca de 10 mil registros anuais²⁸.

Os dados contribuem para a noção do suicídio como uma questão de saúde pública e, sendo assim, reflete o coletivo e o interesse público. Nesse sentido, infere-se que a imprensa deve exercer sua função social ao noticiá-lo. Em contato com esta pesquisa, no entanto, foi constatado que a cobertura com esse intuito não se faz sempre presente, ou seja, parece se render à curiosidade e/ou ao registro de fatos excepcionais do drama humano. Sendo assim, condições individuais e assuntos de domínio particular também

²⁸ Informação disponível em: <http://radioagencianacional.ebc.com.br/geral/audio/2017-04/suicidio-e-uma-das-duas-principais-causas-de-morte-entre-pessoas-de-10-24-anos>. Acesso em: 15 jun. 2019.

são fatores determinantes para a compreensão do suicídio, o que levanta a dicotomia entre público e privado.

Outra discussão presente no conceito é a diferenciação entre interesse público e interesse do público. Sartor (2016) explica que o interesse público funciona como um “elemento simbólico agregador”. Nessa perspectiva, o público possui um interesse compartilhado: “esse desejo coletivo de expor e discutir certos temas ou fatos que concernem à coletividade é o que provoca as iniciativas voltadas ao esclarecimento, à crítica e ao debate entre os cidadãos” (SARTOR, 2016, p. 102). Como exemplo, cita que educação, saúde, política, economia, meio ambiente, bem como greves em serviços essenciais, descobertas científicas relevantes, escândalos de corrupção etc, são temas de interesse público na atualidade. Mesmo que sejam interpretados de maneiras distintas, são objetos de visibilidade e discussão na esfera pública.

Os diversos atores da esfera pública (organizações públicas e privadas, movimentos sociais, grupos organizados da sociedade civil, mídias, jornalismo) não atuam como divulgadores neutros de temas e fatos que são “naturalmente” de interesse público, mas, antes, como participantes ativos no processo de constituição do caráter público desses temas e acontecimentos, à medida em que os tornam visíveis no espaço público e conferem a eles um estatuto de relevância (SARTOR, 2016, p. 122).

Ao passo que a notícia adquire um caráter mercadológico, desde que o modelo de imprensa informativa se estabeleceu, Silva apud Sartor (2016, p. 124) salienta que os meios de comunicação visam suprir a “necessidade de saber” e o “desejo de saber”, ou seja, informações que permeiam as preocupações privadas das pessoas e às relacionadas ao entretenimento (fatos curiosos, histórias sobre a vida privada de celebridades, amenidades, acontecimentos dramáticos etc). Essa realidade se refere ao “interesse do público”, sendo esse público, em questão, cidadãos que se tornam consumidores e recebem produtos feitos sob medida. Partindo da teoria para a prática, Sartor (2016, p. 125) acredita que “tais noções (interesse público *versus* interesse do público, relevante *versus* interessante) estão muitas vezes imbricadas numa dinâmica de articulação, deslizamento ou sobreposição”.

Complementar às reflexões, Silva e França (2017) acreditam que acontecimentos cujas consequências se restringem às pessoas diretamente envolvidas na ação são privados. Porém, ao atingir outros indivíduos para além daqueles que as praticaram e, principalmente, ao afetar o bem-estar de um número significativo de cidadãos, assumem uma dimensão pública. “Interesse público, em decorrência, diz respeito às consequências

(desejáveis ou indesejáveis) de certas ações ou acontecimentos que incidem numa sociedade ou parte considerável dela” (SILVA; FRANÇA, 2017, s.p.).

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1. Análise de Conteúdo: o método

Este capítulo, primeiramente, discorre sobre a teoria metodológica da Análise de Conteúdo com base na obra de Laurence Bardin (1977), em seguida apresenta os veículos de comunicação que compõem a amostra de análise desta pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e a composição das categorias de análise.

A partir da pergunta central desta pesquisa e o que ela se propõe a descobrir, a análise de conteúdo, amparada pelos conceitos de Laurence Bardin (1977), foi o procedimento adotado na metodologia. Para a autora, a análise de conteúdo busca, prioritariamente, responder a dois objetivos: a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura.

Para Bardin, “estes dois polos, desejo de rigor e necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências, expressam as linhas de força do seu desenvolvimento histórico e o aperfeiçoamento que, atualmente, ainda a faz oscilar entre duas tendências” (1977, p. 29). A autora acredita que a metodologia possui duas funções que, na prática, podem ou não se dissociar, sendo elas: função heurística (enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta) e função de administração da prova (hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes). Na prática, as duas funções podem coexistir de maneira complementar.

De acordo com Bardin (1977), trata-se de um método empírico dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. “A descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 34). Sendo assim, é um tratamento da informação contido na mensagem. Conforme explica a autora, o método pode ser uma análise dos significados (a exemplo da análise temática), bem como uma análise dos significantes (léxica, dos procedimentos).

Cronologicamente, como primeiro tipo de análise, Bardin (1977) cita a categorial, essa que “pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 1977, p. 36-37). O método traz o conceito das categorias, espécie de “gavetas” que permitem a classificação dos diferentes elementos de significação constitutivas da mensagem. “A intenção da análise de conteúdo é a inferência

de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 38).

Diante do tratamento das mensagens, a função do analista é inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio. Sendo assim, a descrição, listagem das características do texto após seu tratamento, surge como a primeira etapa necessária do método, sendo que a interpretação e a significação concedida às características como a última.

Entre as duas etapas, a autora ressalta a inferência como o procedimento intermediário. Bardin (1977, p. 39) pontua que as inferências (ou deduções lógicas) visam responder a dois tipos de problemas: “o que é que conduziu a um determinado enunciado e quais as consequências que um determinado enunciado vai provavelmente provocar?”. Enquanto a primeira pergunta diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem, a segunda vislumbra os possíveis efeitos das mensagens.

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de «desocultação», responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura «normal» do leigo, é ser agente duplo, detective, espião (BARDIN, 1977, p. 9).

Bardin (1977) organiza o método em três fases (ou polos cronológicos, conforme denomina). São eles: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados (a inferência e a interpretação). Será discorrido, a partir da obra da autora, sobre cada uma das etapas da organização. Conforme explica Bardin (1977, p. 95), a pré-análise é a fase de organização e busca “sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. Geralmente, essa etapa contempla três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Os fatores não são seguidos, obrigatoriamente, de uma ordem cronológica, embora estejam diretamente relacionados uns aos outros.

A leitura flutuante é a fase que contempla o primeiro contato com os documentos a serem analisados, deixando que o analista seja “invadido” por impressões e orientações. Na sequência, a escolha dos documentos compreende a demarcação dos documentos de

análise. O universo demarcado comumente procede-se à constituição de um corpus, ou seja, conjunto dos documentos a serem submetidos aos procedimentos analíticos. Conforme conceitua Bardin (1977), escolhas, seleções e regras permeiam essa etapa: (i) exaustividade, sugere-se esgotar todo o assunto sem omissão de nenhuma parte; (ii) representatividade, preocupa-se com amostras que representem o universo inicial; (iii) homogeneidade, nesse caso os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem coletados por meio de técnicas iguais e indivíduos semelhantes; (iv) pertinência, é necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa.

A etapa de formulação das hipóteses e dos objetivos refere-se a esses dois conceitos, ao passo que a hipótese é considerada uma afirmação provisória que se propõe a verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise e o objetivo é a finalidade geral “a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados” (BARDIN, 1977, p. 99). A partir disso, a autora sugere a referência dos índices e a elaboração de indicadores, por exemplo o índice pode ser a menção explícita de um tema em uma mensagem. Antes da análise propriamente dita, a autora afirma que o material reunido deve ser preparado (preparação material) e, eventualmente, deve ser acompanhado por uma preparação formal (edição).

A segunda fase da organização da análise de conteúdo, a exploração do material, sucede a fase da pré-análise. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1977, p. 101). A terceira fase refere-se ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Diante deste cenário, operações estatísticas, das simples às mais complexas, podem contribuir com as informações fornecidas pela análise. “O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 1977, p. 101).

Conforme pontua a autora, há um elo entre os dados do texto e a teoria do analista, ou seja, tratar o material implica em codificá-lo, sendo essa a etapa de codificação. Bardin (1977) a explica como um processo de transformação dos dados brutos do texto em uma representação do conteúdo. A organização da codificação compreende três escolhas (no caso de uma análise quantitativa e categorial), sendo elas: o recorte: (i) escolha das unidades; (ii) a enumeração: escolha das regras de contagem; e (iii) a classificação e a agregação: escolha das categorias.

Em linhas gerais, a unidade de registro “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 1977, p. 104). Segundo a autora, as unidades podem ser de natureza e dimensões variáveis, entre as mais comuns estão: a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e o documento.

Outro tipo de unidade é a de contexto que, conforme conceitua Bardin (1977, p. 107), “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro”. A unidade de contexto seria, por exemplo, a frase para a palavra (unidade de registro).

A enumeração refere-se ao modo de contagem. Segundo Bardin (1977), há diferentes tipos de enumerações, como a presença (ou ausência); a frequência; a frequência ponderada; a intensidade; a direção; a ordem e a co-ocorrência.

Qualquer escolha de uma regra (ou de várias regras) de enumeração, assenta numa hipótese de correspondência entre a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação da manifestação da linguagem e a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação de variáveis inferidas, não linguísticas. É conveniente procurar-se a correspondência mais pertinente (BARDIN, 1977, p. 113).

Bardin (1977) discorre sobre as diferenças entre a abordagem quantitativa e qualitativa. Enquanto a primeira mira na frequência de aparição de certos elementos na mensagem, a qualitativa permite inferências a partir da presença ou ausência de elementos. Em síntese, na análise qualitativa a inferência, quando realizada, é fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc) e não sobre a frequência de sua aparição.

Mesmo não sendo obrigatória, a etapa de categorização, conforme delimita Bardin (1977), tem como principal objetivo uma representação simplificada dos dados brutos. Definida como um processo estruturalista, comporta duas etapas: o inventário (isolar elementos) e a classificação (repartir os elementos, ou seja, organizar as mensagens). Nesse sentido, a criação de categorias implica na classificação do que os elementos têm em comum.

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na

categoria «ansiedade», enquanto que os que significam a descontração, ficam agrupados sob o título conceptual «descontração»), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinónimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem) (BARDIN, 1977, 117-118).

Ao realizar a interpretação dos dados, Bardin afirma ser necessário retornar ao referencial teórico, procurando embasar as análises para que seja possível oferecer sentido à interpretação. Segundo Urquiza e Andrade (2016, p. 143), a metodologia da análise de conteúdo possui uma complexidade que “exige do pesquisador um aprofundamento ou uma imersão tanto no corpus a ser estudado quanto no referencial teórico, visto que lhe servirá de base para as interpretações e para as inferências”.

3.2. *GI* e *UOL*: corpus de pesquisa

Neste subtópico, detalha-se os procedimentos metodológicos deste estudo. A fase de pré-análise implica na escolha dos documentos a serem estudados com base nos objetivos de pesquisa (descritos na introdução desta dissertação). Foi escolhido a seleção de matérias jornalísticas sobre a temática nos veículos *GI* e *UOL* durante o período de seis meses (31 de março de 2017 a 30 de setembro de 2017).

A escolha dos portais de notícia foi feita devido ao alcance e audiência²⁹ de ambos e por agregarem, em suas plataformas, outros braços de comunicação. O *UOL* abriga notícias de outros veículos, por exemplo do jornal *Folha de S.Paulo* e do canal de TV Band. O *GI* é um portal de notícias com capilaridade nacional por meio de suas equipes locais e da rede de afiliadas do Grupo Globo.

A abrangência foi também um fator determinante na escolha de ambos os veículos. Ao acoplar conteúdos de outras plataformas, de diferentes praças, consegue-se abarcar conteúdos de diferentes regiões do Brasil e ampliar o corpus de pesquisa deste trabalho, no sentido de torná-lo mais diversificado e podendo, assim, refletir se certos valores-notícia, como o marco geográfico, se caracterizam como um elemento importante na análise de conteúdo.

Como a recuperação histórica dos portais *GI* e *UOL* não é o foco deste trabalho, e sim as reportagens que fazem parte do corpus de pesquisa, não será prolongada essa

²⁹ Segundo levantamento da empresa comScore, de abril de 2018, *Globo* e *UOL* são os dois portais brasileiros de maior audiência. O *Globo* aparece com 91,724 milhões de acessos mensais (apenas no *GI* são 25.8 milhões de visitantes únicos), e o *UOL*, com 90,432 milhões. Informação disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Rankings-do-Mercado>. Acesso em: 10 set. 2018.

questão. O portal *GI* é um produto do Grupo Globo. Lançado em 18 de setembro de 2006, o portal de notícias substituiu o antigo *GloboNews.com*, criado em 2001. Hospedado na *Globo.com*, o *GI* segue orientação da direção de Jornalismo e Esportes da Globo³⁰. O portal oferece acesso ao conteúdo de jornalismo da *Rede Globo*, *GloboNews*, das rádios *Globo* e *CBN*, dos jornais *O Globo* e *Extra*, das revistas *Época*, *Globo Rural*, *Galileu*, *GQ*, *Marie Claire*, entre outras, além de serviços de agências de notícias nacionais e internacionais. Além de cinco redações nas emissoras *Globo* situadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Recife, o *GI* possui equipes em todas as emissoras afiliadas. Atualmente, são 116 afiliadas³¹. Em seu aniversário de dez anos, em 2016, a organização informava que o *GI* estava presente em todo o Brasil, com quase 60 páginas locais³². O portal trabalha com 15 editorias, dentre elas “Agro”, “Carro”, “Ciência e Saúde”, “Economia”, “Educação”, “Mundo”, “Política”, “pop & arte” etc, algumas delas divididas em outras subcategorias.

O portal *UOL* é um produto da companhia Universo Online S.A, uma empresa de capital aberto que possui como acionista majoritária a Folhapar S.A., organização do Grupo Folha, conglomerado de mídia responsável pelo jornal *Folha de S. Paulo*, além de outros negócios. Fundado em 28 de abril de 1996, o Universo Online foi ao ar com serviço de bate-papo, edição diária da *Folha de S. Paulo*, arquivos da Folha com cerca de 250 mil textos, reportagens do *The New York Times* (traduzidas para o português), *Folha da Tarde* e *Notícias Populares*, *Classificados*, *Roteiros e Saúde* e a revista *IstoÉ*³³. Atualmente, além da produção própria, feita por uma equipe de mais de 300 profissionais de imprensa, o *UOL* tem uma rede de mais de 400 parceiros, entre os quais estão a *Folha de S. Paulo*, *Band*, *Discovery*, *ESPN*, *RedeTV* e *Jovem Pan*. Entre as principais editorias do *UOL Conteúdo*, destacam-se: “Notícias”, “Carros”, “Economia”, “Esporte”, “Entretenimento”, “TV e famosos”, “Jogos”, “Universa”, “Viva Bem” e “Educação”. O *UOL* se consolidou também como uma empresa de tecnologia, serviços e meios de pagamentos digitais, entre seus produtos estão: *UOL Antivírus*, *PagSeguro*, *UOL HOST*, *UOL Assistência Técnica*, *UOL EdTech* etc.

³⁰ Disponível em: <http://historiagrupoglobo.globo.com/hgg/index.htm>. Acesso em: 10 fev. 2019.

³¹ Disponível em: http://redeglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/SiteFolder/tvg/g_globo_brasil/0,,0,00.html. Acesso em: 10 fev. 2019.

³² Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/09/g1-completa-10-anos.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

³³ Disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

A escolha pelo período do tempo da análise foi pensada também a partir de alguns marcos que, como hipótese, podem ter contribuído para um aumento do interesse e, conseqüentemente, da cobertura sobre a temática do suicídio. Entre esses marcos, estão: o lançamento da série *13 Reasons Why*, produzida pela Netflix e lançada em 31 de março de 2017. A história gira em torno de uma garota que morre por suicídio e deixa 13 fitas cassetes contando os porquês que a levaram a tomar essa decisão.

Outro marco, identificado no Brasil a partir de abril de 2017, foi o jogo virtual Baleia Azul. O desafio, que supostamente incluía tarefas como escutar músicas depressivas, mutilar partes do corpo e, por último, tirar a própria vida, surgiu como uma notícia falsa na Rússia, em 2015, em que era vinculado como o responsável pelo suicídio de duas jovens de 14 e 15 anos. Em fevereiro de 2017, as notícias sobre o jogo reapareceram na imprensa e se espalharam pela Europa. No Brasil, a primeira notícia sobre o assunto ocorreu no dia 1º de abril de 2017, em matéria veiculada no jornal “Fala Brasil”, da *TV Record*³⁴. Ao menos três estados brasileiros (Mato Grosso, Minas Gerais e Paraíba), à época, investigavam casos de suicídio e de mutilações que supostamente estariam relacionadas ao jogo³⁵. Independentemente da comprovação da relação entre esses fatos e os desafios, nota-se a cobertura jornalística que tentava publicitar a polêmica que o jogo despertou nas redes sociais³⁶.

Como terceiro marco, está o lançamento, feito pelo Ministério da Saúde em setembro de 2017, do primeiro boletim epidemiológico de tentativas e óbitos por suicídios no Brasil. Com base nos dados do documento, o órgão lançou uma agenda estratégica para atingir a meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de redução de 10% dos óbitos por suicídio até 2020³⁷.

³⁴ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cspcco/audiencias-publicas/BaleiaAzulLuizAugustoDUrso.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

³⁵ Informação disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2017/04/1875567-brasil-ja-registra-suicidios-e-mutilacoes-ligados-ao-jogo-baleia-azul.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

³⁶ Exemplos de reportagens que reforçam a afirmação: <https://noticias.band.uol.com.br/cidades/rs/noticias/100000854671/baleia-azul-e-os-13-porques-fique-atento-a-postura-dos-jovens.html>; <https://paranaportal.uol.com.br/geral/baleia-azul-o-jogo-suicida-que-preocupa-o-brasil-e-o-mundo>; <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2017/04/18/jogo-da-baleia-azul-muda-comportamento-de-adolescentes-diz-psicologa-30229.php>. Acesso em: 10 jul. 18.

³⁷ Informação disponível em: <https://www.bahia.fiocruz.br/ministerio-da-saude-lanca-primeiro-boletim-sobre-suicidio-no-brasil>. Acesso em: 10 jul. 18.

3.3. Coleta de textos

Com o intuito de criar o corpus de pesquisa desta dissertação e para otimizar o tempo da pesquisadora, foi criado um robô que simula entradas humanas de teclado e mouse em um navegador de Internet e captura os títulos e links das matérias retornadas na busca. O robô foi configurado para realizar a busca utilizando o buscador Google Notícias. Essa decisão foi tomada pois os mecanismos de buscas dos próprios portais apresentaram resultados inconsistentes.

No *GI*, havia a opção de filtragem de notícias por períodos específicos sendo, no máximo, o período do último ano. Porém, nessa opção, as notícias não apareciam em ordem cronológica. Como a página possui limitação de tamanho, não havia garantia que seria possível capturar todas as notícias com aquela palavra-chave no intervalo de tempo desejado. Já o portal *UOL* não dispunha de um filtro de data em seu campo de busca e, além disso, ofertava um número máximo de cinco páginas de busca com a palavra-chave delimitada, não sendo possível criar o corpus.

O robô foi configurado para buscar palavras-chave pré-definidas (“suicídio”, “suicidou” e “suicida”) utilizando a busca avançada do Google Notícias com o filtro de data (período de análise definido nesta pesquisa). Após realizar a busca, ele itera por todas as páginas retornadas copiando os títulos e links de todas as matérias. Por fim, gera um arquivo final com o resultado consolidado. O robô foi desenvolvido usando a linguagem de programação Java³⁸. Para simular as interações humanas, o robô utiliza uma biblioteca de código aberto intitulada Selenium³⁹. Essa ferramenta foi criada com o objetivo de automatizar testes de aplicações web se conectando com um navegador de Internet e enviando para ele comandos de interação como cliques de mouse e digitação de teclado e capturando os resultados de tais interações. O código-fonte se encontra no anexo 2 deste trabalho.

O resultado da execução do robô coletou 354 reportagens do portal *GI* e 298 do portal *UOL*. Ou seja, foram, ao todo, 652 matérias com as palavras-chave escolhidas e no período delimitado. A partir dessa coleta, iniciou-se a fase de pré-análise com o objetivo

³⁸ O algoritmo foi desenvolvido por Felipe Russini Zanatto, profissional formado em ciências da computação. A partir da explicação de como a análise deveria ser feita, bem como o que deveria fazer parte da busca (palavras-chave e período), ele desenvolveu o código responsável por coletar o corpus desta pesquisa. A contribuição e ajuda foi fundamental para a realização deste trabalho e tornou a coleta do material mais precisa e otimizada.

³⁹ Disponível em: <https://www.seleniumhq.org>. Acesso em: 27 maio 2019.

de tornar o material útil à pesquisa. A partir da metodologia proposta por Bardin (1977), na primeira das etapas foi feita a leitura flutuante, que implica em conhecer inicialmente o material e criar familiaridade com ele. Na sequência, passa-se para a escolha dos documentos e, nessa fase, foi realizada uma limpeza preliminar removendo links repetidos e casos em que a palavra suicídio apenas aparecia em links secundários, como em seções de “Leia também” (com nomes específicos em cada veículo) e chamadas para outras matérias além da analisada. Essas seções são atualizadas com as reportagens mais recentes dos portais, em um fluxo cronológico e, portanto, o robô havia capturado as matérias que se encaixavam nessas situações no dia da execução. Posteriormente, elas não se encontravam mais na página.

Além disso, foram removidos conteúdos que não correspondiam à temática da pesquisa, exemplificados em matérias como “Esquadrão Suicida - Arlequina ganha nova figura de ação articulada completamente realista”⁴⁰, em que cita o filme “Esquadrão Suicida”, e ““Coreia do Norte não tem uma liderança suicida”, afirma ex-embaixador brasileiro”⁴¹. Sendo assim, essa etapa excluiu reportagens em que as palavras-chave foram utilizadas fora de um contexto do suicídio como ato, bem como matérias em que, mesmo abordando o suicídio como ato, envolviam casos de simulações, exemplificada no seguinte texto: “Polícia procura marido suspeito de matar dentista e simular suicídio, em Goiás”⁴². Ao todo, foram 307 exclusões com base nas justificativas acima.

A partir disso, foram encontrados conteúdos que, mesmo tratando do suicídio como ato, fugiam do objetivo desta pesquisa, ou seja, não abordavam o suicídio individual de um cidadão anônimo. Esses materiais não fazem parte da análise deste trabalho, porém, a fim de quantificar e possivelmente comparar sua relevância frente ao corpus de pesquisa, foram criadas categorias de apoio para classificar esses casos. São elas: “celebridades e/ou pessoas públicas” e “temática geral, sem caso concreto”. Na primeira foram identificadas notícias em que o caso de suicídio retratado é relacionado a celebridades e/ou pessoas públicas, ou seja, o valor-notícia notoriedade se fez presente. A segunda categoria agrupou matérias que não tratam do suicídio específico do cidadão anônimo, mas sim da temática como um problema social e de forma mais abrangente.

⁴⁰ Disponível em: <https://legiaodosherois.uol.com.br/2017/esquadrao-suicida-arlequina-ganha-nova-figura-de-acao-articulada-completamente-realista.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁴¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/coreia-do-norte-nao-tem-uma-lideranca-suicida-afirma-ex-embaixador-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/policia-procura-marido-suspeito-de-matar-dentista-e-simular-suicidio-em-goias.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Neste grupo, foram incluídas reportagens sobre conscientização, prevenção, fatores de risco, campanha Setembro Amarelo, repercussão de abordagens ficcionais, estatísticas do problema social e o jogo intitulado Baleia Azul, citado anteriormente, porém apenas quando o texto não traz casos específicos de anônimos e trata sobre o problema social em si. Esta etapa se deparou também com matérias sobre casos de tentativa de suicídio. Apesar de contemplar o ato e abordar o cidadão anônimo, optou-se por não incluir no corpus de pesquisa deste trabalho pelo fato de os indivíduos terem sobrevivido ao ato. Foi contabilizado, em ambos os portais, 37 matérias da categoria de apoio “celebridade e/ou pessoa pública” e 156 da categoria “temática geral, sem caso concreto”.

3.4. Categorias de análise

Ao cumprir a leitura inicial e refinamento dos critérios de inclusão e exclusão, e contabilizar 151 matérias no corpus de pesquisa, passa-se para a fase da definição das categorias. Dentro do campo da análise de conteúdo foi escolhido como instrumento de estudo a do tipo categorial, que busca, segundo Bardin (1977), classificar ou recensear um texto de acordo com a frequência (presença ou ausência) de unidades de sentido.

Durante a exploração do material, notou-se que algumas matérias do corpus de pesquisa citam mais de um caso de suicídio com características diferentes. Por isso, as categorias são divididas em dois grupos: categorias orientadas a pessoas, ou seja, que trazem informações relacionadas aos cidadãos anônimos que morreram por suicídio, e categorias orientadas a matérias, ou seja, relativas à forma como a reportagem foi construída e o tipo de cobertura que foi dada. Destaca-se que o total de respostas das categorias do primeiro grupo é sempre 165, número de casos distribuídos nas 151 matérias do corpus de pesquisa. Já nas categorias do segundo grupo, o total é sempre 151.

Nas categorias orientadas a pessoas, foram identificadas matérias em que casos não nomeados são apresentados como um grupo com um ou mais fatores em comum, ou seja, não são casos individualizados, exemplificado na matéria “Governo de SP confirma quarta morte de mulher em presídio feminino após denúncia”⁴³. Nesse exemplo, o fator

⁴³ REIS, Vivian. “Governo de SP confirma quarta morte de mulher em presídio feminino após denúncia”. *GI*, Rio de Janeiro, 19 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/pastoral-carceraria-denuncia-quarto-caso-de-suicidio-em-tres-meses-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019. Quando citadas, as reportagens que compõem o corpus de pesquisa deste trabalho serão referenciadas em notas de rodapé e, no Anexo 1, encontra-se a lista completa com as 151 matérias do corpus de pesquisa.

comum é o local dos suicídios, a Penitenciária Feminina de Santana, em São Paulo (SP). Em casos como esse, o preenchimento da resposta “casos aglutinados” foi aplicado nas categorias “sexo”, “idade” e “nome”. Das 151 matérias do corpus de pesquisa, seis são consideradas como “casos aglutinados”. Ao longo desta análise, cruzamentos entre as categorias são realizados para que seja possível realizar inferências e, conforme mencionado acima, as categorias são divididas em dois tipos: orientadas a pessoas e orientadas a matérias. A decisão, ao realizar cruzamentos, é utilizar como base a categoria orientadas a matérias, composta por 151 reportagens – o número total do corpus de pesquisa.

3.4.1. Categorias orientadas a pessoas

- **Sexo:** a categoria analisa qual é o sexo do cidadão anônimo que morreu por suicídio, quando ele aparece, ou se essa informação é omitida. Assim, se divide em “feminino”, “masculino”, ou “não informa”. O corpus abarca as respostas citadas acima, sendo que não houve outra menção para além das respostas elaboradas.
- **Idade:** busca identificar a idade do cidadão anônimo quando demarcada nas reportagens. As respostas são divididas em diferentes faixas etárias, são elas: “até 10 anos”; de “10 a 20”; de “20 a 30”; de “30 a 40”; de “40 a 50”; “mais de 50”. Quando não há a menção da idade, pontua-se como “não informa”.
- **Nome:** a categoria analisa se o nome do cidadão anônimo que morreu por suicídio aparece e, se sim, de que forma. Nesse sentido, as respostas são divididas em “nome completo” (quando há menção de nome e sobrenome), “primeiro nome” (quando omite o sobrenome) e “não informa” (quando a matéria não cita nenhum dos anteriores). O corpus compreende as três formas citadas, sendo que nenhuma das matérias menciona de outra forma para além das respostas elaboradas.
- **País onde ocorreu o suicídio:** a categoria busca identificar o país em que ocorreu o suicídio de cada reportagem. A intenção da categoria é demarcar o país em que o cidadão morreu por suicídio, e não o país de origem da pessoa em questão. Quando não há a menção de país, pontua-se como “não informa”.

- Região do Brasil: ainda com o objetivo de entender as demarcações geográficas, quando a resposta na categoria acima (“País onde ocorreu o suicídio”) for Brasil, esta categoria identifica em qual região do País ocorreu o suicídio (Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul). Quando a região não é citada, a resposta é preenchida como “não informa”. Nos demais casos, em suicídios ocorridos fora do Brasil, esse campo não é preenchido.
- Cidade brasileira: a fim de delimitar ainda mais as demarcações geográficas em suicídios ocorridos no Brasil, além da região citada, busca-se identificar as cidades em que aconteceram os casos. Neste caso, foram preenchidos o nome da cidade e a sigla do seu estado de origem. Nos mesmos moldes da categoria anterior, quando a cidade não é citada, a resposta fica como “não informa”. Nos demais casos, em suicídios ocorridos fora do Brasil, o campo não é preenchido. Posteriormente, ao consolidar os resultados, optou-se por dois tipos de respostas. Quando a cidade brasileira corresponde à capital de um dos estados brasileiros, a resposta criada foi “capital”, quando não, é sinalizada como “outras”.
- Local do suicídio: esta categoria visa analisar se há a demarcação textual do local de ocorrência no suicídio do cidadão anônimo. Nesse sentido, o objetivo principal é observar se o ato ocorreu em uma residência ou em um local público. Na análise, a resposta é preenchida exatamente da forma como o local foi apresentado textualmente na matéria. Ao computar os resultados, optou-se pela aglutinação em macrocategorias. Por exemplo: para respostas como “quartel general”, “base do exército”, “delegacia” e “Centro de Preparação de Oficiais da Reserva” foi criada a macrocategoria “instituições de segurança e defesa pública”. Como outro exemplo, para “mesquita” e “igreja” utiliza-se “templos religiosos”.
- Gatilho para o suicídio: a intenção desta categoria é compreender se há demarcações textuais nas reportagens no sentido de trazer possíveis motivações e/ou gatilhos que tenham levado o cidadão anônimo a se suicidar. Para que seja possível uma análise mais fiel ao que a categoria se propõe, as matérias relacionadas aos atentados terroristas são incluídas em um grupo à parte das demais, visto que, na visão desta pesquisa, os atentados terroristas possuem, por natureza, uma motivação que leva ao ato,

ainda que elas possam conter motivos específicos, incluindo religião, política, disputa territorial etc. Em relação às demais, entende-se como motivação ou gatilho demarcações textuais na matéria que surgem como hipóteses ao ato. Entre algumas encontradas durante a análise, há a menção à existência de depressão, problemas psiquiátricos, bullying até questões mais específicas, como na matéria “Polícia apura se casal achado morto em hotel na região da Paulista fez pacto de morte”⁴⁴, publicada no dia 17 de abril de 2017 no *GI*. Outro exemplo é o que ocorre na matéria “Homem mata esposa com tiro na cabeça e comete suicídio em São Sebastião”⁴⁵, publicada em 20 de junho de 2017 no *GI*, em que menciona o fato do casal ter começado uma discussão que terminou com o homicídio e, na sequência, o suicídio. Apesar de entender que seria uma demarcação de gatilho mais vinculada ao homicídio, a análise considera como sendo, também, uma sinalização textual de motivação para o suicídio.

- Método: o objetivo desta categoria é observar se a reportagem cita o método utilizado pelo indivíduo que morreu por suicídio. A resposta “não informa” ocorre quando não há a menção ao longo da reportagem e, quando há, preenche-se com o método descrito, por exemplo enforcamento, arma de fogo, overdose etc. Considerou-se como método todas as possibilidades demarcadas textualmente, sendo confirmado como método utilizado ou mesmo sendo a hipótese principal. Ao computar os resultados, optou-se pela aglutinação de macrocategorias. Por exemplo: “overdose de cocaína”, “overdose de remédio” e “intoxicação exógena” fazem parte da macrocategoria “intoxicação por substância química”. Já “asfixia de gás de cozinha”, “asfixia mecânica”, e “inalação de monóxido de carbono” fazem parte da macrocategoria “asfixia”.

3.4.2. Categorias orientadas a matérias

- Homicídio seguido por suicídio: o objetivo desta categoria é compreender se o suicídio do cidadão anônimo foi seguido de crime e, como crime, delimita-se o homicídio. Nesse sentido, o sujeito teria sido o responsável por cometer um homicídio e, na

⁴⁴ TOMAZ, Kleber; PIZA, Paulo Toledo. “Polícia apura se casal achado morto em hotel na região da Paulista fez pacto de morte”. *GI*, Rio de Janeiro, 17 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/policia-apura-se-casal-achado-morto-em-hotel-na-regiao-da-paulista-fez-pacto-de-morte.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁴⁵ *GI*. “Homem mata esposa com tiro na cabeça e comete suicídio em São Sebastião”. *GI*, Rio de Janeiro, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/homem-mata-companheira-com-tiro-na-cabeca-e-se-mata-em-sao-sebastiao-sp.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

sequência (curto espaço de tempo após o ato), teria tirado a própria vida. Destaca-se o termo “na sequência”, pois, na análise deste trabalho, essas ocorrências são maioria entre as reportagens. Porém, a categoria considera também uma sequência não exatamente imediata, como na matéria “Jovem achada morta era a principal suspeita de assassinar agente penitenciário, diz polícia”⁴⁶, publicada no dia 31 de julho de 2017 no *GI*. A matéria traz a informação de que a jovem que morreu por suicídio estava sendo investigada, sendo a principal suspeita, do assassinato de seu ex-companheiro, ocorrido uma semana antes do suicídio. Nessa matéria, a resposta é delimitada como “principal hipótese”, pois há a demarcação textual de haver uma investigação em andamento a fim de provar a suspeita. Como respostas, então, há “sim”, “não” e “principal hipótese”.

- **Mulher morta por companheiro:** com o objetivo de delimitar a categoria acima, e após observar a frequência de reportagens em que o suicídio era seguido de um crime em que as vítimas eram mulheres companheiras ou ex-companheiras da pessoa que morreu por suicídio em questão, esta categoria possui o intuito de quantificar tais aparições. São consideradas ex-companheiras, esposas, namoradas ou relações afetivas em geral. As matérias que apontavam o indivíduo que morreu por suicídio como o responsável pelo assassinato, sem colocá-lo como suspeito, são identificadas como “sim”. Em matérias como as citadas na categoria anterior, em que há uma investigação em andamento e, nessa investigação, o indivíduo que morreu por suicídio é o principal suspeito de ter cometido o crime da mulher em questão, são identificadas com a resposta “principal hipótese”. Em casos de homicídio seguido por suicídio, porém não com o foco da categoria, ou seja, “mulher morta por companheiro”, a resposta fica “não”.

- **Suicídio como parte de atentado terrorista:** ainda com o objetivo de delimitar a categoria “homicídio seguido por suicídio” e após observar a frequência de reportagens sobre atentados terroristas, esta categoria tem o intuito de quantificar tais aparições. Nesse sentido, quando há a demarcação textual que o ato do suicídio fazia parte de um atentado terrorista, a resposta é demarcada como “sim”. Nos demais casos, pontua-se como “não”.

⁴⁶ *GI*. “Jovem achada morta era a principal suspeita de assassinar agente penitenciário, diz polícia”. *GI*, Rio de Janeiro, 31 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/jovem-achada-morta-era-a-principal-suspeita-de-assassinar-agente-penitenciario-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

- Menção do grupo terrorista: em sequência à categoria anterior, o objetivo é analisar, a partir das matérias sinalizadas como parte de atentados terroristas, se há a menção de qual grupo terrorista foi responsável pelo ato. Nesta categoria, as respostas são preenchidas com o grupo citado na matéria, quando citado. Quando não há a menção, a resposta se enquadra em “não informa”. Para as demais matérias, que não fazem da categoria “suicídio como parte de atentado terrorista”, o campo não é preenchido.
- Dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria: o objetivo desta categoria é verificar se as reportagens incluem, ao longo da narrativa, dados estatísticos ou informações históricas relacionadas com o assunto central da reportagem. Como dados estatísticos, entende-se a adição de números e registro de dados quantitativos a fim de complementar o texto jornalístico. Nesse sentido, compreende-se como positiva a inclusão de dados relacionados ou não com a temática suicídio. Como exemplo de reportagem com resposta positiva nesta categoria, está a matéria intitulada “Causas de suicídios de índios Karajá são investigadas pelo MPF em MT”⁴⁷, publicada no dia 5 de junho de 2017 no portal *GI*. A matéria cita que “49 índios tiraram a própria vida entre os anos de 2002 e 2017. Desse total, 46 são homens e três são mulheres”, segundo informações obtidas com o Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). Nesta categoria, os números podem ser obtidos por meio de diferentes fontes, como entrevistados, documentos oficiais, órgãos, entidades privadas e/ou públicas etc. Os números podem ser, conforme adiantado, de questões correlatas ao suicídio, como na matéria “Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda”⁴⁸, publicada no dia 30 de abril de 2017 no *UOL*, em que traz dados sobre um levantamento desenvolvido pela ISMA Brasil, organização de pesquisa e tratamento do estresse, sobre a predominância do estresse na vida sacerdotal.

Como dados históricos, compreende-se a inclusão de informações relacionadas com o assunto central da matéria, porém como uma forma de relembrar situações similares ocorridas em um período anterior ao fato central da reportagem. A matéria “Homem armado invade escola e mata sua mulher em San Bernardino, nos EUA; aluno

⁴⁷ SOUZA, André. “Causas de suicídios de índios Karajá são investigadas pelo MPF em MT”. *GI*, Rio de Janeiro, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/causas-de-suicidios-de-indios-karaja-sao-investigadas-pelo-mpf-em-mt.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁴⁸ UOL. “Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda”. *UOL*, São Paulo, 30 abr. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/04/30/depressao-no-altar-quando-padres-e-sacerdotes-precisam-de-ajuda.htm>. Acesso em: 10 fev. 2019.

e atirador também morrem⁴⁹”, publicada em 10 de abril de 2017 no *GI*, é um exemplo positivo ao trazer, além de informações sobre o caso em questão, em San Bernardino (EUA), a seguinte informação: “a cidade de San Bernardino foi palco de um massacre em dezembro de 2015, quando dois seguidores do grupo extremista Estado Islâmico abriram fogo em um centro comunitário e mataram 14 pessoas”. Ou seja, a matéria relembra, para além do atentado em questão, outros ocorridos em anos anteriores. As matérias que se enquadram na descrição da categoria são pontuadas como “sim”. Caso contrário, recebem a resposta “não”.

- Casos para tendências e/ou problemas sociais: a ideia nesta categoria é verificar se os casos sobre suicídios de cidadãos anônimos são usados como parte de um contexto maior, como tendências e/ou problemas sociais. Citado anteriormente na categoria “Dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria”, a reportagem sobre depressão entre padres e sacerdotes traz, ao longo da matéria, a menção ao suicídio de três sacerdotes como forma de exemplificar e contextualizar a questão central da reportagem, ou seja, o estresse ocupacional e depressão entre eles. A matéria “Luto por suicídio: devemos cuidar da dor de quem fica⁵⁰”, publicada em 9 de setembro de 2017 no *UOL*, aborda a questão do luto pelo suicídio por meio de entrevistas com especialistas da área da saúde e, mais ao fim da matéria, traz o depoimento de uma mãe que perdeu o filho para o suicídio. Nesta categoria, julga-se ser necessário esclarecer os procedimentos adotados na divisão de respostas. Opta-se por separar em dois grupos nas situações positivas ao objetivo da categoria. No primeiro exemplo (reportagem sobre depressão entre padres e sacerdotes), o texto começa com o caso de suicídio de um dos padres e, mais à frente, traz o contexto maior (a presença do estresse e depressão na vida sacerdotal), o que leva à classificação “do específico para o geral”. No outro exemplo citado (reportagem sobre o luto), a reportagem começa com a questão do luto por suicídio e, ao final do texto, traz o depoimento de uma mãe que conta sua experiência de luto ao falar sobre o suicídio do filho e, por isso, a resposta é classificada como “do geral para específico”. As matérias que não se enquadram positivamente na categoria recebem a marcação “não”.

⁴⁹ *GI*. “Homem armado invade escola e mata sua mulher em San Bernardino, nos EUA; aluno e atirador também morrem”. *GI*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-san-bernardino-dizem-bombeiros.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁵⁰ LEITE, Cinthya. “Luto por suicídio: devemos cuidar da dor de quem fica”. *UOL*, São Paulo, 9 set. 2017. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/saude/noticia/2017/09/09/luto-por-suicidio-devemos-cuidar-da-dor-de-quem-fica-305942.php>. Acesso em: 10 fev. 2019.

- Conexão com celebridade/pessoa pública: a categoria busca entender se há uma correlação ou vínculo entre o cidadão anônimo que morreu por suicídio com alguma pessoa pública. As matérias que se enquadram na descrição da categoria são pontuadas como “sim”. Caso contrário, recebem a resposta “não”.
- Histórico de atualização: a categoria visa analisar se a matéria contém um “histórico de atualizações”, ou seja, se a reportagem inclui dados adicionais após a primeira versão da notícia, como o andamento e/ou conclusão de inquérito e dados sobre a vítima (nome, endereço, método etc). As matérias que se enquadram na descrição da categoria são pontuadas como “sim”. Caso contrário, recebem a resposta “não”.
- Origem da matéria: apesar do corpus de pesquisa ser composto por matérias dos portais *GI* e *UOL*, conforme introduzido neste trabalho, esses veículos abrangem conteúdos de outros meios de comunicação. Portanto, o objetivo desta categoria é observar se as reportagens foram produzidas pelos portais *GI* ou *UOL* e, quando não, qual a origem do conteúdo.
- Editoria: esta categoria analisa em qual editoria dos portais de notícias selecionados a reportagem aparece. Destaca-se aqui a presença de editorias similares, porém com nomes diferentes em ambos os portais, como “internacional” e “mundo”. Nesse sentido, a análise computa as respostas em uma só editoria. Além disso, identificou-se a presença de notícias em editorias nomeadas por região, como as afiliadas do Grupo Globo e locais onde o portal de notícia atua, como “Mato Grosso”, “Presidente Prudente e Região”, “São Carlos e Araraquara” e “Zona da Mata”. Nessas situações, as respostas pertencem à macrocategoria “regional”.
- Cita suicídio no título: o objetivo desta categoria é analisar se as reportagens possuem em seus títulos termos como: suicídio, suicida e/ou se matou. Termos esses que deixam claro que a matéria trata de suicídio.
- Foto: esta categoria analisa se a reportagem traz foto do cidadão anônimo que morreu por suicídio. Sendo assim, quando a matéria traz foto do indivíduo, a resposta é preenchida como “sim” e, em casos negativos, como “não”.

3.5. Entrevista

A fim de complementar a metodologia da análise de conteúdo, utiliza-se também a entrevista nesta pesquisa. Conforme contextualiza Duarte (2005), a entrevista se tornou uma técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais. O autor aborda a entrevista individual em profundidade que, de acordo com sua conceituação, “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2005, p.62). Nesse sentido, afirma que esse recurso metodológico busca intensidade nas respostas, e não representação estatística, a partir do recolhimento de respostas com base na experiência subjetiva de uma fonte. “Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas” (DUARTE, 2005, p. 63).

Segundo o autor, o recurso metodológico é utilizado em pesquisas de comunicação interna, comportamento organizacional, levantamentos históricos e biográficos, processos jornalísticos e em vários outros tipos de estudos. Nesta dissertação, o uso da entrevista tem como objetivo complementar a metodologia da análise de conteúdo para que seja possível refletir e responder à pergunta-central deste trabalho, ou seja, compreender os critérios de noticiabilidade que fazem com que o suicídio de um cidadão anônimo se torne notícia em veículos de comunicação.

Ainda de acordo com Duarte (2005, p. 63), a entrevista em profundidade permite entender como os produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações, dentre outras funções. A técnica, conforme explica o autor, é dinâmica e flexível, sendo caracterizada como uma “pseudoconversa” realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado.

Em relação aos tipos de entrevistas, Duarte (2005) destaca que são classificadas em uma grande variedade de tipologias, geralmente caracterizadas como abertas, semiabertas e estruturadas. As abertas e semiabertas são do tipo em profundidade, sendo que o que difere ambas é que, enquanto as abertas não seguem um itinerário, as semiabertas partem de um roteiro-base. As fechadas (estruturadas) são utilizadas principalmente em pesquisas quantitativas, quando, por exemplo, se deseja obter informações representativas de um conjunto de uma população.

Esta dissertação opta pela tipologia semiaberta. Segundo Duarte (2005), essa tipologia segue um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse do estudo. “Parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS apud DUARTE, 2005, p. 67). O questionário desse modelo tem origem no problema de pesquisa e ambiciona tratar da amplitude do tema. Assim, o pesquisador faz uma primeira pergunta e pode explorar ao máximo cada resposta, ou seja, cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado. “A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador” (DUARTE, 2005, p. 67).

Em relação à seleção dos informantes, o objetivo é que sejam fontes capazes de ajudar a responder sobre o problema proposto, sendo assim, deverão ter envolvimento com o assunto, disponibilidade e disposição em falar. Segundo Duarte (2005), a relevância da fonte está relacionada com a contribuição que pode oferecer a fim de atingir os objetivos do estudo. A seleção dos entrevistados em estudos qualitativos depende do julgamento do pesquisador. Nesse sentido, há dois tipos básicos de amostra: por conveniência ou intencional. A seleção por conveniência é baseada na viabilidade, ou seja, quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade. A intencional ocorre quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva.

Na descrição e análise dos resultados, Duarte (2005, p. 78) afirma que “o pesquisador assume a posse das informações recolhidas nas entrevistas e as articula com o objetivo de conduzir o leitor”. A fim de organizar o material, o autor traz as categorias, essas que são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir da classificação em temas autônomos. Assim, em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados. No caso das semiabertas, o autor destaca que as categorias têm origem no marco teórico e são consolidadas no roteiro de perguntas semiestruturadas.

Complementar às reflexões sobre a entrevista de pesquisa, Broustau *et al.* (2012, p.16) diz que “a utilização das falas dos jornalistas se tornou progressivamente um material a partir do qual os pesquisadores conduzem suas análises e tentam compreender as representações, normas, mutações, intenções e processos em curso”. Com isso, as entrevistas permitem ordenar e reconstruir experiências, buscando, também, interpretar

fatos. Segundo os autores, constitui-se em um material que deve ser mobilizado e trabalhado, sendo assim, é também um discurso a ser analisado.

A entrevista permite considerar os discursos dos jornalistas como produções constantemente retrabalhadas pelas atividades de comunicação que atravessam seus mundos e remetem a uma outra forma de expressão do jornalismo. Por meio dos discursos individuais, é o próprio jornalismo como atividade que se constrói, se produz e se reproduz. A fala dos jornalistas é, como a de outros profissionais, ao mesmo tempo uma produção coletiva, um traço da história do grupo e uma expressão de uma individualidade (BROUSTAU *ET AL.*, 2012, p. 16).

De forma adicional à análise de conteúdo, optou-se também pela metodologia da entrevista. Esta seção se dedica a explicar o desenvolvimento da etapa em questão. Foi realizada uma entrevista com um jornalista de um dos veículos analisados nesta dissertação, porém, após feita a transcrição do áudio e enviado o documento de autorização, contendo seu nome, cargo e empresa, o profissional destacou que o veículo não autorizou que o material fosse utilizado neste trabalho. Após a negativa, a pesquisadora tentou contato com outros departamentos da organização a fim de obter a autorização ou até mesmo a realização de uma nova entrevista com um(a) porta-voz selecionado(a) pela própria empresa, porém, mesmo assim, não foi possível. De qualquer forma, o jornalista autorizou o uso das informações desde que mantido o anonimato. Sendo assim, e ao considerar relevante o conteúdo, decidiu-se utilizar parte do material da entrevista neste trabalho. Todas as informações que pudessem identificar o veículo ao qual o profissional pertence não foram utilizadas e, por isso, a transcrição da entrevista não se encontra no anexo deste trabalho.

O outro veículo analisado nesta dissertação foi contactado meses antes do término deste trabalho. Foram feitos contatos com três profissionais da empresa em questão. Um deles se mostrou disposto a conceder a entrevista, porém não retornou com uma data possível para a conversa até a finalização desta dissertação. Detalhes desse contato não serão mencionados e, conseqüentemente o veículo do profissional, para que não seja possível a identificação, por eliminatória, da empresa a qual pertence o jornalista que concedeu a entrevista em anonimato.

A entrevista foi realizada após a finalização da análise de conteúdo deste trabalho. Nesta dissertação, optou-se pela tipologia semiaberta que, conforme destaca Duarte (2005), segue um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa. Portanto, anteriormente ao contato, foi elaborado um roteiro com questões centrais a

serem feitas ao longo da entrevista, são elas: “Há instruções internas em como cobrir a temática suicídio?”; “Em sua opinião, quando o suicídio de um cidadão anônimo (pessoa não famosa e/ou pública) deve/ pode se tornar notícia?”; “Quais elementos permeiam essa decisão?”; “As características do indivíduo (sexo, idade, profissão) são elementos levados em consideração ao tornar o suicídio de um cidadão anônimo notícia?”; “Em sua opinião, o local do suicídio (local público ou privado, nesse sentido, em vias públicas ou residência, por exemplo) são considerados ao tornar o suicídio de um cidadão anônimo notícia?”; “A presença de outros crimes envolvendo o ato influencia na decisão de cobrir ou não o assunto?”; “O que tornaria um suicídio notícia quando não são casos ocorridos no Brasil?”; “Há o esforço em contextualizar o suicídio como um problema social?”; “Quais as principais fontes de informação em relação aos casos de suicídio?”; “As redes sociais são importantes como um local para se descobrir/identificar novos casos?”; “Quando há a cobertura do suicídio, há preocupações com a abordagem? Se sim, quais?”. Outras perguntas foram realizadas no decorrer da entrevista, porém não será possível o detalhamento, pois são específicas do veículo em questão. Trechos do material da entrevista compõem a análise desta dissertação, exposto no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4: O SUICÍDIO DE UM CIDADÃO ANÔNIMO COMO NOTÍCIA: DISCUSSÕES

Este capítulo inicia-se com a apresentação e discussão dos resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) nas 151 matérias que compõem o corpus de pesquisa, publicadas durante o período de 31 de março de 2017 a 30 de setembro de 2017 nos portais *GI* e *UOL*, por tratarem do suicídio de cidadãos anônimos. São expostos a seguir os dados computados em cada categoria analisada e, ao longo do capítulo, as informações são cruzadas a fim de trazer inferências relacionadas às questões centrais desta pesquisa, que são: *quando o suicídio de um cidadão anônimo se torna notícia na cobertura da imprensa, que critérios de noticiabilidade permeiam essa decisão e qual debate o jornalismo propõe nessa cobertura?*

4.1. Categorias orientadas a pessoas

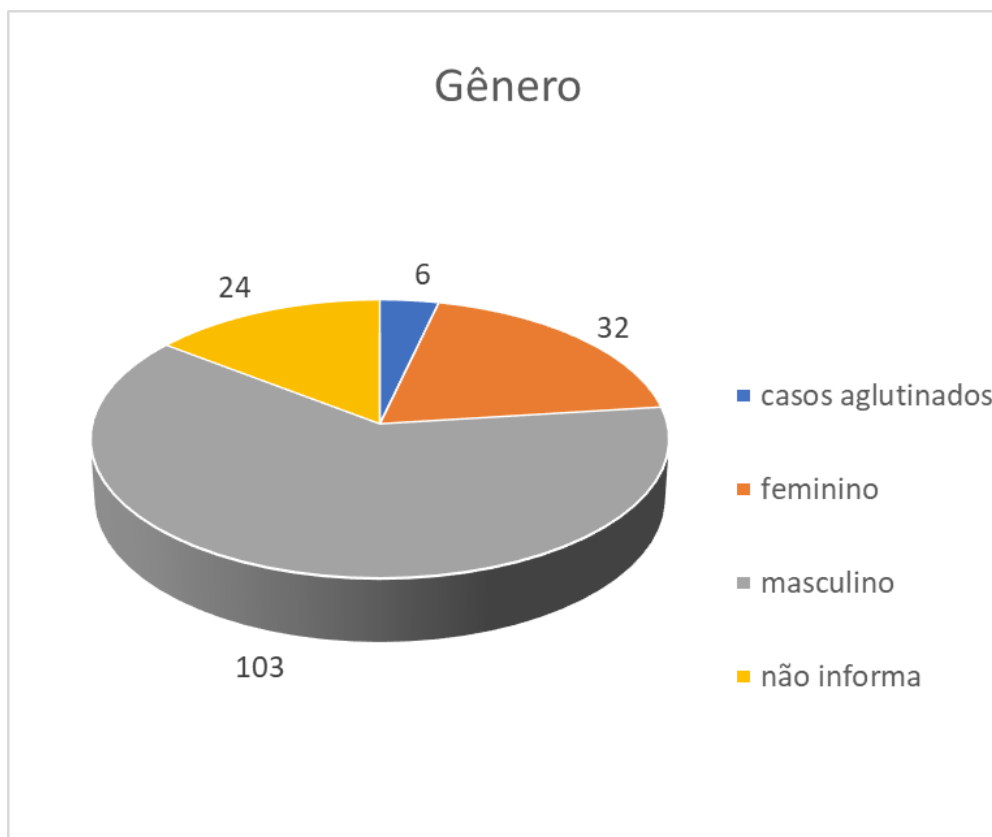
Segundo a análise, dos 165 casos de suicídio citados nas 151 matérias do corpus de pesquisa, 103 tratam do suicídio de pessoas do sexo masculino (62% do total) e 32 do sexo feminino (19%), conforme identifica o Gráfico 1. Além disso, o sexo não aparece em 24 deles (15%) e os casos aglutinados correspondem a 6 (4%). A fim de comparar o corpus de pesquisa com dados macro sobre o tema, a análise apresenta informações do Boletim Epidemiológico, compilado pela Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde⁵¹.

Segundo o estudo, no período de 2011 a 2015, foram registrados 55.649 óbitos por suicídio no Brasil, com uma taxa geral de 5,5/100 mil hab., variando de 5,3 em 2011 a 5,7 em 2015. O risco de suicídio no sexo masculino foi de 8,7/100 mil hab., sendo aproximadamente quatro vezes superior ao feminino (2,4/100 mil hab.). Neste corpus de

⁵¹ Os dados referentes aos óbitos foram captados pela declaração de óbito e registrados no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), no período de 2011 a 2015. Os óbitos foram codificados segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, na sua décima revisão (CID-10).⁴ Foram utilizados, para o boletim, os óbitos cujas causas básicas foram classificadas como: lesão autoprovocada intencionalmente (X60 a X84), intoxicação exógena de intenção indeterminada (Y10 a Y19) e seqüela de lesões autoprovocadas intencionalmente (Y87.0). Foram calculadas as taxas brutas de mortalidade segundo sexo (masculino e feminino), por 100 mil habitantes, das seguintes variáveis: faixa etária (5 a 19; 20 a 29; 30 a 39; 40 a 49; 50 a 59; 60 a 69; 70 anos ou mais); escolaridade, em anos de estudo (0 a 3; 4 a 7; 8 a 11; 12 e mais); e raça/cor da pele (branca, negra (preta + parda), amarela e indígena). Também foi realizada a distribuição espacial das taxas de mortalidade por suicídio, bem como calculada a variação das taxas nos anos de 2011 e 2015, segundo sexo e Unidade da Federação (UF).

pesquisa, as ocorrências do sexo masculino são aproximadamente 3,2 vezes mais frequentes que as do feminino.

Gráfico 1: Gênero

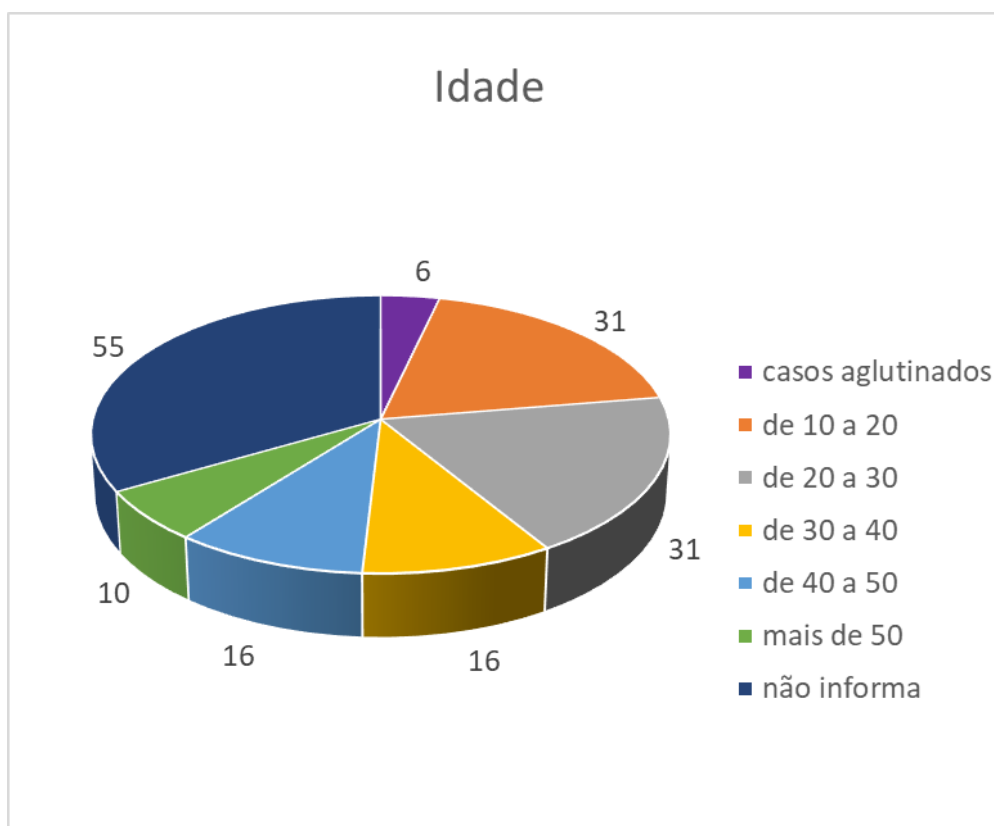


Não há menção à idade do cidadão anônimo em 55 casos (33% do total). Na sequência, as faixas etárias de “10 a 20” e de “20 a 30” obtêm, cada uma, 31 casos (totalizando 38%). As faixas etárias de “30 a 40” e de “40 a 50” obtêm 16 casos cada uma (somando 20% do total). Percebe-se uma diferença nos grupos etários de maior incidência ao comparar o corpus de pesquisa com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde. Enquanto no corpus as maiores taxas aparecem nas faixas de “10 a 20” e de “20 a 30” anos, o estudo do órgão de saúde mostra que, independentemente do sexo, as maiores taxas de suicídio foram observadas na faixa etária de “70 e mais anos” (8,9/100 mil hab.). No corpus, a faixa etária “mais de 50 anos” representa apenas 6% do total. Ao olhar de forma mais detalhada esse recorte, nota-se que 8, dos 10 casos, são registrados na faixa etária da casa dos 50 anos, e o único caso fora da casa dos 50 anos foi registrado com 61 anos. Sendo assim, o corpus não apresenta nenhum caso cuja idade do cidadão anônimo esteja dentro da faixa mais frequente apontada pelo Boletim Epidemiológico.

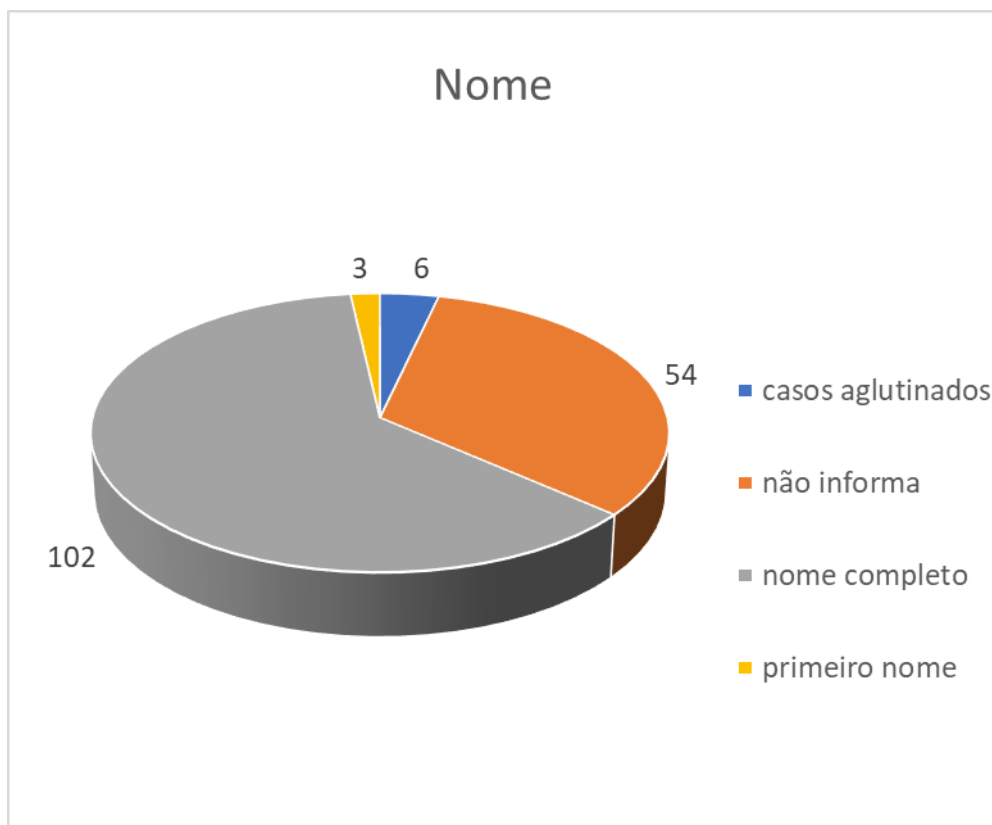
Segundo o Mapa da Violência 2014⁵², organizado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, entre 1980 e 2012, período avaliado no estudo, houve crescimento de 215,7% no número de casos entre idosos. De acordo com o Boletim Epidemiológico de Tentativas e Óbitos por Suicídio no Brasil, organizado pelo Ministério da Saúde, foram registradas uma média de 8,9 mortes por 100 mil nos últimos seis anos entre idosos com mais de 70 anos. A média nacional é 5,5 por 100 mil.

A partir da análise, infere-se, com base nos resultados, que a presença mais baixa dos mais velhos nas notícias, em comparação com as estatísticas, pode se dar por critérios de noticiabilidade. Assim, existe a possibilidade dos jornalistas não serem informados dessas mortes por outras fontes, como Instituto Médico Legal (IML), delegacias e/ou familiares, bem como por valor-notícia, se consideram a morte de um idoso “menos noticiável” que as demais faixas etárias. O suicídio, conforme exposto no referencial teórico deste trabalho, é um assunto tabu na sociedade por si só e em qualquer faixa etária, porém, entre idosos, pode significar uma questão ainda mais sensível, sendo refletido também na cobertura da mídia.

⁵² Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf. Acesso em: 1 maio 2019.

Gráfico 2: Idade

Na categoria nome, a análise identifica que 102 casos mencionam o nome completo do cidadão anônimo vítima de suicídio, enquanto 54 o omitem (Gráfico 3). Nesta pesquisa, entende-se como anônimo os cidadãos que não possuem visibilidade midiática, ou seja, são indivíduos que não possuíam destaque na mídia até o momento de suas mortes terem se tornado notícia. Essas pessoas poderiam ou não ter seus nomes divulgados nos textos. A partir da análise, a menção do nome completo, entre o sexo masculino, ocorre em 80% dos casos. Já entre o feminino, o nome completo aparece em 63% dos casos. Há omissão dos nomes em 28% entre o sexo feminino e 20% entre o masculino. Destaca-se, porém, que a resposta “primeiro nome” só aparece em 3 reportagens (“O suicídio que revelou a violência do submundo da prostituição em Londres”, produzida pela *BBC* e publicada nos dois portais, *GI* e *UOL*) e “Zack Snyder se afasta da produção de ‘Liga da Justiça’ após morte da filha e Joss Whedon assume”, publicada no *GI*), sendo que todas contêm casos do sexo feminino, o que representa 9% do total de casos desse sexo.

Gráfico 3: Nome

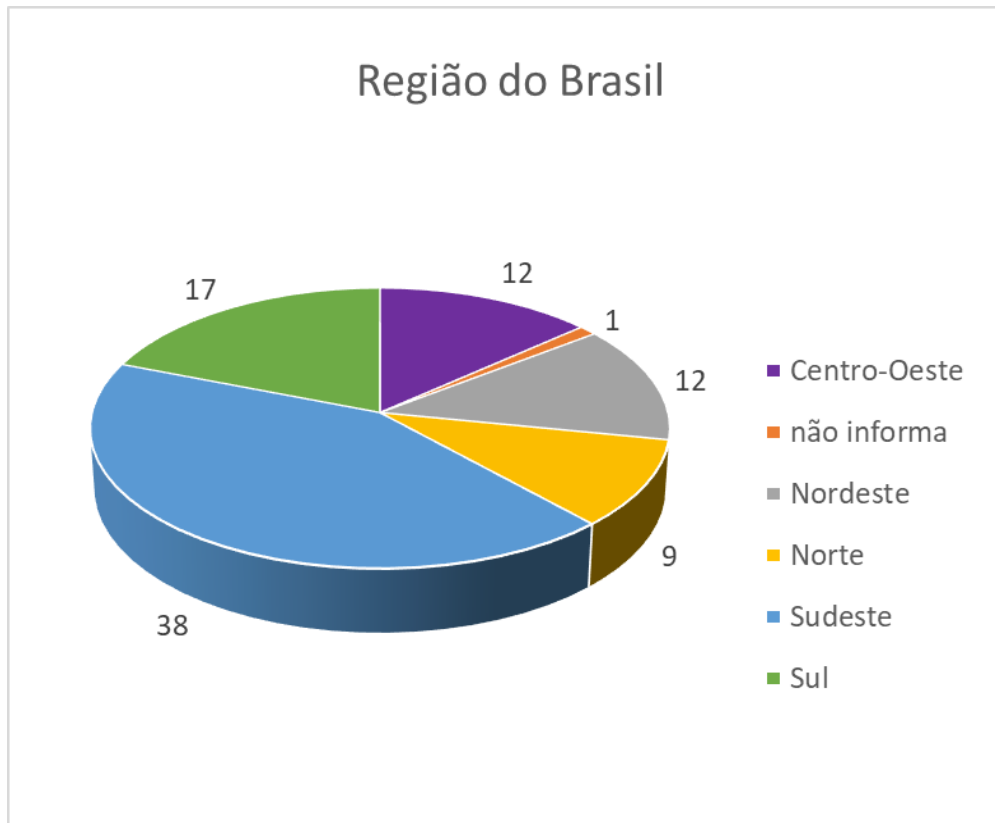
A análise identifica que 89 casos tratam de suicídios ocorridos no Brasil, representando 54% do total do corpus de pesquisa. Na sequência, o segundo país com maior número de ocorrências é Inglaterra (10%), seguido pelos Estados Unidos (6%) e Rússia (4%), conforme identificado na Tabela 2. Dos 17 casos registrados na Inglaterra, 14 tratam da cobertura de um mesmo evento: o atentado terrorista ocorrido no dia 22 de maio de 2017 durante um show da cantora pop Ariana Grande, no estádio Manchester Arena. Devido ao período recortado para a análise, pontua-se que a Inglaterra se tornou o segundo país com mais casos no corpus devido ao suicídio do homem-bomba responsável por esse ataque. Sem esse acontecimento, a Inglaterra contabilizaria três casos no período de análise. A questão é abordada com mais detalhes na categoria “Suicídio como parte de atentado terrorista” (Gráfico 11). Em relação aos Estados Unidos, terceiro país na análise com mais casos de suicídio, cinco, das dez matérias, referem-se ao caso da norte-americana Michelle Carter, condenada por homicídio involuntário após enviar mensagens nas quais encorajava o namorado Conrad Roy, encontrado morto em julho de 2014, a se suicidar.

Tabela 2: Países com número de ocorrências de suicídio

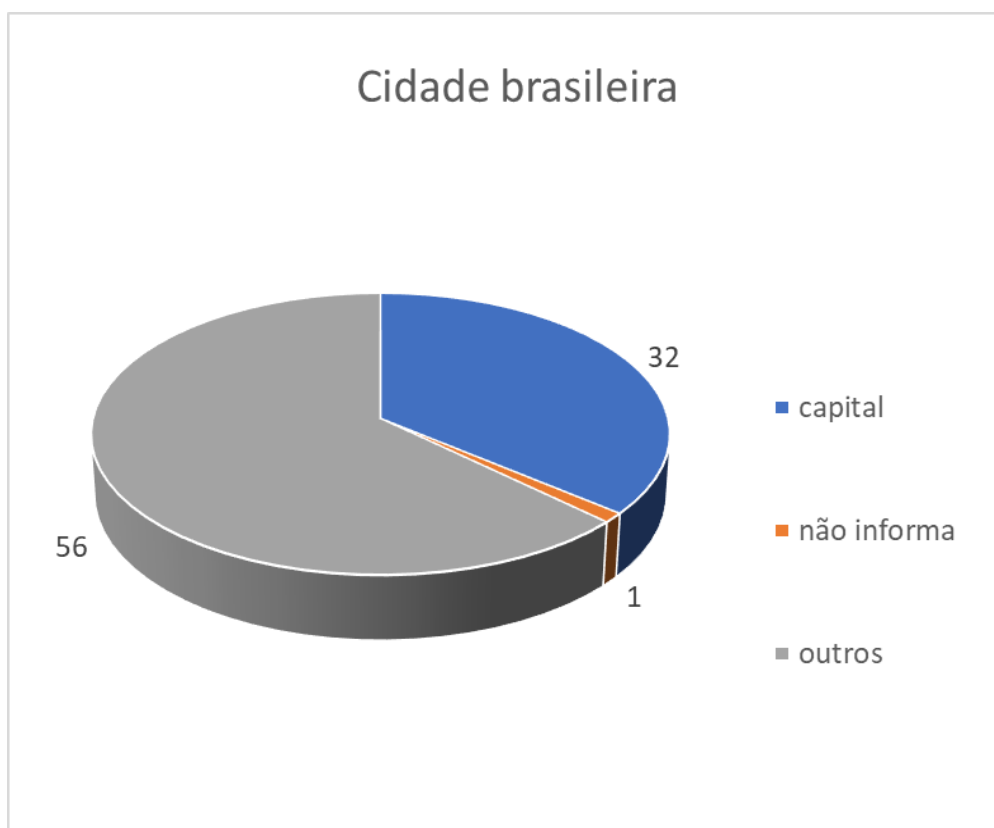
| País | Contagem |
|----------------|-----------------|
| Brasil | 89 |
| Inglaterra | 17 |
| Estados Unidos | 10 |
| Rússia | 7 |
| Nigéria | 6 |
| Síria | 6 |
| Afeganistão | 4 |
| Egito | 5 |
| Camarões | 2 |
| Índia | 2 |
| Iraque | 2 |
| Uruguai | 2 |
| Arábia Saudita | 1 |
| Argélia | 1 |
| Argentina | 1 |
| Bangladesh | 1 |
| Chile | 1 |
| Filipinas | 1 |
| Indonésia | 1 |
| Japão | 1 |
| Paquistão | 1 |
| Peru | 1 |
| Tailândia | 1 |
| Não informa | 2 |

Fonte: A autora

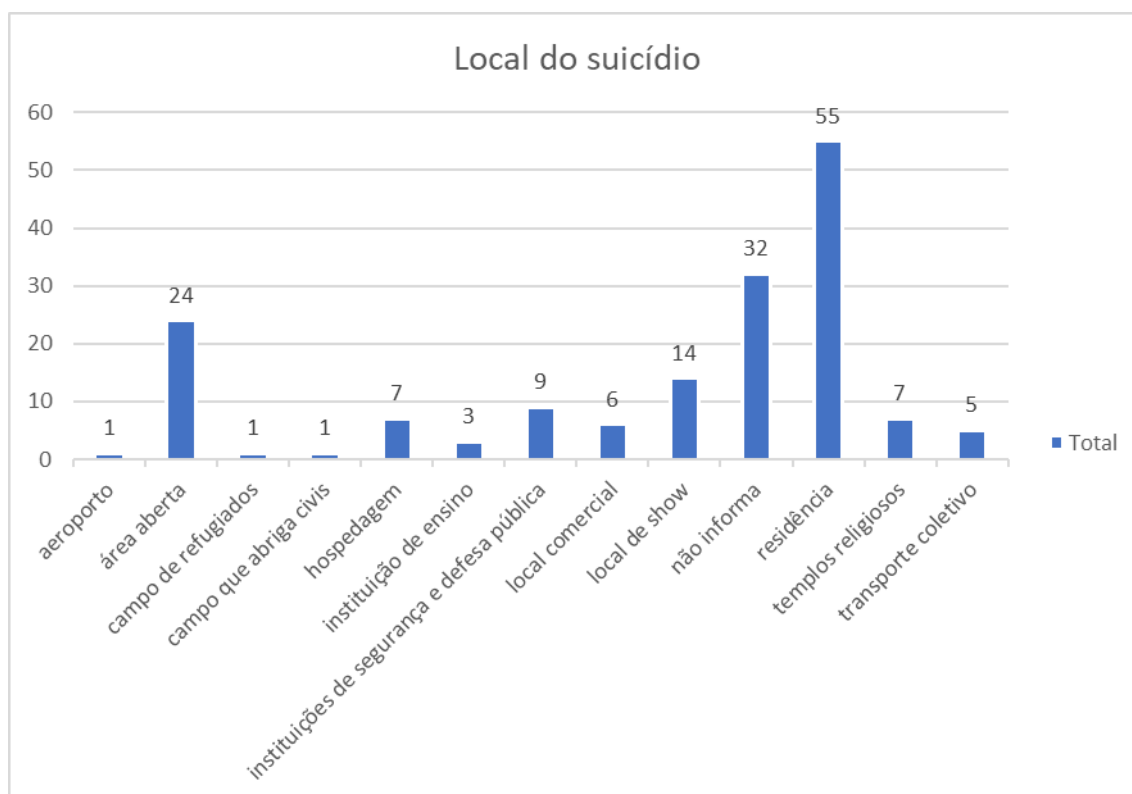
Dos 89 casos ocorridos no Brasil, 38 são registrados na região Sudeste (43% do total), seguida pelas regiões Sul com 17 casos (19%), Centro-Oeste e Nordeste, as duas últimas com 12 casos cada uma (somando 26%). A região Norte registrou apenas 9 casos.

Gráfico 4: Região do Brasil

Dos 89 casos no Brasil, 63% ocorreram fora das capitais brasileiras (nomeados como “outros” na análise), enquanto 36% foram registrados nas capitais. As regiões Norte e Nordeste são as únicas em que há mais casos registrados nas capitais do que nas demais cidades (56% e 67% respectivamente). Nas demais regiões, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, há mais casos registrados fora das capitais (92%, 66% e 71%, respectivamente).

Gráfico 5: Cidade brasileira

Ao analisar a categoria “Local do suicídio”, 55 casos (33% do total) ocorreram em residências e 24 casos (15%) em área aberta. Ao isolar os registrados em residências, nota-se que 53 casos, dos 55, ocorreram no Brasil. Além disso, 34 foram registrados em cidades fora das capitais brasileiras e 18 em capitais, sendo que não houve menção do local em um dos casos. Em relação à resposta “local de show”, as 14 menções referem-se ao atentado terrorista ocorrido no dia 22 de maio de 2017 durante o show da cantora pop Ariana Grande no Manchester Arena, na Inglaterra.

Gráfico 6: Local do suicídio

Na categoria “Gatilho para o suicídio”, opta-se, conforme destacado na metodologia, isolar as reportagens referentes a atentados terroristas. Sendo assim, ao excluir da contagem as 44 reportagens com esse foco, há menções à possíveis gatilhos que tenham levado o cidadão anônimo a se suicidar em 56% dos textos. Em algumas matérias, infere-se que o gatilho se torna um elemento distintivo no texto. Como exemplo, “Menina indiana comete suicídio após ser humilhada na escola, dizem pais”⁵³, que diz: “A polícia está investigando alegações de que uma menina de 12 anos teria se matado após ser humilhada por uma professora devido a uma mancha de menstruação em seu uniforme, chamando atenção para o tabu da menstruação na Índia moderna”. Nesse sentido, nota-se a demarcação textual afirmando o que teria causado o suicídio. Em outra reportagem, o suposto gatilho é mencionado logo no título: “Estudante morta com namorado em hotel assistiu a série sobre suicídio”. Já no primeiro parágrafo, a reportagem diz:

A estudante Kaena Novaes Maciel, 18, encontrada morta no domingo de Páscoa (16) com o namorado Luís Fernando Haury Kafrune, 19, em um quarto

⁵³ G1. “Menina indiana comete suicídio após ser humilhada na escola, dizem pais”. *G1*, Rio de Janeiro, 31 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/menina-indiana-comete-suicidio-apos-ser-humilhada-na-escola-dizem-pais.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

do hotel Maksoud Plaza, nos Jardins (zona oeste), assistiu à série ‘13 Reasons Why’ (‘Os 13 Porquês’), da Netflix, uma semana antes do crime, segundo a Polícia Civil. A série, de ficção, tem como tema o suicídio⁵⁴.

Na sequência, o texto destaca que o delegado responsável pela investigação afirmou ser cedo para apontar a série como principal motivo para a morte do casal, mas não descartava que a ficção possa ter influenciado o crime.

Na reportagem “Americana é condenada por incitar suicídio do namorado”⁵⁵, o elemento distintivo da matéria é justamente o possível gatilho que levou ao suicídio de Conrad Roy, encontrado morto em julho de 2014. Nesse caso, Michelle Carter, então namorada da vítima, foi acusada e, posteriormente, condenada por homicídio involuntário após enviar mensagens nas quais encorajava Roy a se suicidar. “Segundo a acusação, Carter convenceu e pressionou Roy a cometer suicídio, pesquisou e o orientou sobre os métodos mais eficazes e repreendeu o namorado nas vezes em que ele adiou o ato”, destacou a reportagem.

De acordo com a publicação *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), preparada como parte integrante do Suicide Prevention Program, iniciativa mundial da Organização Mundial da Saúde (OMS):

O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribuem para o suicídio pode ser útil”, além disso, afirma que “o suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual (OMS, 2000, s.p.).

⁵⁴ ADORNO, Luís. “Estudante morta com namorado em hotel assistiu a série sobre suicídio”. *UOL*, São Paulo, 19 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1876754-estudante-morta-com-namorado-em-hotel-assistiu-a-serie-sobre-suicidio.shtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁵⁵ G1. “Americana é condenada por incitar suicídio do namorado”. *G1*, Rio de Janeiro, 16 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/americana-e-condenada-por-incitar-suicidio-do-namorado.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Gráfico 7: Gatilho para o suicídio

Em relação ao método, em 51 casos, ou seja, 31% da amostra, o método do suicídio não é mencionado. O método “bomba” (25% dos casos) representa o maior número de respostas, e todos são relacionados a atentados terroristas. Sobre essa questão, uma reportagem publicada no portal *UOL* no dia 24 de maio de 2017 é inteiramente dedicada ao artefato explosivo utilizado pelo terrorista responsável pelo ataque ocorrido no dia 22 de maio de 2017 durante o show da cantora pop Ariana Grande no Manchester Arena, na Inglaterra. Das reportagens sobre atentados terroristas, essa é a única relacionada a explicações específicas sobre o método. O texto traz informações sobre a análise inicial da bomba, incluindo detalhes em relação ao seu tipo, carga e localização no corpo do homem-bomba, como descreve o trecho abaixo:

O homem-bomba no ataque de Manchester parece ter carregado um poderoso explosivo em um recipiente de metal leve escondido ou dentro de um colete negro ou em uma mochila azul Karrimor, e levava o detonador na mão esquerda, segundo informações preliminares levantadas pela polícia britânica⁵⁶.

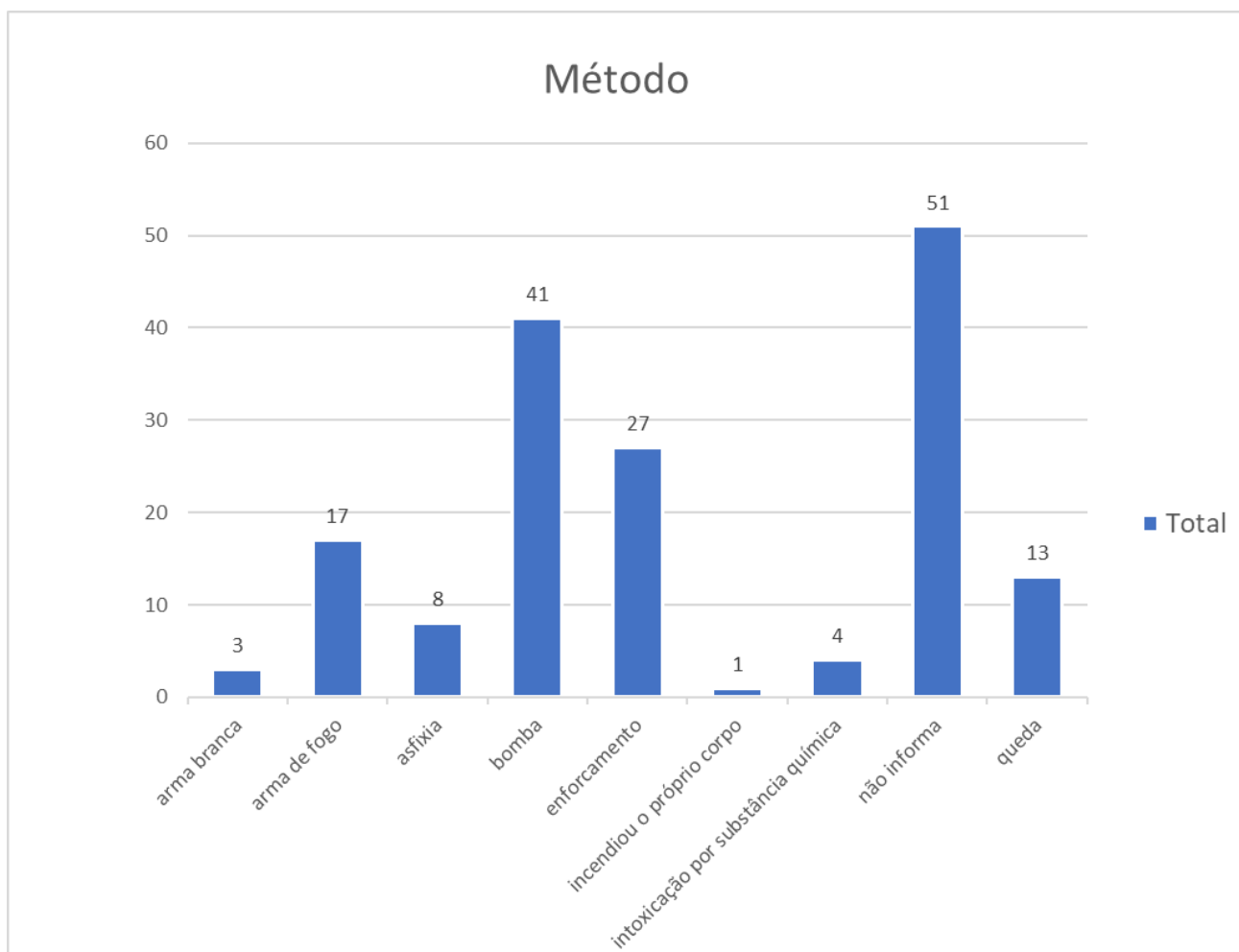
⁵⁶ UOL. “Estilhaços de bomba penetraram até portas de metal, aponta investigação”. *UOL*, São Paulo, 24 maio 2017. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2017/05/24/estilhaços-de-bomba-penetraram-ate-portas-de-metal-aponta-investigacao.htm>. Acesso em: 9 jul. 2019.

O método “enforcamento” corresponde a 16% dos casos. Ao cruzar essas informações com a categoria gênero, dos 27 casos computados como “enforcamento”, 17 correspondem ao sexo masculino e 10 ao sexo feminino. O método arma de fogo, mencionado em 17 casos, foi majoritariamente utilizado por cidadãos do sexo masculino (16 casos), sendo apenas um referente ao sexo feminino. Segundo o Boletim Epidemiológico, compilado pela Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde (Brasil, 2011 - 2015), a proporção de óbitos por suicídio segundo meio utilizado e sexo foi, para o sexo masculino, de: 66,1% enforcamento; 13,9% intoxicação exógena; 10% arma de fogo e 10% outros. Já para o sexo feminino, as proporções são: 47% enforcamento; 31,2% intoxicação exógena; 4% arma de fogo e 17,9% outros.

A publicação *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), da OMS, traz a informação de que devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. “As pesquisas mostram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios” (OMS, 2000, s.p.). Mesmo assim, o método é descrito de forma detalhada em algumas reportagens, por exemplo: “Jovem de 20 anos é encontrado morto em Araras, SP”⁵⁷, em que cita “A Polícia Civil informou que a Polícia Militar foi acionada por familiares por volta das 16h40 e encontrou o corpo de Thiago Calori Favetta em um dos cômodos, enforcado com um cinto”. Bem como na reportagem “Mulher é encontrada morta dentro de casa em Mossoró, RN”⁵⁸, em que detalha: “O corpo foi encontrado pendurado por uma corda amarrada no armador de rede do quarto”.

⁵⁷ G1. “Jovem de 20 anos é encontrado morto em Araras, SP”. *G1*, Rio de Janeiro, 25 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/jovem-de-20-anos-e-encontrado-morto-em-araras-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁵⁸ G1. “Mulher é encontrada morta dentro de casa em Mossoró, RN”. *G1*, Rio de Janeiro, 23 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/mulher-e-encontrada-morta-dentro-de-casa-em-mossoro-rn.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Gráfico 8: Método

4.2. Categorias orientadas a matérias

Em 71 matérias (47%) o suicídio do cidadão anônimo aconteceu após ela/ele ter sido responsável por um crime de homicídio. A resposta “principal hipótese” corresponde aos textos em que há mais de uma pessoa encontrada morta e uma delas é apontada como principal suspeita do crime e, na sequência, de ter se suicidado. Como exemplo, estão as reportagens “Casal é encontrado morto dentro de casa em Cassilândia, MS; polícia suspeita de crime passional”⁵⁹, “Marido é suspeito de matar mulher e cometer suicídio

⁵⁹ G1. “Casal é encontrado morto dentro de casa em Cassilândia, MS; polícia suspeita de crime passional”. *G1*, Rio de Janeiro, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-em-cassilandia-ms-policia-suspeita-de-crime-passional.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

em Blumenau”⁶⁰ e “Recém-separado, casal de idosos é encontrado morto em Alfredo Marcondes”⁶¹ – a resposta “principal hipótese” soma 7% do total.

Ao cruzar essa categoria com o sexo do cidadão anônimo, percebe-se que, entre as respostas demarcadas de forma positiva, 49 dos homicídios seguidos por suicídio foram cometidos por indivíduos do sexo masculino, sendo que 20 matérias não informam o sexo e duas delas são demarcadas como casos aglutinados. Essas duas matérias tratam de atentados terroristas: “Estado Islâmico comete onda de ataques suicidas para tentar frear retomada de Mossul”⁶² e “Estado Islâmico lança suicidas para frear forças iraquianas em Mossul”⁶³. Sendo assim, nenhum homicídio seguido por suicídio foi identificado como sendo cometido por indivíduos do sexo feminino. Dentre as respostas “principal hipótese”, nove são do sexo masculino e uma do feminino, intitulada como “Jovem achada morta era a principal suspeita de assassinar agente penitenciário, diz polícia”⁶⁴.

A categoria mostra que apenas os homens são identificados como responsáveis confirmados pelos homicídios seguidos por suicídio. Nesse sentido, esse fato pode ocorrer com mais frequência ou ser um valor-notícia, sendo assim, os jornalistas destacam quando a autoria é masculina.

Em entrevista realizada como complemento para esta pesquisa, o fator violência é enfatizado pela fonte. Segundo o profissional de um dos veículos analisados, o evento é noticiado devido à violência do caso, do “quanto é chocante e da crueldade”. Segundo ele, os crimes passionais são os que acontecem com mais frequência. Enquanto em casos não seguidos de crimes há uma preocupação em primeiramente entender o contexto para decidir se o fato será ou não noticiado, os homicídios seguidos por suicídio são publicados com mais facilidade, conforme destaca o entrevistado.

⁶⁰ G1. “Marido é suspeito de matar mulher e cometer suicídio em Blumenau”. *GI*, Rio de Janeiro, 10 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/homem-e-suspeito-de-matar-mulher-e-cometer-suicidio-em-blumenau.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁶¹ G1. “Recém-separado, casal de idosos é encontrado morto em Alfredo Marcondes”. *GI*, Rio de Janeiro, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/recem-separado-casal-de-idosos-e-encontrado-morto-em-alfredo-marcondes.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁶² G1. “Estado Islâmico comete onda de ataques suicidas para tentar frear retomada de Mossul”. *GI*, Rio de Janeiro, 3 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/estado-islamico-comete-onda-de-ataques-suicidas-para-tentar-frear-retomada-de-mossul.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁶³ UOL. “Estado Islâmico lança suicidas para frear forças iraquianas em Mossul”. *UOL*, São Paulo, 3 jul. 2017. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/07/03/estado-islamico-lanca-suicidas-para-frear-forcas-iraquianas-em-mossul-293040.php>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁶⁴ G1. “Jovem achada morta era a principal suspeita de assassinar agente penitenciário, diz polícia”. *GI*, Rio de Janeiro, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/jovem-achada-morta-era-a-principal-suspeita-de-assassinar-agente-penitenciario-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Quando acontece um caso de uma pessoa se matar em público, a gente tenta ter um cuidado para entender o que efetivamente aconteceu ali, encontrar algum critério se aquilo deve ser noticiado ou não. Há um pé atrás. Então, quando acontece uma coisa dessa, provavelmente você não vai fazer como faria normalmente. Não vai apurar e sair publicando. Apura toda a história, entra em contato com a chefia, explica tudo o que foi apurado. Por exemplo, um cara entrou no fórum, ameaçou todo mundo e se matou. Quanto mais elementos tiver essa história, mais provável que seja publicada. Aí outro nível de chefia toma a decisão se vale ou não publicar. O crime já é publicado com mais facilidade. Quando a pessoa mata a família e se mata, isso vai ser publicado. Não precisa questionar muita coisa (informação verbal⁶⁵).

Após análise do título dessas reportagens, nota-se que em nove delas há a menção do homicídio seguido por suicídio, sendo que nas demais apenas se descobre que é o caso de um homicídio seguido por suicídio ao ler a matéria completa.

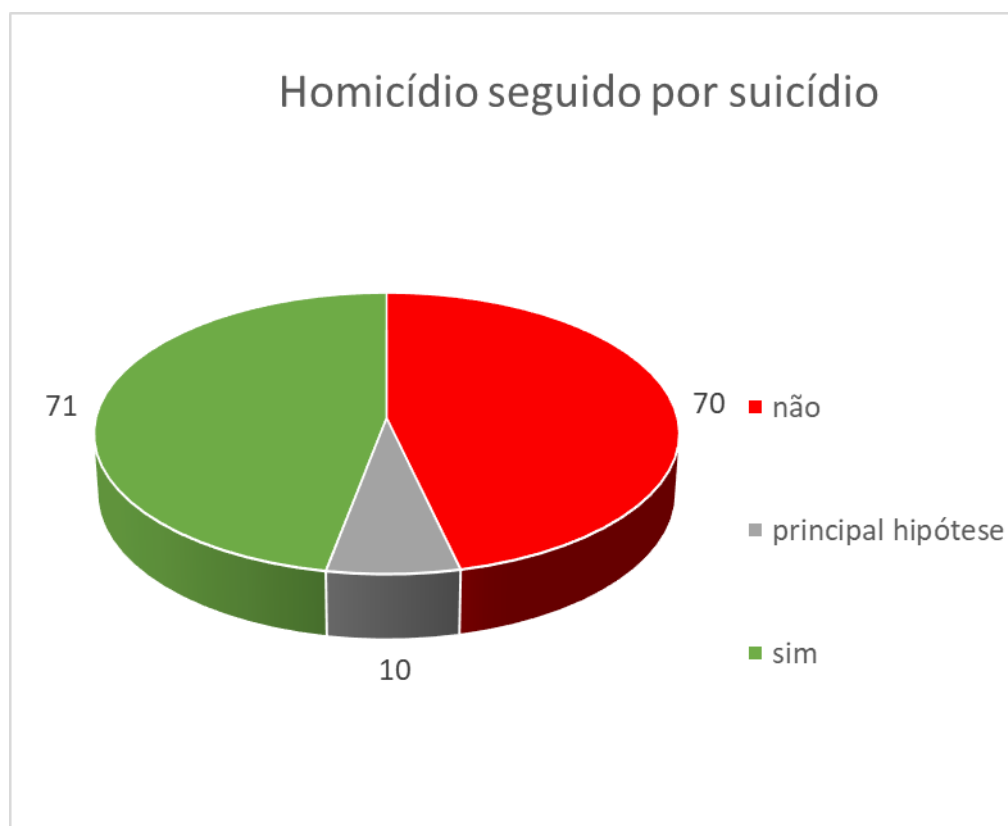
De acordo com Soares (2002), esse tipo de homicídio – e suicídio – é conhecido como homicídio/suicídio ou, na abreviação, H/S. Porém, trata-se de uma categoria heterogênea e acolhe diferentes tipos. Nesse sentido, o autor distingue alguns deles: como homicídios nos quais o suicídio não estava planejado, vindo depois em consequência do remorso; pactos suicidas, nos quais uma pessoa, em acordo com a outra, a mata para depois se suicidar e H/S como unidade, no qual tanto o homicídio quanto o suicídio são planejados e executados. Conforme destaca Soares (2002), para ser estudado, conhecido e até certo ponto evitado, é necessário um único banco de dados a respeito da vítima, do autor e da relação entre ambos, sendo que, no Brasil, ainda não há essa documentação unificada. Em seu estudo, o autor utiliza dados de diferentes países, incluindo Canadá, Estados Unidos, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Japão, Suécia, entre outros.

Segundo Soares (2002, p. 276-277), esse tipo de homicídio e suicídio, em comparação com outros tipos de violência, apresenta certa estabilidade, “em sua grande maioria, os fenômenos violentos variam relativamente pouco no tempo, alguns aumentando ou diminuindo apenas 20% ou 30% em relação ao ano anterior”. Uma pesquisa realizada por Barnes (2000) na Austrália, entre 1973-1992, identificou que H/S é um crime de gênero, uma vez que os homens são a ampla maioria dos assassinos e as mulheres e crianças formam a ampla maioria das vítimas, característica em conformidade com os dados apresentados no corpus de pesquisa.

⁶⁵ Conforme destacado na metodologia deste trabalho, a entrevista foi realizada com um jornalista de um dos veículos analisados e, ao longo da análise, a fonte será mantida em anonimato. Entrevistador: Gabriela Martins Ferigato. São Paulo, 2019.

Na Austrália e em vários outros países estudados, os homens representavam 90% dos assassinos. Além disso, esse tipo de morte carrega um aspecto familiar, porque as mulheres, em sua grande maioria, são vítimas de maridos, amantes, companheiros e/ou namorados, e as crianças são vítimas dos seus pais ou dos parceiros(as) deles(as) (BARNES, 2000). Ainda de acordo com o estudo de Barnes (2000), os homens, quando cometeram homicídio e se suicidaram na sequência, mataram suas companheiras, esposas e/ou namoradas em 54% dos casos; em 24% seus filhos e em 2% os enteados. Já as mulheres mataram os próprios filhos e filhas em 75% e seus parceiros em 17%.

Gráfico 9: Homicídio seguido por suicídio



Ao cruzar a categoria “Homicídio seguido por suicídio” com a categoria “Mulher morta por companheiro”, dos 71 casos que tiveram “sim” como resposta da primeira, 20 correspondem a mulheres mortas por companheiros. Desses 20 casos, 18 ocorreram no Brasil e dois nos Estados Unidos. Os casos brasileiros foram concentrados na região Sudeste (15), sendo que os outros três aconteceram na região Nordeste. Além disso, 14 casos, dos 20, foram registrados em residências. Em relação à faixa etária dos homens responsáveis pelo homicídio seguido por suicídio, dos 20 casos, seis não mencionam a

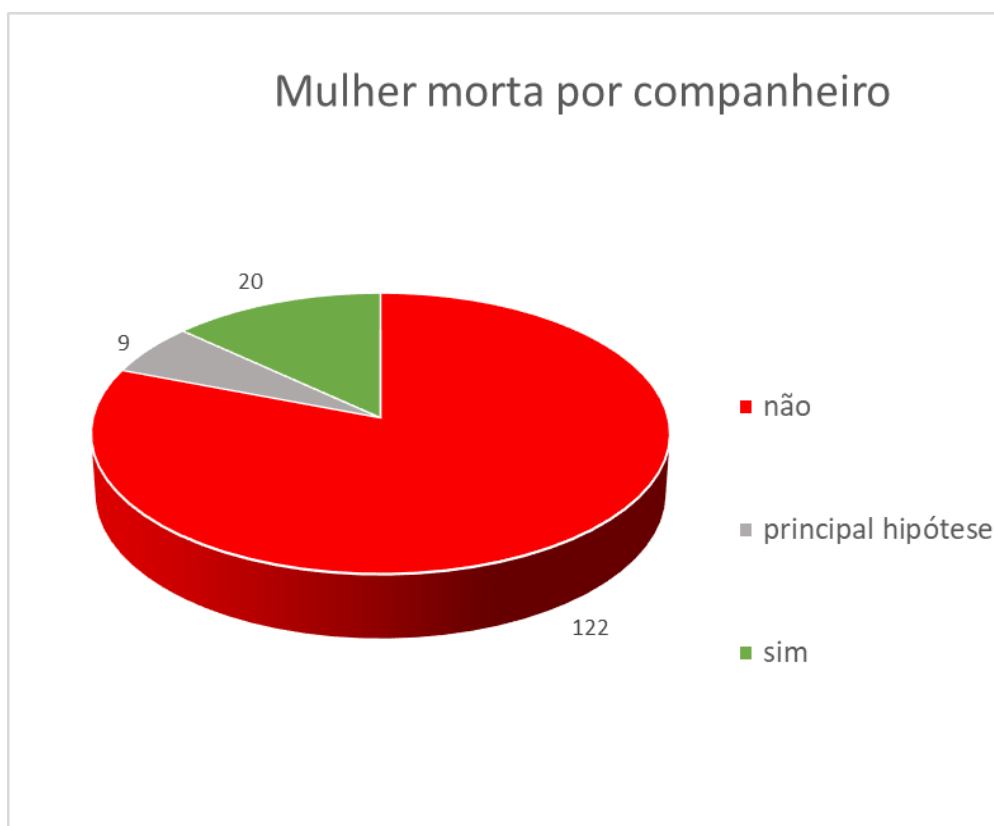
idade. A faixa etária de “40 a 50” anos lidera as incidências, com oito casos, e as demais faixas etárias somam entre um e dois casos cada.

Ao ser analisada de forma isolada, a categoria “Mulher morta por companheiro”, além das 20 matérias já citadas com resposta “sim”, possui outras 9 com a resposta “principal hipótese”, totalizando 29 matérias. Ao cruzar essa categoria com o local do suicídio, observa-se que, desses 29 casos, 19 ocorreram em residências.

A presente categoria leva ao debate sobre o feminicídio no Brasil. Busca-se, com a intenção comparativa, dados estatísticos sobre a questão no ano referente desta pesquisa. Segundo um levantamento feito pelo *GI*, considerando os dados oficiais dos estados brasileiros relativos a 2017, foram 4.479 homicídios dolosos, sendo 946 feminicídios⁶⁶. Segundo a lei brasileira 13.104/2015, o feminicídio é definido como o homicídio da mulher em razão de sua condição de gênero, envolvendo violência doméstica e menosprezo e/ou discriminação à condição de mulher.

De acordo com a pesquisa, parte do Monitor da Violência, uma parceria do portal *GI* com o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, trata-se de um aumento de 6,5% em relação a 2016. Em 2015, 11 estados não registravam dados de feminicídios; em 2017, três ainda não tinham casos contabilizados (Ceará, Roraima e Tocantis). O relatório mostrou que o estado de Mato Grosso representou a maior taxa de feminicídio: 4,6 a cada 100 mil. Conforme contextualiza a pesquisa, o estudo enfrentou problemas em relação aos dados computados nos estados.

⁶⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Gráfico 10: Mulher morta por companheiro

A categoria “Suicídio como parte de atentado terrorista” contabiliza a resposta “sim” em 39 das 151 matérias do corpus de pesquisa. Esses 39 casos fazem parte dos 71 casos que tiveram resposta “sim” na categoria “Homicídio seguido por suicídio”. Conforme adiantado, dos 39 casos, 14 tratam especificamente do atentado terrorista ocorrido no dia 22 de maio de 2017 durante o show da cantora pop Ariana Grande no Manchester Arena, na Inglaterra. O ataque deixou 22 mortos, sendo considerado o pior ataque terrorista no país desde 2005, quando a rede de transporte público de Londres foi atingida por diversas bombas, provocando 54 mortes⁶⁷. Dentro do período da análise, o atentado no Manchester Arena foi noticiado até o dia 15 de setembro de 2017, com a reportagem “Incidente no metrô é o quinto ataque terrorista no Reino Unido em 2017”⁶⁸. Desde a data do atentado terrorista até essa última matéria foram repercutidos diferentes acontecimentos e notícias em torno da temática central. Por exemplo, “Salman Abedi: um

⁶⁷ Informação disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/os-dois-atentados-de-manchester-mostram-a-natureza-mutante-do-terrorismo-f5hqlcvoo7j3g77pc04q0k5gj/>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁶⁸ G1. “Incidente no metrô é o quinto ataque terrorista no Reino Unido em 2017”. *G1*, Rio de Janeiro, 15 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/incidente-no-metro-e-o-quinto-ataque-terrorista-no-reino-unido-em-2017.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

extremista de origem líbia movido pela vingança”⁶⁹, publicada no dia 25 de maio, em que aborda um perfil do autor do atentado, incluindo informações sobre seu contexto familiar, escolaridade, religião e possíveis motivações que levaram ao atentado, exemplificado no trecho:

Um dos motivos de Abedi pode ter sido o desejo de vingança pela morte em maio de 2016 de um amigo que foi apunhalado por um grupo de jovens britânicos, segundo um parente em Trípoli. ‘Este incidente despertou uma sensação de repulsa entre os jovens líbios em Manchester e especialmente em Salman, que expressou claramente o seu desejo de vingança’, disse à AFP este parente que agora vive na Líbia.

Uma matéria publicada no dia 24 de maio de 2017 traz detalhes sobre o método utilizado no atentado e informações sobre a análise inicial da bomba. Outra reportagem, publicada no dia 28 de maio, mostra a rede de solidariedade formada por moradores de Manchester após o ataque. Mais tarde, uma matéria publicada no dia 6 de junho relembra os principais atentados no Reino Unido desde 2005. Um texto do dia 16 de agosto informa que as famílias das 22 pessoas mortas iriam receber 250 mil libras esterlinas (cerca de R\$ 1 milhão) após doações do público para o fundo “We Love Manchester”.

Em comparação com outros ataques terroristas computados no corpus de pesquisa no mesmo período, ao olhar, por exemplo, o número de mortos entre as vítimas, um atentado com uma caminhonete-bomba ocorrido no dia 15 de abril de 2017 contra um comboio de ônibus deixou 126 mortos na Síria, incluindo 68 crianças entre as vítimas fatais. Segundo a reportagem, “foi um dos ataques mais violentos em mais de seis anos de guerra”. Porém, essa foi a única matéria sobre o ataque em questão em ambos os veículos no período analisado.

Em entrevista realizada para esta pesquisa, a fonte corrobora com a questão da importância dada à região em que um atentado ocorre: “um atentado em Londres vai acabar sendo mais noticiado do que um no Afeganistão ou no Sudão.”. Nesse sentido, pontua também a influência do meio online. “Ele é medido em tempo real: a reação das pessoas, o engajamento. Então, às vezes, as questões são muito norteadas pelo resultado que se está tendo. O online publica muito mais”. Nesta análise, o atentado terrorista ocorrido em Londres foi noticiado, a partir da data do ocorrido, até 15 de setembro de 2017, quatro meses após o evento.

⁶⁹ G1. “Salman Abedi: um extremista de origem líbia movido pela vingança”. *G1*, Rio de Janeiro, 25 maio 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/salman-abedi-um-extremista-de-origem-libia-movido-pela-vinganca.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Em relação à identidade dos responsáveis pelo atentado terrorista em matérias do gênero, das 39 reportagens, 13 apresentam o nome completo do terrorista suicida. Dessas, sete se referem ao atentado em Manchester. Ressalta-se que nem todas as matérias sobre o atentado em Londres, citado anteriormente, trazem o nome completo do responsável pelo ato. Três das matérias que contêm o nome completo do responsável tratam do atentado terrorista ocorrido no metrô de São Petersburgo, na Rússia, no dia 3 de abril de 2017, que deixou 14 mortos. A reportagem “Agente do Hamas e agressor suicida morrem em ataque na Faixa de Gaza”⁷⁰ trouxe o nome do responsável, de forma individualizada, junto com a informação:

Fontes locais em Gaza, no entanto, contaram à EFE que o suicida morto é Mustaf Kulab, membro do Estado Islâmico (EI), que tentava entrar no Egito para se dirigir à Península do Sinai, onde operam grupos armados associados ao EI. Se esta informação for confirmada, este seria o primeiro ataque em Gaza feito por membros do EI. Além disso, é o primeiro ataque suicida em mais de uma década no território litorâneo palestino.

Outro texto com destaque à identidade dos terroristas suicidas é o de título “Estado Islâmico assume ataque contra mesquita xiita no Afeganistão”⁷¹ sobre o atentado ocorrido em 2 de agosto de 2017 contra uma mesquita no Oeste do Afeganistão. Por fim, o texto “Egito diz ter identificado autor de ataque à igreja de Alexandria” traz informações sobre a identificação do autor do ataque contra uma igreja copta⁷² em Alexandria, exemplificado no trecho:

Os exames de DNA realizados nos restos (do corpo) recuperados no local do atentado demonstraram que o terrorista suicida da igreja São Marcos de Alexandria era Mahmud Hassan Mubarak Abdala. Ele nasceu em Quena (sul) em 1986 e vivia na província de Suez, segundo o ministério⁷³.

⁷⁰ UOL. “Agente do Hamas e agressor suicida morrem em ataque na Faixa de Gaza”. *UOL*, São Paulo, 17 ago. 2017. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/08/17/agente-do-hamas-e-agressor-suicida-morrem-em-ataque-na-faixa-de-gaza-301704.php>. Acesso em: 1 maio 2019.

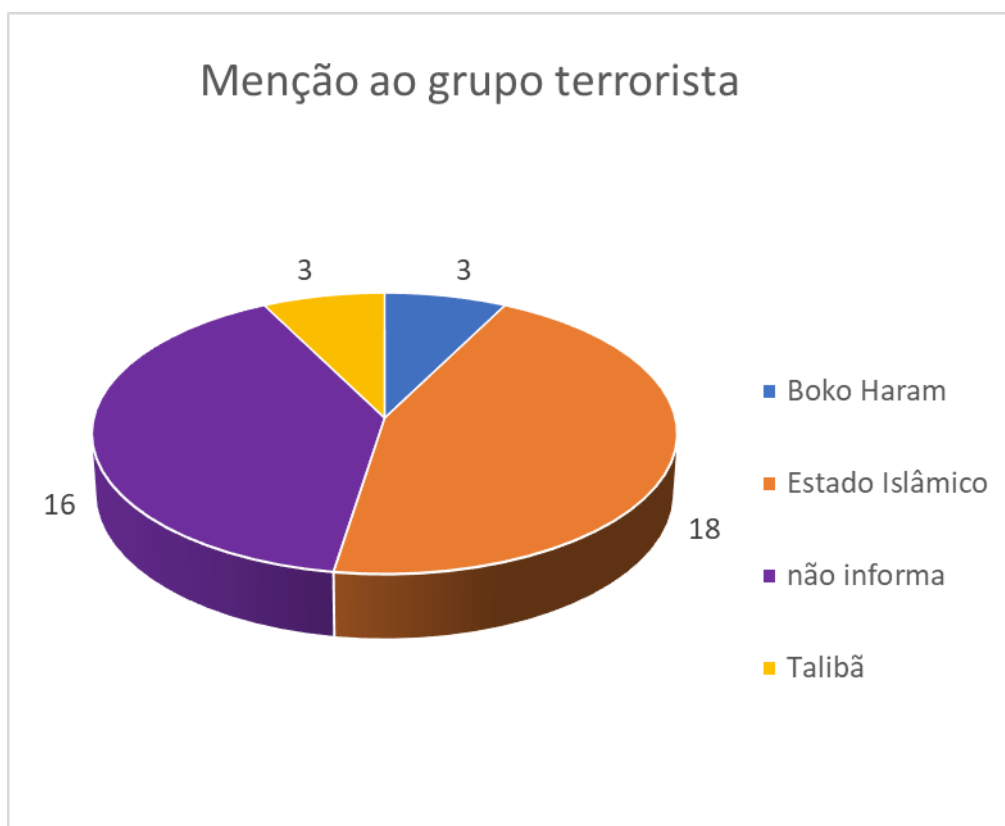
⁷¹ UOL. “Estado Islâmico assume ataque contra mesquita xiita no Afeganistão”. *UOL*, São Paulo, 2 ago. 2017. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/08/02/estado-islamico-assume-ataque-contra-mesquita-xiita-no-afeganistao-298886.php>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁷² Considerada uma das igrejas ortodoxas orientais, a Igreja Ortodoxa Copta faz parte da Igreja de Alexandria, no Egito, que rompeu com as igrejas bizantinas.

⁷³ G1. “Egito diz ter identificado autor de ataque à igreja de Alexandria”. *G1*, Rio de Janeiro, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/egito-diz-ter-identificado-autor-de-ataque-a-igreja-de-alexandria.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Gráfico 11: Suicídio como parte de atentado terrorista

Busca-se identificar nas matérias relacionadas a atentados terroristas a menção ao grupo responsável pelo ato. Das 40 reportagens, incluindo, também, a resposta “hipótese”, 18 citam o grupo Estado Islâmico (45%). Dentro desse escopo, os países onde ocorreram os atentados cometidos pelo Estado Islâmico foram: Afeganistão, Argélia, Egito, Indonésia, Inglaterra, Iraque e Rússia. As seis matérias computadas na Inglaterra, novamente, estão relacionadas com o atentado em Manchester.

Gráfico 12: Menção ao grupo terrorista

De acordo com a análise, 73% das reportagens não trazem dados estatísticos/históricos sobre o foco da matéria, enquanto em 27% delas há a presença dessas informações. Das 41 reportagens em que há a presença desses dados, 28 possuem resposta positiva na categoria “Homicídio seguido por suicídio”. Dessas 28, nota-se que 24 tiveram resposta positiva na categoria “Parte de atentado terrorista”. As quatro matérias restantes são: “PM mata ex, e São Paulo acumula três crimes contra a mulher em dois dias”⁷⁴, “Homem armado invade escola e mata sua mulher em San Bernardino, nos EUA; aluno e atirador também morrem”⁷⁵, “Mulher é esganada e morta pelo namorado na Zona

⁷⁴ UOL. “PM mata ex, e São Paulo acumula três crimes contra a mulher em dois dias”. *UOL*, São Paulo, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1911898-pm-mata-ex-mulher-e-sp-acumula-tres-casos-de-feminicidio-em-dois-dias.shtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁷⁵ G1. “Homem armado invade escola e mata sua mulher em San Bernardino, nos EUA; aluno e atirador também morrem”. *G1*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-san-bernardino-dizem-bombeiros.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Sul de SP”⁷⁶ e “Delegado mata a mulher juíza em Perdizes, Zona Oeste de SP”⁷⁷. Essas quatro matérias fazem parte da categoria “Mulher morta por companheiro”. Desse escopo, há duas matérias que tratam com mais detalhes a temática violência contra mulher.

A matéria “Delegado mata a mulher juíza em Perdizes, Zona Oeste de SP”⁷⁸, publicada em 28 de agosto de 2017 no *GI*, cita o homicídio seguido por suicídio do delegado Cristian Lanfredi, de 42 anos, então profissional na Assembleia Legislativa de São Paulo, e responsável pela morte da mulher Cláudia Zerarti, de 46 anos, então juíza do Trabalho. A partir do caso, o texto traz uma nota emitida pela Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra) e pela Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 2ª Região (Amatra):

Em 2016, contabilizávamos 4,8 assassinatos a cada 100 mil mulheres, ocupando o 5º lugar no ranking mundial de países, quanto ao feminicídio. Pelos dados do Mapa da Violência 2015, dos 4.762 assassinatos de mulheres registrados no Brasil em 2013, 50,3% foram cometidos por familiares (33,2% pelo parceiro). O machismo mata. E as campanhas publicitárias de ocasião não bastam para contê-lo.

O texto “PM mata ex, e São Paulo acumula três crimes contra a mulher em dois dias”, publicado no jornal *Folha de S.Paulo* no dia 22 de agosto de 2017, cita, como terceiro caso, novamente o homicídio seguido por suicídio do delegado Cristian Lanfredi. Na sequência, traz a informação de que 30% das 272 mulheres mortas nos seis primeiros meses de 2017 no estado de São Paulo foram vítimas de maridos e companheiros, segundo dados da secretaria de Segurança Pública tabulados pelo SPTV⁷⁹. Já em todo o País, ao menos 29% das mulheres afirmaram ter sofrido violência doméstica física, verbal ou psicológica em 2016, de acordo com pesquisa realizada em 2017 pelo Datafolha a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O estudo projetou que 503 mulheres foram vítimas de agressões físicas a cada hora no Brasil e que dois a cada três brasileiros (66%)

⁷⁶ G1. “Mulher é esganada e morta pelo namorado na Zona Sul de SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mulher-e-morta-estrangulada-pelo-namorado-na-zona-sul-de-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁷⁷ G1. “Delegado mata a mulher juíza em Perdizes, Zona Oeste de SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 20 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/delegado-mata-a-mulher-juiza-em-perdizes-zona-oeste-de-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁷⁸ G1. “Delegado mata a mulher juíza em Perdizes, Zona Oeste de SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 20 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/delegado-mata-a-mulher-juiza-em-perdizes-zona-oeste-de-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁷⁹ SPTV é um telejornal local brasileiro produzido e exibido pela *TV Globo* São Paulo para a sua área de cobertura.

presenciaram uma mulher sendo agredida física ou verbalmente no mesmo período. Os quatro exemplos de dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria em casos de mulher morta por companheiro representam 14% do total.

De forma paralela ao debate feito nesta categoria, porém complementar tendo em vista as reportagens referentes ao homicídio seguido por suicídio do delegado Cristian Lanfredi, a entrevista realizada para esta dissertação traz o elemento da classe social a qual pertence o cidadão anônimo e de que forma isso pode influenciar na noticiabilidade do evento.

Se for, por exemplo, um empresário, alguém com dinheiro, isso naturalmente vai ter mais repercussão. Se for uma pessoa pobre, de periferia, normalmente vai ficar na questão simplesmente passional. Se for uma mãe de classe média que matou a filha e depois se matou é um tratamento, se não, é outro. Porque a história não vai se desenvolvendo tanto e isso é por causa do interesse das pessoas. A resposta que se dá no quanto a história tem de audiência (informação verbal⁸⁰).

Ao cruzar a categoria “Dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria” com “Parte de atentado terrorista”, no entanto, o número sobe para 60% em comparação com 40% de matérias que não apresentam as informações. Ao analisar esses casos, observa-se uma tentativa de trazer o ataque suicida em um contexto macro. Nesse sentido, há majoritariamente informações sobre a guerra e ações do grupo terrorista em questão. A afirmação pode ser exemplificada a partir do trecho da reportagem “Estado Islâmico comete onda de ataques suicidas para tentar frear retomada de Mossul”⁸¹, publicada no dia 3 de julho de 2017 no *GI*:

Em 2014, o EI se apoderou de vastos territórios ao norte, a oeste e a leste de Bagdá. Mas as forças iraquianas, apoiadas pelos ataques aéreos da coalizão liderada pelos Estados Unidos, recuperaram grande parte dessas áreas. A retomada de Mossul não marcará o fim da guerra contra o EI [Estado Islâmico], que ainda controla várias zonas no Iraque e na Síria. Apesar de ter perdido 60% de seu território e 80% de seus recursos segundo um estudo do IHS Markit publicado na semana passada, a organização extremista segue capaz de realizar atentados nos dois países e no exterior.

⁸⁰ A entrevista foi realizada com um jornalista de um dos veículos analisados e, ao longo da análise, a fonte será mantida em anonimato. Entrevistador: Gabriela Martins Ferigato. São Paulo, 2019.

⁸¹ *GI*. “Estado Islâmico comete onda de ataques suicidas para tentar frear retomada de Mossul”. *GI*, Rio de Janeiro, 3 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/estado-islamico-comete-onda-de-ataques-suicidas-para-tentar-frear-retomada-de-mossul.ghtml>. Acesso em: 9 jul. 2019.

A reflexão sinaliza que, em casos de terrorismo, mais relevante do que o próprio ato de suicídio está o contexto em que ele ocorreu, sendo esse um valor-notícia predominante nesse recorte.

Ao observar as reportagens com dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria que não são casos de homicídio seguido por suicídio, a análise compreende 13 textos, sendo que quatro deles tratam do jogo virtual Baleia Azul. O desafio, que supostamente incluía tarefas como escutar músicas depressivas, mutilar partes do corpo e, por último, tirar a própria vida, surgiu como uma notícia falsa na Rússia, em 2015, onde era vinculado como o responsável pelo suicídio de duas jovens de 14 e 15 anos. As reportagens noticiam a investigação de tentativas de suicídio entre adolescentes possivelmente motivadas por esse jogo. Segundo as reportagens⁸², havia casos confirmados em ao menos dois estados brasileiros, Rio de Janeiro e Paraná. Ao longo de três dos quatro textos há a informação de outros casos que já estavam em investigação e citam os suicídios de uma menina de 16 anos em Vila Rica (MT) e de uma jovem de 19 anos em Pará de Minas (MG). Outra reportagem, intitulada “Jogo da Baleia Azul: Até que ponto devemos nos preocupar?”⁸³, publicada no dia 27 de abril de 2017 no *GI*, ao contextualizar a origem do jogo Baleia Azul, traz o suicídio de duas adolescentes na Rússia. Essas matérias contêm informações sobre sinais de alerta ao suicídio, como agir, melhor abordagem ao compreender os sinais, bem como telefones e sites de ajuda.

Ainda como parte das 13 matérias, há exemplos em que o próprio dado é o elemento distintivo do texto, como visto nas reportagens: “Governo de SP confirma quarta morte de mulher em presídio feminino após denúncia”⁸⁴, “Nos últimos dois meses, dez suicídios são registrados na Região Metropolitana de São Luís”⁸⁵, “MP analisa

⁸² UOL. “Polícia apura motivação para recentes tentativas de suicídio no RJ e no PR”. *UOL*, São Paulo, 19 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1877017-policia-apura-motivacao-para-recentes-tentativas-de-suicidio-no-rj-e-no-pr.shtml>; COLLUCCI, Cláudia. Brasil já registra suicídios e mutilações ligados ao jogo 'Baleia Azul'. *UOL*, São Paulo, 14 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2017/04/1875567-brasil-ja-registra-suicidios-e-mutilacoes-ligados-ao-jogo-baleia-azul.shtml>; COELHO, Henrique. “Polícia do RJ confirma casos de tentativas de suicídio motivadas pelo jogo da Baleia Azul”. *GI*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-do-rj-confirma-outras-casos-de-tentativa-de-suicidio-motivado-pelo-jogo-da-baleia-azul.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁸³ *GI*. “Jogo da Baleia Azul: Até que ponto devemos nos preocupar?”. *GI*, Rio de Janeiro, 29 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/jogo-da-baleia-azul-ate-que-ponto-devemos-nos-preocupar.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁸⁴ REIS, Vivian. “Governo de SP confirma quarta morte de mulher em presídio feminino após denúncia”. *GI*, Rio de Janeiro, 19 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/pastoral-carceraria-denuncia-quarto-caso-de-suicidio-em-tres-meses-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁸⁵ *GI*. “Nos últimos dois meses, dez suicídios são registrados na Região Metropolitana de São Luís”. *GI*, Rio de Janeiro, 13 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/nos-ultimos-dois->

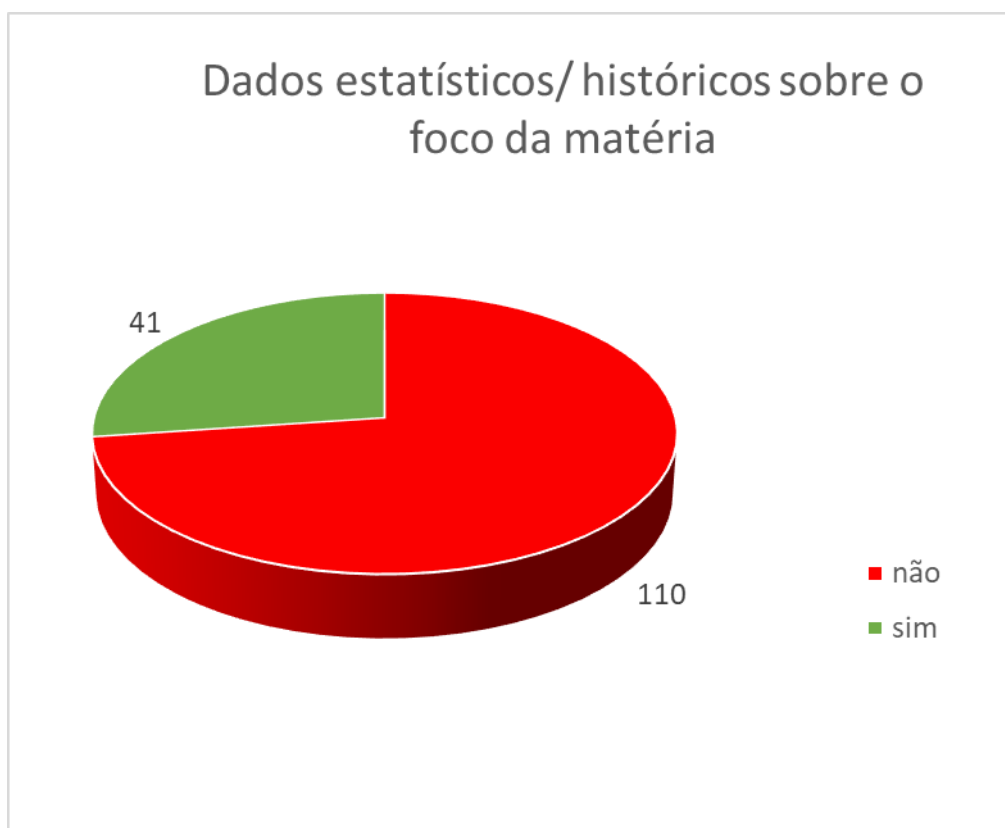
denúncia de ‘suicídios em série’ em penitenciária feminina de SP”⁸⁶, “Causas de suicídios de índios Karajá são investigadas pelo MPF em MT”⁸⁷. Em comum a todos os exemplos acima, conforme o próprio título já adianta, estão os “casos aglutinados”, ou seja, não tratam de casos individualizados, mas sim coletivos. Como exceção, a única matéria referente ao suicídio de um único cidadão anônimo que traz dados a fim de incluir o caso em um contexto macro foi “Polícia investiga morte de mulher vítima de asfixia por enforcamento em São José de Ribamar”⁸⁸. O texto, ao trazer o suicídio de Ana Patrícia Lemos de Castro, em São Luís (MA), informa: “Em agosto, sete pessoas recorreram ao suicídio como consta no relatório divulgado pela Secretaria de Segurança Pública (SSP). A maioria foi por enforcamento e uma ocorrência foi motivada por envenenamento”.

meses-dez-suicidios-foram-registrados-na-regiao-metropolitana-de-sao-luis.ghtml. Acesso em: 1 maio 2019.

⁸⁶ REIS, Vivian. “MP analisa denúncia de ‘suicídios em série’ em penitenciária feminina de SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 30 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mp-analisa-denuncia-de-suicidios-em-serie-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁸⁷ SOUZA, André. “Causas de suicídios de índios Karajá são investigadas pelo MPF em MT”. *GI*, Rio de Janeiro, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/causas-de-suicidios-de-indios-karaja-sao-investigadas-pelo-mpf-em-mt.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁸⁸ G1. “Polícia investiga morte de mulher vítima de asfixia por enforcamento em São José de Ribamar”. *GI*, Rio de Janeiro, 6 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/policia-investiga-morte-de-mulher-vitima-de-asfixia-por-enforcamento-em-sao-luis.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Gráfico 13: Dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria

Das 151 matérias do corpus de pesquisa, apenas 13% são enquadradas positivamente na categoria “Casos para tendências e/ou problemas sociais”. Conforme destacado na metodologia desta dissertação, os casos positivos são divididos em: “específico para geral” e “geral para específico”. Sendo assim, há 11 matérias com a resposta “específico para geral” e 8 com “geral para específico”. Dentro do primeiro grupo, a análise compreende matérias que citam um caso de suicídio de cidadão anônimo (ou mais de um, em casos aglutinados, por exemplo) e, a partir disso, abordam um problema maior. No segundo grupo, as reportagens partem do problema maior/central e, em um momento da narrativa, citam um caso específico de suicídio do cidadão anônimo. Entre as temáticas (“específico para geral”), uma notícia publicada no *UOL*, no dia 31 de agosto de 2017, traz o suicídio de uma menina de 12 anos na Índia após, segundo a reportagem, ter sido humilhada por uma professora devido a uma mancha de menstruação em seu uniforme, chamando a atenção para o tabu da menstruação na Índia moderna. A partir do caso, a matéria afirma que mulheres ou meninas indianas são consideradas sujas e impuras sendo alvo de discriminação durante o período de menstruação quando, por exemplo, podem ser proibidas de entrar em templos ou de preparar e tocar em algumas comidas.

Outra matéria, publicada no *UOL* no dia 7 de agosto de 2017, traz o suicídio de um adolescente em sala de aula na Argentina. Logo no início, a reportagem afirma que o caso gerou debate em torno da violência escolar. As hipóteses geradas pela investigação trabalhavam com a ideia de um suicídio causado pelo assédio escolar ou participação em um tipo de jogo virtual.

Ao olhar para casos ocorridos no Brasil, uma reportagem publicada no *UOL* no dia 30 de abril de 2017, cita, logo no começo do texto, três casos de suicídio de padres no país. A narrativa traz as possíveis motivações para o comportamento suicida de sacerdotes, como excesso de trabalho, falta de lazer, perda de motivação, depressão, estresse etc. Ao trazer o aumento de casos de suicídio de índios Karajá, outra reportagem, publicada no *GI* no dia 5 de junho de 2017, lista, a partir de um estudo realizado, a entrada da globalização nas aldeias como possível motivo para os suicídios, ou seja, o acesso aos meios de comunicação e a intensificação da educação escolar teriam aberto as portas para o mundo dos brancos e os modelos de consumos. Duas reportagens, publicadas no *GI* nos dias 30 de agosto e 19 de setembro de 2017, abordam “suicídios em série” em um presídio feminino em São Paulo, sendo que a questão levantada nas matérias é a possibilidade de violação de direitos humanos na unidade. “Para a Pastoral [Carcerária], ‘o número de mortes em um curto espaço de tempo pode significar uma tendência epidêmica, além de uma omissão estatal em relação aos cuidados com a saúde física e psíquica das presas’”, afirma trecho de uma das matérias⁸⁹.

Julga-se ser relevante destacar que as reportagens citadas acima, sobre o aumento de suicídios de índios Karajá, bem como sobre os suicídios ocorridos em um presídio feminino em São Paulo, se baseiam em relatórios/estudos alheios para tratar das tendências de suicídios entre indígenas e presidiárias. O primeiro traz informações com base em relatório divulgado pela Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), enquanto o segundo se fundamenta em documento divulgado pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). Pensando nos critérios de noticiabilidade, a análise acredita que o acesso às pesquisas pode permitir ao jornalista fazer a inferência de uma tendência maior e/ou os estudos podem ter sido a pauta original das reportagens.

Das oito reportagens classificadas como “geral para específico”, três delas abordam as tentativas de suicídio de adolescentes possivelmente motivados pelo jogo da

⁸⁹ REIS, Vivian. “MP analisa denúncia de 'suicídios em série' em penitenciária feminina de SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 30 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mp-analisa-denuncia-de-suicidios-em-serie-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Baleia Azul. Todas elas começam com menções a investigações, contextualizam o jogo e, mais adiante, trazem os casos de óbito possivelmente motivados por ele.

Ao considerar as 81 reportagens com resposta positiva na categoria “Homicídio seguido por suicídio”, apenas quatro possuem resposta positiva na categoria “Casos para tendências e/ou problemas sociais”. Sendo que, desse número, três são positivas na categoria “Suicídio como parte de atentado terrorista” e uma na “Mulher morta por companheiro”.

Na discussão teórica acerca de noticiabilidade realizada neste trabalho foi feita a reflexão de um jornalismo transformado em uma atividade com participação da massa e se essa massa, por meio de diferentes plataformas digitais, estaria compartilhando e, inclusive, gerando conteúdo sobre a temática suicídio. Sendo assim, a hipótese trazida seria a de que, ao transformar o suicídio de um cidadão anônimo em notícia, os jornalistas estariam preocupados em levar o assunto para o debate público e, assim, cientes de uma responsabilidade cívica de que, como uma questão de saúde pública, é seu dever não silenciar o tema. Especificamente sobre o papel das redes sociais diante do debate, o entrevistado destaca que pelas redes sociais é possível identificar movimentos que estão acontecendo.

O caso da Baleia Azul, por exemplo. Quando começou a surgir a história, se tinha alguma coisa a ver com suicídio ou não, o tratamento foi: a gente trata falando dos perigos disso, não vamos relatar os casos que tiveram. No máximo enumerar, trazendo especialistas para falar, uma abordagem nesse sentido. Não entrava na história de cada uma dessas pessoas que se mataram ou tentaram se matar. Até as próprias *fake news* servem para nortear algumas coisas que as pessoas estão começando a pensar e, às vezes, acabamos fazendo matéria para explicar que se trata de *fake news*. [As redes sociais] Servem para monitorar o que [as pessoas] estão falando e, a partir dali, a gente tira pauta. É difícil ter alguma ocorrência que se descubra por meio da rede social, não se propaga tanto. A não ser que tenha algum tipo de ligação com determinada pessoa [conhecida] e aí aparece na sua *timeline*⁹⁰ ou em grupos de WhatsApp (informação verbal⁹¹).

⁹⁰ O termo *timeline* é conhecido entre os usuários das redes sociais na Internet, como o Facebook, Twitter e Instagram. Trata-se da ordem das publicações feitas nas plataformas sociais online, ajudando o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos.

⁹¹ A entrevista foi realizada com um jornalista de um dos veículos analisados e, ao longo da análise, a fonte será mantida em anonimato. Entrevistador: Gabriela Martins Ferigato. São Paulo, 2019.

Gráfico 14: Casos para tendências e/ou problemas sociais

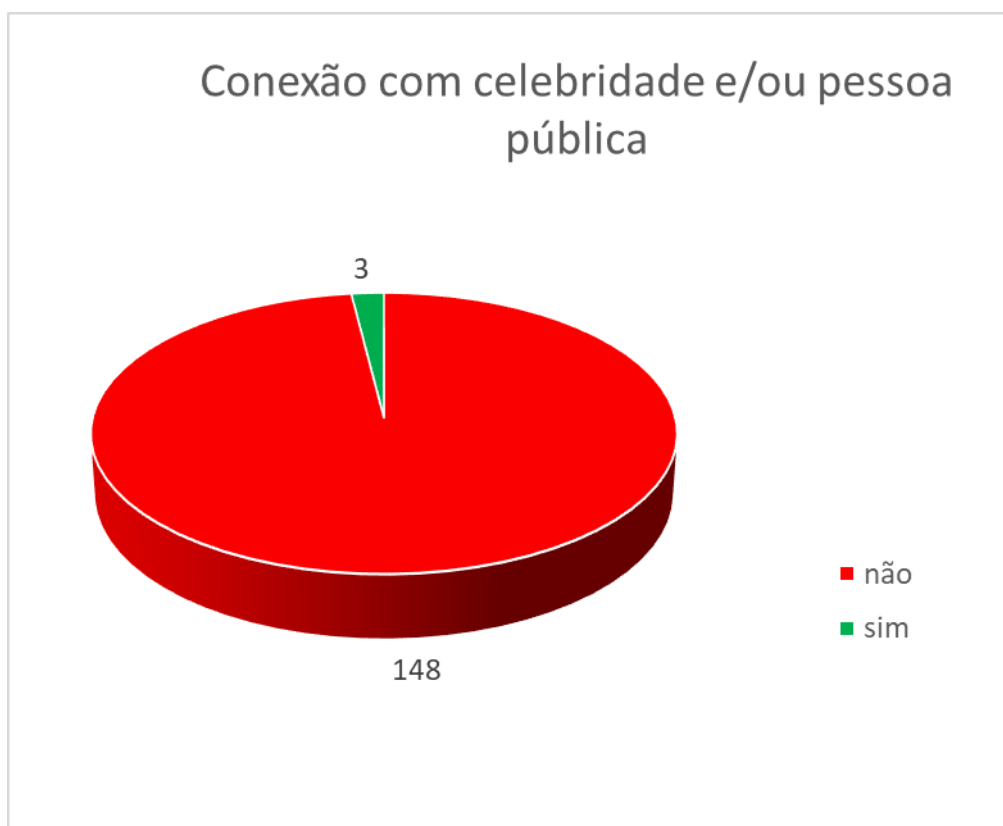
Ao longo dos capítulos teóricos desta pesquisa, refletiu-se sobre o valor-notícia notoriedade e como ele se enquadra na temática suicídio. Mesmo tendo como recorte o suicídio de cidadãos anônimos, ou seja, até então sem visibilidade midiática, o oposto ao valor-notícia notoriedade, foi criada a categoria “Conexão com celebridade e/ou pessoa pública” com o intuito de analisar se, mesmo não sendo detentor desse valor-notícia, o cidadão anônimo possui algum vínculo com uma celebridade e/ou pessoa pública.

Das 151 matérias, apenas três se encaixam positivamente nessa categoria. Duas delas correspondem ao suicídio da esposa do vice-prefeito de Abadia de Goiás (GO), ocorrido no dia 27 de agosto de 2017. As reportagens foram publicadas em ambos os portais e trazem a informação de um decreto de luto de três dias na cidade. A terceira matéria informa o suicídio da filha do cineasta Zack Snyder, diretor do filme *Liga da Justiça*. A reportagem, que, em relação à identidade da vítima informou apenas seu primeiro nome e idade, trouxe aspas do diretor afirmando sobre sua decisão em se afastar das filmagens, bem como o nome do diretor que assumiu a posição de Snyder na produção do longa.

De forma paralela, conforme destacado anteriormente na análise, há uma super-representação referente ao atentado terrorista ocorrido em 22 de maio de 2017 no Reino

Unido durante um show da cantora pop Ariana Grande no estádio Manchester Arena. A presença de diferentes valores-notícia no acontecimento, como exposto nas categorias “Homicídio seguido por suicídio” e “Suicídio como parte de atentado terrorista”, implica na reflexão de valores como assassinato, morte, raridade, negatividade e número de pessoas envolvidas. Porém, nesse caso em específico, há a presença, também, da cantora pop Ariana Grande, uma celebridade. Nesse sentido, o valor-notícia notoriedade se faz presente nesse conjunto e, nesta análise, acredita-se que essa conexão foi relevante para a super-representação do atentado no corpus de pesquisa.

Gráfico 15: Conexão com celebridade e/ou pessoa pública



De acordo com a análise, 23% das reportagens do corpus contêm um histórico de atualização ao fim do texto. Ou seja, posteriormente à publicação original da matéria, o veículo atualizou o texto com novas informações, essas que incluíam o nome da pessoa vítima de suicídio, sexo, idade, local do ato, conclusão de inquérito, entre outros dados. As 34 matérias (23% citados anteriormente) fazem parte da editoria “Regional”, sendo todas reportagens publicadas pelo veículo *GI*. Dos 34 casos, 24 ocorreram fora das capitais brasileiras e 22 foram registrado em residências. Apenas dois casos do recorte

foram registrados como “homicídio seguido por suicídio”, incluindo também a resposta “principal hipótese”.

Gráfico 16: Histórico de atualização

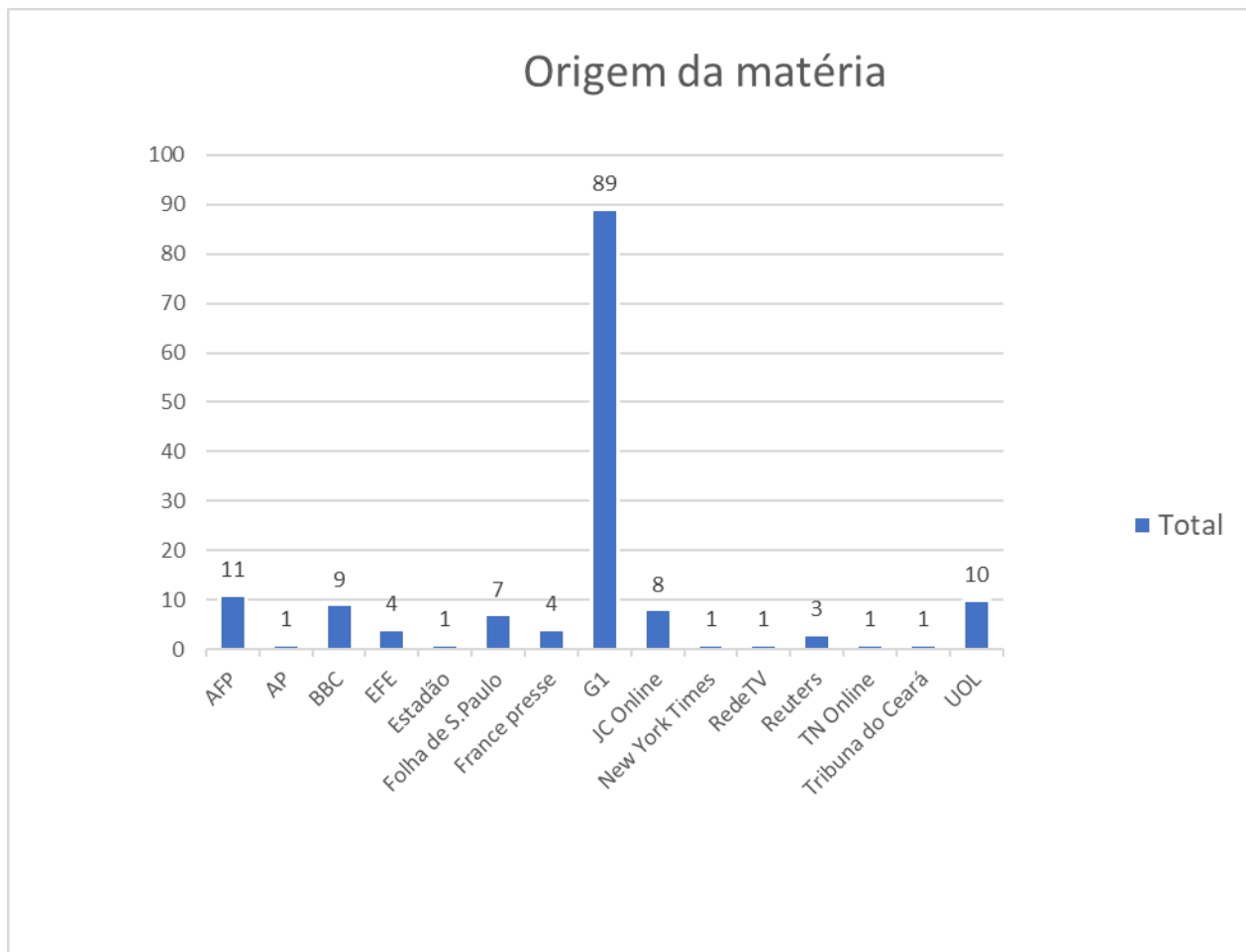


A análise visa compreender a origem das matérias no corpus de pesquisa. Nesse sentido, se faz importante reforçar que o corpus é composto por reportagens oriundas dos portais *GI* e *UOL*, veículos de comunicação selecionados para a análise. Porém, conforme dito ao longo desta dissertação, esses portais de notícias hospedam conteúdos de empresas parceiras, bem como de agências de notícias. A categoria “Origem da matéria” foi criada com o intuito de observar as reportagens do corpus de pesquisa que foram produzidas pela própria equipe dos veículos selecionados em comparação com a proporção originária de parceiros/demais fontes de notícias.

Das 151 matérias do corpus de pesquisa, 111 têm como origem o portal *GI*, enquanto 40 o portal *UOL*. Tendo em vista esses números, de 111 matérias do *GI*, 89 são demarcadas e assinadas como *GI*. Das 40 reportagens do *UOL*, 10 são demarcadas e assinadas como *UOL*. Em relação aos demais conteúdos, 11 reportagens são oriundas da agência de notícias *AFP* (7%), enquanto 6% correspondem à *BBC* e 5% ao *Jornal do Commercio (JC Online)*, baseado em Recife (PE).

Ao cruzar a origem da matéria com a categoria “Dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria”, 16 das 89 reportagens assinadas como *G1* possuem essas informações, enquanto 1 das 9 matérias do *UOL* corresponde positivamente à categoria. Em relação às demais fontes, 8 das 11 matérias da *AFP* possuem dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria e 4 das 9 reportagens da *BBC* também o fazem.

Gráfico 17: Origem da matéria



As três editorias com maior número de reportagens foram: “regional” (46%), “mundo” (33%) e “cotidiano” (7%). A resposta “regional” corresponde às editorias nomeadas com cidades brasileiras. Sobre as 70 reportagens correspondentes à editoria “regional”, todas têm como origem o portal *G1*. Além de cinco redações nas emissoras Globo situadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Recife, o *G1* possui equipes em todas as emissoras afiliadas. Atualmente, são 116 afiliadas. A informação tem o intuito de reforçar a presença nacional do veículo e, conseqüentemente, nas cidades em que o suicídio do cidadão anônimo foi reportado.

Ainda sobre a editoria “regional”, das 70 matérias, 28 correspondem a casos de homicídio seguido por suicídio (incluindo também a resposta “principal hipótese”). Em relação aos 42 casos restantes (não correspondentes à categoria “Homicídio seguido por suicídio”), 27 ocorreram em cidades fora das capitais brasileiras. Ao explorar mais a fundo esses 42 casos, 16 tratam do sexo feminino, 22 do sexo masculino e 4 casos aglutinados. A faixa etária com maior número de casos (12) é a de “20 a 30 anos”, seguida de “10 a 20 anos”, com 9 casos. As regiões brasileiras com maior número de casos foram: “Sul” (13), “Sudeste” (12) e “Centro-Oeste” (7). Em relação ao local do suicídio, 24 ocorreram em residências, sendo que 8 não informaram o local. A segunda maior resposta na sequência das já citadas é área aberta, com 4 casos.

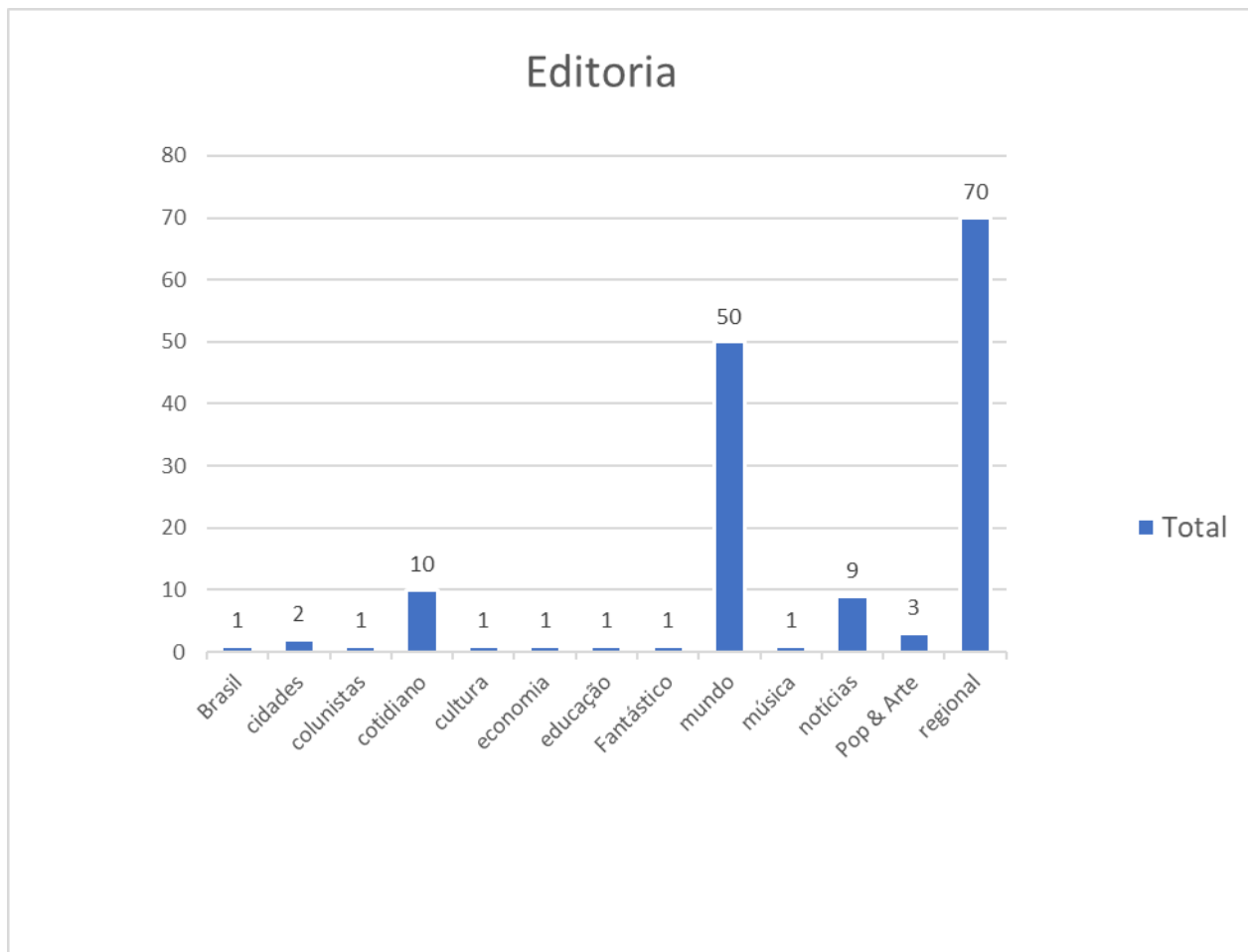
Dos 42 casos, apenas 6 continham dados estatísticos/históricos sobre o foco da matéria, sendo que 4 deles correspondiam a casos aglutinados. Essas mesmas 6 matérias fazem parte da categoria “Casos específicos para tendências e/ou problemas sociais”. São elas: “Governo de SP confirma quarta morte de mulher em presídio feminino após denúncia”, “Nos últimos dois meses, dez suicídios são registrados na Região Metropolitana de São Luís”, “Polícia investiga morte de mulher vítima de asfixia por enforcamento em São José de Ribamar”, “MP analisa denúncia de ‘suicídios em série’ em penitenciária feminina de SP”, “Causas de suicídios de índios Karajá são investigadas pelo MPF em MT” e “Polícia do RJ confirma casos de tentativa de suicídio motivadas pelo jogo da Baleia Azul”⁹².

Com o intuito de comparar os 42 casos de suicídio que não se enquadram na categoria “Homicídio seguido por suicídio” na editoria “regional”, observou-se quantas reportagens, em todo o corpus, não se enquadram na categoria “homicídio seguido por

⁹² REIS, Vivian. “Governo de SP confirma quarta morte de mulher em presídio feminino após denúncia”. *GI*, Rio de Janeiro, 19 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/pastoral-carceraria-denuncia-quarto-caso-de-suicidio-em-tres-meses-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml>; *GI*. “Nos últimos dois meses, dez suicídios são registrados na Região Metropolitana de São Luís”. *GI*, Rio de Janeiro, 13 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/nos-ultimos-dois-meses-dez-suicidios-foram-registrados-na-regiao-metropolitana-de-sao-luis.ghtml>; *GI*. “Polícia investiga morte de mulher vítima de asfixia por enforcamento em São José de Ribamar”. *GI*, Rio de Janeiro, 6 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/policia-investiga-morte-de-mulher-vitima-de-asfixia-por-enforcamento-em-sao-luis.ghtml>; REIS, Vivian. “MP analisa denúncia de ‘suicídios em série’ em penitenciária feminina de SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 30 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mp-analisa-denuncia-de-suicidios-em-serie-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml>; SOUZA, André. “Causas de suicídios de índios Karajá são investigadas pelo MPF em MT”. *GI*, Rio de Janeiro, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/causas-de-suicidios-de-indios-karaja-sao-investigadas-pelo-mpf-em-mt.ghtml>; COELHO, Henrique. “Polícia do RJ confirma casos de tentativa de suicídio motivadas pelo jogo da Baleia Azul”. *GI*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-do-rj-confirma-outros-casos-de-tentativa-de-suicidio-motivado-pelo-jogo-da-baleia-azul.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

suicídio”. Das 151 reportagens, 70 matérias possuem essa característica. Conforme pontuado acima, 42, das 70 matérias, fazem parte da editoria “Regional”.

Gráfico 18: Editoria



A análise busca entender demais características desse recorte das 70 matérias ao passo que anteriormente a análise se voltou mais a fundo nas 81 matérias do corpus de pesquisa que correspondem à categoria “homicídio seguido por suicídio”. Deseja-se entender, então, quais especificidades compõem os suicídios de cidadãos anônimos quando esses não foram responsáveis por um crime (homicídio, no caso). Ao isolar essas matérias, surgem as seguintes informações:

São 27 casos referentes ao sexo feminino e 39 do sexo masculino. Em relação aos países em que os casos foram notificados, estão: Brasil (49), Estados Unidos (7), Inglaterra (2), Índia (2), Rússia (2), Argentina (1), Peru (1), Bangladesh (1), Japão (1), Tailândia (1), Síria (1) e não informa (1). Apenas do Brasil, foram 33 casos reportados em cidades fora das capitais, 15 nas capitais brasileiras e um não possui tal informação.

Sobre o local do suicídio, uma maioria foi notificada em residências (30), seguido de 21 casos em que não informavam o local, instituição de defesa e segurança (5), local comercial (5), área aberta (4), hospedagem (2), instituição de ensino (1) e transporte coletivo (1).

Das 70 matérias, apenas 15 correspondem a exemplos de casos específicos para tendências e/ou problemas sociais e 13 contêm dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria. Busca-se, em casos que não representam exemplos específicos para tendências e/ou problemas sociais, possíveis singularidades que os tornaram notícias. É possível observar elementos distintivos em alguns deles, como as reportagens sobre a americana Michelle Carter, de 20 anos, sentenciada a uma pena de dois anos e meio de prisão por homicídio involuntário, após ter sido acusada de ter incitado o namorado, Conrad Roy, a se suicidar. Nesse caso, a inferência é de que o principal elemento do acontecimento foi o homicídio involuntário e ele ter sido levado à Justiça e, seguidamente, à sentença da norte-americana.

Na matéria “Homem avisa a polícia que vai se suicidar e pede pressa: ‘sou doador de órgãos’”⁹³, logo no primeiro parágrafo, o texto afirma que a polícia de Maine, nos Estados Unidos, recebeu um chamado “no mínimo curioso”. “Um homem ligou para a emergência da cidade norte-americana dizendo que iria se matar. Ele ainda cobrou que os leigos deveriam ‘se apressar’, pois era doador de órgãos”, diz trecho da reportagem. O fato que a matéria considera como “curioso”, ou seja, o fato de o cidadão ter ligado para a polícia para avisar sobre seu próprio suicídio e expressado seu desejo para que seus órgãos fossem doados após sua morte, é distintivo na reportagem.

Seguindo a mesma ideia de “curioso”, a matéria “Homem se suicida, deixa áudios, e morte é comparada a enredo de série da Netflix”⁹⁴, sobre o suicídio de um engenheiro industrial, de 23 anos, no Peru, destaca que o homem se matou na frente de sua mãe e deixou uma carta com uma série de instruções para que as pessoas pudessem ouvir os áudios que ele deixou no computador antes do ato. Além da reportagem sinalizar uma

⁹³ UOL. “Homem avisa a polícia que vai se suicidar e pede pressa: ‘sou doador de órgãos’”. *UOL*, São Paulo, 25 jul. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/07/25/doador-de-orgaos-homem-revela-plano-suicida-a-policia-se-apressem.htm>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁹⁴ UOL. “Homem se suicida, deixa áudios, e morte é comparada a enredo de série da Netflix”. *UOL*, São Paulo, 8 jun. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/06/08/homem-se-suicida-deixa-audios-e-morte-e-comparada-a-enredo-de-serie-da-netflix.htm>. Acesso em: 1 maio 2019.

desilusão amorosa como gatilho para o ato, compara a carta e os áudios com o enredo da série ficcional *13 Reasons Why*, da Netflix.

A reportagem “Falso médico fã de Grey's Anatomy é encontrado morto em SC; polícia suspeita de suicídio”⁹⁵ traz o suicídio de Josias de Farias Júnior, que já havia sido notícia uma semana antes pelo fato de ter sido preso em flagrante por tentativa de furto no Hospital Unimed Litoral, em Santa Catarina. Como “curioso”, também, está o fato de o jovem ter publicado fotos em redes sociais vestido como médico e ao fazer um vídeo dizendo ser “formado em medicina em 12 temporadas de Grey's Anatomy”, uma famosa série americana que retrata a rotina de um hospital.

A reportagem “Pais de menina que transmitiu suicídio são achados mortos”⁹⁶ contém um acontecimento anterior, o suicídio da filha do casal que transmitiu ao vivo o seu próprio suicídio. A análise entende também como elemento distintivo na reportagem, além do suicídio da filha e o fato de ter transmitido o ato ao vivo, a profissão do casal, ambos vinculados com a carreira militar. O caso, além de investigado em inquérito aberto pela Polícia Civil, foi acompanhado pelo 4ºBIS (Batalhão Plácido de Castro), unidade do Exército Brasileiro localizado em Rio Branco, no Acre.

Já na matéria “Maior loja clandestina da Dark Web é tirada do ar e criador comete suicídio na prisão, diz governo dos EUA”⁹⁷, o foco maior da narrativa é dado à tarefa que derrubou o AlphaBay, então maior mercado clandestino da chamada “Deep Web”, usado para comprar e vender drogas na Internet. O suicídio do acusado de criar o serviço, ocorrido em uma prisão na Tailândia, é mencionado ao longo do texto, porém não obteve o mesmo espaço que a operação contra o site.

Na esteira dos exemplos citados acima e como parte da reflexão proposta neste trabalho, julga-se pertinente abordar o conceito de *fait divers*. Barthes (2007), ao discorrer sobre a estrutura de uma notícia, faz a comparação entre dois acontecimentos envolvendo um assassinato, sendo um deles político e o outro não. No político, o acontecimento (o crime) remete a uma situação que existe fora, antes e em torno dele: a política. Assim,

⁹⁵ CARNEIRO, Eduardo. “Falso médico fã de Grey's Anatomy é encontrado morto em SC; polícia suspeita de suicídio”. *UOL*, São Paulo, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/05/falso-medico-fa-de-greys-anatomy-e-encontrado-morto-em-sc-policia-suspeita-de-suicidio.htm>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁹⁶ G1. “Pais de menina que transmitiu suicídio são achados mortos”. *G1*, Rio de Janeiro, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/pais-de-menina-que-transmitiu-suicidio-sao-achados-mortos.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁹⁷ G1. “Maior loja clandestina da Dark Web é tirada do ar e criador comete suicídio na prisão, diz governo dos EUA”. *G1*, Rio de Janeiro, 20 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/maior-loja-clandestina-da-dark-web-e-tirada-do-ar-e-criador-comete-suicidio-na-prisao-diz-governo-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

pode-se dizer que “ele não tem estrutura própria, suficiente, pois ele nunca é mais do que o termo manifesto de uma estrutura implícita que a ele preexiste” (BARTHES, 2007, p. 57). De forma contrária, o *fait divers* é uma informação total, ou seja, contém em si todo o seu saber. Sendo assim, o autor reforça ser uma informação imediata e que não remete, ao menos formalmente, a nada de implícito. Trata-se, portanto, de uma estrutura fechada. Na conceituação do autor: “é sua imanência que define o *fait divers*” (BARTHES, 2007, p. 58).

Ao abordar as relações imanentes ao *fait divers*, Barthes (2007) traz a de causalidade. Porém, em casos em que ela é de certa forma “esperada” – aqui traz o exemplo do crime passionnal – a ênfase não é posta sobre a própria relação “esperada”, no caso a morte da esposa pelo marido, embora ainda faça parte da estrutura da narrativa, e sim para o que chama de *dramatis personae*, espécie de essências emocionais encarregadas de vivificar os estereótipos. Seguindo o exemplo do crime passionnal, o autor destaca que cada vez mais as narrativas colocam em destaque as circunstâncias aberrantes, por exemplo: “morta por uma gargalhada: seu marido estava atrás da porta; quando ele a ouviu, desceu ao porão e pegou seu revólver” (BARTHES, 2007, p. 60). O autor afirma, portanto, que não há *fait divers* sem espanto.

De acordo com Barthes (2007, p. 61), o *fait divers* é rico de desvios causais. Devido a certos estereótipos, espera-se uma causa, porém é outra que aparece. Exemplo: “uma mulher esfaqueia seu amante”. Crime passionnal? “Não, eles não se entendiam bem em matéria de política”. Outra relação vinculada à estrutura desse tipo de informação é a coincidência – mais especificamente a repetição de um acontecimento. “A repetição leva sempre, com efeito, a imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdadeiro que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo” (BARTHES, 2007, p. 63). Há, em certos eventos, a coincidência que revira certos estereótipos de situação, por exemplo “Assaltantes surpreendidos e assustados por outro assaltante”.

Poder-se-ia dizer que a causalidade do *fait divers* é constantemente submetida à tentação da coincidência, e que, inversamente, a coincidência é constantemente fascinada pela ordem da causalidade. Causalidade aleatória, coincidência ordenada, é na junção desses dois movimentos que se constitui o *fait divers*: ambos acabam com efeito por recobrir uma zona ambígua onde o acontecimento é plenamente vivido como um signo cujo conteúdo é no entanto incerto (BARTHES, 2007, p. 66).

Segundo Dion (2007, p. 125), apesar de comumente associado ao horror e ao drama sangrento, a crônica do *fait divers* se interessa igualmente também pelos suicídios,

“por certos tipos de acidentes, catástrofes naturais, monstros e personagens anormais; por diversas curiosidades da natureza, tais como os eclipses, os cometas, as manifestações do além, os atos heroicos, os erros judiciários e, enfim, por anedotas e confusões”. No que diz respeito a sua função social, Dion (2007) afirma que o gênero narrativo, conforme denomina, se torna o tipo de informação privilegiada pelas massas populares. Isso porque, primeiramente, são dramas retirados da vida privada das pessoas e de indivíduos comuns, saindo do anonimato do cotidiano. Além disso, são escritas com uma linguagem simples e, tornando-as públicas, as narrativas aproximam-se das preocupações familiares do leitor.

O desafio do jornalista consiste primeiro em escolher o acontecimento potencialmente explorável, depois dramatizar esta atualidade com um modo espetacular. Em outros termos, fazer o “nunca visto” com uma história, em resumo, banal. Além do mais, o *fait divers* se apresenta sempre como uma história vivida, uma história assombrosa, curiosa, horrível ou extraordinária, mas verdadeira. Enfim, um *fait divers* é a narração de uma transgressão (social, moral, religiosa ou natural). Nomeando o desvio, este tipo de informação identifica pelo próprio fato as proibições sociais, reforçando, assim, o sistema de valores prescritos pela sociedade na qual ele se inscreve (DION, 2007, p. 131).

O pedido de doação de seus órgãos, os áudios deixados após a morte, a “coincidência” do suicídio de um casal após o suicídio da própria filha. Os elementos, todos vinculados com a morte de cidadãos anônimos, se aproximam do *fait divers*, após a contextualização exposta acima, e se mostram como transgressões, ou seja, se afastam em relação a uma norma (social, moral, religiosa, natural). Em alguns dos exemplos, nota-se que, mais do que o próprio suicídio em questão, o foco da narrativa se dá pelo desvio, o “extraordinário” – novamente, seja o pedido de doação de órgãos ou mesmo os áudios deixados após o suicídio.

Alguns exemplos com esses elementos distintivos no recorte das 70 matérias selecionadas foram expostos nesta categoria, mas, na análise, foram identificadas ao menos 31 reportagens que seguem um padrão. Nessas, o suicídio em si é entendido como o principal elemento para que o fato tenha se tornado notícia. O recorte traz reportagens em que o suicídio dos cidadãos anônimos não é acompanhado de outros acontecimentos ou informações, como o envolvimento de outras pessoas, fatos anteriores e detalhes pessoais e/ou profissionais da vítima. Sendo assim, as matérias que compõem esse recorte trazem a notícia de que determinado cidadão se suicidou. Na maioria dos casos, a notícia é acompanhada do nome completo (87%) e idade (97%). Além disso, 26 dos 31 casos

ocorreram em cidades fora das capitais brasileiras, 21 ocorreram em residências e 7 matérias citam possíveis gatilhos. Todas as 31 matérias do recorte fazem parte da editoria “Regional” e foram publicadas no portal *G1*.

Por isso, e levando em consideração os pontos levantados acima, acredita-se que, nesse recorte, o valor-notícia “proximidade geográfica” pode ter sido relevante ao tornar o suicídio de um cidadão anônimo notícia. Outro elemento identificado em algumas matérias do recorte é, inclusive, a ausência do valor-notícia “atualidade” e, mesmo assim, o veículo decidiu tornar o fato noticiável. A matéria “Mulher é encontrada morta em Viamão”⁹⁸ foi publicada no dia 22 de setembro de 2017, porém, conforme destaca o texto, “uma mulher de 41 anos foi encontrada morta no dia 27 de agosto em Viamão, na Região Metropolitana de Porto Alegre”, ou seja, o fato se tornou notícia quase um mês após o seu acontecimento. Por isso, o veículo, inclusive, se justifica “O G1 só teve conhecimento do caso nesta sexta-feira (22)”. Além disso, há um histórico de atualização sobre o fato. Em 3 de novembro de 2017, o veículo sinaliza a inclusão da identificação da vítima, endereço da localização do corpo. A matéria “Jovem é encontrado morto em Guaíba”⁹⁹, publicada no dia 22 de setembro de 2017, traz o caso de suicídio de um adolescente de 15 anos, encontrado morto no dia 22 de agosto, em Porto Alegre (RS). Situação idêntica ocorreu na reportagem “Homem é encontrado morto em Santa Maria”¹⁰⁰, publicada no dia 22 de setembro de 2017, que afirma “a Polícia Civil localizou o corpo de um homem de 28 anos no início da manhã do dia 25 de agosto em Santa Maria, na Região Central do Rio Grande do Sul. O caso foi registrado como suicídio”. Novamente, o veículo justifica “o G1 tomou conhecimento do caso nesta sexta-feira (22)”.

A seguir, são destacados alguns exemplos do recorte de 31 reportagens que seguem o padrão citado anteriormente:

Um homem de 49 anos foi encontrado morto na manhã do dia 24 de agosto, quinta-feira, em São Francisco de Assis, na Região Central do Rio Grande do Sul. Ele foi identificado como Cid Adriano Severo Nunes, e ele foi encontrado

⁹⁸ G1. “Mulher é encontrada morta em Viamão”. *G1*, Rio de Janeiro, 22 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-viamao.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

⁹⁹ G1. “Jovem é encontrado morto em Guaíba”. *G1*, Rio de Janeiro, 22 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/jovem-e-encontrado-morto-em-guaiba.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

¹⁰⁰ G1. “Homem é encontrado morto em Santa Maria”. *G1*, Rio de Janeiro, 22 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-santa-maria.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

dentro da loja de sua propriedade, no Centro do município. O corpo foi localizado às 6h. A Polícia Civil registrou o caso como suicídio¹⁰¹.

Uma mulher de 41 anos foi encontrada morta no dia 27 de agosto em Viamão, na Região Metropolitana de Porto Alegre. O corpo dela, identificada como Rejane Cecília Espina, foi localizado por volta das 22h na Rua Pescara, no bairro Parque Índio Jari. A polícia registrou o caso como suicídio¹⁰².

Um jovem de 20 anos foi encontrado morto em casa na Avenida José Marques da Silva, em Araras (SP), na tarde de quinta-feira (24). A Polícia Civil informou que a Polícia Militar foi acionada por familiares por volta das 16h40 e encontrou o corpo de Thiago Calori Favetta em um dos cômodos, enforcado com um cinto. O corpo do rapaz foi sepultado no fim da tarde de sexta-feira (25). O caso foi registrado e o inquérito da polícia foi concluído como suicídio¹⁰³.

Uma mulher de 33 anos foi encontrada morta no início da tarde desta segunda-feira (21) no porão de um prédio no Centro de Joaçaba, no Oeste catarinense, informou a Polícia Civil. O caso foi concluído como suicídio¹⁰⁴.

Em relação ao recorte das 31 matérias, há um fator que pode ter contribuído para a publicação das reportagens. Dos 31 textos, 27 deles contêm, ao final da página, a indicação do projeto Monitor da Violência, conforme exemplificado na figura abaixo retirada de uma das matérias.

¹⁰¹ G1. “Corpo de homem é localizado em São Francisco de Assis”. *GI*, Rio de Janeiro, 22 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/corpo-de-homem-e-localizado-em-sao-francisco-de-assis.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

¹⁰² G1. “Mulher é encontrada morta em Viamão”. *GI*, Rio de Janeiro, 22 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-viamao.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

¹⁰³ G1. “Jovem de 20 anos é encontrado morto em Araras, SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 25 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/jovem-de-20-anos-e-encontrado-morto-em-araras-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

¹⁰⁴ G1. “Mulher é encontrada morta em prédio no Centro de Joaçaba”. *GI*, Rio de Janeiro, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/mulher-e-encontrada-morto-em-predio-no-centro-de-joacaba.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Figura 1: Monitor da Violência

MONITOR DA VIOLÊNCIA

o retrato da violência no Brasil

análise núcleo de estudos da violência - USP: por dentro da engrenagem

análise do fórum brasileiro de segurança pública: faces da indiferença

perguntas e respostas

mapa: as mortes pelo Brasil

levantamento contou com mais de 200 jornalistas de todas as redações do G1

Fonte: Reprodução/ *G1*

O Monitor da Violência é um projeto do *G1* em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da Universidade de São Paulo (USP) e com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). A iniciativa, criada em 2017, tem como objetivo discutir a violência no Brasil. Segundo o *G1*¹⁰⁵, todos os envolvidos na parceria seguem os seguintes passos: a pauta é discutida em conjunto entre todos os parceiros; é utilizada a metodologia acadêmico-científica NEV e FBSP para balizá-la; pesquisadores do NEV e do FBSP revisam e analisam os dados e textos e infográficos são produzidos pelo *G1* e os dois órgãos produzem artigos analíticos sobre o tema.

Em setembro de 2017, o *G1* publicou uma reportagem explicando sobre o primeiro projeto do Monitor da Violência. De acordo com a publicação, a iniciativa contou com a participação de 230 jornalistas de todas as redações do *G1*.

Os profissionais apuraram e escreveram histórias sobre todos os casos de mortes violentas que foram registrados no país entre 21 e 27 de agosto. Além

¹⁰⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/monitor-da-violencia-metodologia.gh.html>. Acesso em: 22 jun.2019.

disso, foi montada uma força-tarefa em São Paulo com jornalistas de todas as editorias para tabular os dados e montar um mapa com todas as vítimas¹⁰⁶.

Sobre a coleta de dados, conforme detalhado em matéria do *GI*¹⁰⁷, os jornalistas do veículo solicitam os dados seguindo padrão metodológico utilizado pelo fórum no Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Como a maior parte dos estados não divulga todos os dados de crimes violentos em seus sites, o veículo destaca que a maioria dos pedidos é feita por meio da assessoria de imprensa das secretarias estaduais da Segurança Pública e por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI).

Ainda em setembro de 2017, o *GI* lançou uma matéria especial¹⁰⁸ do primeiro projeto do Monitor da Violência com os casos de homicídio, latrocínio, feminicídio, morte por intervenção policial e suicídio ocorridos no Brasil – e contabilizados pelo veículo – de 21 a 27 de agosto¹⁰⁹. A reportagem dispõe de diversos filtros que permitem o usuário quantificar os casos por estado; faixa etária; raça/cor; sexo; período do dia; tipo de crime; status do caso; autor(es) identificado(s); prisões; autor(es) réu(s); autor(es) julgado(s) e condenado(s) pelo crime. Ao aplicar a opção suicídio no filtro “tipo de crime”, descobre-se que, das 1.195 mortes envolvendo todos os tipos de crimes, 104 foram suicídios. A reportagem apresenta também um infográfico identificando individualmente todas as vítimas, sendo possível, no campo de busca, pesquisar os indivíduos por seus nomes.

De modo a confirmar que as 27 matérias do corpus de pesquisa que continham ao final dos textos a indicação do Monitor da Violência de fato faziam parte do banco de dados do projeto foram pesquisados todos os nomes dos indivíduos citados nas 27 matérias no infográfico da matéria especial. Das 27 reportagens, todas (23) que identificam as vítimas fazem parte do projeto. As quatro matérias restantes, com a identificação do projeto ao final, omitem os nomes das vítimas, impossibilitando a confirmação. Apesar disso, infere-se, baseado no padrão identificado pelas matérias com

¹⁰⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/levantamento-contou-com-mais-de-200-jornalistas-de-todas-as-redacoes-do-g1.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/02/27/como-e-feito-o-indexe-nacional-de-homicidios-do-monitor-da-violencia-perguntas-e-respostas.ghtml/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹⁰⁸ Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2017/uma-semana-de-mortes-violentas-no-brasil/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹⁰⁹ A análise de conteúdo desta pesquisa, conforme destacado ao longo do projeto, compreendeu as matérias publicadas em um período de seis meses (31 de março de 2017 a 30 de setembro de 2017). Ressalta-se, porém, que esse período temporal foi escolhido sem o conhecimento do projeto Monitor da Violência, e sim pelos marcos destacados nesta pesquisa. O cruzamento com as matérias do projeto Monitor da Violência, portanto, foi aleatório e uma descoberta ao longo da análise.

as vítimas nomeadas, que todas as reportagens que possuem a marcação do projeto, de fato, fazem parte do banco de dados do Monitor da Violência.

Em relação ao recorte de 31 matérias, apenas quatro não contêm a demarcação do projeto, porém, ao pesquisar o nome das vítimas no infográfico, mesmo sem a demarcação do projeto ao final, três delas compõem o banco de dados. A única exceção é a matéria: “Diretora de unidade de saúde que achou enfermeira morta em GO está em choque: ‘Cena não sai da cabeça’”¹¹⁰, publicada anteriormente ao início da tabulação do Monitor da Violência.

Anteriormente, questionou-se na análise sobre as matérias desse recorte que não apresentam o valor-notícia “atualidade” e, mesmo assim, o veículo decidiu noticiá-las. Nesses casos, conforme mencionado, a matéria foi publicada até um mês depois do suicídio ter acontecido, por exemplo: “Homem é encontrado morto em Porto Alegre”¹¹¹, publicada em 22 de setembro de 2017, sendo que o suicídio ocorreu em 26 de agosto de 2017. Nesse caso, nota-se que a cobertura faz parte do projeto especial do Monitor da Violência que engloba casos ocorridos entre 21 e 27 de agosto.

Além das 31 matérias, outras quatro também foram publicadas como parte do projeto Monitor da Violência dentro do corpus de pesquisa, são elas: “Mulher é esganada e morta pelo namorado na Zona Sul de SP”¹¹², “Casal é encontrado morto dentro de casa em Cassilândia, MS; polícia suspeita de crime passionnal”¹¹³, “Casal é encontrado morto dentro de casa na Zona Rural de Ariquemes, RO”¹¹⁴ e “Esposa de vice-prefeito de Abadia de Goiás é encontrada morta em casa”¹¹⁵, sendo que, das quatro, três se enquadram na

¹¹⁰ RESENDE, Paula. “Diretora de unidade de saúde que achou enfermeira morta em GO está em choque: ‘Cena não sai da cabeça’”. *GI*, Rio de Janeiro, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/diretora-de-unidade-de-saude-que-achou-enfermeira-morta-em-go-esta-em-choque-cena-nao-sai-da-cabeça.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹¹¹ G1. “Homem é encontrado morto em Porto Alegre”. *GI*, Rio de Janeiro, 22 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹¹² G1. “Mulher é esganada e morta pelo namorado na Zona Sul de SP”. *GI*, Rio de Janeiro, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mulher-e-morta-estrangulada-pelo-namorado-na-zona-sul-de-sp.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹¹³ G1. “Casal é encontrado morto dentro de casa em Cassilândia, MS; polícia suspeita de crime passionnal”. *GI*, Rio de Janeiro, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-em-cassilandia-ms-policia-suspeita-de-crime-passional.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹¹⁴ G1. “Casal é encontrado morto dentro de casa na Zona Rural de Ariquemes, RO”. *GI*, Rio de Janeiro, 5 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-na-zona-rural-de-ariquemes-ro.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

¹¹⁵ SANTANA, Vitor. “Esposa de vice-prefeito de Abadia de Goiás é encontrada morta em casa”. *GI*, Rio de Janeiro, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/esposa-de-vice-prefeito-de-abadia-de-goias-e-encontrada-morto-em-casa.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

categoria “homicídio seguido por suicídio” e a última na categoria “conexão com celebridade e/ou pessoa pública”. Em síntese, após a pesquisa, identifica-se que, das 70 reportagens deste corpus de pesquisa correspondentes à editoria “Regional”, 35, ou seja, 50%, pertencem ao Monitor da Violência.

A partir dessas informações, infere-se que o projeto pode ter sido fundamental para que esses casos se tornassem notícia, uma vez que, conforme explicado pelo veículo, os jornalistas se mobilizaram em prol da iniciativa e buscaram com os respectivos estados dados e informações sobre as mortes no período em questão. Porém, apenas com a presente análise, sem a confirmação do veículo, não é possível afirmar que esse tenha sido o único motivo para tornar os fatos em notícia.

Ao longo do referencial teórico desta pesquisa, levantou-se a hipótese de o local do suicídio influenciar os critérios de noticiabilidade do evento. Assim, o valor-notícia do acontecimento seria a própria cena (o local) do suicídio e, ainda nesse debate, surge também a dualidade entre público e privado, ou seja, um suicídio ocorrido em um local público, fora do domínio privado dos envolvidos, possui maior valor-notícia do que um suicídio ocorrido na esfera íntima? A partir desta análise, especificamente na categoria “Local do Suicídio” (Gráfico 6), foi descoberto que 55 dos casos (33% do total) ocorreram em residências e 24 casos (15%) em área aberta, sendo que 19% dos casos não informam/mencionam o local.

Percebe-se, a princípio, a relevância do local “residência”. Porém, ao longo das descobertas desta análise, identifica-se que, dos 55 casos ocorridos em residências, 24 correspondem a matérias do projeto Monitor da Violência. Ao isolar, então, os que não pertencem ao Monitor da Violência, se obtém 31 casos. Desses, busca-se entender se o local do suicídio pode ter sido um valor-notícia na decisão de cobertura dos acontecimentos. A análise mostra que, dos 31 casos, 19 correspondem à categoria “homicídio seguido por suicídio”, casos confirmados ou como principal hipótese. Sendo o crime, na visão desta análise, o principal valor-notícia nesse recorte.

Ao analisar os 12 restantes, percebe-se a relevância de outros valores/elementos vinculados ao suicídio que podem ter tornado os acontecimentos em notícia, porém a questão “local” não é vista como um deles. Por exemplo, uma das matérias trata do suicídio da esposa do vice-prefeito da cidade de Abadia de Goiás (GO), outras duas, apesar de não possuir relação com uma pessoa pública, podem ter sido publicadas devido à classe social dos envolvidos, por exemplo: “Polícia investiga morte de arquiteta de 31

anos após queda do 9º andar no ES”¹¹⁶ e “Polícia indícia dois em inquérito sobre morte do empresário Sérgio Falcão”¹¹⁷. Em outras reportagens, “Homem avisa a polícia que vai se suicidar e pede pressa: ‘sou doador de órgãos’”¹¹⁸, “Homem se suicida, deixa áudios, e morte é comparada a enredo de série da Netflix”¹¹⁹ e “Falso médico fã de Grey's Anatomy é encontrado morto em SC; polícia suspeita de suicídio”¹²⁰, volta-se à reflexão proposta ao longo da análise sobre o conceito de *fait divers*. Nos exemplos, nota-se que, mais do que o próprio suicídio em questão, o foco da narrativa se dá pelo desvio – seja o pedido de doação de órgãos, os áudios deixados após a morte e a falsificação de identidade com base em uma série de ficção. São fatos que fogem do “normal” ou do “esperado” e, assim, fortalecem o potencial de noticiabilidade. Portanto, a partir deste corpus de pesquisa, a cena do suicídio, especificamente em relação ao público e privado, não pareceu determinante ou o elemento principal ao tornar os acontecimentos em notícia.

Retomando a análise das categorias criadas, ao observar se o corpus de pesquisa traz nos títulos das reportagens termos como “suicídio”, “suicida” e/ou “se matou”, termos esses que deixam claro que a matéria trata de suicídio, 30% das reportagens respondem positivamente à categoria (Gráfico 18).

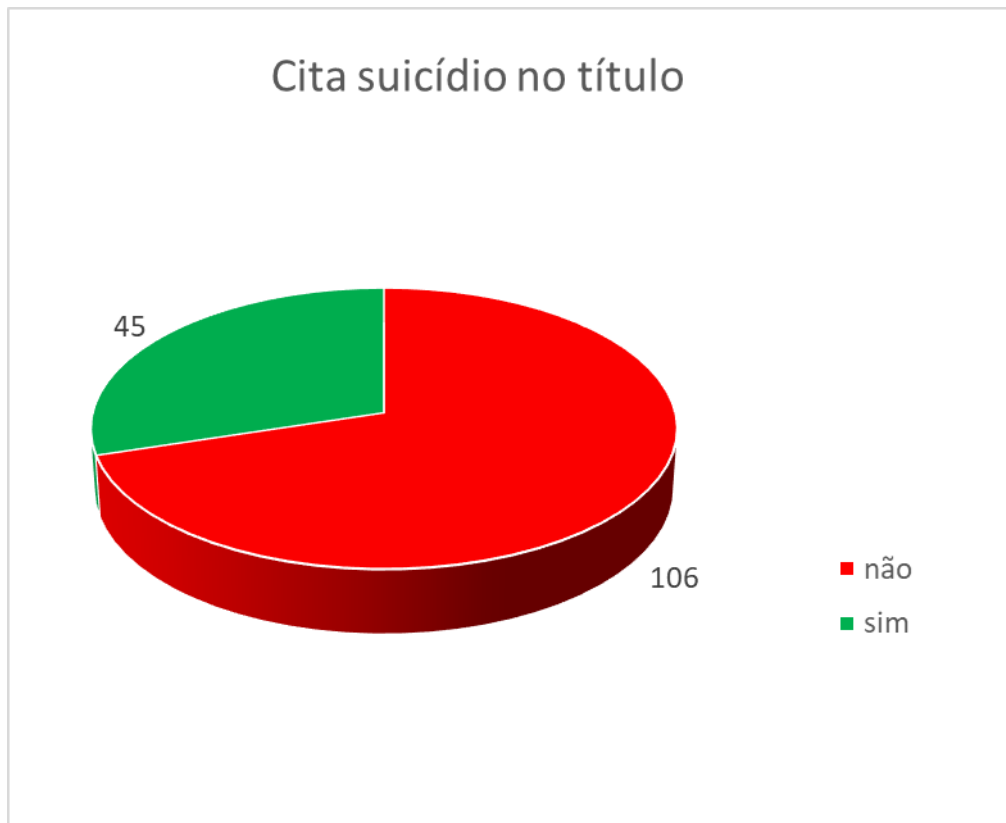
¹¹⁶ MESQUITA, Patrick. “Polícia investiga morte de arquiteta de 31 anos após queda do 9º andar no ES”. *UOL*, São Paulo, 24 maio 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/05/24/policia-investiga-morte-de-arquiteta-de-31-anos-apos-queda-do-9-andar-no-es.htm>. Acesso em: 9 jul. 2019.

¹¹⁷ G1. “Polícia indícia dois em inquérito sobre morte do empresário Sérgio Falcão”. *G1*, Rio de Janeiro, 28 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pe-noticias/noticia/policia-indicia-dois-em-inquerito-sobre-morte-do-empresario-sergio-falcao.ghtml>. Acesso em: 9 jul. 2019.

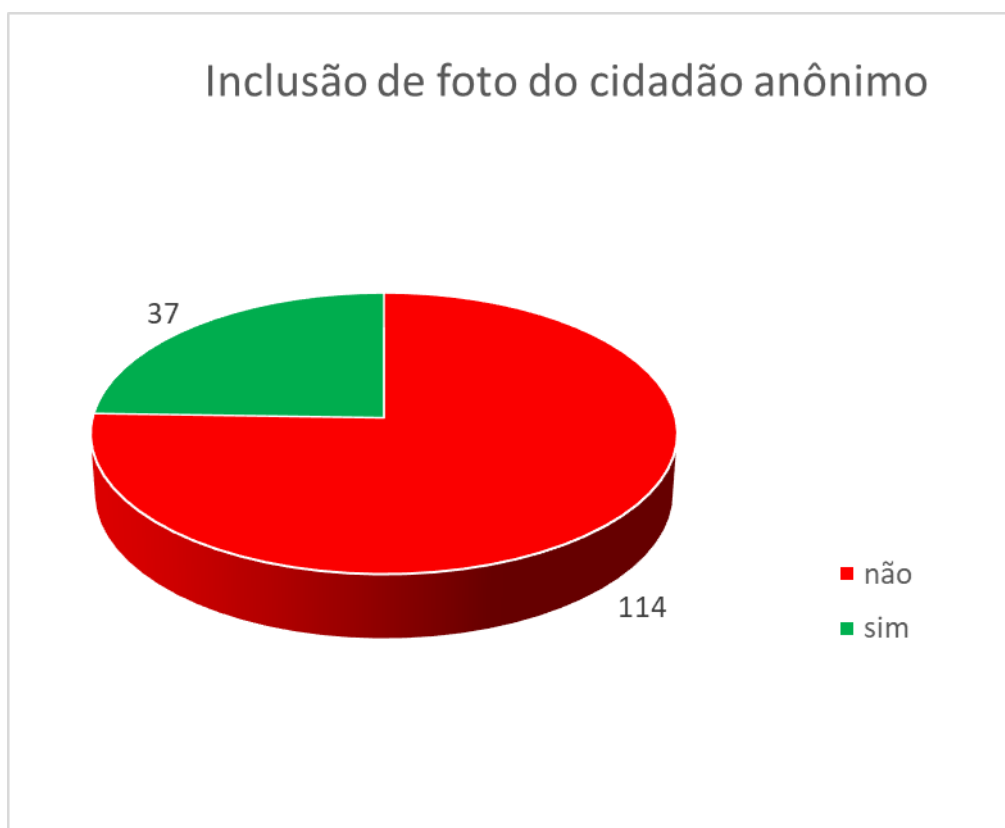
¹¹⁸ UOL. “Homem avisa a polícia que vai se suicidar e pede pressa: ‘sou doador de órgãos’”. *UOL*, São Paulo, 25 jul. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/07/25/doador-de-orgaos-homem-revela-plano-suicida-a-policia-se-apressem.htm>. Acesso em: 9 jul. 2019.

¹¹⁹ UOL. “Homem se suicida, deixa áudios, e morte é comparada a enredo de série da Netflix”. *UOL*, São Paulo, 8 jun. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/06/08/homem-se-suicida-deixa-audios-e-morte-e-comparada-a-enredo-de-serie-da-netflix.htm>. Acesso em: 9 jul. 2019.

¹²⁰ CARNEIRO, Eduardo. “Falso médico fã de Grey's Anatomy é encontrado morto em SC; polícia suspeita de suicídio”. *UOL*, São Paulo, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/05/falso-medico-fa-de-greys-anatomy-e-encontrado-morto-em-sc-policia-suspeita-de-suicidio.htm>. Acesso em: 9 jul. 2019.

Gráfico 19: Cita suicídio no título

Segundo a análise, 25% do corpus de pesquisa trazem fotos dos cidadãos anônimos que morreram por suicídio. Nesse sentido, não seguem a orientação da publicação *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), preparada como parte integrante do Suicide Prevention Program, iniciativa mundial da Organização Mundial da Saúde (OMS), em que cita “deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado”.

Gráfico 20: Inclusão de foto do cidadão anônimo

De maneira geral, ao retomar as reflexões propostas pelas categorias criadas nesta análise, volta-se para os diferentes elementos que possam tornar o suicídio de um cidadão anônimo notícia e, diante disso, o papel e função do jornalista. Por isso, a visada em entender a questão do ponto de vista do profissional. Segundo o entrevistado, o raciocínio que se faz, ao se deparar com a temática, é refletir até que ponto o evento é relevante para ser noticiado. “Essa lógica não funciona sempre, mas é um raciocínio que sempre se faz. O que procuramos pensar é se a gente não está simplesmente explorando uma desgraça para ganhar audiência. Isso acontece, mas tenta não se fazer isso”. Como exemplo, cita a hipótese do suicídio de um adolescente em um colégio.

Provavelmente isso não vai ser noticiado. É um menor de idade, dentro de um colégio, tem muita coisa ali que é sensível. A forma de tratar uma notícia dessa é muito complicada, porque tem muita coisa ali sensível. Envolve família, criança, escola. Envolve muita coisa. Tem que ser uma tragédia mesmo para isso ser noticiado, como foi o caso dos meninos que invadiram o colégio em Suzano (SP) [em março de 2019] e se suicidaram depois (informação verbal¹²¹).

¹²¹ A entrevista foi realizada com um jornalista de um dos veículos analisados e, ao longo da análise, a fonte será mantida em anonimato. Entrevistador: Gabriela Martins Ferigato. São Paulo, 2019.

Indagado sobre regras e/ou recomendações em relação à cobertura, o profissional afirma ser capaz de existir alguma cartilha, da Associação Brasileira de Psiquiatria, por exemplo, focada em como abordar a temática. Porém reforça ser algo que não tem muito conhecimento. “Provavelmente é uma coisa que vai acontecer organicamente. Não lembro de um manual de redação com diretrizes e de como tratar. Quando tem dúvida começamos a consultar”. Sendo assim, e com base na entrevista realizada, percebe-se que ainda há dúvidas em como cobrir o assunto e, quando existe essa cobertura, não é de conhecimento de todos os profissionais as regras e recomendações criadas, como os manuais voltados à imprensa citados nesta dissertação, com a finalidade de contribuir na cobertura do suicídio.

CAPÍTULO 5: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A pesquisa do campo jornalístico se alia aos fazeres e práticas da atividade profissional. Conforme sintetiza Assis (2018, s.p.), “pesquisar um objeto tão palpitante na vida cotidiana, como é o jornalismo, convida a buscar resultados que possam, em alguma medida, transformar o que já se estabeleceu”. Nesse sentido, a pesquisa aplicada seria um caminho para aproximar teoria e prática, não apenas no plano do discurso, mas de modo a promover mudanças no jornalismo (Assis, 2018).

Pensar nessas dimensões, de acordo com Assis (2018), é considerar que ela não é sinônimo de uma análise que se aproxima de certa prática ou de certo campo do conhecimento, portanto, “devemos ter claro, desde logo, que o conceito se refere à aplicação da própria pesquisa em alguma dimensão da vida real (do *locus*, por excelência, do objeto), durante seu desenrolar” (ASSIS, 2018, s.p.).

A proposta de um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo, segundo Barros apud Franciscato (2006, s.p.), “abre a possibilidade de formular o problema de pesquisa a partir do dia a dia da atividade do comunicador na produção das mensagens”. Para Franciscato (2006), a formulação de um problema de ação em jornalismo significa desenvolver uma pesquisa aplicada na qual sua construção seja partilhada entre pesquisador e membros do ambiente da atividade jornalística. Nesse sentido, a formulação do problema “pressupõe, então, que as questões relevantes a guiar o pesquisador no seu trabalho respondam a preocupações tanto do pesquisador acadêmico quanto dos atores do mundo profissional” (FRANCISCATO, 2006, s.p.).

O desafio, conforme aponta o autor, está em construir um modelo de estudo que consiga articular com o quadro teórico, que fornece os conceitos essenciais à caracterização, bem como os modos de operacionalizar a intervenção do pesquisador na realidade. Assis (2018) defende que a aplicabilidade deve incorporar a crítica, a reflexão, o distanciamento e o tensionamento em paralelo à busca por soluções. “Conceituando a pesquisa aplicada como conjunto de atividades nas quais conhecimentos previamente adquiridos são utilizados para coletar, selecionar e processar fatos e dados, a fim de se obter e confirmar resultados, e se gerar impacto” (ASSIS, 2018, s.p.).

Ao elencar possíveis modalidades em que a pesquisa aplicada pode ser desenvolvida em jornalismo, Franciscato (2006) cita a com foco no desenvolvimento de técnicas de apuração jornalística. Há dois tipos principais nessa área: o primeiro envolve o uso de computadores e Internet para auxiliar no processo de busca, coleta e/ou apuração

de informações noticiosas. O segundo se refere a pesquisas relativas à reportagem jornalística e ao tratamento temático das áreas de cobertura, por exemplo o desenvolvimento de novas técnicas jornalísticas de abordagem de conteúdos temáticos, novas formas de entrevista e da relação jornalistas-fontes de informação, novas técnicas de observação do ambiente em que se desenrola o fato jornalístico e novos modos de uso de documentos como fonte jornalística.

Seguindo a constatação de Assis (2018, s.p.), “deve-se, portanto, identificar a necessidade apresentada pelo objeto para, enfim, decidir qual caminho seguir e que instrumentos utilizar no esforço de solucionar o problema definido”. Em concordância com Braga (2011, p. 11), o autor reforça, porém, que o problema de pesquisa não se esgota na pergunta de partida, mas “envolve ainda os objetivos, as justificativas da abordagem proposta, suas articulações com o trabalho de observar e seus tensionamentos com a teoria”.

Visando a aplicabilidade deste estudo a partir das reflexões trazidas acima, ou seja, com base no problema de pesquisa, objetivos, referencial teórico e considerações constatadas na análise, foi criada uma plataforma online denominada *Suicídio em Pauta*¹²² como interesse prático desta dissertação. O objetivo principal da proposta de intervenção é servir como um material de apoio/ didático na cobertura do suicídio. Sendo assim, vislumbra como público-alvo jornalistas e/ou profissionais de comunicação que, em algum momento de suas carreiras, venham a cobrir a temática.

Em texto¹²³ publicado no site da *Jeduca* – Associação criada por jornalistas que cobrem educação, Sergio Pompeu traz depoimentos de jornalistas que cobriram casos de suicídio de alunos de escolas privadas em São Paulo no ano de 2018. “Dois suicídios de alunos do Colégio Bandeirantes, uma das escolas mais tradicionais de São Paulo, ocorridos no intervalo de 12 dias, reacenderam entre os jornalistas de educação um debate bastante antigo na imprensa: deve-se noticiar casos desse tipo? E de que forma?”, inicia a matéria.

Ao longo do texto, Pompeu afirma que, após o primeiro caso no Colégio Bandeirantes, ocorrido no dia 10 de abril de 2018, o jornal *Folha de S.Paulo* entrou em contato com a instituição, essa que confirmou o suicídio, e com a família do estudante, que pediu para que não houvesse divulgação do caso ao destacar também que o

¹²² Disponível em: <https://suicidioempauta.home.blog>. Acesso em: 1 jul. 2019.

¹²³ Disponível em: <http://jeduca.org.br/texto/suicidios-um-tema-desafiador-na-cobertura-de-educacao>. Acesso em: 1 maio 2019.

acontecimento não possuía relação com bullying ou com a pressão escolar. Assim, o jornal decidiu não publicar o acontecimento. O segundo caso de suicídio ocorreu no dia 22 de abril de 2018. O site da *Veja* publicou uma nota no dia seguinte reproduzindo um comunicado interno do colégio e o *Estadão*, em uma matéria produzida pela repórter Renata Cafardo, aprofundou a cobertura no dia 23 de abril. A profissional destaca que, ao longo da apuração, recebeu a recomendação de ler o manual da Organização Mundial da Saúde, e assim optou por não divulgar o nome dos alunos, o método e não apresentou razões simplistas para justificar o ato.

No mesmo período, outros dois casos de suicídio foram notificados nos colégios Agostiniano São José e Vértice, ambos em São Paulo (SP). A *Folha de S.Paulo*, em matéria da repórter Marina Estarque, acompanhou os acontecimentos e, conforme destacou a profissional, que também se amparou no guia da OMS para orientar a cobertura, um problema encontrado foi o excesso de referências. “Toda hora aparecia uma cartilha diferente no meu e-mail, era muita informação e pouco tempo para processar”. As reportagens publicadas pela *Folha de S.Paulo* e *Estadão* são exemplos de coberturas responsáveis e cuidadosas sobre a temática, seguindo recomendações de manuais. Ao mesmo tempo, Pompeu (2018) destaca:

Mas as pessoas ouvidas pela Jeduca também apontaram equívocos de veículos de comunicação, como publicar informações sem ouvir o colégio ou apontar supostas motivações dos suicídios, envolvendo terceiros. O episódio mais grave, segundo o diretor, foi o de uma emissora de televisão que decidiu gravar um ‘fala, povo’ na porta da escola, ouvindo estudantes. ‘Os próprios alunos desceram em massa para a rua para protestar, dizendo que aquilo era totalmente inadequado. Mães que viram a aglomeração também se juntaram ao protesto e o clima ficou bastante tenso’. No fim, a equipe de reportagem desistiu de levar a pauta adiante (POMPEU, 2018, online).

As informações acima surgem com o intuito de reforçar que os jornalistas ainda se deparam com dilemas e dúvidas ao longo da cobertura de um suicídio. Além disso, conforme exemplificado na reportagem da *Jeduca*, é possível encontrar bons exemplos de matérias responsáveis e cuidadosas sobre o tema, porém ainda há casos de equívocos cometidos por veículos de comunicação.

Ao longo desta dissertação, o suicídio é abordado como uma questão de saúde pública e, nesse sentido, a imprensa deveria exercer sua função social ao noticiá-lo. Ao ocupar esse lugar de referência, o jornalismo possui não apenas a função de debater temas de interesse público, mas também explicar possíveis gargalos e interrupções da normalidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), devido a influência da

mídia, os meios de comunicação podem também ter um papel ativo na prevenção do suicídio.

Exercer esse papel implica, segundo a organização, no relato de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa. A intervenção prática desta pesquisa surge com o propósito de oferecer informações e/ou sanar dúvidas a fim de auxiliar os profissionais de imprensa na realização de uma cobertura responsável sobre o tema. Essa necessidade surge ao constatar que, apesar das recomendações da OMS e de outras entidades da área para o cuidado no momento da produção do conteúdo, as orientações não são seguidas.

A publicação *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), organizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), indica o que não deve ser feito durante a cobertura jornalística, como publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas; informar detalhes específicos do método utilizado; fornecer explicações simplistas; glorificar o suicídio ou dar conotação sensacionalista sobre o caso; usar estereótipos religiosos ou culturais; atribuir culpa. Entre as recomendações do que deve ser feito, a cartilha destaca: trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos; referir-se ao ato como suicídio consumado, não como bem-sucedido; apresentar somente dados relevantes em páginas internas de veículos impressos; destacar as alternativas ao suicídio; disponibilizar informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda; mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamentos suicidas.

A constatação de que a mídia não segue tais orientações foi feita após analisar o corpus de pesquisa deste estudo. Nesse sentido, há reportagens que trazem o método utilizado pelas pessoas que morreram por suicídio, em alguns casos de maneira detalhada, inclusive. Por exemplo: “Jovem de 20 anos é encontrado morto em Araras, SP”¹²⁴, em que cita “A Polícia Civil informou que a Polícia Militar foi acionada por familiares por volta das 16h40 e encontrou o corpo de Thiago Calori Favetta em um dos cômodos, enforcado com um cinto”. Bem como na reportagem “Mulher é encontrada morta dentro de casa em Mossoró, RN”¹²⁵, em que detalha: “O corpo foi encontrado pendurado por uma corda amarrada no armador de rede do quarto”.

¹²⁴ G1. “Jovem de 20 anos é encontrado morto em Araras, SP”. *G1*, Rio de Janeiro, 25 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/jovem-de-20-anos-e-encontrado-morto-em-araras-sp.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

¹²⁵ G1. “Mulher é encontrada morta dentro de casa em Mossoró, RN”. *G1*, Rio de Janeiro, 23 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/mulher-e-encontrada-morta-dentro-de-casa-em-mossoro-rn.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

Há abordagens que acabam por simplificar as causas e/ou gatilhos que levaram as pessoas ao suicídio, por exemplo ao trazerem menção a desilusões amorosas ou até mesmo ao fato da pessoa ter assistido ao seriado *13 Reasons Why*, história ficcional produzida pela Netflix que gira em torno de uma garota que morre por suicídio e deixa 13 fitas cassetes contando os porquês que a levaram a tomar essa decisão, como a reportagem “Estudante morta com namorado em hotel assistiu a série sobre suicídio”¹²⁶.

Além disso, 25% do corpus de pesquisa trazem fotos dos cidadãos anônimos que morreram por suicídio, contrariando a recomendação do manual, e apenas três reportagens, em todo o corpus, disponibilizam os números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.

Assim, vislumbra-se na plataforma uma oportunidade de sanar dúvidas e contribuir com informações para a cobertura do suicídio. A plataforma hospeda materiais já produzidos por outras fontes com foco na cobertura do suicídio. São eles: *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), produzida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), *Comportamento suicida: Conhecer para prevenir – orientações sobre como abordar o suicídio na imprensa* (2009), da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), e *Suicídio: Saber, agir e prevenir* (2017), do Ministério da Saúde. Essa curadoria tem como objetivo agrupar em um só local publicações que focam na cobertura do suicídio.

Em relação ao comentário da jornalista Marina Estarque, da *Folha de S.Paulo*, que, no decorrer de sua apuração sobre os casos de suicídio dos estudantes dos colégios de São Paulo, encontrou um excesso de referências e orientações sobre como proceder com a cobertura em pouco tempo para processar tudo, a plataforma organiza e centraliza as recomendações de uma forma didática em formato de perguntas e respostas. Como referência desse formato de pergunta e resposta, destaca-se um material produzido pela Andi – Comunicação e Direitos, organização da sociedade civil sem fins lucrativos e apartidária que atua em três vetores: Infância e Juventude, Inclusão e Sustentabilidade e Políticas de Comunicação.

Especificamente sobre o vetor “Infância e Juventude”, o site da entidade destina um espaço intitulado “Dicas para a Cobertura”¹²⁷ em que traz perguntas que os jornalistas

¹²⁶ ADORNO, Luís. “Estudante morta com namorado em hotel assistiu a série sobre suicídio”. *UOL*, São Paulo, 19 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1876754-estudante-morta-com-namorado-em-hotel-assistiu-a-serie-sobre-suicidio.shtml>. Acesso em: 1 maio 2019.

¹²⁷ Disponível em: <http://www.andi.org.br/dicas-para-cobertura>. Acesso em: 1 maio 2019.

podem se deparar ao realizar uma cobertura sobre o tema, por exemplo “como se deve proceder em relação ao agressor de uma criança ou adolescente?”, “como utilizar os dados e as estatísticas para enriquecer uma matéria?”, “de que maneira a mídia pode contribuir para trazer temas ligados aos direitos da infância para o debate público?”, dentre outras.

Acredita-se que, dessa forma, é possível organizar melhor o conteúdo e o processo de busca por dúvidas específicas por parte dos jornalistas. Na plataforma são exibidas perguntas pensadas a partir da leitura dos materiais organizados por outras fontes, bem como as pesquisas realizadas sobre o assunto ao longo da dissertação. As respostas se baseiam nas orientações dos órgãos de saúde e de pesquisadores da área. Além disso, fortalecendo a ideia de apresentar o conteúdo de forma didática, mostra também exemplos do que deve e o que não deve ser feito em uma cobertura. Para isso, se apoia em reportagens encontradas ao longo do corpus de pesquisa desta dissertação, porém não se delimitara a esse material quando há exemplos positivos e/ou negativos fora do corpus.

Ao buscar referências de plataformas produzidas com o mesmo propósito desta intervenção prática, foi descoberto o site *Reporting on Suicide*¹²⁸, “Reportando sobre o Suicídio”, na tradução literal, um site específico com dicas para a cobertura criado por um coletivo internacional composto por especialistas em prevenção do suicídio, organizações internacionais de prevenção do suicídio e saúde pública, escolas de jornalismo, organizações de mídia e especialistas em segurança da Internet. As recomendações são baseadas em mais de cinquenta estudos internacionais sobre a ideia de contágio no suicídio.

O blog foi criado na plataforma WordPress¹²⁹. A arquitetura da página é dividida nas seguintes abas: “Home”, “Guias”, “Sobre” e “Contato”. Na “Home”, é apresentado um texto de apresentação (fixado ao topo da página) com o intuito de explicar o que é, objetivo e público-alvo da iniciativa. Ao final do texto, são disponibilizadas todas as perguntas criadas, sendo que cada uma delas direciona a um texto diferente com as respectivas respostas. A ideia é centralizar todas as perguntas no texto para facilitar a busca dos leitores, como uma espécie de índice (veja capturas de telas do blog no Anexo 3). A seguir, lista-se algumas das perguntas e respostas criadas para compor a plataforma:

¹²⁸ Disponível em: <http://reportingonsuicide.org>. Acesso em: 1 maio 2019.

¹²⁹ O WordPress é um sistema livre e aberto de gestão de conteúdo para Internet, baseado em PHP (linguagem de programação utilizada por programadores e desenvolvedores para construir sites dinâmicos) com banco de dados MySQL, executado em um servidor interpretador, voltado principalmente para a criação de páginas eletrônicas e blogs online.

- **Como utilizar os dados e as estatísticas para enriquecer uma matéria?**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta que frequentemente são feitas comparações entre dados de diferentes países, mas deve-se levar em consideração que os procedimentos de registro de dados de mortalidade variam amplamente de país para país, e isto compromete seriamente qualquer comparação direta. De acordo com a entidade, as taxas de suicídio normalmente são expressas como o número de mortes por 100 mil habitantes no período de um ano. Se as taxas se referem a populações pequenas (cidades pequenas, províncias, até mesmo pequenos países), sua interpretação requer cautela extra, uma vez que poucas mortes podem influenciar radicalmente o quadro. Segundo a cartilha *Comportamento suicida: Conhecer para prevenir – orientações sobre como abordar o suicídio na imprensa* (2009), organizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), apenas falar que o suicídio é frequente, dar muitas estatísticas, só colabora para o aumento das taxas de suicídio.

O que NÃO fazer: Trazer comparações entre dados de diferentes países e apenas fornecer estatísticas sem contextualizar como um problema de saúde pública repercutindo com especialistas, organizações, associações e com a população em geral. Exemplo: “Os 10 países com as maiores taxas de suicídio do mundo” (*Mega Curioso*): <https://www.megacurioso.com.br/politica/91732-os-10-paises-com-as-maiores-taxas-de-suicidio-do-mundo.htm>

O que fazer: Conforme contextualiza a Andi – Comunicação e Direitos, as estatísticas não são verdade absoluta, embora ajudem a dimensionar a compreender uma realidade ou um fenômeno. Por isso, se possível, repercuta os dados com especialistas, com organizações, associações e com a população em geral. Além disso, verifique se não existem outras fontes (estudos e pesquisas) que produzem dados e estatísticas que possam ser confrontados, relativizando ou complementando aqueles que está utilizando. Com base na análise realizada durante este trabalho, nota-se que em grande parte das reportagens não há uma conexão dos dados com tendências maiores. Por exemplo, das 71 matérias que tratam de homicídio seguido por suicídio, 20 correspondem a mulheres mortas por companheiros e, em nove, seguem como a principal hipótese. Porém, ao olhar para essa amostra de 29 reportagens, apenas uma delas traz o debate do feminicídio. Por

isso, acredita-se que os dados nem sempre mostram questões complexas como essa, mas é importante e papel da imprensa identificar tendências.

Exemplo: “Crescem os casos de suicídio entre idosos no Brasil” (*Correio Braziliense*): <http://especiais.correiobraziliense.com.br/crescem-os-casos-de-suicidio-entre-idosos-no-brasil>

- **Posso citar motivações que possam ter levado ao ato?**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Os especialistas apontam a causa como uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. Sendo assim, o reconhecimento de que uma variedade de fatores contribui para o suicídio pode ser útil. Do outro lado, ele não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual.

O que NÃO fazer: Trazer motivações simplistas como possíveis causas do ato, por exemplo:

“Estudante morta com namorado em hotel assistiu a série sobre suicídio” (*Folha de S.Paulo*): “A estudante Kaena Novaes Maciel, 18, encontrada morta no domingo de Páscoa (16) com o namorado Luís Fernando Hauy Kafrune, 19, em um quarto do hotel Maksoud Plaza, nos Jardins (zona oeste), assistiu à série ‘13 Reasons Why’ (‘Os 13 Porquês’), da Netflix, uma semana antes do crime, segundo a Polícia Civil. A série, de ficção, tem como tema o suicídio”. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1876754-estudante-morta-com-namorado-em-hotel-assistiu-a-serie-sobre-suicidio.shtml>

O que fazer: Uma atitude recomendada é procurar por especialistas e enfatizar a questão do suicídio como um fenômeno multifatorial, bem como focar na prevenção.

Exemplo: “Como lidar com o luto pelo suicídio de uma pessoa querida” (*BBC*): Trecho da reportagem: “Na verdade, a gente não vai encontrar causas, porque o suicídio é sempre resultado de um conjunto de fatores”, afirma o psiquiatra Daniel Martins de Barros, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPq-HC)”. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44618309>

- **Posso mencionar o método utilizado pelo indivíduo?**

Conforme orienta a Organização Mundial da Saúde (OMS), devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de atos. O site *Reporting on Suicide* destaca que o risco de suicídios aumenta quando a história descreve explicitamente o método do suicídio corroborando para a ideia do efeito contágio, que ocorre quando um ou mais suicídios são relatados de uma forma que contribui para outro suicídio. A difusão do conceito de contágio pode ser vinculada à literatura pela obra *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe – na qual o protagonista tira a própria vida ao ser rejeitado pela amada. A partir de sua publicação, a Europa teria sido sacudida por uma onda de suicídios entre jovens, sendo que exemplares do livro eram encontrados ao lado dos corpos, que por vezes estavam com a vestimenta característica do personagem. Segundo Arthur Dapieve, autor da obra *Morreu na contramão: O suicídio como notícia*, de 2007, a expressão ‘efeito Werther’ passou a ser usada sempre que um suicídio – sobretudo o de artistas – serve de inspiração para que outras pessoas se matem. Apesar do autor ressaltar não ser possível confirmar o chamado “Efeito Werther”, pois não há estatísticas sobre a morte por suicídio da população masculina jovem europeia do século XVIII, a ideia de contágio se tornou uma questão importante em como reportar o suicídio quando se refere ao método.

O que NÃO fazer: Para seguir as diretrizes organizadas pelos manuais de cobertura, não serão reproduzidas reportagens que informam o método de forma detalhada¹³⁰. Das 151

¹³⁰ Ao longo desta dissertação, porém, o método é exposto de forma detalhada pelos veículos como parte da análise de conteúdo. Na intervenção prática e por ser uma plataforma aberta ao público, opta-se pela omissão a fim de respeitar as diretrizes dos manuais.

reportagens analisadas nesta dissertação, 69% trazem o método do suicídio, ou seja, não seguem as orientações e diretrizes dos manuais de cobertura.

O que fazer: “Suicídio de estudantes causa comoção nas redes sociais e reflexões em escolas” (*O Estado de S. Paulo*): <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,suicidio-de-estudantes-causa-comocao-nas-redes-sociais-e-reflexoes-em-escolas,70002281261>. A reportagem cita os casos de suicídio, porém em nenhum momento traz o método utilizado pelos jovens.

- **Posso trazer imagens da vítima, local e método do suicídio?**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) orienta evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado.

O que não fazer: Para seguir as diretrizes organizadas pelos manuais de cobertura, não serão reproduzidas reportagens que trouxeram imagens da vítima, local e/ou método do suicídio. Das 151 reportagens analisadas nesta dissertação, 25% trazem fotos de cidadãos anônimos que morreram por suicídio, ou seja, não seguem as orientações e diretrizes dos manuais de cobertura.

O que fazer: É possível trazer fotos ilustrativas que permeiem a temática central, por exemplo na matéria: “USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para alunos” (*Folha de S.Paulo*), que não traz fotos das vítimas de suicídio, e sim a imagem de um cartaz colocado no prédio da faculdade de ciências sociais na USP com serviços de saúde mental gratuito. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/usp-tem-4-suicidios-em-2-meses-e-cria-escritorio-de-saude-mental-para-alunos.shtml>

No menu “Guias”, o blog agrupa todos os manuais e publicações produzidos por outras entidades a respeito da cobertura do suicídio. No menu “Sobre”, há uma breve apresentação sobre a página e, em “Contato”, um espaço aberto para que os leitores possam entrar em contato com a autora da página. Ainda no menu “Contato”, reforça-se que a plataforma tem como foco a cobertura sobre o suicídio e, portanto, caso o leitor seja uma pessoa que procura ajuda ao cogitar o suicídio, há informações de contato do Centro de Valorização da Vida (CVV) que realiza apoio emocional e atende, de forma voluntária

e gratuita, as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo, por telefone, e-mail e/ou chat 24 horas todos os dias.

A partir do momento que a presente dissertação for aprovada para depósito em banca de dissertações e teses e biblioteca virtual, ela será disponibilizada na íntegra, em formato de PDF, no blog. Além disso, como forma de divulgação, vislumbra-se a possibilidade de apresentar a iniciativa para veículos de comunicação que cobrem o universo do jornalismo e comunicação. Exemplo: *Comunique-se*, *Portal Imprensa*, *Folha Treinamento*, bem como entidades/associações do setor: Associação Brasileira de Jornalismo Científico (Abjc), Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner), Associação Nacional de Jornais (ANJ), Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), IJNet (Rede de Jornalistas Internacionais) e Knight Center for Journalism in the Americas, Jornalismo Sem Fronteiras.

Há a intenção de, mesmo após a defesa da banca desta dissertação, continuar atualizando o blog com informações relevantes sobre a cobertura do suicídio. Uma das ações será repercutir textos sobre o assunto, por exemplo: “A Previdência e o suicídio”¹³¹, coluna escrita pela ombudsman do jornal *Folha de S.Paulo*, Flavia Lima, e publicada no dia 26 de maio de 2019. Nela, a jornalista afirma que o veículo noticiou a frase dita pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, de que o regime de aposentadoria brasileiro leva a mais suicídios do que o chileno. A profissional contextualiza:

A taxa de suicídio entre pessoas acima de 70 anos era de 9,8 por 100 mil no Brasil em 2012. No Chile chegava a 16,8 por 100 mil, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). O Ministério da Saúde informa uma média ainda menor no Brasil, de 8,9 suicídios por 100 mil entre idosos com mais de 70 anos entre 2011 e 2016. Considerando toda a população do país, não só os idosos, em 2016 a taxa de suicídios era de 6,5 por 100 mil no Brasil (5,8 de acordo com o Ministério da Saúde), e de 10,6 por 100 mil no Chile. Se ao leitor fosse permitido conhecer esses números, saberia que idosos brasileiros não se matam mais do que os chilenos” (LIMA, 2019, online).

O objetivo, então, é repercutir textos, pesquisas e/ou estudos que visam corroborar com uma cobertura responsável a respeito do suicídio. Além disso, a longo prazo, pretende-se realizar entrevistas com profissionais e especialistas a fim de elucidar possíveis dúvidas e ampliar o repertório de profissionais da imprensa sobre o suicídio e qual pode e deve ser seu papel frente à questão. Entre alguns exemplos de pautas e

¹³¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2019/05/a-previdencia-e-o-suicidio.shtml>. Acesso em: 3 jun. 2019.

possíveis entrevistados, estão: entrevista com um dos responsáveis pelo projeto “No Notoriety” (“Sem Notoriedade”, em tradução literal) sobre a cobertura de ataques a tiros em escolas, quando o responsável se suicida na sequência, e qual deve ser o papel e o foco da mídia em situações como essa; entrevista com o jornalista Arthur Dapieve, autor do livro *Morreu na contramão: O suicídio como notícia* (Zahar) sobre a obra, publicada em 2007, e como avalia a cobertura da imprensa de forma mais contemporânea; entrevista com a psicóloga Karina Okajima Fukumitsu, especialista em suicídio – o objetivo é abordar o suicídio como um assunto tabu na sociedade; quais são os maiores mitos sobre o suicídio; a forma como a mídia trata o tema; principais orientações aos profissionais da imprensa etc; resenha de obras e trabalhos sobre a temática – por exemplo, a dissertação da jornalista Mauren Xavier, citada neste estudo; entre outras futuras sugestões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho trilhado até aqui buscou contextualizar o suicídio na sociedade, de forma concisa, para que fosse possível construir e atingir o objetivo deste estudo: os critérios de noticiabilidade do suicídio de anônimos em portais de notícias brasileiros. Interessou ao trabalho estudar como a sociedade ofereceu significado ao suicídio ao longo do tempo e como o jornalismo atua nessa construção de significados. Para tal, trouxe um dos autores precursores na compreensão do suicídio a partir da sociologia. Durkheim (2000, p. 15), em sua obra clássica de 1897, define a morte voluntária como “o ato que o consagra a ser realizado com conhecimento de causa; é a vítima, no momento de agir, saber o que deve resultar de sua conduta, seja qual for a razão”.

Independentemente do período, sociedade ou costume, o suicídio foi alvo de reprovação social por contrariar o princípio de conduta humana que, há muito concretizado, preza pela valorização da existência. Considerado, então, como algo de ordem imoral ou irregular, se tornou um assunto sensível e, por muito tempo, tabu na imprensa. Um elemento importante para entender por que isso ocorre é a ideia do “efeito contágio”, ou seja, a hipótese de que um suicídio possa servir como motivo para que outro ocorra e, ao noticiá-lo, a imprensa contribuiria para tal fenômeno.

Diante desse debate, chega-se à proposta desta pesquisa que busca responder às seguintes perguntas: *quando o suicídio de um cidadão anônimo se torna notícia na cobertura da imprensa, que critérios de noticiabilidade permeiam essa decisão e qual debate o jornalismo propõe nessa cobertura?* Como anônimo, parte-se da ideia oposta ao significado de pessoa pública e/ou celebridade, ou seja, sem visibilidade midiática.

Com a intenção de mapear a cobertura do suicídio desses cidadãos na imprensa brasileira e analisar os critérios que levam esses fatos a se tornarem notícia, optou-se por investigar a presença das matérias a partir da metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) em dois portais de notícias brasileiros: *GI* e *UOL*. Ao longo da pesquisa, pôde-se identificar que a temática do suicídio está presente no noticiário, superando, de certa forma, a ideia de que a imprensa não noticia o assunto. O alvo deste trabalho passa a ser, então, quando ele se faz presente e quais critérios levam a isso.

Entende-se, amparado por Silva (2018), os critérios de noticiabilidade como um conceito que se debruça a responder por que alguns acontecimentos, dentre tantos, alcançam visibilidade midiática e se tornam acontecimentos jornalísticos. Trata-se, de acordo com a autora, de uma combinação de fatores potencialmente capazes de agir no

processo da produção de notícia, desde características do próprio evento a julgamentos pessoais do jornalista, qualidade do material apurado, prazo, cultura profissional da categoria até a circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas de uma determinada sociedade.

O corpus de pesquisa desta dissertação é composto por 151 matérias e, dentro do campo da análise de conteúdo, foi escolhida como instrumento de estudo a do tipo categorial, que busca classificar ou recensar um texto de acordo com a frequência (presença ou ausência) de unidades de sentido. As categorias são divididas em dois grupos: orientadas a pessoas, ou seja, que traz informações relacionadas aos cidadãos anônimos que morreram por suicídio; e orientadas a matérias, relativas à forma como a reportagem foi construída e o tipo de cobertura que foi dada. Algumas considerações são apresentadas a seguir para a discussão deste estudo almejando que possam colaborar com outras investigações, especialmente no campo da comunicação.

Segundo a análise, dos 165 casos de suicídio citados nas 151 matérias do corpus de pesquisa, 103 tratam do suicídio de pessoas do sexo masculino (62% do total) em comparação com 32 do sexo feminino (19%). O maior índice entre o sexo masculino acompanha, ainda que não na mesma proporção, a tendência apresentada pelo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, que destaca que o risco de suicídio no sexo masculino foi aproximadamente quatro vezes superior do que o feminino.

Em relação à faixa etária, enquanto no corpus os maiores índices aparecem nas faixas de “10 a 20” e de “20 a 30” anos, o estudo do órgão de saúde mostrou que, independentemente do sexo, as maiores taxas de suicídio foram observadas na faixa etária de 70 ou mais anos. Neste corpus de pesquisa, a faixa etária “mais de 50 anos” representa apenas 6% do total, sendo que nenhum caso com mais de 70 anos foi encontrado.

A partir dos dados, percebe-se uma subnotificação da morte, no caso, do suicídio, de cidadãos anônimos idosos. Uma hipótese é a de que, sobre o valor-notícia idade, a morte de um idoso seja socialmente “esperada”, ao contrário da morte dos mais jovens. Nesse sentido, talvez a morte do idoso choque menos ou não gere tanta repercussão, chegando uma menor quantidade desses relatos para os jornalistas (noticiabilidade) ou os profissionais entendem que haverá menos interesse nessas mortes entre o público/audiência (valor-notícia). A morte de um jovem implica em um desvio, ou seja, representa uma quebra de expectativa; o excepcional; o não esperado e, assim, mais elementos que fariam o evento se tornar notícia.

Dos 165 casos, 89 tratavam de suicídios ocorridos no Brasil, representando 54% do total. Desse número, percebe-se a relevância da região Sudeste, ocupando 43% do total. Ao longo do referencial teórico desta pesquisa, levantou-se a hipótese de o local do suicídio influenciar os critérios de noticiabilidade do evento, ou seja, um suicídio ocorrido em um local público, fora do domínio privado dos envolvidos, possui maior valor-notícia do que um suicídio ocorrido na esfera íntima? A partir do corpus de pesquisa desta análise, a cena do suicídio, especificamente em relação ao público e privado, não pareceu determinante ou o elemento principal ao transformar os acontecimentos em notícia. Percebe-se a relevância de outros valores/elementos vinculados ao suicídio (detalhados a seguir) que podem ter tornado os acontecimentos em notícia, porém a questão “local do suicídio” não é vista como um deles.

A partir da análise, fica evidente a importância dada ao fator violência, sendo que, das 151 matérias, 81 delas (54%) tratam de homicídio seguido por suicídio, considerando casos confirmados e principais hipóteses. Voltando à reflexão proposta por Oliveira e Cruz (2008), no discurso midiático acerca dos falecidos anônimos vítimas de violência o que está sendo representado não é a morte em si, e, no caso, nem mesmo o morto, mas a tragédia e a criminalidade. Entende-se como valor-notícia nesse recorte a tragédia ocorrida que, nesses casos, terminou com o suicídio dos responsáveis pelos crimes. Independentemente do suicídio, eventos como esses poderiam ser noticiados. Assim, atesta-se que o suicídio ganha espaço na mídia quando vinculado a outros crimes.

De acordo com Soares (2002), esse tipo de crime é denominado homicídio/suicídio ou, na abreviação, H/S. Segundo o autor, ainda não há no Brasil um banco de dados unificado sobre a questão. Sá e Werlang (2007) completam ao destacar que, em termos de inquéritos policiais, não existe no País um código específico para local tal evento, o que dificulta a caracterização do fenômeno. Com base em estudos internacionais, como o de Barnes (2000), realizado na Austrália entre 1973-1992, Soares (2002) identificou que H/S é um crime de gênero, uma vez que os homens são a ampla maioria dos assassinos, característica em conformidade com os dados apresentados neste corpus de pesquisa: 72%, das 81 matérias, são homicídios seguidos por suicídio realizados por homens, incluindo os diferentes tipos de crimes encontrados na análise.

Chama atenção o considerável número de crimes em que mulheres foram mortas por companheiros, representando 29 das 81 reportagens do recorte acima. Essa questão leva ao debate sobre feminicídio. Nota-se, porém, que os casos surgem de forma individualizada, ou seja, não são relacionados com o debate que os enquadram: o

feminicídio. Neste corpus, isso é reforçado ao perceber que, dos 29 casos, apenas um corresponde à categoria “casos específicos para problemas sociais”. Não houve, portanto, um esforço da imprensa em correlacionar e trazer à pauta um sério problema no Brasil e no mundo. Uma hipótese, a ser confirmada e vislumbrada em pesquisas futuras, é que passou a se abordar com mais frequência o feminicídio como problema social nas pautas jornalísticas a partir de 2018 – em função, também, de levantamentos e pesquisas realizadas nesse sentido. Por exemplo, a Secretaria de Segurança Pública (SSP-SP) passou a divulgar os casos de feminicídio separadamente apenas em 2019¹³².

No entanto, a inserção de dados e o esforço de contextualização, que não aparece nos casos acima, se faz presente nas reportagens em que o suicídio surge como parte de um atentado terrorista – responsável por 40, das 81 matérias, em que o homicídio é seguido por suicídio. Desse escopo, 60% trazem dados estatísticos/ históricos sobre o foco da matéria. Em casos de terrorismo, entende-se que mais relevante do que o próprio ato de suicídio está o contexto em que ele ocorreu, sendo um valor-notícia predominante nesse recorte.

Nesse contexto há também outros valores envolvidos, como a região do atentado. No corpus pesquisado há uma super-representação do atentado terrorista ocorrido em 22 de maio de 2017 durante um show da cantora pop Ariana Grande, no estádio Manchester Arena, no Reino Unido, que deixou 22 mortos. Dos 17 casos analisados que ocorreram na Inglaterra, 14 tratam da cobertura desse atentado específico. Esse, aliás, foi noticiado desde a data do ocorrido até 15 de setembro de 2017, quatro meses após o evento.

Em comparação com outros ataques terroristas computados no corpus de pesquisa, ao olhar, por exemplo, para o número de mortos entre as vítimas, um atentado com uma caminhonete-bomba ocorrido no dia 15 de abril de 2017 contra um comboio de ônibus deixou 126 mortos na Síria, incluindo 68 crianças. Segundo a reportagem, “foi um dos ataques mais violentos em mais de seis anos de guerra”. Essa, porém, é a única matéria sobre o ataque em questão em ambos os veículos no período analisado.

“Dez mil mortes em outro continente são iguais a mil mortes em outro país, que são iguais a cem mortes em um lugar distante, que são iguais a dez mortes no centro da capital, que são iguais a morte de uma celebridade”. Retoma-se a anedota criada por Ginneken (1998, p. 23-24) ao trazer o fato de que o país em que um atentado ocorre é um elemento-chave para a representação da notícia, ou seja, um atentado ocorrido na

¹³² Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/vitimas-de-femicidio-em-sao-paulo-tem-entre-13-e-70-anos-de-idade-05062019>. Acesso em: 26 jun. 2019.

Inglaterra possui mais chances de ser noticiado e, além disso, acompanhado com exaustão, do que um ocorrido na Síria, mesmo que o número de mortes desse último seja cinco vezes maior. Além disso, nesse exemplo há a presença da cantora pop Ariana Grande, uma celebridade. Assim, o valor-notícia notoriedade também se faz presente nesse conjunto e, na presente avaliação, essa conexão foi relevante para a super-representação do atentado no corpus de pesquisa.

Nota-se um tímido número de matérias que trazem os casos de suicídio como gancho para tendências e/ou problemas sociais – apenas 19 reportagens, que representam 13% do corpus. Dessas, três se baseiam em relatórios/estudos alheios para tratar das tendências de suicídios entre indígenas e presidiárias. Pensando nos critérios de noticiabilidade, o acesso às pesquisas pode ter permitido ao jornalista fazer a inferência de uma tendência maior e/ou os estudos podem ter sido a pauta original das reportagens.

Além disso, outras três reportagens do recorte dessa categoria abordam as tentativas de suicídio de adolescentes possivelmente motivados pelo jogo Baleia Azul, e mais três trazem questões relacionadas a atentados terroristas. O intuito principal ao criar essa categoria foi entender se os casos de suicídio de cidadãos anônimos se enquadram em um cenário maior de tendências e/ou problemas sociais. Porém, a partir desta análise e do recorte que ela atingiu, os casos, portanto, são tratados de forma mais individualizada. É necessário reforçar, porém, que a conclusão foi feita com base no recorte deste trabalho – apenas reportagens que traziam o suicídio de cidadãos anônimos – e a partir do material explorado no corpus de pesquisa. Sendo assim, uma questão a ser estudada é se o jornalismo traz esse debate fora do escopo aqui analisado. Por exemplo, na primeira coleta a fim de formar este corpus, a partir das palavras-chave selecionadas, a pesquisa encontrou 155 textos em que o suicídio foi abordado de forma mais abrangente. Esse grupo continha reportagens sobre conscientização, prevenção, fatores de risco, campanha Setembro Amarelo, repercussão de abordagens ficcionais, estatísticas do problema social e o jogo intitulado Baleia Azul, citado anteriormente, porém tratando sobre o problema social em si, sem trazer casos específicos de anônimos. Apesar de não ter sido alvo deste trabalho, por fugir do objeto de estudo, é importante trazer a hipótese de que, talvez, o debate, quando vinculado a tendências e/ou problemas sociais, possa aparecer com mais frequência quando não vinculado ao ato individual do suicídio de anônimos.

Ao olhar para as reportagens em que não há a presença de um homicídio seguido de suicídio, buscou-se entender as possíveis características existentes nesse recorte que

pudessem explicar os critérios que as tornaram notícias. Uma descoberta feita ao longo da análise foi importante nessa reflexão. Das 70 matérias desse recorte, 35 fazem parte do Monitor da Violência, projeto do *GI* em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da Universidade de São Paulo (USP) e com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Em pesquisa realizada, obteve-se a informação de que o primeiro projeto como parte da iniciativa ocorreu de 21 a 27 de agosto de 2017 e contou com profissionais que apuraram e escreveram histórias sobre casos de mortes violentas registradas no Brasil durante o período mencionado. Para isso, foi montada uma força-tarefa no veículo com jornalistas de todas as editorias para tabular os dados e montar um mapa com as vítimas.

A partir de reportagem especial e do mapa com todas as vítimas, esta análise validou que os cidadãos anônimos citados nessas 35 matérias fazem, de fato, parte do projeto – o que representa 50% do recorte. Acredita-se que o projeto pode ter sido fundamental para que esses casos tenham se tornado notícia uma vez que, conforme explicado pelo veículo, os jornalistas se mobilizaram em prol da iniciativa e buscaram com entidades de todos os estados brasileiros dados e informações sobre as mortes no período em questão. Porém, apenas com esta análise e sem a confirmação do veículo, não é possível afirmar que esse tenha sido o único motivo para tornar os fatos notícia.

O projeto Monitor da Violência chamou atenção devido ao padrão bastante simplificado seguido pelas reportagens que abordam os casos, quando não seguidos de homicídio. Com “simplificado” se quer dizer que a reportagem não apresenta qualquer evento ou acontecimento correlato, ou seja, apresenta apenas as informações básicas do caso, como “quem morreu”, “quando” e “onde”.

Em sua maioria, os casos noticiados permeiam a esfera privada das vítimas – conforme mencionado, 23, ou seja, 66% do recorte, ocorreram em residências. Ainda que seja impossível afirmar, o presente trabalho deixa a hipótese, com a possibilidade de ser estudada em pesquisas futuras, de que o projeto foi determinante para tais publicações. Sendo assim, por mais que exista a possibilidade de esta ter sido uma maneira encontrada para registrar e tabular casos a serem computados posteriormente, de qualquer forma, a iniciativa acaba por mudar o *status quo* no que se refere aos critérios de noticiabilidade adotados pelo veículo, tendo em mente que as matérias publicadas no portal fora do período analisado pelo Monitor da Violência seguem outros critérios e padrões de cobertura.

Sendo a noticiabilidade uma combinação de forças ou fatores potencialmente capazes de agir no processo de produção de notícia (Silva, 2018), a criação do Monitor da Violência, incluindo sua relação com as fontes oficiais e o prazo determinado para entrega do projeto, pode ter mudado a forma com que o suicídio foi noticiado no veículo. Porém, sem um acompanhamento posterior de como seguiu a cobertura do portal para além deste corpus de pesquisa, não é possível dizer se essa mudança ocorreu apenas para seguir os preceitos do projeto ou se ela chegou a ter influência na forma como o *GI* entende o suicídio como notícia.

Para além do Monitor da Violência, nos casos de suicídio não correspondentes à categoria “homicídio seguido por suicídio” deste corpus de pesquisa, alguns podem ter se tornado notícia por agregarem um fator “curioso” em suas narrativas, como a matéria “Homem avisa a polícia que vai se suicidar e pede pressa: ‘sou doador de órgãos’”¹³³ que, logo em seu primeiro parágrafo, traz a informação de que a polícia de Maine, nos Estados Unidos, recebeu um chamado “no mínimo curioso”. Ou seja, o fato de o cidadão ter ligado para a polícia para avisar sobre seu próprio suicídio e expressado seu desejo para que seus órgãos fossem doados após sua morte foi distintivo na reportagem. Além desse exemplo, outros partilham da mesma ideia de desvio. Ao longo dos estudos de jornalismo, pesquisadores abordaram o desvio como um padrão clássico que leva um acontecimento a se tornar notícia. Entre as instâncias teóricas em que um desvio pode ser compreendido, Silva (2014, p. 117) menciona o desvio estatístico, ou seja, “eventos excêntricos ou não-usuais, ou ainda que configuram realizações ou acidentes acima ou abaixo da média”.

Para além deste corpus de pesquisa, em outros veículos de comunicação, que variam segundo suas linhas editoriais, relações com fontes, bem como com a publicidade, negociações com públicos e audiências (circulação e recepção), entre outros fatores, o suicídio, por si só, pode ser suficiente para que seja enquadrado e levado ao noticiário, ganhando, então, visibilidade midiática. Porém, e com base na análise deste estudo, quando vinculado com fatores excêntricos, há maior probabilidade de conquistar tal visibilidade. O conceito de *fait divers* (BARTHES, 2007) também corrobora com a reflexão. Segundo Barthes (2007), não há *fait divers* sem espanto. Conforme resume Dion (2007), essas narrativas sempre se apresentam como uma história assombrosa, curiosa,

¹³³ UOL. “Homem avisa a polícia que vai se suicidar e pede pressa: ‘sou doador de órgãos’”. *UOL*, São Paulo, 25 jul. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/07/25/doador-de-orgaos-homem-revela-plano-suicida-a-policia-se-apressem.htm>. Acesso em: 26 jun. 2019.

horrível ou extraordinária, mas verdadeira. “Nomeando o desvio, este tipo de informação identifica pelo próprio fato as proibições sociais, reforçando, assim, o sistema de valores prescritos pela sociedade na qual ele se inscreve” (DION, 2007, p. 131).

Com exceção das reportagens do Monitor da Violência, este trabalho identificou que os casos de suicídio alcançaram visibilidade midiática, ou seja, se tornaram notícia, porque extrapolam uma questão puramente individual. Com isso, busca-se dizer que estão relacionados a outra(s) característica(s) externa(s), por exemplo: o crime anterior ao suicídio; posição da vítima na sociedade; fazem parte de um contexto maior como gancho para abordar tendências e/ou problemas sociais; possuem ligação com pessoa pública e/ou celebridade; e contêm elementos que representam o “desvio”, novamente, característicos do conceito de *fait divers*.

Algumas categorias desta análise, como “Método”, “Gatilho para o suicídio” e “Inclusão de foto do cidadão anônimo”, mostram que os veículos de comunicação ainda deixam de seguir determinadas recomendações de órgãos de saúde em suas coberturas. A publicação *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), preparada como parte integrante do Suicide Prevention Program, iniciativa mundial da Organização Mundial da Saúde (OMS), traz a informação de que “devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios”. Mesmo assim, o método é descrito em 69% deste corpus de pesquisa e, em algumas reportagens, de forma detalhada.

A publicação da OMS também orienta que o suicídio não deve ser mostrado de uma maneira simplista e que nunca é resultado de um evento ou fator único. Mesmo assim, há matérias que deixam de seguir a orientação e atribuem um fator, por exemplo a série ficcional *13 Reasons Why*, da Netflix, como um gatilho para o suicídio. Além disso, fotos dos cidadãos anônimos que morreram por suicídio foram apresentadas em 25% do corpus de pesquisa. Assim, não seguem a orientação da publicação da OMS, em que cita “deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado”.

Os exemplos citados acima mostram que os jornalistas deixam de seguir determinadas recomendações focadas na cobertura da imprensa em relação ao suicídio. Na visão desta pesquisa, reforçada também pelo depoimento do entrevistado que não tinha conhecimento do manual produzido pela OMS, os profissionais desconhecem que há instruções em como cobrir a temática e, quando se deparam com o assunto e precisam

noticiá-lo, ainda esbarram em dúvidas e questionamentos em como devem prosseguir. Tendo tal questão no radar, ressalta-se a importância da intervenção prática desta pesquisa que, como objetivo, visa contribuir para a cobertura responsável e sensível do suicídio. A plataforma *Suicídio em Pauta*¹³⁴, disponível online e de forma gratuita, reúne em um só local publicações já existentes com foco na cobertura do suicídio e, além disso, disponibiliza perguntas e respostas que possam surgir durante a produção de uma reportagem sobre o tema. Com esse formato, vislumbra-se uma maneira didática, direta e pertinente tendo em vista a rotina dos profissionais da imprensa. Ambiciona-se seguir com a plataforma após a defesa desta dissertação, mantendo-a atualizada e com novas informações. Assim, pode ser um espaço em que os jornalistas encontrem ideias de pautas e sugestões de contatos.

Conforme pôde ser visto no capítulo de metodologia deste trabalho, houve um esforço em buscar, de forma a agregar à análise de conteúdo da pesquisa, entrevistas com jornalistas dos veículos de comunicação analisados nesta dissertação. Devido aos obstáculos mencionados, como a obtenção de autorização de uma das empresas e tempo hábil dos profissionais no retorno de uma data para conceder entrevista, não foi possível avançar nessa questão. Julga-se importante, visando a realização de pesquisas futuras acerca da temática, trabalhos que possam incluir entrevistas com jornalistas e explorar ainda mais os critérios de noticiabilidade do suicídio.

Complementar à afirmação, ressalta-se que o objeto de estudo desta dissertação (corpus de pesquisa) são as reportagens publicadas nos dois portais de notícias selecionados, ou seja, correspondem ao meio online. Nesse sentido, infere-se que possa existir um critério relativo ao produto, bem como à força dos “dispositivos tecnológicos” (SOUSA, 2003). Assim, o meio online, como hipótese, pode publicar mais (em quantidade) e, dependendo de prazos e estruturas organizacionais, – não é possível generalizar – pode ser mais imediatista e não se aprofundar na temática, conforme visto a partir do tímido número de matérias chamando para tendências e/ou problemas sociais. Por isso a importância de novas pesquisas em relação ao tema.

A verdade é que a pergunta “por que um acontecimento é considerado notícia enquanto outros não são?” é inquietante e permanente. Quando esse acontecimento é um suicídio, reforça-se a importância do debate. Afinal, conforme a presente dissertação buscou mostrar, o assunto é um problema de saúde pública, sendo uma das três principais

¹³⁴ Disponível em: <https://suicidioempauta.home.blog>.

causas de morte entre pessoas de 15 a 44 anos, e a segunda entre as de 10 a 24 anos. E o jornalismo, detentor de uma função social, teria o dever em não silenciar e, mais do que isso, se aprofundar e cobrir de maneira responsável a temática.

REFERÊNCIAS

ANDI. “Dicas para a cobertura”. *ANDI*, Brasília, s.d. Disponível em: <http://www.andi.org.br/dicas-para-cobertura>. Acesso em: 1 maio 2019.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.

ASSIS, Francisco de. Pesquisa aplicada em jornalismo: o desafio da construção do objeto. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 19, n. 41, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). *Comportamento suicida: Conhecer para prevenir – orientações sobre como abordar o suicídio na imprensa*. Disponível em: http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2017/abr/suicidio/manual_cpto_suicida_conhecer_prevenir.pdf. Acesso em: 30 jun. 2019.

BARBOSA, Marialva. *A morte imaginada*. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP, São Bernardo do Campo, SP, 2004.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARNES, Jo. Murder followed by suicide in Australia, 1973-1992: A research note. *Journal of Sociology*, v. 36, n. 1, p. 1-11, 2000.

BARTHES, Roland. Estrutura da notícia. In: *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BITTENCOURT, Jônatha. “‘Baleia Azul’ e ‘Os 13 Porquês’: fique atento aos jovens”. *Band*, São Paulo, 20 abr. 2017. Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/cidades/rs/noticias/100000854671/baleia-azul-e-os-13-porques-fique-atento-a-postura-dos-jovens.html>. Acesso em: 10 jul. 18.

BROUSTAU, Nadège *et al.* A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. *Sur le journalisme*, v. 1, n°1, p. 14-21, 2012.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 224-247, 2014.

CAPES. Banco de Teses. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/bancoteses/#!/>. Acesso em: 28 maio 2018.

CARVALHO, Gislene. Céu ou inferno: julgamento e memórias nas narrativas de cordel. In: MARTINS, Moises de Lemos *et al.* *Sentidos da Morte: na vida da mídia*. Appris, Curitiba, 2017.

CASSORLA, Roosevelt Moisés Smeke. *O que é suicídio*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COLLUCI, Cláudia. “Brasil já registra suicídios e mutilações ligados ao jogo ‘Baleia Azul’”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2017/04/1875567-brasil-ja-registra-suicidios-e-mutilacoes-ligados-ao-jogo-baleia-azul.shtml>. Acesso em: 10 jul. 18.

CRUZ, Fábio Souza da; PIRES, Arthur Freire Simões. The last remaining light: o suicídio de Chris Cornell através da óptica do fait divers. *Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, Palmas, v. 1, n. 2, p. 38-57, 2017.

DALAPOLA, Kaique. “Vítimas de feminicídio em São Paulo têm entre 13 e 70 anos de idade”. *R7*, São Paulo, 5 jun. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/vitimas-de-feminicidio-em-sao-paulo-tem-entre-13-e-70-anos-de-idade-05062019>. Acesso em: 12 jul. 2019.

DAPIEVE, Arthur. *Morreu na contra-mão: o suicídio nos jornais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DE VARES, Sidnei Ferreira. O problema do suicídio em Émile Durkheim. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, Belo Horizonte, v. 13, n. 18, p. 13-36, 2017.

DIÓGENES, Juliana; TOLEDO, Luiz Fernando. “Busca por centro de prevenção ao suicídio cresce 445% após série”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 abr. 2017. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,busca-por-centro-de-prevencao-ao-suicidio-cresce-445-apos-serie-da-netflix,70001734246>. Acesso em: 10 jul. 18.

DION, Sylvie. O “fait divers” como gênero narrativo. *Letras*, Santa Maria, n. 34, p. 123-131, 2007.

DUARTE, Jorge. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. *Código de ética dos jornalistas brasileiros*, 2007. Disponível em: http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 15 jun. 2018.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como critério de noticiabilidade. *Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Liz Mendes; RAMALHO, Alzimar Rodrigues. O suicídio como fato noticiável: análise da cobertura do caso yoñlu. *Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-19, 2013.

FILHO, Cláudio Bertolli; MONARI, Ana Carolina Ponalti. “13 Reasons Why”: o debate sobre o suicídio à tona na mídia brasileira. *Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2018.

FIOCRUZ. “Ministério da Saúde lança primeiro boletim sobre suicídio no Brasil”. *Instituto Gonçalo Moniz FioCruz Bahia*, Salvador, 26 set. 2017. Disponível em: <https://www.bahia.fiocruz.br/ministerio-da-saude-lanca-primeiro-boletim-sobre-suicidio-no-brasil>. Acesso em: 10 jul. 18.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Novo manual da redação*. São Paulo, 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual da Redação*. São Paulo: PubliFolha, 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre noticiabilidade. *In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Org.) Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, p. 85-114, 2014.

_____. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. *In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, 9., 2007, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0596-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. Considerações metodológicas sobre a pesquisa aplicada em jornalismo. *In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJOR. Anais [...]* Porto Alegre, 2006.

GARCIA, LUIZ. *Manual de Redação e Estilo*. São Paulo: Globo, 1992.

G1. “Como é feito o Índice Nacional de Homicídios do Monitor da Violência: perguntas e respostas”. *G1*, Rio de Janeiro, 27 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/02/27/como-e-feito-o-indice-nacional-de-homicidios-do-monitor-da-violencia-perguntas-e-respostas.ghtml/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

_____. “Monitor da Violência: metodologia”. *GI*, Rio de Janeiro, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/monitor-da-violencia-metodologia.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

_____. “Uma semana de mortes violentas no Brasil”. *GI*, Rio de Janeiro, 25 set. 2017. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2017/uma-semana-de-mortes-violentas-no-brasil/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

_____. “G1 completa 10 anos”. *GI*, Rio de Janeiro, 18 set. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/09/g1-completa-10-anos.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. “Suicídio cresce 30% no estado de São Paulo, diz estudo”. *GI*, Rio de Janeiro, 8 set. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/suicidio-cresce-30-no-estado-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Lp&m Pocket, 2005.

GUERRA, Josenildo. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. *Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Org.) *Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, p. 39-49, 2014.

HWANG, Esther. *Suicídio por contágio e a comunicação midiática*. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

ISSLER, Bernardo. A morte como notícia ou anúncio. *XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2004, UEMSP, São Bernardo do Campo, SP. *Anais [...]*. São Paulo, Compós, 2004. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_572.pdf. Acesso em: 10 set. 2018.

JANEIRO BRANCO. Disponível em: <https://janeirobranco.com.br>. Acesso em: 10 set. 2018.

LIMA, Flavia. “A Previdência e o suicídio”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 maio 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2019/05/a-previdencia-e-o-suicidio.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. O suicídio e sua essência transgressora. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 237-245, 2014.

_____. *O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MEDINA, Jorge Lellis. Mídia e a morte voluntária. In: *Vidas Interrompidas*, 2009, Vitória - ES. I E II FÓRUM ESTADUAL SOBRE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO. Vitória - ES: Imprensa Oficial do Espírito Santo, v. 1. p. 186-192, 2009.

MELO, Ana Duarte; MARINHO, Sandra. Crônica da morte anunciada: quando o jornal publicita e a publicidade dá notícia. In: MARTINS, Moises de Lemos *et al.* *Sentidos da Morte: na vida da mídia*. Curitiba: Appris, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Suicídio: saber agir e prevenir*. 2017. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/09/folheto-jornalistas.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2018.

MORAES, Alice Ferry. Suicídio na mídia semanal. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2013.

NUNES, Everardo Duarte. O suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 7-34, 1998.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho. Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 149-159, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Prevenção do suicídio: Manual para profissionais da mídia*. Genebra, 2000. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf. Acesso em: 15 jun. 2018.

PARANÁ PORTAL. “Baleia Azul: o jogo suicida que preocupa o Brasil e o mundo”. *Paraná Portal*, Curitiba, 22 abr. 2017. Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/geral/baleia-azul-o-jogo-suicida-que-preocupa-o-brasil-e-o-mundo>. Acesso em: 10 jul. 18.

POMPEU, Sergio. “Suicídios, um tema desafiador na cobertura de educação”. *Jeduca*, São Paulo, 15 ago. 2018. Disponível em: <http://jeduca.org.br/texto/suicidios-um-tema-desafiador-na-cobertura-de-educacao>. Acesso em: 1 maio 2019.

PORTARI, Rodrigo. A morte e o jornalismo nosso de cada dia. In: MARTINS, Moisés de Lemos *et al.* *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: CECS-Publicações/eBooks, p. 89-111, 2016.

SÁ, Samantha Dubugras; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Homicídio seguido de suicídio na cidade de Porto Alegre. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 181-189, 2007.

SANTANA, Crisley Buqueroni *et al.* A história da morte no ocidente e o contexto Social como fator de risco para o suicídio. *Rev. Ambiente Acadêmico*, Cachoeiro de Itapemirim, v. 1, n. 2, ano 2015.

SANT'ANNA, Sebastião Cesar Meirelles. O fato social, a ação social e o tabu: contribuições de, Durkheim, Weber e Freud no Contexto da Construção da Memória Social. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 3, 2014, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Coninter 3, 2014. Disponível em:

<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2016/09.%20SANT%20ANNA.pdf>. Acesso em: 1 maio 2019.

SANTOS, Mauren de Souza Xavier dos. *Por quê?: Uma análise dos discursos sobre suicídio no jornalismo diário*. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - (PUCRS), 2019.

SARTOR, Basilio Alberto. *A noção de interesse público no jornalismo*. Tese de Doutorado - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SEIXAS, Lia. Valores notícia: uma proposta de análise. *Revista Observatório*, Palmas, v. 4, n. 4, p. 334-366, 2018.

SERELLE, Marcio; PINHEIRO, Carlos Henrique. O paradigma fama/anonimato no jornalismo narrativo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 68-76, 2016.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. *Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia*. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

SIMÕES, Paula Guimarães. Sobre a morte dos célebres: entre a afetação e a revelação, a invisibilidade da própria morte. In: MARTINS, Moises de Lemos *et al.* *Sentidos da Morte: na vida da mídia*. Curitiba: Appris, 2017.

SILVA, Gislene. A engrenagem da noticiabilidade no meio do redemoinho. *Revista Observatório*, Palmas, v. 4, n. 4, p. 308-333, 2018.

_____. Imaginários da morte, o acontecimento noticioso primordial. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 462-474, 2012.

_____. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Marcos Paulo da. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. *In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Org.) Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, p. 25-38, 2014.

_____. Significância social como dimensão da noticiabilidade. *In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Org.) Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, p. 115-135, 2014.

SILVA, Maria do Carmo Mendonça. *Renúncia à vida pela morte voluntária: o suicídio aos olhos da imprensa no Recife dos anos 1950*, 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. *E-Compós*, Brasília, v. 20. n. 3. 2017.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. Matar e, depois, morrer. *Opinião Pública*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 275-303, 2002.

SOBREIRO, Pedro. “Qual a revista de maior circulação no Brasil? E no mundo?”. *Mundo Estranho*, São Paulo, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-revista-de-maior-circulacao-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 10 set. 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. *In: Pauta Geral*, Ponta Grossa, ano 10, n. 5, p. 23-45, 2003.

REDE GLOBO. “A Globo no Brasil”. Rede Globo, Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: http://redeglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/SiteFolder/tvg/g_globo_brasil/0,,0,00.html. Acesso em: 10 fev. 2019.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SETEMBRO AMARELO. Disponível em: www.setembroamarelo.org.br. Acesso em: 28 abr. 2018.

VERDÉLIO, Andreia. “Suicídio é a quarta maior causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos”. Agência Brasil, Brasília, 21 set. 2017. Disponível em: <http://radioagencianacional.ebc.com.br/geral/audio/2017-04/suicidio-e-uma-das-duas-principais-causas-de-morte-entre-pessoas-de-10-24-anos>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. “Suicídio é uma das principais causas de morte entre pessoas de 10 a 24 anos”. Agência Brasil, Brasília, 21 set. 2017. Disponível em: <http://radioagencianacional.ebc.com.br/geral/audio/2017-04/suicidio-e-uma-das-duas-principais-causas-de-morte-entre-pessoas-de-10-24-anos>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. “Cerca de 11 mil pessoas tiram a própria vida todos os anos no Brasil”. Agência Brasil, Brasília, 21 set. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/cerca-de-11-mil-pessoas-tiram-propria-vida-todos-os-anos-no-brasil>. Acesso em: 10 set. 2018.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 77-83, 2009.

TAYLOR, Adam. “Os dois atentados de Manchester mostram a natureza mutante do terrorismo”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/os-dois-atentados-de-manchester-mostram-a-natureza-mutante-do-terrorismo-f5hqlcvoo7j3g77pc04q0k5gj/>. Acesso em: 1 maio 2019.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, v. 1, 2005.

UOL. Sobre UOL. *UOL*, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

URQUIZA, Marconi de Albuquerque; MARQUES, Denilson Bezerra. Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 115-144, jan./jun. 2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Os jovens do Brasil: mapa da violência 2014*. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2014. Disponível em https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf. Acesso em: 30 jun. 2019.

WHITE, David Manning. O gatekeeper. Uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999.

ANEXO 1: Lista de matérias dos veículos *G1* e *UOL* que compõem o corpus de pesquisa desta dissertação

| Data | Veículo | Título | Link |
|-------------|----------------|---|---|
| 04/04/2017 | G1 | Terça-feira, 4 de abril de 2017 | https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/terca-feira-4-de-abril-de-2017.ghtml |
| 04/04/2017 | G1 | Nº de mortos no metrô de São Petersburgo vai a 14; Rússia identifica suspeito | https://g1.globo.com/mundo/noticia/russia-identifica-suspeito-de-atacar-metro-de-sao-petersburgo.ghtml |
| 09/04/2017 | G1 | Explosões em duas igrejas cristãs no Egito deixam dezenas de mortos | https://g1.globo.com/mundo/noticia/explosao-em-igreja-crista-no-egito-deixa-mortos-e-feridos.ghtml |
| 10/04/2017 | G1 | Vaticano confirma viagem do Papa ao Egito apesar de atentados | https://g1.globo.com/mundo/noticia/vaticano-confirma-viagem-do-papa-ao-egito-apesar-de-atentados.ghtml |
| 10/04/2017 | G1 | Segunda-feira, 10 de abril de 2017 | https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/segunda-feira-10-de-abril-de-2017.ghtml |
| 10/04/2017 | G1 | Homem armado invade escola e mata sua mulher em San Bernardino, nos EUA; aluno e atirador também morrem | https://g1.globo.com/mundo/noticia/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-san-bernardino-dizem-bombeiros.ghtml |
| 10/04/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta com sinais de estrangulamento em Itatinga | https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/homem-comete-suicidio-apos-matar-esposa-em-itatinga.ghtml |
| 12/04/2017 | G1 | Egito diz ter identificado autor de ataque à igreja de Alexandria | https://g1.globo.com/mundo/noticia/egito-diz-ter-identificado-autor-de-ataque-a-igreja-de-alexandria.ghtml |
| 16/04/2017 | G1 | Atentado contra refugiados deixa mais de 120 mortos na Síria | https://g1.globo.com/mundo/noticia/atentado-contra-refugiados-deixa-mais-de-120-mortos-na-siria.ghtml |
| 17/04/2017 | G1 | Rússia prende suspeito de organizar ataque de São Petersburgo | https://g1.globo.com/mundo/noticia/russia-interroga-novo-suspeito-de-ataque-em-sao-petersburgo-diz-agencia.ghtml |
| 17/04/2017 | G1 | Crianças sírias morrem em ataque após terem sido atraídas por caminhão cheio de comida | https://g1.globo.com/mundo/noticia/criancas-sirias-morrem-em-ataque-apos-terem-sido-atraidadas-por-caminhao-cheio-de-comida.ghtml |
| 17/04/2017 | G1 | Polícia apura se casal achado morto em hotel na região da Paulista fez pacto de morte | https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/policia-apura-se-casal-achado-morto-em-hotel-na-regiao-da-paulista-fez-pacto-de-morte.ghtml |

| | | | |
|------------|----|---|---|
| 18/04/2017 | G1 | Suspeito de matar homem e postar vídeo no Facebook se suicida ao ser encontrado pela polícia | https://g1.globo.com/mundo/noticia/suspeito-de-matar-homem-e-transmitir-ao-vivo-pelo-facebook-e-encontrado-morto-nos-eua-diz-tv.ghtml |
| 18/04/2017 | G1 | Vídeo mostra casal suspeito de ter feito pacto de morte chegando sozinho a hotel de luxo em São Paulo | https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/video-mostra-casal-suspeito-de-ter-feito-pacto-de-morte-chegando-sozinho-a-hotel-de-luxo-em-sp.ghtml |
| 19/04/2017 | G1 | Polícia do RJ confirma casos de tentativas de suicídio motivadas pelo jogo da Baleia Azul | https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-do-rj-confirma-outros-casos-de-tentativa-de-suicidio-motivado-pelo-jogo-da-baleia-azul.ghtml |
| 24/04/2017 | G1 | O que se sabe sobre morte de menino uruguaio vítima de abusos e sequestrado por técnico de futebol | https://g1.globo.com/mundo/noticia/o-que-se-sabe-sobre-morte-de-menino-uruguaio-vitima-de-abusos-e-sequestrado-por-tecnico-de-futebol.ghtml |
| 25/04/2017 | G1 | Tailandês mata filha de 11 meses e se suicida em transmissão ao vivo no Facebook | https://g1.globo.com/mundo/noticia/tailandes-mata-filha-de-11-meses-e-se-suicida-em-transmissao-ao-vivo-no-facebook.ghtml |
| 29/04/2017 | G1 | Jogo da Baleia Azul: Até que ponto devemos nos preocupar? | https://g1.globo.com/educacao/noticia/jogo-da-baleia-azul-ate-que-ponto-devemos-nos-preocupar.ghtml |
| 18/05/2017 | G1 | Equipe especializada de Marília participa das buscas por jovem estrangulada por cunhado em Itu | https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/equipe-especializada-de-marilia-participa-das-buscas-por-jovem-estrangulada-por-cunhado-em-itu.ghtml |
| 22/05/2017 | G1 | Explosão após show de Ariana Grande deixa 22 mortos em Manchester | https://g1.globo.com/mundo/noticia/estouro-e-ouvido-perto-de-arena-de-manchester.ghtml |
| 22/05/2017 | G1 | Zack Snyder se afasta da produção de 'Liga da Justiça' após morte da filha e Joss Whedon assume | https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/zack-snyder-se-afasta-da-producao-de-liga-da-justica-e-joss-whedon-assume.ghtml |
| 24/05/2017 | G1 | Menina de 8 anos está entre os mortos em ataque após show em Manchester | https://g1.globo.com/mundo/noticia/menina-de-8-anos-esta-entre-os-mortos-em-ataque-apos-show-em-manchester.ghtml |
| 24/05/2017 | G1 | Explosão de bomba deixa mortos em show de Ariana Grande em Manchester | https://g1.globo.com/mundo/noticia/bomba-deixa-mortos-em-show-de-ariana-grande-em-manchester-fotos.ghtml |
| 25/05/2017 | G1 | Salman Abedi: um extremista de origem líbia movido pela vingança | https://g1.globo.com/mundo/noticia/salman-abedi-um-extremista-de-origem-libia-movido-pela-vinganca.ghtml |

| | | | |
|------------|----|--|---|
| 26/05/2017 | G1 | Multidão canta Oasis após minuto de silêncio em Manchester; vídeo viraliza | https://g1.globo.com/mundo/noticia/multidao-canta-oasis-apos-minuto-de-silencio-em-manchester-video-viraliza.ghtml |
| 28/05/2017 | G1 | Moradores de Manchester se unem em rede de solidariedade após ataque | http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/05/moradores-de-manchester-se-unem-em-rede-de-solidariedade-apos-ataque.html |
| 02/06/2017 | G1 | Ataque suicida deixa mortos e feridos nos Camarões | https://g1.globo.com/mundo/noticia/ataque-suicida-deixa-mortos-e-feridos-nos-camaroes.ghtml |
| 04/06/2017 | G1 | Relembre os principais atentados no Reino Unido desde 2005 | https://g1.globo.com/mundo/noticia/relembre-os-principais-atentados-no-reino-unido-desde-2005.ghtml |
| 05/06/2017 | G1 | Causas de suicídios de índios Karajá são investigadas pelo MPF em MT | https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/causas-de-suicidios-de-indios-karaja-sao-investigadas-pelo-mpf-em-mt.ghtml |
| 05/06/2017 | G1 | Recém-separado, casal de idosos é encontrado morto em Alfredo Marcondes | https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/recem-separado-casal-de-idosos-e-encontrado-morto-em-alfredo-marcondes.ghtml |
| 07/06/2017 | G1 | Ariana Grande retoma turnê nesta quarta em Paris após atentado de Manchester | https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/ariana-grande-retoma-turne-nesta-quarta-em-paris-apos-atentado-de-manchester.ghtml |
| 07/06/2017 | G1 | Americana acusada de incentivar suicídio do namorado vai a julgamento | https://g1.globo.com/mundo/noticia/americana-acusada-de-incentivar-suicidio-do-namorado-vai-a-julgamento.ghtml |
| 08/06/2017 | G1 | Ataque do Boko Haram deixa mortos e feridos no nordeste da Nigéria | https://g1.globo.com/mundo/noticia/ataque-do-boko-haram-deixa-mortos-e-feridos-no-nordeste-da-nigeria.ghtml |
| 11/06/2017 | G1 | Os jovens japoneses que estão trabalhando literalmente até a morte | https://g1.globo.com/mundo/noticia/os-jovens-japoneses-que-estao-trabalhando-literalmente-ate-a-morte.ghtml |
| 12/06/2017 | G1 | Tenente-coronel da PM mata mulher e depois tira a própria vida, no Maranhão | https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/tenente-coronel-da-pm-mata-mulher-e-depois-tira-a-propria-vida-no-maranhao.ghtml |
| 13/06/2017 | G1 | Rapaz é encontrado com tiro no peito e PC de Ipatinga abre inquérito para investigar a morte | https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/rapaz-e-encontrado-com-tiro-no-peito-e-pc-de-ipatinga-abre-inquerito-para-investigar-a-morte.ghtml |
| 17/06/2017 | G1 | Americana é condenada por incitar suicídio do namorado | https://g1.globo.com/mundo/noticia/americana-e-condenada-por-incitar-suicidio-do-namorado.ghtml |
| 20/06/2017 | G1 | Homem mata esposa com tiro na cabeça e comete suicídio em São Sebastião | https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/homem-mata-companheira-com-tiro-na-cabeca-e-se-mata-em-sao-sebastiao-sp.ghtml |

| | | | |
|------------|----|--|---|
| 22/06/2017 | G1 | Atentado com bomba deixa mortos e feridos no Paquistão | https://g1.globo.com/mundo/noticia/atentado-com-bomba-deixa-mortos-e-feridos-no-paquistao.ghtml |
| 22/06/2017 | G1 | Policial Civil faz família refém, mata ex-sogros e se suicida em Niterói | https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policial-civil-faz-familia-refem-mata-ex-sogros-e-se-suicida-em-niteroi.ghtml |
| 24/06/2017 | G1 | Arábia Saudita anuncia que evitou atentado em Meca | https://g1.globo.com/mundo/noticia/arabia-saudita-anuncia-que-evitou-atentado-em-meca.ghtml |
| 24/06/2017 | G1 | O suicídio que revelou a violência do submundo da prostituição em Londres | https://g1.globo.com/mundo/noticia/o-suicidio-que-revelou-a-violencia-do-submundo-da-prostituicao-em-londres.ghtml |
| 28/06/2017 | G1 | Casal é encontrado morto dentro de carro, em Planaltina, DF | https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-carro-em-planaltina-df.ghtml |
| 28/06/2017 | G1 | Homem mata mulher a pauladas por ciúmes na cidade de Guaratinga, no Sul da BA | https://g1.globo.com/bahia/noticia/homem-mata-mulher-por-ciumes-na-cidade-de-guaratinga-no-sul-da-ba.ghtml |
| 02/07/2017 | G1 | Atentado com carro-bomba deixa ao menos 20 mortos em Damasco | https://g1.globo.com/mundo/noticia/atentado-com-carro-bomba-deixa-mortos-e-feridos-em-damasco.ghtml |
| 03/07/2017 | G1 | Estado Islâmico comete onda de ataques suicidas para tentar frear retomada de Mossul | https://g1.globo.com/mundo/noticia/estado-islamico-comete-onda-de-ataques-suicidas-para-tentar-frear-retomada-de-mossul.ghtml |
| 03/07/2017 | G1 | Polícia encontra corpo de mulher dentro de carro ao ser acionada após rapaz pular de ponte em Itatinga | https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/policia-e-acionada-apos-jovem-pular-de-ponte-e-no-local-encontra-corpo-de-mulher-no-carro-dele.ghtml |
| 08/07/2017 | G1 | Homem mata ex-companheira e depois comete suicídio, em Presidente Venceslau | https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/homem-mata-ex-companheira-e-depois-comete-suicidio-em-presidente-venceslau.ghtml |
| 10/07/2017 | G1 | Marido é suspeito de matar mulher e cometer suicídio em Blumenau | https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/homem-e-suspeito-de-matar-mulher-e-cometer-suicidio-em-blumenau.ghtml |
| 12/07/2017 | G1 | Ariana Grande é nomeada cidadã de honra de Manchester após atentado de maio | https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/ariana-grande-e-nomeada-cidada-de-honra-de-manchester-apos-atentado-de-maio.ghtml |
| 12/07/2017 | G1 | Ex-marido mata mulher a facadas e comete suicídio em Pindamonhangaba | https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/ex-marido-mata-mulher-a-facadas-e-comete-suicidio-em-pindamonhangaba.ghtml |

| | | | |
|------------|----|---|---|
| 19/07/2017 | G1 | Diretora de unidade de saúde que achou enfermeira morta em GO está em choque: 'Cena não sai da cabeça' | https://g1.globo.com/goias/noticia/diretora-de-unidade-de-saude-que-achou-enfermeira-morta-em-go-esta-em-choque-cena-nao-sai-da-cabeca.ghtml |
| 20/07/2017 | G1 | Maior loja clandestina da Dark Web é tirada do ar e criador comete suicídio na prisão, diz governo dos EUA | https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/maior-loja-clandestina-da-dark-web-e-tirada-do-ar-e-criador-comete-suicidio-na-prisao-diz-governo-dos-eua.ghtml |
| 21/07/2017 | G1 | Idoso que matou ex deixou carta com pedido de desculpas e lembrete: 'Pague minha fatura' | https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/idoso-que-matou-ex-deixou-bilhete-com-pedido-de-desculpas-e-lembrete-pague-minha-fatura.ghtml |
| 24/07/2017 | G1 | Ataque a hospital deixa dezenas de mortos no Afeganistão | https://g1.globo.com/mundo/noticia/ataque-a-hospital-deixa-dezenas-de-mortos-no-afeganistao.ghtml |
| 29/07/2017 | G1 | Pais de menina que transmitiu suicídio são achados mortos | https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/pais-de-menina-que-transmitiu-suicidio-sao-achados-mortos.ghtml |
| 31/07/2017 | G1 | Jovem achada morta era a principal suspeita de assassinar agente penitenciário, diz polícia | https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/jovem-achada-morta-era-a-principal-suspeita-de-assassinar-agente-penitenciario-diz-policia.ghtml |
| 03/08/2017 | G1 | Americana que incitou suicídio do namorado é condenada a 15 meses de prisão | https://g1.globo.com/mundo/noticia/americana-que-incitou-suicidio-do-namorado-e-condenada-a-15-meses-de-prisao.ghtml |
| 05/08/2017 | G1 | Família quer levar à OEA laudo dos EUA sobre manipulação em vídeo do caso Pesseghini | https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/familia-quer-levar-a-oea-laudo-dos-eua-sobre-manipulacao-em-video-do-caso-pesseghini.ghtml |
| 09/08/2017 | G1 | Pai e filho são encontrados mortos em carro no bairro de São Brás, em Belém | https://g1.globo.com/pa/para/noticia/pai-e-filho-sao-encontrados-mortos-em-carro-no-bairro-de-sao-bras-em-belem.ghtml |
| 14/08/2017 | G1 | Morte de motorista da Caixa em cela de delegacia do DF completa um mês | https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/morte-de-motorista-da-caixa-em-cela-de-delegacia-do-df-completa-um-mes.ghtml |
| 15/08/2017 | G1 | Corpos de casal são encontrados com marcas de tiro dentro de apartamento no centro no Recife | https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/corpos-de-casal-sao-encontrados-com-marcas-de-tiros-dentro-de-apartamento-no-centro-no-recife.ghtml |
| 16/08/2017 | G1 | Famílias das 22 pessoas mortas em atentado na saída de show de Ariana Grande irão receber cerca de R\$ 1 milhão, diz jornal | https://g1.globo.com/musica/noticia/familias-das-22-pessoas-mortas-em-atentado-na-saida-de-show-de-ariana-grande-irao-receber-cerca-de-r-1-milhao-diz-jornal.ghtml |

| | | | |
|------------|----|---|---|
| 20/08/2017 | G1 | Delegado mata a mulher juíza em Perdizes, Zona Oeste de SP | https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/delegado-mata-a-mulher-juiza-em-perdizes-zona-oeste-de-sp.ghtml |
| 21/08/2017 | G1 | Corpo de jovem é encontrado na garagem de casa, em Goiânia | https://g1.globo.com/goias/noticia/corpo-de-homem-e-encontrado-na-garagem-de-casa-em-goiania.ghtml |
| 21/08/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta em prédio no Centro de Joaçaba | https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/mulher-e-encontrada-morta-em-predio-no-centro-de-joacaba.ghtml |
| 21/08/2017 | G1 | Mulher é esganada e morta pelo namorado na Zona Sul de SP | https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mulher-e-morta-estrangulada-pelo-namorado-na-zona-sul-de-sp.ghtml |
| 22/08/2017 | G1 | Homem de 28 anos é encontrado morto em casa no centro de Tremembé | https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/homem-de-28-anos-e-encontrado-morto-em-casa-no-centro-de-tremembe.ghtml |
| 22/08/2017 | G1 | Adolescente é encontrado morto em quebra-mar na praia da Redinha, em Natal | https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/corpo-e-encontrado-em-quebra-mar-na-praia-da-redinha-em-natal.ghtml |
| 22/08/2017 | G1 | Corpo de adolescente é encontrado com sinais de asfixia em Colombo | https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/policia-investiga-morte-de-adolescente-por-suspeita-de-asfixia-em-colombo.ghtml |
| 22/08/2017 | G1 | Corpo de estudante é encontrado dentro de casa, em Caldas Novas | https://g1.globo.com/goias/noticia/corpo-de-estudante-e-encontrado-dentro-de-casa-em-caldas-novas.ghtml |
| 22/08/2017 | G1 | Casal é encontrado morto dentro de casa em Cassilândia, MS; polícia suspeita de crime passional | https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-em-cassilandia-ms-policia-suspeita-de-crime-passional.ghtml |
| 23/08/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta dentro de casa em Mossoró, RN | https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/mulher-e-encontrada-morta-dentro-de-casa-em-mossoro-rn.ghtml |
| 23/08/2017 | G1 | Mulher morre ao cair da ponte do Vale do Reginaldo, em Maceió | https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/mulher-morre-ao-cair-da-ponte-do-vale-do-reginaldo-em-maceio.ghtml |
| 23/08/2017 | G1 | Corpo de homem de 40 anos é encontrado em Ferraz de Vasconcelos | https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/corpo-de-homem-de-40-anos-e-encontrado-em-ferraz-de-vasconcelos.ghtml |
| 24/08/2017 | G1 | Homem se suicida em conjunto próximo da BR-316, em Marituba | https://g1.globo.com/pa/para/noticia/homem-se-suicida-em-marituba.ghtml |
| 24/08/2017 | G1 | Delegacia de Assaí investiga morte de adolescente | https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/delegacia-de-assai-investiga-morte-de-adolescente.ghtml |

| | | | |
|------------|----|---|---|
| 24/08/2017 | G1 | Homem morre após queda do 8º andar de prédio em Porto Alegre | https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-morre-apos-queda-do-8-andar-de-predio-em-porto-alegre.ghtml |
| 25/08/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta em terreno baldio de Joinville | https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/mulher-e-encontrada-morta-em-terreno-baldio-de-joinville.ghtml |
| 25/08/2017 | G1 | Jovem de 20 anos é encontrado morto em Araras, SP | https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/policia-investiga-morte-de-mulher-no-jardim-cruzeiro-em-mairinque.ghtml |
| 25/08/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta dentro de apartamento na Zona Sul de Natal | https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/mulher-e-encontrada-morta-dentro-de-apartamento-na-zona-sul-de-natal.ghtml |
| 25/08/2017 | G1 | Polícia investiga morte de mulher no Jardim Cruzeiro em Mairinque | https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/policia-investiga-morte-de-mulher-no-jardim-cruzeiro-em-mairinque.ghtml |
| 26/08/2017 | G1 | Taxista é encontrado morto em casa onde morava em Dores do Indaiá | https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/taxista-e-encontrado-morto-em-casa-onde-morava-em-dores-do-indaia.ghtml |
| 26/08/2017 | G1 | Homem é encontrado morto em quarto de hotel em Juiz de Fora | https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-quarto-de-hotel-em-juiz-de-fora.ghtml |
| 26/08/2017 | G1 | Jovem é encontrado morto dentro de casa em Matão, SP | https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/jovem-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-em-matao-sp.ghtml |
| 27/08/2017 | G1 | Esposa de vice-prefeito de Abadia de Goiás é encontrada morta em casa | https://g1.globo.com/goias/noticia/esposa-de-vice-prefeito-de-abadia-de-goias-e-encontrada-morta-em-casa.ghtml |
| 28/08/2017 | G1 | Polícia indícia dois em inquérito sobre morte do empresário Sérgio ... | https://g1.globo.com/peernambuco/noticia/policia-indicia-dois-em-inquerito-sobre-morte-do-empresario-sergio-falcao.ghtml |
| 28/08/2017 | G1 | Adolescente filho de policial morre com ferimento a bala em Jaguariúna | https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/adolescente-filho-de-policial-morre-com-ferimento-a-bala-em-jaguariuna.ghtml |
| 28/08/2017 | G1 | Homem é encontrado morto em casa em Tapejara, no Norte do RS | https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-casa-em-tapejara-no-norte-do-rs.ghtml |
| 28/08/2017 | G1 | Adolescente de Guararema morre depois de ficar 11 dias internado | https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/adolescente-de-guararema-morre-depois-de-ficar-11-dias-internado.ghtml |
| 30/08/2017 | G1 | MP analisa denúncia de 'suicídios em série' em penitenciária feminina de SP | https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mp-analisa-denuncia-de-suicidios-em-serie-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml |
| 31/08/2017 | G1 | Atentado contra delegacia mata policiais na Argélia | https://g1.globo.com/mundo/noticia/atentado-contradelegacia-mata-policiais-na-argelia.ghtml |

| | | | |
|------------|----|--|---|
| 31/08/2017 | G1 | Menina indiana comete suicídio após ser humilhada na escola, dizem pais | https://g1.globo.com/mundo/noticia/menina-indiana-comete-suicidio-apos-ser-humilhada-na-escola-dizem-pais.ghtml |
| 31/08/2017 | G1 | Polícia conclui que homem que morreu enforcado em Ipiranga cometeu suicídio | https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/policia-investiga-morte-de-homem-encontrado-enforcado-em-ponta-grossa.ghtml |
| 31/08/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta em Sombrio | https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/mulher-e-encontrada-morta-em-sombrio-sc.ghtml |
| 04/09/2017 | G1 | Dois soldados russos são mortos pelo Estado Islâmico na Síria | https://g1.globo.com/mundo/noticia/dois-soldados-russos-sao-mortos-pelo-estado-islamico-na-siria.ghtml |
| 05/09/2017 | G1 | Casal é encontrado morto dentro de casa na Zona Rural de Ariquemes, RO | https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-na-zona-rural-de-ariquemes-ro.ghtml |
| 06/09/2017 | G1 | Polícia investiga morte de mulher vítima de asfixia por enforcamento em São Luis | https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/policia-investiga-morte-de-mulher-vitima-de-asfixia-por-enforcamento-em-sao-luis.ghtml |
| 11/09/2017 | G1 | Veterinário mata mulher e depois se mata em Suzano, diz polícia | https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/veterinario-mata-mulher-e-depois-se-mata-em-suzano-diz-policia.ghtml |
| 11/09/2017 | G1 | 'Tudo indica que intenção era matar os filhos', diz delegado sobre queda de carro que resultou em 3 mortes | https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/tudo-indica-que-intencao-era-matar-os-filhos-diz-delegado-sobre-queda-de-carro-que-resultou-em-3-mortes.ghtml |
| 11/09/2017 | G1 | Menino que morreu com irmão e pai em queda de penhasco queria conhecer a serra de SC, diz avó | https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/menino-que-morreu-com-irmao-e-pai-em-queda-de-penhasco-queria-conhecer-a-serra-de-sc-diz-avo.ghtml |
| 13/09/2017 | G1 | Nos últimos dois meses, dez suicídios são registrados na Região Metropolitana de São Luís | https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/nos-ultimos-dois-meses-dez-suicidios-foram-registrados-na-regiao-metropolitana-de-sao-luis.ghtml |
| 15/09/2017 | G1 | Incidente no metrô é o quinto ataque terrorista no Reino Unido em 2017 | https://g1.globo.com/mundo/noticia/incidente-no-metro-e-o-quinto-ataque-terrorista-no-reino-unido-em-2017.ghtml |
| 19/09/2017 | G1 | Governo de SP confirma quarta morte de mulher em presídio feminino após denúncia | https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/pastoral-carceraria-denuncia-quarto-caso-de-suicidio-em-tres-meses-em-penitenciaria-feminina-de-sp.ghtml |
| 19/09/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta dentro de casa em Alexânia, GO | https://g1.globo.com/goias/noticia/mulher-e-encontrada-morta-dentro-de-casa-em-alexania-go.ghtml |

| | | | |
|------------|-----|--|---|
| 20/09/2017 | G1 | Suspeito de ter matado mãe e filho é encontrado morto pela polícia em Castanheiras | https://g1.globo.com/ro/cacoal-e-zona-da-mata/noticia/suspeito-de-ter-matado-mae-e-filho-e-encontrado-morto-pela-policia-em-castanheiras-ro.ghtml |
| 22/09/2017 | G1 | Jovem é encontrado morto em Guaíba | https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/jovem-e-encontrado-morto-em-guaiba.ghtml |
| 22/09/2017 | G1 | Mulher é encontrada morta em Viamão | https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-viamao.ghtml |
| 22/09/2017 | G1 | Corpo de homem é localizado em São Francisco de Assis | https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/corpo-de-homem-e-localizado-em-sao-francisco-de-assis.ghtml |
| 22/09/2017 | G1 | Homem é encontrado morto em Santa Maria | https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-santa-maria.ghtml |
| 22/09/2017 | G1 | Homem é encontrado morto em Porto Alegre | https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/homem-e-encontrado-morto-em-porto-alegre.ghtml |
| 07/04/2017 | UOL | Modelo é encontrada morta e extremistas islâmicos são suspeitos | http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/mundo/modelo-e-encontrada-morta-e-extremistas-islamicos-sao-suspeitos |
| 09/04/2017 | UOL | Estado Islâmico reivindica autoria de ataques contra igrejas no Egito | https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/04/09/estado-islamico-reivindica-autoria-de-ataques-contras-igrejas-no-egito-277587.php |
| 14/04/2017 | UOL | Brasil já registra suicídios e mutilações ligados ao jogo 'Baleia Azul' | http://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2017/04/1875567-brasil-ja-registra-suicidios-e-mutilacoes-ligados-ao-jogo-baleia-azul.shtml |
| 18/04/2017 | UOL | Estudante morta com namorado em hotel assistiu a série sobre suicídio | http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1876754-estudante-morta-com-namorado-em-hotel-assistiu-a-serie-sobre-suicidio.shtml |
| 19/04/2017 | UOL | Polícia apura motivação para recentes tentativas de suicídio no RJ e no PR | http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1877017-policia-apura-motivacao-para-recentes-tentativas-de-suicidio-no-rj-e-no-pr.shtml |
| 24/04/2017 | UOL | Técnico mata criança de 10 anos e depois se suicida | https://tnonline.uol.com.br/noticias/cotidiano/67,411099,24,04,tecnico-mata-crianca-de-10-anos-e-depois-se-suicida.shtml |
| 30/04/2017 | UOL | Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda | https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/04/30/depressao-no-altar-quando-padres-e-sacerdotes-precisam-de-ajuda.htm |

| | | | |
|------------|-----|--|---|
| 23/05/2017 | UOL | O que se sabe sobre o atentado no show da cantora Ariana Grande em Manchester, na Inglaterra | http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/05/23/o-que-se-sabe-sobre-o-atentado-no-show-da-cantora-ariana-grande-em-manchester-na-inglaterra-285490.php |
| 24/05/2017 | UOL | Atentado em terminal de ônibus em Jacarta mata um policial | https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/05/24/atentado-em-terminal-de-onibus-em-jacarta-mata-um-policial-285654.php |
| 24/05/2017 | UOL | Estilhaços de bomba penetraram até portas de metal, aponta investigação | https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/the-new-york-times/2017/05/24/estilhacos-de-bomba-penetraram-ate-portas-de-metal-aponta-investigacao.htm |
| 24/05/2017 | UOL | Polícia investiga morte de arquiteta de 31 anos após queda do 9º no ES | https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/05/24/policia-investiga-morte-de-arquiteta-de-31-anos-apos-queda-do-9-andar-no-es.htm |
| 01/06/2017 | UOL | Ataque em cassino nas Filipinas mata 36 pessoas por asfixia | http://atarde.uol.com.br/mundo/noticias/1866237-ataque-em-cassino-nas-filipinas-mata-36-pessoas-por-asfixia |
| 04/06/2017 | UOL | Sessenta mil pessoas comparecem a show beneficente de Ariana Grande em Manchester | http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2017/06/04/sessenta-mil-pessoas-comparecem-a-show-beneficente-de-ariana-grande-em-manchester-287802.php |
| 05/06/2017 | UOL | Falso médico fã de Grey's Anatomy é encontrado morto em SC; polícia suspeita de suicídio | https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/05/falso-medico-fa-de-greys-anatomy-e-encontrado-morto-em-sc-policia-suspeita-de-suicidio.htm |
| 08/06/2017 | UOL | Ataque do Boko Haram na Nigéria deixa ao menos 13 mortos | http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1891288-ataque-do-boko-haram-na-nigeria-deixa-ao-menos-13-mortos.shtml |
| 08/06/2017 | UOL | Homem se suicida, deixa áudios, e morte é comparada a enredo de série da Netflix | https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/06/08/homem-se-suicida-deixa-audios-e-morte-e-comparada-a-enredo-de-serie-da-netflix.htm |
| 16/06/2017 | UOL | Jovem acusada de incentivar suicídio do namorado é condenada e pode ficar 20 anos presa | https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/06/16/jovem-acusada-de-encorajar-suicidio-do-namorado-e-condenada-e-pode-ficar-20-anos-presa.htm |
| 22/06/2017 | UOL | Líder da Igreja Anglicana diz que instituição ocultou abuso de jovens | http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1895042-lider-da-igreja-anglicana-diz-que-instituicao-ocultou-abuso-de-jovens.shtml |

| | | | |
|------------|-----|--|---|
| 24/06/2017 | UOL | O suicídio que revelou a violência do submundo da prostituição em Londres | https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/06/24/o-suicidio-que-revelou-a-violencia-do-submundo-da-prostituicao-em-londres.htm |
| 02/07/2017 | UOL | Homem que matou duas pessoas após perder dinheiro em cassino no Chile se suicida | https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/07/02/homem-que-matou-2-pessoas-apos-perder-dinheiro-em-cassino-no-chile-se-suicida.htm |
| 02/07/2017 | UOL | Explosão de carro-bomba deixa ao menos 18 mortos em Damasco, na Síria | https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/07/02/explosao-de-carro-bomba-deixa-ao-menos-18-mortos-em-damasco-na-siria.htm |
| 03/07/2017 | UOL | Estado Islâmico lança suicidas para frear forças iraquianas em Mossul | https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/07/03/estado-islamico-lanca-suicidas-para-frear-forcas-iraquianas-em-mossul-293040.php |
| 25/07/2017 | UOL | Homem avisa a polícia que vai se suicidar e pede pressa: “sou doador de órgãos” | https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/07/25/doador-de-orgaos-homem-revela-plano-suicida-a-policia-se-apressem.htm |
| 02/08/2017 | UOL | Estado Islâmico assume ataque contra mesquita xiita no Afeganistão | http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/08/02/estado-islamico-assume-ataque-contra-mesquita-xiita-no-afeganistao-298886.php |
| 03/08/2017 | UOL | Americana pega 2,5 anos de prisão por incitar suicídio do namorado | https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/08/03/americana-pega-25-anos-de-prisao-por-incitar-suicidio-do-namorado.htm |
| 07/08/2017 | UOL | Cabo do exército morre após ser encontrado baleado no banheiro do Cpor | http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/08/07/cabo-do-exercito-morre-apos-ser-encontrado-baleado-no-banheiro-do-cpor-299795.php |
| 07/08/2017 | UOL | Suicídio de adolescente em plena sala de aula comove à Argentina | https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/08/07/suicidio-de-adolescente-em-plena-sala-de-aula-comove-a-argentina.htm |
| 11/08/2017 | UOL | Atentado suicida na Síria deixa mais de vinte mortos | http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/08/11/atentado-suicida-na-siria-deixa-mais-de-vinte-mortos-300728.php |
| 13/08/2017 | UOL | PM é suspeito de matar namorada, sogra, mãe e se suicidar em MG | https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/13/pm-e-suspeito-de-matar-namorada-sogra-mae-e-se-suicidar-em-mg.htm |

| | | | |
|------------|-----|---|---|
| 17/08/2017 | UOL | Agente do Hamas e agressor suicida morrem em ataque na Faixa de Gaza | http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/08/17/agente-do-hamas-e-agressor-suicida-morrem-em-ataque-na-faixa-de-gaza-301704.php |
| 20/08/2017 | UOL | Delegado mata a mulher e se suicida em São Paulo | https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2017/08/20/delegado-mata-a-mulher-e-se-suicida-em-sao-paulo-302293.php |
| 20/08/2017 | UOL | Delegado mata mulher juíza e comete suicídio em área nobre de São Paulo | http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1911481-delegado-mata-mulher-e-se-mata-logo-depois-em-area-nobre-de-sao-paulo.shtml |
| 22/08/2017 | UOL | Dois irmãos são mortos a facadas em Guarujá (SP); ex de vítima é suspeito | http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1912077-dois-irmaos-sao-mortos-a-facadas-no-guaruja-sp-ex-de-vitima-e-suspeito.shtml |
| 22/08/2017 | UOL | PM mata ex, e São Paulo acumula três crimes contra a mulher em dois dias | http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1911898-pm-mata-ex-mulher-e-sp-acumula-tres-casos-de-feminicidio-em-dois-dias.shtml |
| 28/08/2017 | UOL | Esposa de vice-prefeito é encontrada morta dentro de casa em Goiás | https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/28/esposa-de-vice-prefeito-e-encontrada-morta-dentro-de-casa-em-goias.htm |
| 31/08/2017 | UOL | Menina indiana comete suicídio após ser humilhada na escola por mancha de menstruação, dizem pais | https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2017/08/31/menina-indiana-comete-suicidio-apos-ser-humilhada-na-escola-por-mancha-de-menstruacao-dizem-pais.htm |
| 06/09/2017 | UOL | Ataque suicida contra maior base dos EUA no Afeganistão deixa 3 feridos | https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/09/06/ataque-suicida-contra-maior-base-dos-eua-no-afeganistao-deixa-3-feridos.htm |
| 09/09/2017 | UOL | Luto por suicídio: devemos cuidar da dor de quem fica | http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/saude/noticia/2017/09/09/luto-por-suicidio-devemos-cuidar-da-dor-de-quem-fica-305942.php |
| 18/09/2017 | UOL | Corpo de homem é encontrado em aeroporto após família passar 8 meses procurando | https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/09/18/corpo-de-homem-e-encontrado-em-aeroporto-apos-familia-passar-8-meses-procurando.htm |
| 21/09/2017 | UOL | Homem mata esposa grávida e comete suicídio na frente do enteado de 7 anos | http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/homem-mata-esposa-gravida-e-comete-suicidio-na-frente-do-enteado-de-7-anos/ |

ANEXO 2: Código-fonte do robô de busca**Executor**

```

package br.zanatto;

import java.io.File;
import java.time.LocalDateTime;
import java.time.format.DateTimeFormatter;
import java.util.ArrayList;
import java.util.List;
import org.openqa.selenium.WebDriver;
import org.openqa.selenium.WebElement;
import org.openqa.selenium.chrome.ChromeDriver;
import org.openqa.selenium.chrome.ChromeOptions;

public class Executor {

    private final static String PATH_TO_CHROME_DRIVER =
"E:\\Users\\ZanattoDesk\\eclipse_java_workspace\\chromedriver.exe";

    public static void main(String[] args) throws Exception {

        ArrayList<String> keywords = new ArrayList<String>();
        keywords.add("suicidio");
        keywords.add("suicidou");
        keywords.add("suicida");

        ArrayList<String> portals = new ArrayList<String>();
        portals.add("uol.com.br");
        portals.add("g1.globo.com");

        ChromeOptions options = new ChromeOptions();
        options.addArguments("--start-maximized");

        System.setProperty("webdriver.chrome.driver",
PATH_TO_CHROME_DRIVER);
        WebDriver driver = null;
        String path = "C:\\Users\\Public\\Mestrado";
        DateTimeFormatter dtf =
DateTimeFormatter.ofPattern("dd_MM_yyyy_HH_mm_ss");
        LocalDateTime now = LocalDateTime.now();
        path = path + "\\\" + dtf.format(now);

        for (String portal : portals) {
            for (String keyword : keywords) {

```



```

        String fileName = path + "\\\" +
portal.split("\\.")[0] + "_" + keyword + ".txt";
        File f = new File(fileName);
        if (f.exists() == false) {
            f.getParentFile().mkdirs();
            f.createNewFile();
        }
        driver = new ChromeDriver(options);
        try {
            runGoogle(keyword, portal, driver,
fileName);
        } finally {
            driver.close();
        }
    }
}

public static void runGoogle(String keyword, String portal,
WebDriver driver, String filePath) throws Exception {
    Boolean hasNextPage = true;
    int pageCount = 1;
    Google google = new Google();

    google.openHome(driver);
    google.search(driver, keyword, portal);
    do {
        List<WebElement> publications =
google.getPublicationList(driver);
        for (WebElement publication : publications) {
            Utils.savePublication(filePath,
google.getPublicationInfo(driver, publication),
google.getPublicationDate(driver,
publication));
        }
        pageCount++;
        WebElement nextPage =
SeleniumHandler.waitForObject(driver, "xpath",
"//div[@role=\"navigation\"]//a[@aria-
label=\"Page " + Integer.toString(pageCount) + "\"]", 2);
        if (nextPage != null) {
            nextPage.click();
        } else {
            hasNextPage = false;
        }
    } while (hasNextPage);
}

```

```
    }
}
```

Google

```
package br.zanatto;

import java.awt.Robot;
import java.awt.event.KeyEvent;
import java.time.LocalDate;
import java.time.format.DateTimeFormatter;
import java.util.List;

import org.apache.commons.lang3.StringUtils;
import org.openqa.selenium.By;
import org.openqa.selenium.Keys;
import org.openqa.selenium.WebDriver;
import org.openqa.selenium.WebElement;

public class Google implements Portal {

    @Override
    public void openHome(WebDriver driver) {
        String baseUrl = "https://google.com.br/";
        driver.get(baseUrl);
    }

    @Override
    public void search(WebDriver driver, String value) throws
Exception {

        public void search(WebDriver driver, String value, String
portal) throws Exception {
            Thread.sleep(1000);

            driver.findElement(By.xpath("//input[@title=\"Pesquisar\"]")).se
ndKeys(value + " site:" + portal);

            driver.findElement(By.xpath("//input[@title=\"Pesquisar\"]")).se
ndKeys(Keys.RETURN);
            Thread.sleep(1000);
            driver.findElement(By.linkText("Ferramentas")).click();
            Thread.sleep(200);
        }
    }
}
```

```

        driver.findElement(By.xpath("//div[@aria-label=\"Em
qualquer data\"]/span")).click();
        Thread.sleep(200);
        driver.findElement(By.xpath("//span[text()=\"Intervalo
personalizado...\"]")).click();
        Thread.sleep(200);

        //SELECIONA O MES DE INICIO
        while (driver.findElement(By.className("goog-date-picker-
monthyear")).getText()
                .equals("março de 2017") == false) {
            driver.findElement(By.className("goog-date-picker-
previousMonth")).click();
        }
        //SELECIONA A DATA DE INICIO
        driver.findElement(By.xpath("//div[@class=\"goog-date-
picker\"]//td[@aria-label=\"31 mar\"]")).click();

        //SELECIONA O MES DE FIM
        while (driver.findElement(By.className("goog-date-picker-
monthyear")).getText()
                .equals("setembro de 2017") == false) {
            driver.findElement(By.className("goog-date-picker-
nextMonth")).click();
        }
        //SELECIONA A DATA DE FIM
        driver.findElement(By.xpath("//div[@class=\"goog-date-
picker\"]//td[@aria-label=\"30 set\"]")).click();

        Robot robot = new Robot();
        robot.keyPress(KeyEvent.VK_ENTER);
        robot.keyRelease(KeyEvent.VK_ENTER);
        Thread.sleep(200);
        driver.findElement(By.linkText("Notícias")).click();
        Thread.sleep(1000);
    }

    @Override
    public WebElement getPublication(WebDriver driver, int id)
throws Exception {
        // TODO Auto-generated method stub
        return null;
    }
}

```

```

        @Override
        public List<WebElement> getPublicationList(WebDriver driver)
throws Exception {
            List<WebElement> mainNews =
driver.findElement(By.xpath("//div[@id=\"search\"]//div[@class=\"g\"]
"));
            // List<WebElement> minorNews =
            //
driver.findElement(By.xpath("//div[@id=\"search\"]//div[@class=\"g\"]
"));
            return mainNews;
        }

        @Override
        public LocalDate getPublicationDate(WebDriver driver, WebElement
publication) {
            LocalDate pubDate = null;

            String date =
publication.findElement(By.className("slp")).findElements(By.tagName("
span")).get(2).getText();
            date = date.replaceAll(" de ", "/");
            date = date.trim();
            String day = date.split("\\/")[0];
            // System.out.println("Dia: " + day);

            if (StringUtils.isNumeric(day)) {
                if (day.length() == 1) {
                    date = "0" + date;
                }
                DateTimeFormatter formatter =
DateTimeFormatter.ofPattern("dd/MMM/yyyy");
                try {
                    pubDate = LocalDate.parse(date, formatter);
                    //System.out.println("fez parse: " +
pubDate.toString());
                } catch (Exception e) {
                    System.out.println("Erro no parse de data: " +
date);
                }
            }

            return pubDate;
        }

        @Override

```

```

        public String getPublicationInfo(WebDriver driver, WebElement
publication) {
            String url =
publication.findElement(By.tagName("h3")).findElement(By.tagName("a"))
.getAttribute("href");
            String title =
publication.findElement(By.tagName("h3")).findElement(By.tagName("a"))
.getText();
            return url + "|" + title;
        }
    }
}

```

Portal

```

package br.zanatto;

import java.time.LocalDate;
import java.util.List;

import org.openqa.selenium.WebDriver;
import org.openqa.selenium.WebElement;

public interface Portal {

    public void openHome(WebDriver driver);
    public void search(WebDriver driver, String value) throws
Exception;
    public WebElement getPublication(WebDriver driver, int id)
throws Exception;
    public List<WebElement> getPublicationList(WebDriver driver)
throws Exception;
    public LocalDate getPublicationDate(WebDriver driver, WebElement
publication);
    public String getPublicationInfo(WebDriver driver, WebElement
publication);
}

```

Selenium Handler

```

package br.zanatto;

import org.openqa.selenium.By;
import org.openqa.selenium.NoSuchElementException;
import org.openqa.selenium.WebDriver;

```

```

import org.openqa.selenium.WebElement;

public class SeleniumHandler {

    public static WebElement waitForObject(WebDriver driver, String
identifierType, String value, int timeout) {
        WebElement we = null;
        timeout = timeout * 2;
        for (int i = 0; i < timeout; i++) {
            try {
                if ("id".equals(identifierType.toLowerCase()))
{
                    we = driver.findElement(By.id(value));
                } else if
("css".equals(identifierType.toLowerCase())) {
                    we =
driver.findElement(By.cssSelector(value));
                } else if
("class".equals(identifierType.toLowerCase())) {
                    we =
driver.findElement(By.className(value));
                } else if
("xpath".equals(identifierType.toLowerCase())) {
                    we = driver.findElement(By.xpath(value));
                }
                return we;
            } catch (NoSuchElementException e) {
                Utils.wait(500);
            }
        }
        return null;
    }
}

```

Utils

```

package br.zanatto;

import java.nio.file.Files;
import java.nio.file.Paths;
import java.nio.file.StandardOpenOption;
import java.time.LocalDate;

public class Utils {
    public static void wait(int time) {
        try {
            Thread.sleep(1000);
        }
    }
}

```

```
        } catch (Exception e) {
            e.printStackTrace();
        }
    }

    public static void savePublication(String fileName, String info,
        LocalDate date) throws Exception {

        Files.write(Paths.get(fileName), (info + "|" +
            date.toString()).getBytes(),
            StandardOpenOption.APPEND);
        Files.write(Paths.get(fileName),
            (System.lineSeparator()).getBytes(),
            StandardOpenOption.APPEND);
    }
}
```

ANEXO 3: Capturas de tela do blog *Suicídio em Pauta*

HOME GUIAS SOBRE CONTATO

Suicídio em Pauta

PROJETO QUE VISA CONTRIBUIR PARA A COBERTURA JORNALÍSTICA RESPONSÁVEL E CUIDADOSA SOBRE O SUICÍDIO



PESQUISAR

Pesquisar ...

[Seguindo Suicídio em Pauta](#)

CATEGORIAS

Selecionar categoria ▾

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Qual termo devo utilizar ao falar sobre suicídio?

Como reportar casos de homicídio seguido por suicídio?

Suicídio em Pauta

PROJETO QUE VISA CONTRIBUIR PARA A COBERTURA JORNALÍSTICA RESPONSÁVEL E CUIDADOSA SOBRE O SUICÍDIO

Sobre

Blog criado com o objetivo de contribuir para a cobertura responsável sobre o suicídio.

Esta página surgiu como um produto da dissertação "Morte sem fama: critérios de noticiabilidade do suicídio de anônimos em portais brasileiros" (2019), apresentada às exigências do Mestrado Profissional em Jornalismo, do FIAM-FAAM – Centro Universitário. O trabalho teve como objetivo entender quando o suicídio de um cidadão anônimo (sem visibilidade midiática, oposto de pessoa pública e/ou famosa) se torna notícia na imprensa.

O blog hospeda materiais já produzidos por outras fontes com foco na cobertura do suicídio [veja em "Guias"] e lista Perguntas e Respostas com foco na temática [veja em "Home"].

PESQUISAR

Pesquisar ...

[Seguindo Suicídio em Pauta](#)

CATEGORIAS

Selecionar categoria ▾

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Qual termo devo utilizar ao falar sobre suicídio?

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Posso trazer imagens da vítima, local e método do suicídio?

🕒 6 DE JUNHO DE 2019 👤 GFERIGATO 💬 DEIXE UM COMENTÁRIO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) orienta evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado.

O que não fazer: Para seguir as diretrizes organizadas pelos manuais de cobertura, não iremos reproduzir reportagens que trouxeram imagens da vítima, local e/ou método do suicídio. Das 151 reportagens analisadas no projeto de mestrado base deste blog, 25% traziam fotos dos cidadãos anônimos que morreram por suicídio, ou seja, não seguiam as orientações e diretrizes dos manuais de cobertura.

O que fazer: É possível trazer fotos ilustrativas que permeiem a temática central, por exemplo na matéria: “USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para alunos”, que não traz fotos das vítimas de suicídio, e sim a imagem de um cartaz colocado no prédio da faculdade de ciências sociais na USP com serviços de saúde mental grátis. Leia a matéria [aqui](#).